CENTENARIO DE PETROPOLIS

VOL. I



TRABALHOS

DA

COMMISSÃO DO CENTENARIO

P. M. P.
DIRECTORIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
1938

981.532
P497t
v.1
ex.3



PREFEITURA MUNICIPAL DE PETROPOLIS

DIRECTORIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

A Directoria de Educação e Cultura recebeu do sr. Prefeito Municipal a incumbencia de editar os trabalhos da Commissão do Centenario de Petropolis.

Publicando agora o Volume I, estamos certos de que no periodo de tempo que se estende de 1938 a 1943, quando a cidade fundada por D. Pedro II commemora o 100º anniversario do Decreto que mandou crear a Colonia Imperial, a Prefeitura terá conseguido colligir, com o auxilio dos membros da Commissão, instituida pelo Acto n. 704, de 28 de Junho de 1937, os dados e documentos que facilitem a elaboração da Historia de Petropolis.

Em 16 de Março de 1938.

Nereu Rangel Pestana
Director

ALCINDO SODRÉ

A FUNDAÇÃO DE PETROPOLIS

16 DE MARÇO DE 1843

A FUNDAÇÃO DE PETROPOLIS

16 DE MARÇO DE 1843

"A l'endroit du public, répéter c'est prouver."
Anatole France

A data historica da fundação de Petropolis é o «16 de de Março de 1843». Durante muitos annos, e até aos dias actuaes, a maioria dos que se referem ao assumpto, registam a data de 29 de Junho de 1845.

Os jornaes da época, o almanack Laemmert, o "Guia de Petropolis", de J. Tinoco, levaram Henrique Raffard a escrever o "Jubileu de Petropolis" em 1895, repetindo o erro inicial. E essa repetição, generalisando-se quasi tranquillamente, veiu confirmar a observação anatoliana : "A l'endroit du public, répéter c'est prouver".

Entretanto, «29 de Junho» não resiste á analyse dos factos historicos.

Nesse dia de 1845 chegou a Petropolis a primeira grande léva de emigrantes allemães, cuja vinda o governo da provincia promovera mas não esperava no momento, léva de emigrantes que veiu dar grande impulso ao povoamento de Petropolis, logo accrescida de outras que foram chegando nos dias subsequentes, e que assignalam sem duvida uma

data local — a da colonisação de Petropolis — mas não a sua fundação, como procuraremos demonstrar. O facto da auspiciosa chegada dos colonos allemães, dando corpo ao plano e acto inicial da fundação de Petropolis, impressionou aos coevos, e para os proprios colonos e seus descendentes passou a constituir o acontecimento unico e essencial. Todavia, esses colonos não vieram por deliberação propria, nem por uma iniciativa inesperada, immediata ou particular, extranha á vida nacional, para se estabelecerem numa região deserta ou ignorada. Nem mesmo era inedita, em terras de Petropolis, a existencia de tudescos, pois desde 1837 havia gente dessa nacionalidade aqui residindo, como trabalhadores da Estrada da Estrella, e o naturalista Burmeister, registou com prazer o seu encontro com uma jovem da Suabia no Itamaraty.

E' commum lêr-se e ouvir-se dizer que quando aqui se estabeleceram os allemães em 1845, Petropolis nada mais era que a simples fazenda do Corrego Secco constituida por velha casa de moradia e dois ou tres ranchos. Nem isso é verdade, como tambem se equivocam os que suppõem ter-se Petropolis formado apenas em terras do antigo Corrego Secco.

Esses enganos se juntam ao esquecimento da historia retrospectiva de Petropolis, que esclarece todos os seus factos historicos posteriores.

A fundação de Petropolis em 16 de Março de 1843, é a consequencia logica de um plano longamente amadurecido, ao mesmo tempo que resultante natural de medidas nacionaes que surgiram com o seculo, medidas que constituiram os cuidados dos estadistas fluminenses, e diziam respeito a dois imperiosos problemas do paiz : estradas e colonisação.

Para uma melhor comprehensão do acto historico que fundou Petropolis, vamos desdobrar, ainda que em synthese forçada, todo o panorama de sua vida regressa.

A 30 de Abril de 1531, talvez a primeira bandeira realizada no Brasil foi a dos 4 homens da frota de Martim Affonso

de Souza, atravéz o valle do Piabanha, segundo a interpretação de Calogeras e Orville Derby.

No seculo dezesete, a região do Rio Secco ou Corrego Secco era habitada por sesmeiros, entre elles Bernardo Soares de Proença que, continuando a empreitada desistida por Garcia Rodrigues Paes, abriu o *Caminho Novo*, terminado em 1725, e por esse atalho do caminho de Minas haveria de transitar todo o ouro da enorme mineração do reinado de D. João V, como tambem passaria Tiradentes com o ideal ardente da libertação.

A carta régia de 5 de Novembro de 1800 ordenava ao vice-rei a melhoria desse caminho, exigida pelos altos interesses economicos na ligação de Minas com a capital do vice-reino, e o engenheiro encarregado das obras, que teria de fazer a Estrada Calçada da Estrella, foi Aureliano de Souza e Oliveira, pae do futuro visconde de Sepetiba, que veiu residir por longos annos no Corrego Secco, onde Sepetiba passou sua infancia, e onde nasceram seus dois irmãos Saturnino e Leocadia, em 1803 e 1810.

No primeiro quartel do seculo dezenove, uma pleiade de viajantes illustres passou pela região, e emquanto que unanimes e iguaes no enaltecimento do pomar do Padre Corrêa, foram desiguaes nas laconicas referencias ao Corrego Secco. Ora chamam-no de logarejo, simples casa de fazenda, ora miseraveis ranchos, embora Spix e Martius digam ter dormido numa horrivel hospedaria á margem do caminho (ponto da actual Rua Porciuncula, lado par).

A 23 de Junho de 1823, a viuva de Manoel Vieira Affonso, proprietaria da fazenda do Corrego Secco, fez o seu testamento, e nelle a seguinte menção : «Declaro que os bens que ha no Cazal são a Fazenda do Rio Seco, naqual moro, sita no Curato de São Jozé do Rio preto, que consta denovecentas e vinte braças Detestada, e de fundos meia legua para cada lado, Cazas de telha, ranchoz, etodas as mais bemfeitorias que se acharem». Contrariando assim a todas as outras narrativas sobre o que existia no Corrego Secco, a sua pro-

prietaria, em documento para fins de direito, refere-se, no plural, a casas de telha, ranchos e mais bemfeitorias.

Quando se fundou Petropolis, e depois foi povoada por allemães chegados inesperadamente, os terrenos em aforamento foram-lhes concedidos atabalhoadamente, sem plantas por onde fossem devidamente demarcados, o que occasionou serios embaraços, remediados pelo expediente da Casa Imperial, adquirindo terras adjacentes, que passaram logo a constituir a Imperial Fazenda de Petropolis, e por onde effectivamente se delineou a cidade, conforme a primeira planta, editada em 1846, por ordem do Presidente Aureliano.

E foi assim que quando em 1854 se realizou a medição judicial das terras de Sua Magestade e do districto do Vellasco pertencente ao Estado, poude-se verificar a extensão do Corrego Secco comparada com as demais partes de Petropolis:

Corrego Secco	—	3.458.610	braças quadradas
Quissamã-Itamaraty	—	1.684.187	» »
Morro queimado	—	4.500.000	» »
Quitandinha	—	4.500.000	» »
Crista da Serra da Estrella	—	150 000	» »

Se o Corrego Secco era pouco povoado antes de ser adquirido pelo primeiro Imperador, é forçoso pensar-se que algumas habitações deveriam ter essas outras maiores partes que depois vieram a constituir Petropolis, notadamente as duas maiores extensões como Morro Queimado e Quitandinha, pois, se existia o *Caminho Novo* pelos valles do Piabanha e Corrego Secco directo á Raiz da Serra, tambem existiam tres caminhos variantes pela vertente de oeste, que eram Taquara-Independencia, Taquara-Quitandinha e Xerem-Darmstadt, dirigindo-se todos tres para a Fazenda do Inglez — Santa Catharina-Paty ou Fazenda do Inglez-Maria Comprida — valle do Piabanha. Muita tropa viajou por esses caminhos e obrigatorios eram os pousos e habitações pelos seus trajectos, conforme registam as chronicas, em especial

sobre a Fazenda Ingleza. E até ao fim do Imperio, os relatorios da Provincia accusam a disposição de verbas para a conserva da estrada da Taquara, ainda existente em nossos dias.

A 26 de Março de 1822, Pedro I atravessa, pela primeira vez, o Corrego Secco, em missão politica a Minas Geraes, ligada ao problema da Independencia. A 30 de Dezembro de 1830 tornou elle a passar, em segunda missão politica a Minas, onde os sinos dobrariam a finados, e quando pernoitou em Corrêas teve occasião de determinar a primeira medida administrativa relativa ao local, ordenando por officio do ministro do Imperio que o acompanhava, fosse reconstruida a ponte do rio Morto pela Camara de Cantagallo, a cuja jurisdicção estava sujeito o mesmo local.

Pedro I, afóra essas duas passagens de missão official, varias vezes cortou o Corrego Secco em direcção a Corrêas, onde se aprazia hospedar, chegando mesmo a fazer tentativa de para lá levar em sua companhia, a marqueza de Santos. Em 1829, por causa da molestia de uma filha lá esteve, e foi nessa occasião que deliberou comprar o Corrego Secco, em cujo sitio planejava construir residencia de verão. Sua abdicação, pouco depois, frustrou lhe os projectos, e a fazenda do Corrego Secco tocou em herança a Pedro II.

Examinemos agora a longa e interessante série de medidas governamentaes que indirectamente prepararam a fundação de Petropolis. Com a chegada de Dom João VI, o problema do braço livre se imporia desde logo, e avassalaria todos os governos do seculo, no Brasil. Por decreto de 25 de Novembro de 1808, do qual Eduardo Prado disse ser uma das mais sabias medidas e um dos primeiros esforços do Principe regente a favor da colonisação estrangeira, foi estabelecido que :

«Sendo conveniente ao meu real serviço e ao bem publico, augmentar a lavoura e a população, que se acha muito diminuta neste Estado ; e por outros motivos que me foram presentes : hei por bem, que aos estrangeiros residentes no Brasil se possam conceder datas de terras por sesmarias pela

mesma fórma, com que segundo as minhas reaes ordens se concedam aos mesmos vassallos, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario.»

Esse decreto, onde se sente o dedo do nosso Cayrú, foi o primeiro avanço para a geral colonisação do paiz.

A 20 de Fevereiro de 1818, el-rei D. João baixa outro decreto mandando melhorar a estrada que da serra da Estrella se dirige aos rios Parahyba e Parahybuna e encarrega da administração «destas tão importantes obras» a José Antonio Barbosa Teixeira, e as instrucções determinavam que «o administrador cuidará igualmente em pôr em bom estado a estrada geral, que do Porto da Estrella segue a Parahybuna, evitando quanto for possivel as subidas e descidas asperas, e procurando fazer uma estrada larga de 20 palmos pelo menos, desassombrada na distancia de seis braças de cada lado, e o mais suave que se puder conseguir, sem ter attenção ao interesse particular dos fazendeiros, que deve ceder ao interesse publico».

A 31 de Outubro de 1825, a provisão n. 250 approva a creação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, instituição que iria fundar o Instituto Historico e a Sociedade de Colonisação. Idéa do conde de Gestas, o homem que deu o nome á «fruta do conde», a Auxiliadora foi composta dos homens mais notaveis da época, e entre elles estava Paulo Barbosa da Sylva.

Vamos vendo por ahi, entrelaçadas, medidas relativas a estradas e á colonisação, tanto por iniciativa do governo como de institutos particulares. Eram o grande e palpitante problema do momento, e que deveria perdurar longamente, pela complexidade de sua difficultosa solução.

A 2 de dezembro de 1825, Pedro I assigna um decreto, com as seguintes razões: «Querendo augmentar a povoação deste Imperio, como se faz necessario á grande extensão do seu territorio: Hei por bem crear uma Commissão para organisar, e propôr-me um plano geral de colonisação, que sirva com uniformidade para todas as Provincias».

Em 12 de Agosto de 1834, o Acto Addicional entregou á discreção dos governas provinciaes «promover e estimular, em collaboração com o poder central, o estabelecimento de colonias (de lingua estrangeira)».

A 13 de dezembro de 1835 é creada a Nova Sociedade Auxiliadora da Colonisação Européa, de accordo com a proposta do conde de Gestas, apresentada em 29 de outubro de 1834 sobre a introducção de colonos livres no Brasil.

A 1 de setembro de 1836 é lido na Camara Geral do Imperio o parecer da commissão de justiça, favoravel á representação da Sociedade de Colonisação, e autorisando a concessão de seis leguas de terras quadradas para serem cultivadas e povoadas por braços livres.

A colonisação, como vemos, vae occupando os espiritos, e logo a provincia do Rio de Janeiro se interessa pelo assumpto: o decreto provincial n. 41, de 9 de Maio de 1836, autoriza o presidente a mandar engajar fóra da provincia e ainda mesmo fóra do Imperio, os operarios que forem mais necessarios para o bom desempenho das obras da provincia, e a lei provincial orçamentaria de 10 de maio de 1839 autorizava o presidente a contractar com a Sociedade de Colonisação a locação dos serviços dos colonos allemães que se achavam empregados nas obras da provincia pela fórma que julgasse mais conveniente. O governo da provincia teve entretanto a sua grande lei de colonisação na n. 56 de 10 de maio de 1840. Vejamos seus principaes dispositivos: «O presidente da provincia é autorisado para contractar com empresarios ou companhias que se organisarem, o estabelecimento de colonias agricolas e industriosas na Provincia, segundo os planos que forem propostos pelos ditos empresarios ou companhias, e approvados pelo mesmo presidente, tomando por bases essenciaes dos contractos as condições seguintes: a) que nestes terrenos só se admittam colonos que por documento authentico, dos agentes diplomaticos e consules brasileiros, provem ser agricultores ou industriosos e bem morigerados; b) que nas colonias não serão admittidos escravos, nem os

colonos os possam ter por qualquer titulo que seja, sob pena de serem taes escravos considerados livres. O presidente da Provincia nomeará para velar no estabelecimento, direcção e prosperidade de cada colonia, um director ou administração de tres membros, fazendo recahir a nomeação em pessoas de reconhecido zelo e inteira probidade, dando-lhes os regulamentos e instrucções necessarias, e uma gratificação correspondente ao seu trabalho.

Referindo-se a essa lei, Honorio Hermeto no seu relatorio de presidente da Provincia, em 1842, diria: «Achando em vigor a Lei de 10 de Maio de 1840 e certo do desejo do Governo Imperial, de quem sou Delegado, de promover por todos os meios ao seu alcance o augmento de nossa população livre e industriosa, julguei dever pôr toda a minha attenção sobre os meios de executar esta Lei, promovendo o estabelecimento de Colonias agricolas e industriosas nesta Provincia, conforme as intenções da Assembléa que a decretou. A persuasão em que estou de que emprezas desta natureza para poderem ser effectuadas de maneira que se tornem verdadeiramente uteis á prosperidade do Paiz, exigem uma discreta escolha dos indiuiduos, que hão de formar taes Colonias, tem feito com que até ao presente não haja acceitado nenhuma proposta de Emprezarios. Além disso, entendendo que o estabelecimento de Colonias póde ter alguma relação com a politica geral, julguei dever pedir ao Governo Imperial instrucções, que me pudessem guiar nessa escolha. S. M. o Imperador acolhendo benignamente a minha supplica, houve por bem conceder para taes fins, por decreto datado de 21 de Janeiro do corrente anno, 12 leguas de terras em quadro, ou o seu equivalente, juntas ou separadas, nos lugares desta Provincia, em que as houvessem incultas.

A Legislatura Provincial de 1840 reconheceu que uma das mais urgentes necessidades, a que tem de occorrer a publica Administração neste Imperio he a introducção de braços livres, que possão rotear o nosso immenso territorio, e contrabalançar de algum modo o peso da população não

livre, de que infelizmente abundamos, e por isso providenciando convenientemente não duvidou fazer o sacrificio de autorisar um emprestimo para satisfazer-se a esta necessidade: eu conto, Srs., que esta Legislatura, composta pela maior parte dos mesmos Membros da de 1840, e de outros não menos illustrados, patrioticos e zelosos da prosperidade desta Provincia, me coadjuvará efficazmente no empenho de executar esta Lei, que julgo fazer honra á Assembléa Provincial do Rio de Janeiro».

Como curiosidade, convem saber-se que faziam parte da Assembléa nessa legislatura, entre outros: Visconde de Baependy, visconde de Itaborahy, Eusebio de Queiroz Mattoso Camara, Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, José Clemente Pereira, Frederico Carneiro de Campos, marquez de Paraná, José de Saldanha da Gama, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho e João Caldas Vianna.

Os dois ultimos estão no numero dos fundadores de Petropolis. Se essa fundação não obedeceu estrictamente á orientação das leis provinciaes que vêm de ser referidas e que fundaram as colonias Vallão dos Veados, Pedra Lisa, Santa Rosa, Independencia, Santa Justa e Corôas, ella se ajusta entretanto á acção do governo provincial e de seus homens publicos pela intima relação entre estes e o governo imperial no tocante ao assumpto. As terras do Correго Secco eram propriedade particular do Imperador e o plano para ellas era o de uma colonia-cidade, residencia de verão do monarcha e colonisação modelo para o paiz.

Sente-se bem que a mentalidade da época estava já como que familiarisada com o assumpto. E a idéa surgiu primeiro de Paulo Barbosa da Sylva e Aureliano Coutinho. Amigos intimos, inseparaveis, a influencia de ambos junto a Pedro II, enche um periodo da historia patria que vae desde a destituição de José Bonifacio do cargo de tutor até ao gabinete da Maioridade. E é «a facção aulica», é o «grupo da Joanna». O facto é que ministro da Justiça e depois de Extrangeiros, e mordomo da Casa Imperial, Aureliano e Paulo

Barbosa se approximaram de Pedro II quando elle tinha seus oito annos, e quando o Imperador assigna o decreto de 16 de Março de 1843, tinha apenas 17 annos e tres mezes.

Mesmo com a precocidade que sempre lhe foi reconhecida, o jovem imperante não poderia ser parte principal num acto, além do mais friamente projectado muito antes de ser posto em execução, e que era um reflexo do ambiente geral já estabelecido. Assim como D. João VI fundára Friburgo em 1816, e Pedro I fundára S. Leopoldo, em homenagem á esposa, em 1824, Pedro II deveria figurar como fundador de Petropolis em 1843. Caldas Vianna quando na presidencia, e Julio Frederico Koeler nas obras da provincia, partes e executantes do plano, seriam tambem fundadores de Petropolis.

Como subsidio ao thema que nos propomos defender, vejamos mais alguns trechos de relatorios provinciaes: O Visconde do Uruguay, no relatorio de 1836, adiantou: «Aventurar-me-hia, Srs., se fosse para tal autorizado, a fazer vir da Europa alguns colonos, poucos a principio; e se me desse bem com a experiencia, substituiria de todo aos negros, braços livres, que sobre outra vantagem de grande peso, nos livrarão do mal que acabo de ponderar. E porque não ha ahi hoje quem desconheça os uteis da colonisação européa, e mais interessados do que ninguem somos nós em promovel-a, não seria talvez fóra de razão, que a Assembléa Legislativa autorizasse o Governo da Provincia para tomar um certo numero de acções da Companhia que ha pouco se organizára no Rio de Janeiro com fim tão patriotico e vantajoso».

A Provincia do Rio de Janeiro era a mais prospera do Imperio, a de maior receita orçamentaria, a de maior numero de escravos e a que possuia o melhor numero de estadistas, que no seu governo como no nacional — e as funcções eram constantemente accumuladas, deputado geral ou senador e deputado provincial e presidente da Provincia — davam exemplo de procurar resolver o relevante programma da monarchia: a abolição. Entretanto, os paizes europeus diffi-

cultavam extraordinariamente a emigração. Basta lembrar-se que quando pelo fim de 1790 os constituintes francezes sentiram o perigo da emigração, como regista Albert Sorel, perceberam então que elles tinham annullado em direito, e derogado de facto, todas as leis que permittiam não só impedil-a, como punil-a. O antigo regime offerecia uma lei terrivel e de implacaveis precedentes contra a emigração. Essa lei era o edito de Luiz XIV ; o castigo era o confisco, a perda da qualidade de Francez, e em certos casos, para os que tomavam serviço no estrangeiro, mesmo em tempo de paz, a morte. E essas leis eram as de todas as monarchias da Europa.

Como se comprehenderá, ainda em 1840 era grandemente difficultada a emigração européa e os primeiros paizes a consentil-a foram os de raça allemã.

Ao mesmo passo que eram tomadas medidas relativas á colonisação, proseguiam os trabalhos na abertura e melhoria de estradas. No relatorio de 1839, do presidente visconde do Uruguay, lê-se : «He na 2a. secção desta Provincia a estrada que do Porto da Estrella se dirige a Minas Geraes, aquella a que a directoria das obras publicas dá a preferencia e julga mais importante. Este parecer não soffre contestação alguma, se observarmos : 1º) Que por ella passárão, durante o anno findo, segundo informa o chefe da mesma secção, 120.938 animaes de carga, e portanto, mais 10.000 do que no anno antecedente». Registre-se esse extraordinario movimento de cargueiros que em 1838 passaram pelo Corrego Secco, movimento que deveria forçosamente ter augmentado o numero de pousos e habitantes do local. Continuando, ha ainda os seguintes trechos do relatorio : «No decurso do anno que acaba de findar executárão-se desde o Alto do Quissamã até o Corrego do Itamaraty, as obras seguintes : Abrirão-se 7570 palmos de cava com a largura de 30 a 40, sendo esta ultima largura a ordinaria e com diversas alturas, cujo maximo he 50 palmos, e medio de 25. Levantárão-se 420 palmos de atterro na largura de 45 a 50 palmos e com a

altura de 7. Construiu-se um trilho de 18 palmos de largura, segundo o systema de Mac-Adam, tendo de extensão 5560 palmos. A camada de pedras quebradas he de dous palmos no centro, e de hum e meio nas extremidades. Esta camada he coberta com saibro e areia grossa. Não existindo no lugar casas para alugar foi necessario construirem-se alguns ranchos para quartel dos operarios, e deposito de utensis e materiaes. Alem destas obras outras se fizerão provisorias, ou de méra conservação. Pintárão-se as pontes de Olaria, Tamaraty, Corrego Secco, Tocaia e Antas. Mandei para as obras da estrada da serra da Estrella, 51 familias allemãs que se achávão no deposito da Sociedade de Colonisação do Rio de Janeiro. Estas 51 familias tem 42 mulheres e 49 filhos de menor idade, e formão o numero total de 147 pessoas». Evidentemente, quando se assignou o decreto da fundação de Petropolis em 16 de Março de 1843, o Corrego Secco não era apenas habitado pelos moradores da antiga casa da fazenda e seus «dois miseraveis ranchos»... E depois veremos, como no decorrer de 1843 e 1844, pelos relatorios de Caldas Vianna, devia ter ido augmentando o numero de seus habitantes, de accordo com as iniciativas governamentaes então realizadas, e todas estas, decorrente do acto historico da fundação de Petropolis.

O nome *Petropolis*, surgiu pela primeira vez na representação que a 1 de Setembro de 1823, fez José Bonifacio á Assembléa Constituinte e Legislativa do Brasil, lembrando a conveniencia de ser transferida para o interior a capital do Imperio, edificando-se uma cidade que poderia chamar-se *Petropole* ou *Brasilia*.

O nome Petropolis, que não conseguiu vingar na projectada capital e seria uma homenagem ao primeiro Imperador, haveria de ser dado ao Corrego Secco, e consagrar o nome do filho, D. Pedro II, apparecendo logo no anno de 1843.

O plano que o Mordomo Paulo Barbosa apresentaria em Março de 1843 ao jovem Imperador, já daria mostras de sua existencia no anno de 1842, pelas seguintes linhas do rela-

toria de Caldas Vianna : «Roçou-se e derrubou-se no alto da serra (estrada normal da Estrella) uma picada nova de 1.400 palmos de comprimento sobre 100 até 200 de largura, e no lugar dos quarteis e dos ranchos fez-se uma derrubada de 760 palmos sobre 749, e alimpou-se o terreno ; torando-se madeiras, arrancando-se pedras. Fizerão-se diversos ranchos de variadas dimensões para armazens, casa do administrador e outros mistéres ; nelles collocárão-se duas ferrarias, uma das quaes está já trabalhando. Estes, e outros muitos trabalhos miudos *são apenas preparatorios ;* mas trabalha-se com grande actividade, e farei todos os esforços por corresponder ao empenho, que esta assembléa demonstrou para a construcção *desta importantissima estrada*, na qual autorizou o governo a despender até a quantia annual de 200:000$».

Em 11 de Janeiro de 1843 principiaram os trabalhos da Estrada normal da Estrella para a construcção da nova variante na Serra, dirigidos pelo engenheiro civil Carlos Rivière.

Vamos ver agora, as partes principaes do relatorio do presidente Caldas Vianna referentes ao que foi feito em 1843 : declara ter mandado o chefe da 2a. secção para fazer explorações e indagações minuciosas no alto da Serra da Estrella, *onde Sua Magestade mandou edificar um Palacio para sua residencia, na futura Petropoles — a qual logo que a estrada normal da Estrella tenha chegado a esse ponto, deve ter incremento rapido, poderosamente coadjuvado pela colonisação, que se estabelecerá vantajosamente nas circumvisinhanças.* Em Abril do anno passado fiz contractar 59 colonos Francezes, que aportárão a esta bahia, e desembarcados, forão empregados nos trabalhos do Porto, onde remata a estrada normal da Estrella, ficando alguns nas obras da Capital. Ultimamente contractei 135 colonos Açorianos, parte dos quaes se achão nas obras da Capital, e cerca de 70 nas da estrada normal da Estrella. Por contracto com o governo da Provincia, em 27 de Março de 1843, obrigou-se por 2 annos o Tenente-Coronel Albino José de Siqueira a conservar em es-

tado de perfeito transito a porção d'estrada comprehendida entre o Porto da Estrella e a raiz da Serra. Por contracto celebrado em 31 de Março de 1843, obrigou-se Antonio Joaquim Dias Braga a conservar em bom estado de transito, a porção da estrada da Estrella comprehendida entre a raiz da serra e a ponte da Parahybuna. Em contracto de 10 de Outubro de 1843 obrigou-se o mesmo a fazer de novo, ou a reparar, todas as pontes, pontelhões e estivas da estrada da Estrella.

Principiados os trabalhos na Serra, nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março empregárão-se todos os operarios, então em pequeno numero, em trabalhos preparatorios, consistindo estes em edificação de casas para os empregados, quarteis para 400 trabalhadores, enfermaria, armazens para mantimentos e ferramentas, casa de polvora, quatro tendas de ferreiro, fazer e concertar ferramentas, e abrir 849 braças de caminho, para communicar a estrada actual com o lugar da obra, com 8 palmos de largura».

Em portaria de 5 de Julho, o presidente mandou que se assignalasse cada porção de meia legua com um marco forte de madeira de lei em que se devia pôr a competente numeração, começada do porto d'Estrella, cada marco devendo ter os algarismos designativos feitos a ferro em braza. Do alto da serra indo para o rio Parahyba, principiou-se igual trabalho no mez de dezembro.

Pela portaria de 8 de Julho, Caldas Vianna ordena a construcção de duas cruzes de madeira de lei, numa das quaes seria entalhada a inscripção — «*Cruz de São Pedro de Alcantara em Petropolis* e na outra — *Cruz da Capella dos Finados em Petropolis* e *tambem no logar do antigo Corrego Secco, um poste alto e elegante em que se leia em letras grandes — Petropolis*».

A 30 de Outubro, approvaram-se as instrucçõea para o arrendamento de 16 de Março, cuja primeira disposição rezava: «A futura Petropolis constará dos terrenos descriptos

e marcados no mappa levantado pelo arrendatario Koeler (fazenda do Corrego Secco) e dos que para o futuro Sua Magestade houver por bem designar».

Em 29 de Março de 1844 foi creada a «subdelegacia do 2º districto ou de Petropolis, com seus respectivos limites, e um juizado de paz. Nesse anno, encontra-se menção de habitar no alto do serra Francisco Gomes Moreira, negociante em milho, aguardente e rapadura e uma familia de caboclos mais idosos mostravam ter mais de 60 annos, e tinham, conforme diziam vindo para ahi ainda criança. Fronteiro á casa da fazenda havia um pequeno negocio em dous ranchos de Ricardo Narciso da Fonseca e no lugar onde se encontra a estação da Leopoldina o carpinteiro Antonio José da Costa Dantas e do lado opposto a estalagem de Antonio Luiz Gomes. Note-se que essas referencias dizem respeito ao Corrego Secco, apenas uma das varias partes que constituiriam a *cidade de Petropolis.*

O «Jornal do Commercio» de 17 de fevereiro de 1845, publicando uma «exposição» assignada por Koeler, em 31 de Janeiro, precedeu-a dos seguintes commentarios: «Finalmente, lançam-se os fundamentos de uma futura cidade: Petropolis. Foi o mesmo Koeler encarregado, em 1844, de dirigir os colonos allemães contractados pelo então presidente da Provincia dr. João Caldas Vianna e internados em terras da fazenda por deliberação do Imperador». E na «exposição» de Koeler ha as passagens que seguem: «No alto da serra da Estrella, em espaçosa garganta, é situada a fazenda do Corrego Secco, chamada hoje Petropolis, e pertence a S. M. o Imperador. Por ali passa a maior parte do commercio de Minas, Goyaz e Matto Grosso, e o governo provincial já mandou delinear e construir a estrada normal que, em seguida á nova da serra atravessa a fazenda. S. M. acaba de ordenar a construcção do seu palacio de verão na Petropolis e o abaixo assignado que se acha incumbido da direcção e administração desta obra, com ordem de apromptal-a, até 1º de Outubro do corrente anno, tal parte della que possa servir para apo-

sento do mesmo augusto Senhor. S. M. o Imperador, tem mostrado desejo de ver collocada, em Petropolis e nos arredores uma colonia agricola e industriosa allemã; e certamente que de semelhante estabelecimento mui grandes vantagens hão de resultar para a povoação, (note-se que Koeler fala em *povoação*, e estamos em 31 de Janeiro de 1845) e tambem para os habitantes da côrte, e capital do Rio de Janeiro, augmentando-lhe os gozos e pondo ao seu alcance por preços mui modicos, os melhores productos dos climas temperados do mundo».

Koeler refere-se ainda ás «construcções que tem feito e existem em Petropolis, exceptuando a casa em que agora habita», e esta era a casa da fazenda, as quaes elle podia dispôr para trespassal-as a uma companhia que elle planejava, e note-se ainda que estamos em 31 de Janeiro de 1845 quando o mesmo diz «existirem em Petropolis construcções que tem feito».

Em 29 de Junho do mesmo anno chegam a Petropolis 158 allemães e em varios dias de Julho, Agosto, Setembro e até Novembro, chegam lévas maiores. A primeira data, de 29 de Junho, será a da colonisação effectiva de Petropolis, aquella que assignalaria o começo do maior povoamento e desenvoltura de Petropolis, mas de modo algum a data de sua fundação.

O dia 16 de Março de 1843, assignala a historica fundação de Petropolis. Nesse dia, por um acto official, o proprietario do Corrego Secco, que era o Imperador do Brasil, approvou o «plano que me apresentou Paulo Barbosa da Sylva», de «arrendar Minha Fazenda denominada - Corrego Secco», «reservando um terreno sufficiente para nelle se edificar um palacio para mim», «outro *para uma povoação*», que deverá ser aforada a particulares», e outrosim o autorizo a fazer demarcar um terreno «para nelle se edificar uma egreja, com a invocação de S. Pedro de Alcantara», e outro «para o cemiterio da futura povoação».

Desse decreto, sim, destaca-se a legitima data da fundação de Petropolis, data de que decorreram desde logo, as innumeras medidas administrativas relatadas linhas atraz.

O periodico local «O Parahyba», dirigido por Augusto Emilio Zaluar, que foi membro do Instituto Historico, em sua edição de 5 de Novembro de 1859, tratando da Historia de Petropolis, disse, entre outras cousas: «Esta cidade-colonia, que nasceu e progrediu garantida pelos decretos de sua fundação, e pelas leis provinciaes que a tem sustentado e protegido».

Pergunta se: Que decretos serão esses, sinão o de 16 de Março de 1843, e o seu complemento, que foram as Instrucções de 30 de Outubro do mesmo anno?

Charles Ribeyrolles, dizendo ter recebido de uma personagem official detalhes colhidos de boa fonte sobre a creação e principio de Petropolis, escreveu o seguinte: «O major Koeler tendo-se apresentado para continuar o arrendamento (houve outros arrendatarios antes d'elle) o conselheiro Paulo Barbosa foi autorisado a realizar esse arrendamento, mas com certas clausulas e condições estipuladas em um projecto de cidade-colonia que elle apresentára ao Imperador e que foi ratificada pelo decreto do teor seguinte: (segue-se o decreto). E adiante, diz: «Esse Decreto imperial sobre requerimento motivado do Sr. Conselheiro Paulo Barbosa, *fundou Petropolis* (o grypho é nosso).

Effectivamente, esse decreto fundou Petropolis, plano longamente amadurecido, consequencia de varias e renovadas medidas sobre os magnos problemas de colonisação e estradas que o Imperio tomou, e gloria dos estadistas nacionaes, notadamente os homens publicos fluminenses, que na Provincia e no governo da nação, foram astros de primeira grandeza.

A fundação de Petropolis, considerado o facto historico em si, foi obra principal da dupla Paulo Barbosa-Aureliano. Não se póde, todavia, afastar a coadjuvação que ao acto deram Caldas Vianna, Pedro II e Koeler. Nos serviços presta-

dos a Petropolis logo após as iniciativas de sua fundação, apparecem com maior vulto Pedro II e Koeler. O primeiro, tornou-se o extraordinario protector da cidade, dando-lhe toda a sorte de assistencia, até ao dia da sua deposição e exilio. Sem elle, não padece duvida, Petropolis teria fracassado. O segundo, em muito menor escala que o Imperador, foi no emtanto o intelligente e operoso director da Colonia incipiente, o estrangeiro que revelou surprehendente espirito de brasilidade, a ponto de cahir no desagrado de seus compatriotas e receber injustos aggravos do padre dr. Wiedeman, que nem chegára a conhecel-o !

Paulo Barbosa está collocado em primeiro lugar como fundador de Petropolis e não vae nisso favor algum.

Encontrámos, de seu proprio punho, em livro da Mordomia existente no Archivo Nacional, o relatorio que ao Imperador elle enviou com data de 22 de Fevereiro de 1859. Falando da fundação de Petropolis diz elle que a cidade foi «feita atravez da maledicencia da inveja e da vociferação da ignorancia. Existe util, e existe bella !» E ajunta: «Praza a Deus que meus detractores, mudando de officio, se dediquem como eu, a fazer dotar o nosso bello Brasil, de outras similhantes. Não foi á minha custa, mas foi de minhas fadigas e lucubrações. Permitta Deus que V. M. I. goze d'ella por muitos annos».

Esse homem, que se inculca fundador de Petropolis, e a proposito d'ella allude ás suas fadigas e lucubrações dirigindo-se ao proprio Imperador, exerceu sobre este indiscutivel influencia, a ponto de lhe levar «*o plano*» da creação de Petropolis que deu motivo ao decreto de 16 de Março.

E se pouca ainda fosse a documentação existente sobre o poderio de Paulo Barbosa, bastaria a revelação agora divulgada dos archivos do Caes Orsay (Ministerio dos Estrangeiros de França) feita por Alberto Rangel, em sua recente obra «*No rolar do tempo*», collectanea de communicados secretos que sobre nossos homens e nossas cousas davam a seu governo os agentes diplomaticos desse paiz, sobre os

quaes não podia de modo algum recahir a pécha de parcialidade. Sobre Paulo Barbosa, muita cousa mandaram dizer, bastando entretanto o seguinte pedacinho, escripto pelo conde Ney, em 1844: «Je ne suis pas trompé en exprimant mon opinion sur Mr. Paulo Barbosa, dans nos dernières dépêches. C'est un homme dont le pouvoir est dans sa periode de croissance; j'ignore seulement jusqu'elle ira, ou quelle será sa fin. Les ministres ne prennent aucune mesure sans le consulter, et son importance est tellement accreditée, qu'on demande plaisamment qui gouverne si Paul 1er. ou Pierre II».

E Alberto Rangel commenta, no fim: «Grande numero de elementos de ordem publica e intima ficam assim dispostos á analyse d'essa individualidade. O seu prestimo e astutez, a sua moralidade e valor mental, a sua cupidez e malicia ahi ficam indicados para quem quizer tiral-o a limpo das sombras em que o regeitaram.

Por essas e outras é que a historia do Brasil ainda está por assim dizer *in fieri* e o que della temos, a não ser algumas contribuições mais modernas, é tão feio e pouco interessante. Ao quadro official a que a reduzimos, falta a tessitura nervosa que informações d'essa natureza hão de lhe dar e assim tornal-a outra cousa que uma relação de Capitães-generaes e a reproducção das gazetas officiaes, tudo distribuido nos quadros synopticos e espavorizantes de Macedo ou na xaropada de repiso do bom Rocha Pombo...»

Esses commentarios do insigne historiador sobre a significação dos informes relativos a Paulo Barbosa, como que se ajustam ás linhas aqui escriptas sobre a fundação de Petropolis, E' bem de ver que uma differença existe: não ha neste escripto a «tessitura nervosa» a que allude. O leitor não encontrará brilho de interpretação, nem essa flexibilidade espiritual, tão necessaria á exposição dos assumptos historicos, de modo a persuadir, a facilitar, e muita vez, a levar o ledor ás conclusões desejadas. Nada disso será en-

contrado aqui, nem era preciso: o frio relato dos documentos, e a sua collocação chronologica, só por si, evidenciam a verdade.

E o nosso objectivo, contrariando opiniões assentadas na repetição de um equivoco, longe de procurar qualquer laivo de gloria ou de diminuir a contribuição do «nosso bom Raffard», é apresentar a verdade, tanto mais quando ella revela uma pagina nacional dos homens publicos do Brasil, que absurdamente pretendiam transformar numa chegada de colonos.

O 16 de Março de 1843, é um imperativo historico, porque o decreto desse dia é a certidão de baptismo da cidade nascente.

AFFONSO DE E. TAUNAY

VISITANTES ANTIGOS DE PETROPOLIS E SUA REGIÃO

(1821-1846)

DUAS PALAVRAS

Sobremodo penhorado á honrosa lembrança do Exmo. Snr. Dr. Yêddo Fiuza, nomeando-me, mau grado o meu afastamento, membro da Commissão promotora dos festejos commemorativos da passagem do primeiro centenario de Petropolis, a ella procuro corresponder offerecendo esta pequena e desvaliosa monographia, á cidade de Pedro II, onde se escoou tão largo periodo de minha infancia e adolescencia.

Reside seu unico merito no facto de que collecta impressões de alguns dos mais antigos visitantes da região petropolitana e contemporaneos dos primeiros annos de existencia da cidade illustre cuja divisa, a meu ver, deve ser Etiam ego caput Brasiliæ !

Assim se divulgam taes observações, muitas dellas insertas em volumes de notavel raridade e em geral fóra do alcance dos amantes e cultores de nossa tradição.

Outra valia de todo não assiste a este modesto trabalho, mera desobriga do desvanecimento, ante honroso e delicado gesto.

AFFONSO DE E. TAUNAY

São Paulo, 23 de Dezembro de 1937

ALEXANDRE CALDCLEUGH
(1821)

Secco, frio, por vezes desinteressante, dando a impressão de intelligencia mediocre e larga unilateralidade, tem, em todo caso, Alexandre Caldcleugh, diplomata e mineralogista britannico, visitante do Brasil no primeiro quartel do seculo XIX, preciosa caracteristica para um viajante: a impressividade de quem ennuncia coisas verdadeiras.

Da sua mineralogia nada podemos dizer. Jámais lhe vimos o nome citado entre os dos notaveis cultores da sciencia de Haüy. Quer-nos parecer que mais haja sido um amador de bons conhecimentos do que realmente especialista digno de renome. As grandes encyclopedias não lhe inculcam os appellidos em artigo biographico algum.

A sua viagem ao nosso districto aurifero mineiro tem, comtudo, real valor, por diversos motivos.

Entre outros, pelo facto de que no seu relato de jornada encontramos depoimentos valiosos, referentes a localidades acerca das quaes existe a mais escassa documentação antiga.

Na obra do diplomata inglez, raros porém são os documentos humanos. Raros e mediocres.

Entretanto, segundo se deprehende de suas palavras,

falava bem o portuguez. Nem esta circumstancia lhe faltava para algo poder apprehender do estado d'alma dos brasileiros a quem visitava.

Talvez não ligasse maior importancia aos problemas psychologicos das populações com quem se punha em contacto, compostas de individuos pouco interessantes quando encarados do alto da superioridade bretã.

Escrevia para inglezes; a estes pouco dizia, muito pouco conheceram as disposições de espirito de uns vagos lusitanos residindo no centro do selvatico Brasil.

Enganava-se, porém, o excursionista de 1821 : escrevia definitivamente, não para os contemporaneos e compatriotas e sim para os futuros estudiosos do passado brasileiro, da terra que displicentemente percorria, mais curioso da crystallographia dos seus mineraes do que das impressões hauridas no convivio de suas gentes.

E com effeito, a quem hoje preoccupam as suas viagens senão aos pesquizadores da nossa tradição ? Ninguem mais dellas toma conhecimento.

Que differença entre a prosa de Caldcleugh e a de seu illustre compatriota, o botanico George Gardner, que quinze annos mais tarde do que elle tambem percorreu o Brasil ! Que distancia sobretudo entre a mentalidade do viajante inglez de 1821 e a do amavel e criterioso, superiormente criterioso, Saint Hilaire que exactamente pela mesma época tambem viajava através do Brasil.

Seja como fôr, no livro do diplomata, representante de Jorge III e Jorge IV, ha topicos muito apreciaveis e dignos de estudo.

Vindo do Perú, do Chile e do Prata, onde permanecera varios mezes, aportou Caldcleugh ao Rio de Janeiro, pela segunda vez, a 18 de Julho de 1821. Já ali estivera em 1819.

Haviam, em sua ausencia, occorrido os grandes acontecimentos politicos determinadores da partida de Dom João VI.

Assim viera encontrar os primeiros tempos da difficil regencia de Dom Pedro, futuro Imperador.

Nem um só commentario consagrou o nosso diplomata a narrar tão sérios acontecimentos. Acaso temeria comprometter o segredo profissional e a discreção imposta pela natureza das funcções? Mas é que nem sequer fez uma summula dos successos brasileiros do tempo, para o uso do publico da Inglaterra.

E no emtanto é de crer que este não aprendesse com desprazer as novidades relativas á fundação do novo imperio exotico em cujas terras andara o autor deletreado.

Quiçá haja o nosso Caldcleugh pertencido áquella categoria de timoratos plenipotenciarios personificada por Eça de Queiroz no semi-cretino ministro famoso d'*Os Maias*, o homem que em tudo via cousas "extremamente graves"...

Contenta-se o nosso Caldcleugh em declarar que "havendo tido sciencia de todos estes successos interessantes (sic) (os da nossa independencia) determinara voltar á Inglaterra desde que se lhe deparasse a primeira opportunidade favoravel.

Como esta, porém, demorara, resolvera aproveitar o tempo de espera, visitando as minas de ouro. Refere depois os grandes obices a vencer em tal jornada, principalmente pelo facto de ser difficilimo angariar alguem as boas bestas de cangalha indispensaveis ao viajante de tratamento, sobretudo aos scientistas.

Afinal, arranjados os animaes, partiram a 30 de Agosto, com um tropeiro, negro fôrro e seu ajudante, alem de um creado particular de estimação, certo Rosario.

Sahiu de Botafogo em falua, singrando a Guanabara em direitura ao Porto da Estrella. Lindas lhe pareciam as ilhas do fundo da grande bahia. Subindo pelo Inhomerim causou-lhe espanto ver tanto jacaré bem nutrido, naquelle riacho insignificante de aguas lodosas.

Do Porto da Estrella affirma Caldcleugh que difficil seria conceber-se a existencia de logar mais detestavel, cheio de barulho, poeira, tumulto e ratazanas: *cauponibus atque malignis.*

Teria seus seiscentos habitantes o villarejo, hoje em ruinas, que serviu de berço a um de nossos homens-symbolos: Caxias.

Nelle se notava enorme animação, graças ao movimento das tropas de centenas e milhares de mulas cargueiras cujo itinerario ali principiava ou findara.

Relata o nosso viajante, maliciosamente, que na Estrella encontrou certo coronel de milicias, José Victorino, commentador apaixonado das novidades politicas do Reino Unido Lusitano.

A seu ver era a constituição, ideiada para a monarchia joanina, no triplice reino, uma panacéa admiravel.

Apenas fosse decretada teria um magnifico reflexo sobre a productividade do planalto a que a Estrella servia de entreposto, incrementando immenso a civilisação das terras de serra acima.

"Perguntei-lhe pelo significado da constituição e elle nada me soube explicar nem responder" commenta o viandante sceptico a proposito dos arroubos do bom interlocutor.

Deixando a Estrella passou Caldcleugh pela famosa *Mandioca*, a fazenda de Langsdorff.

Ahi encontrou o gerente da propriedade do celebre barão naturalista. Chamava-se Lindemburg e plantava bastante café. Lutava porém com a falta de escravos. Proseguindo pela baixada fluminense observou o diplomata a existencia de extensos cannaviaes em numerosas fazendas.

A subida da Serra dos Orgãos, pela estrada empedrada, a unica existente na zona fluminense, maravilhou o itinerante inglez.

Declara que o extasiou o assombroso panorama contemplado do alto sobre as terras e as aguas da região guanabarina.

Logo depois passava pela casa da fazenda do Corrego Secco, cellula mater da cidade de Petropolis, como geralmente se sabe.

A cada passo se lhe deparavam pelos valles «as mais

Obras e documentos referidos ou transcriptos nesta Memoria

Pag. 8 — Hermann Burmeister, Reise nach Brasilien, Berlim, 1853, pag. 536.

Pag. 9 — Calogeras, As minas do Brasil, Rio, 1904, Vol. I, pag. 18.

» » — Orville Derby — Os primeiros descobrimentos do ouro em Minas Geraes, Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo, Vol. V.

» » — Caminho Novo — Basilio de Magalhães, Expansão Geographica do Brasil Colonial, 2a. edição, S. Paulo, 1935, pags. 384 a 385.

» » — Carta Régia de 1800 — Archivo Nacional, Correspondencia da Côrte de Portugal com os Vice-Reis do Brasil, Livro 22 fls. 35 v.

» » — Saturnino e Leocadia, e testamento de Catharina Josefa de Jezus, viuva de Manoel Vieira Affonso — cópia de assentamentos religiosos, feita por Frei Estanisláo Schaette, dedicado membro da Commissão do Centenario de Petropolis.

Pag. 10 — Terras da Imperial Fazenda — documento manuscripto existente na Bibliotheca de Petropolis.

Pag. 11 — Passagens de Pedro I pelo Corrego Secco — Varnhagen, Historia da Independencia, Rio, 1917, pag. 152 ; Tobias Monteiro, Historia do Imperio, Rio, 1927, pag. 468, e Revista do Instituto Historico, Vis. 60 e 64 pgs. 305 e 179.

» » — Eduardo Prado — Santa Anna Néry — Le Brésil em 1889, Paris, 1889, pag. 479.

Pag. 17 — Albert Sorel — L'Europe et la Révolution Française, Deuxieme partie — La chute de la royauté, Paris, 1906, pag. 190.

Pag. 21 — Jornal do Commercio — Edição do Centenario e Julio Frederico Koeler — Projecto de Estatutos para a Companhia de Petropolis (14 paginas) Rio, 1845.

Pag. 23 — Charles Ribeyrolles, Brasil Pittoresco, Rio, 1859, pag. 182.

Pag. 24 — Archivo Nacional — Mordomia da Casa Imperial, Livro 77.

» » — Alberto Rangel, No rolar do tempo, Rio, 1937, pags. 175 a 177.

esplendidas visões». Na mattaria soberba, multiplicavam-se as duas especies typicas da flora regional: a araucaria e a *sumambaya*.

Como o nosso inglez pretende que esta ultima arvore (?) era o *habitat* preferido das preguiças julgamos haja em sua narrativa perpetrado algum lapso de memoria e a *sumambaya* tenha sido simplesmente a nossa vulgar embaúba, querida das preguiças, das formigas e dos fogueteiros.

Tão cerrada a mattaria existente nas terras da cidade futura de Pedro, o Magnanimo, que difficilimo se tornava encontrar os passaros abatidos pelos caçadores, e tombados na espessura dos bosques.

E que passarada immensa frequentava aquelle arvoredo virgem!

O pouso da primeira noite tomou-o em casa do Padre Corrêa, importante fazendeiro que possuia grande vergel de fructas européas e plantava milho.

Optimo senhor, dedicava real affecto aos seus escravos por quem era adorado e a quem inculcava as praticas da hygiene.

Assim, diariamente, quando lhe vinham beijar a mão indagava se naquelle dia se haviam banhado.

Como industria annexa á sua lavoura mantinha o Padre Corrêa uma ferraria de animaes muito frequentada. Delle se despediu saudoso o viajante e o bondoso Padre ainda o obsequiou, no momento da partida, com uma bella gallinha já preparada para a ceia.

Insurge-se Caldcleugh contra o systema uniforme dos tropeiros do Brasil que, invariavelmente, á noite, soltavam as bestas, motivo pelo qual perdiam os viajantes immenso tempo, na manhã seguinte, para apanharem os animaes nos pastos não cercados por onde vagavam. Resultado: a partida da tropa só se dava para meio dia, sob o mais causticante sol.

O caminho para o Norte acompanhava o Piabanha a quem a densa mattaria quasi tornava invisivel.

De tempos a tempos passavam tropas numerosas carre-

gadas de algodão, milho e pannos grosseiros, exportados de Minas para o littoral. Era a vereda tão apertada por entre a quasi impenetravel *plica* da vegetação que mal dava para o cruzamento de duas bestas de cangalha.

Não se encontrava em parte alguma do caminho o minimo vestigio de agricultura. A' tarde attingia o mineralogista a fazenda do Secretario (hoje nas vizinhanças de Pedro do Rio). Ali esperava merendar. Appareceu lhe o dono da propriedade agricola, um padre, palrador prodigioso, tagarella incansavel, homem de inexgotavel facundia. "Este reverendo «gentleman», commenta o nosso itinerante, desapontado e azedo, em materia de conversa, promptificou-se a dar quanto eu quizesse mas... quanto ao resto .. nada". Assim, furioso, se foi o nosso não merendado peregrino dormir na aldeia miseravel da Pampulha, localidade que até os nossos dias conserva este nome singular.

SIR WILLIAM GORE OUSELEY
(1835 - 1842)

Uma das mais bellas obras jámais publicadas sobre o Brasil antigo, é incontestavelmente a serie de lithographias coloridas, segundo os originaes de Ouseley, William Gore Ouseley: «Views in South America from original drawings made in Brasil. The River Plate, the Paraná, by William Gore Ouseley, the late Her Majesty's minister plenipotenciary to the States of La Plata and formerly Chargé d'Affaires at the court of Brasil».

Não tem, certamente, e de longe sequer, as dimensões e a importancia informativa do «Voyage pittoresque au Brésil» de Debret, nem a extensão e a abundancia do esplendido «Malerische Reise» de Rugendas.

Pelo contrario representa apenas uma serie pequena de estampas a que acompanham, em geral, resumidos commentarios.

Mas todos estes documentos são optimos sob o ponto de vista esthetico e sua impressão cuidadissima. A factura e execução, artisticas quanto possivel, fazem desta collectanea uma das mais bellas coisas que o seculo XIX nos deixou.

Consta o album de 25 pranchas, das quaes 12 sobre o Rio de Janeiro e a Serra dos Orgãos, 5 sobre a Bahia, 4 sobre

Buenos Aires e Paraná, 2 sobre Teneriffe, uma sobre a Madeira e uma sobre Montevideu. Todas esplendidas como delicadeza de factura.

Assim se explicam os altos preços que attingem estas *Views*, aliás hoje muito raras. Publicou-as em Londres Thomas Mac Lan, sem datar a tiragem, dedicada ao Principe Consorte Alberto de Saxe Coburgo Gotha, marido da Rainha Victoria.

Valendo-nos de notas devidas a Acyr Paes, podemos dar alguns informes sobre o diplomata e artista a quem deveu o Brasil a reproducção interessantissima de varias de suas mais lindas paizagens: Sir William Gore Ouseley, H. C. B., entrou para a carreira diplomatica em 1817, sendo nomeado addido á legação de Stockolmo, a 12 de Novembro desse anno. Da Suecia passou a servir nos Estados Unidos por decreto de 19 de Novembro de 1825, que o transferiu para Washington. A primeiro de Junho de 1828 enviaram-no para o Rio de Janeiro como secretario de Legação.

Em 1832 despacharam-no para Bruxellas, isto quando Sir Robert Adams foi enviado ao reino recem independente de Leopoldo I, em missão especial. Em 1834 e 1835 voltou ao Brasil, ainda como secretario da Legação, conta-nos o relatorio do nosso Ministerio de Estrangeiros. No Brasil esteve diversos annos como Encarregado de Negocios, tendo sido mandado segunda vez ainda como Encarregado de Negocios em nosso paiz em 1839 e não em 1838 como dizem os seus biographos inglezes. Nesta occasião um seu parente veio como addido de legação, Henry Chambers Ouseley, que permaneceu no Rio até 1845. Em 1842 deixou o nosso Ouseley o Brasil, substituido por Charles James Hamilton.

A 13 de Dezembro de 1844 nomearam-no Ministro Plenipotenciario em Buenos Aires numa época terrivel, a do apogeu da tyrannia rosista.

Em 1846 e 1847 teve missões especiaes em Montevideu. Seus serviços foram excellentes a ponto de merecerem do governo britannico pensão especial vitalicia de 700 libras

annuaes, por decreto de 18 de Dezembro de 1849, confirmada por acto regio de 12 de Dezembro de 1855. Esta pensão se pagaria quando não estivesse em serviço activo.

Depois de Monte Caseros e da quéda do tyranno recebeu Ouseley a ordem do Banho a 29 de Junho de 1852. A 30 de Outubro de 1857 enviou-o a Rainha Victoria na qualidade de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto aos governos da America Central. Em 1858 esteve em Nicaragua. A 15 de Agosto de 1859 foi chamado á Inglaterra e promovido a Grã Cruz. Veio a fallecer aposentado a 6 de Março de 1866.

As duas ultimas vistas de sua serie fluminense consagra-as Ouseley á Serra da Estrella e á Cascata do Itamaraty, perto de Petropolis.

A vista da Estrella tomou a de certa montanha, a algumas milhas alem de Petropolis, perto da estrada principal que se dirigia a Minas Geraes.

E' bem pouco preciso o que nos refere da localisação de tal observatorio, «ponto que se achava depois de transposta a primeira cadeia de collinas». Descera o viajante a um valle em cujo thalweg corre sinuoso ribeirão, interceptado por cascatas nascidas de grandes rochedos. Por vezes, nas varzeas, alargava-se ao passo que, em outras occasiões, formava poços de grande profundidade, nos logares onde penedos e arvores cahidas lhe constituiam natural barragem ao curso. A' estampa animam rapazes procurando apanhar peixes pequenos nos canaes do rio, provavelmente o Piabanha. Refere Ouseley que por ocasião de desenhar a sua prancha estava o bello affluente do Parabyba muito entumescido graças a pesadas chuvas.

Grato ao prazer que lhe proporcionara a visita frequente ás cachoeiras do Itamaraty (desde muito aproveitadas para a illuminação de Petropolis como todos sabem) consagrou Ouseley algumas paginas do resumido texto a estas pouco admiradas cascatas até então, pretende elle, muito

pouco conhecidas dos europeus, pelo facto de se acharem apartadas de qualquer estrada principal.

Observa que não lhe fora de todo possivel tomar uma vista geral dos tres saltos. Realmente era o local, para tal fim propicio, de muito difficil accesso.

Em certa occasião passeiara por aquelles lindos lugares numa excursão de pessoas distinctas, de que fazia parte o Internuncio Apostolico.

Grande turma de negros fôra mandada, á frente, para roçar o caminho e derrubar troncos que servissem de improvisada ponte.

Era prodigiosamente variada a flora Itamaratyense. Cipós occorriam ali de muitos diametros; tinham alguns a espessura de chicotes; outros a circumferencia de largos cabos; havia-os até superiores ás dimensões transversas do corpo humano médio, «outros cheios de nós e espiraes lembravam os colleios de gigantescas serpes *à la Laocoon*».

Só podia ter idéa da fertilidade do Brasil quem de *visu* conhecesse a flóra do paiz.

Algumas poucas semanas após a abertura da improvisada estrada para o Itamaraty certamente poderia passar em sua contiguidade o viandante, junto á ponte feita para visita do Delegado de Sua Santidade, que, da catadupa, só conheceria a proximidade pelo mugido das aguas. Não tivesse quem o guiasse, algum individuo pratico daquellas paragens e certamente não attingiria o ponto de onde se descortinavam os saltos do Itamaraty.

Elle proprio Ouseley o verificara, certa vez, após pequeno intervallo de duas visitas a este local.

Na parte superior da cachoeira haviam as aguas excavado, na rocha, larga bacia que os moradores da zona pretendiam ter enorme, quasi incommensuravel profundidade.

Entre os negros e caipiras da região corriam alarmantes historias, ou tradições, referentes aos crocodilos immensos que habitavam aquellas aguas. Muito diversos dos que viviam na baixada fluminense; muitissimo maiores e muitis-

simo vorazes. Refugiavam-se nos grandes poços do rio cuja corrente tambem servia de habitat a venenosas serpes.

Diversas vezes banhou-se o diplomata na insondavel bacia do Itamaraty, cujas aguas frias, em contraste com a tepidez do ar, eram «magnifico estimulo ao revigoramento do organismo cansado pelo exercicio ou calor do dia».

«Certo dia, conta-nos, atravessara um canal profundo quando vi grande serpente, naturalmente assarapantada com a minha presença, a nadar para a margem que eu deixara, perto do logar onde havia deixado minha roupa.

Não era uma cobra dagua — com certeza — e sim, como a experiencia me ensinava, um specimen de um dos mais venenosos ophidios brasileiros: a jararaca.

Embora achasse os seus movimentos muito elegantes devo dizer que os contemplei com legitimo mal estar. Achei mais prudente, comtudo, desistir do banho, embora o fizesse com grande relutancia e consideravel demora. Mas isto preferivel á camaradagem com semelhante companheiro banhista».

Explica Ouseley que o nome Itamaraty tinha origem provavel do guarany significando «as pedras brilhantes ou o rochedo brilhante», denominação proveniente das grandes massas pedregosas a que as aguas desgastavam.

«Ita, stone or rock» explica o nosso diplomata fazendo praça de indianismo mediocre...

A velha via colonial que outrora galgava a Serra da Estrella apresentava um *grade* muito ingreme, em relação aos progressos da engenharia do seculo XIX. Não passava realmente de verdadeira vereda, ennobrecida com o nome de estrada. Agora, calçada, tornava-se praticavel e segura.

A nossa estrada recentemente aberta, segundo as regras dos progressos da viação terrestre, é que se rasgara com superflua largura.

Attribuia Ouseley tal facto á circumstancia de que servia a Petropolis cujos progressos corriam rapidos. Já o Imperador ali construira a sua residencia estival, no que fôra

imitado pelos dignitarios e fidalgos da sua Côrte e muitos dos mais ricos e conspicuos moradores do Rio de Janeiro.

Clima e temperatura deliciosos os dos valles serranos, «eminentemente restauradores da saude abalada pelos formidaveis calores da baixada fluminense». Com algumas semanas de permanencia em Petropolis os europeus se restabeleciam perfeitamente.

Prosperavam muito os primeiros colonos allemães ali localisados em prazos que a Casa Imperial lhes offerecia nas mais vantajosas condições.

Que campo admiravel, e immenso, de estudos, offerecia, nos arredores de Petropolis, a Serra da Estrella aos naturalistas, sobretudo aos entomologos e botanicos!

Esperava-se que o final da construcção da estrada de ferro de Mauá désse enorme impulso á cidade de Pedro II.

Explicando a fundação de Petropolis, conta Ouseley, que a seu ver devera-se ella a D. Pedro I. Depois de haver adquirido a grande fazenda do Corrego Secco fizera o Monarcha largas concessões de terras a varios fidalgos de sua Côrte.

Não fôra porém o primeiro Imperante do Brasil capaz de mandar construir sequer uma boa estrada do Rio ás alturas da Serra. Ainda menos de pensar em estabelecer uma cidade naquelles páramos encantadores. Coubera ao filho, parecia inconteste, a iniciativa da fundação daquelle sanatorio. Petropolis agora podia ser comparado aos «Sitios Reaes» da Hespanha: Aranjuez, La Granja, etc., para onde a Côrte se transferia de tempos a tempos.

Pobre Paço Imperial de Petropolis! Posto em confronto com o soberbo palacio começado por Carlos V, Imperador, e terminado quasi tres seculos após o inicio de suas obras, por Carlos IV de Bourbon! Pobre jardim modestissimo do nosso Pedro II, servindo de parallelo ás magnificencias do famoso parque ribeirinho do Tejo! um dos mais ricos do Universo...

Já era ter imaginação querer estabelecer uma comparação entre o singelissimo sobradão do soberano brasileiro e o admiravel palacio de Santo Ildefonso, apinhado das maio-

res preciosidades artisticas, rodeado de jardins magnificos!

Tão notaveis eram o palacio e o parque dos soberanos do Brasil que, em 1862, XXX... (Carlos Augusto Taunay) em sua «*Viagem pittoresca a Petropolis para servir de roteiro aos viajantes e recordação deste ameno torrão brasileiro*» mal lhe consagra umas linhas descriptivas.

Contenta-se em dizer que «o imperial palacete faz frente á rua da Imperatriz e na sua simplicidade apenas consta de duas alas peitoris e um pavilhão central de sobrado». Em todo o caso não deixava de apresentar «pela posição dominante sobre a mór parte da cidade certo aspecto que impunha».

Dos famosos jardins comparaveis aos de Aranjuez (!) apenas se refere que se desenvolviam aos pés da chapada onde se erguia o casarão imperial.

O que neste palacio de mais notavel existia era certo ambiente. Este, com effeito, verdadeiramente grandioso: o quarto de dormir de Pedro II, com o seu catre modestissimo, o lavatorio de ferro, as cadeiras toscas e a grande mesa de pinho, coberta de livros e papeis, manuseados e annotados.

Ali repousara e trabalhara, longos e longos annos, o grande Bragança, dictador inflexivel da moralidade publica brasileira, no dizer eloquente de Oliveira Lima.

Este era o unico ambiente grandioso do palacio americano simile do de San Ildefonso, no dizer do nosso William Gore Ouseley.

Emfim pode ser que escrevendo quando se começara a construcção do alcazar imperial, situado dentro da area destinada a futuro parque, imaginasse o diplomata que em Petropolis se reproduziria a opulencia dos paços europeus. E ainda, para o desculparmos, podemos allegar que conheceu a Pedro II quando o magnanimo Bragança era adolescente.

Mal attingira os vinte annos no anno em que o nosso autor, definitivamente, deixou o Brasil para a sua missão no Rio da Prata.

Assim augurara do monarcha uma demonstração de fausto futuro, absolutamente antinomica do temperamento do filho de Leopoldina de Habsburgo.

FRANCIS DE CASTELNAU

(1843)

Na primeira plana dos grandes, dos maiores exploradores scientificos do Brasil figura o nome de Francis de La Porte, Conde de Castelnau, ninguem o ignora, desde que conheça as cousas de nossa terra um pouco mais do que pela rama.

Não tem o relevo de um Martius ou de um Saint Hilaire, mas o seu renome se assenta sobre as solidas bases do merito, do valor da obra realizada.

Geologo, zoologo, ethnographo, deixou a mais bella reputação de intelligencia e probidade. Depois de largamente haver percorrido a America Septentrional visitou a America do Sul, onde permaneceu quatro annos (1843-1847). Em 1848 exercia o cargo de Consul da França na Bahia.

Apaixonado das regiões exoticas realizou larga viagem de exploração na Africa e passou depois a residir na Australia como consul geral em Melbourne. Ahi falleceu aos 68 annos, em 1880 portanto.

E' sobremodo valiosa a sua bibllographia que comprehende a *Historia natural dos animaes articulados* (em collaboração com Blanchard e Lucas), o *Ensaio sobre o siluriano da America do Norte*, as *Vistas e recordações da America do*

Norte, a *Memoria sobre os peixes da Africa Central* e a *Expedição na parte central da America do Sul* que tanto nos diz respeito.

Do relatorio de sua grande jornada brasileiro-boliviano-peruana, fez obra consideravel comprehendendo a *Historia da viagem* em seis volumes, as *Vistas*, as *Antiguidades* e a *Geographia* em oito volumes, tudo editado com verdadeiro luxo typographico e iconographico.

Para lhe demonstrar a extensão da jornada basta que citemos os pontos principaes que a balisam : sahindo do Rio de Janeiro passou por Ouro Preto, Pitanguy, Catalão, Goyaz e Salinas.

Desceu depois o Crixás e o Araguaya, até á confluencia deste com o Tocantins e voltou a Goyaz de onde foi ter a Cuyabá. Dali depois de explorar as cabeceiras do Paraguay desceu por via fluvial, aos limites da republica homonyma deste grande rio.

Voltando para o Norte foi por Poconé, Jaurú e Casal-vasco á fronteira boliviana, passando mais tarde por Santa Cruz de la Sierra, Potosi, Oruro, La Paz. Após visitar Tiahuanaco foi ter a Arequipa e a Lima de onde partiu para Cuzco.

Descendo depois o Ucayale attingiu o Amazonas que navegou lentamente até Belém do Pará, de onde seguiu num navio fornecido pelo governo brasileiro, para Cayenna.

E' muito interessante o relato de Castelnau mas fica muito aquem das narrativas de Saint Hilaire. A elle, muito menos do que ao celebre botanico, interessaram as cousas brasileiras. Pouco, relativamente, recolheu dos costumes das nossas populações e os documentos humanos são bastante escassos em suas paginas.

Em todo o caso representa a sua obra uma das mais notaveis contribuições da bibliographia xeno-brasileira, não só do seculo XIX como de todos os tempos. E a consulta attenta

a Castelnau se impãe a quantos queiram conhecer melhor o nosso passado. Sob o ponto de vista scientifico o que elle condensou não menos valioso se mostra.

Tudo emfim contribue para que o relatorio integral da viagem do conde-naturalista seja altamente cotado no conjunto da brasiliana universal, merecendo os altos preços pelos quaes se marca.

Um dos maiores encarecedores da jornada de Castelnau foi Ferdinand Denis, incansavel em sua brasilophilia e paixão pela cultura geral. Assim, com enthusiasmo, exprimiu a graude espectativa reinante em torno de tal expedição «delineada dentro de moldes que eram dos mais vastos até então concebidos».

Neste itinerario, de mais de mil leguas, metade do percurso talvez correspondesse a zonas ainda virgens do contacto europeu.

Atravessaria «a missão Castelnau o paiz das Amazonas, guerreiras em cuja existencia ninguem mais acredita, e do mysterioso El Dorado e outros cujos nomes faziam desvairar as imaginações».

Mas o verdadeiro fim de tão penosa jornada era estudar o equador magnetico, os productos uteis das regiões percorridas, sobretudo a quina, realizar observações sobre a historia do homem e dos animaes, a das plantas, alem de pesquizar acerca da geologia e da meteorologia».

Declara Castelnau, no proemio de sua obra, que, desde a primeira infancia, viu-se assaltado pela obsessão das viagens. Mas, a tal ponto que na adolescencia tinha constantemente o somno perturbado pela paixão das aventuras exoticas e o espectaculo das maravilhas da Natureza, ideiado, através das relações das jornadas dos grandes viajantes como Cook e Levaillant.

Veio-lhe depois o reforço de tal monomania com o estudo das sciencias naturaes, realizado sob as vistas dos maiores mestres de seu tempo como Cuvier, Saint Hilaire, Jussieu, Elias Beaumont, Brogniart e outras celebridades.

Homem feito, viu-se ás voltas com a hesitação para a escolha dos itinerarios. Pensou muito em ir ao centro da Asia visitar o berço da civilisação Occidental, mas ao mesmo tempo a Africa o attrahia immenso. De repente «o espectro immenso de Colombo como que lhe impoz a escolha». Partiu para a America do Norte, onde, durante cinco annos, viajou pelos Estados Unidos e o Canadá.

Tendo publicado as suas *Vues et souvenirs de l'Amerique du Nord*, alem de uma grande obra geologica sobre o Continente, tão bôas relações conseguiu entre os estadistas yankees que estes lhe fizeram a mais honrosa proposta: nomeal-o agente diplomatico de sua Republica, no Perú, podendo elle ainda dedicar se aos estudos de historia natural, com toda a liberdade e deslocamento, na zona neo-tropica.

Achou mais correcto levar o caso ao conhecimento do seu governo e assim voltou á França onde Luiz Philipe o acolheu com extrema gentileza, mas a dizer-lhe que a acceitação da proposta americana seria muito mal vista em França. E acenou-lhe com uma compensação, mandal-o á testa de uma expedição scientifica explorar as regiões mais centraes e mais ignotas da Amerida Meridional. Jubiloso acceitou Castelnau semelhante combinação.

Passara cinco annos no meio das scenas do desbravamento norte americano, vendo aquelle maravilhoso desenrolar de energias que adaptava os solos virgens á civilisação branca. Por toda a parte verificava o *herí solitudo hodie civitas* que parecia ser a divisa da republica de Washington e de Monroe.

Contraste immenso offerecia-lhe a America do Sul «onde os vestigios da acção humana desappareciam para que ao viajante nada perturbasse a grandeza das obras da Natureza e onde o espectador maravilhado como que se sentia transportado aos dias da Creação».

Estava tudo ainda em ser naquella immensa peninsula sul americana, que se prendia, pelo Panamá, á sua congenere do Norte.

Era então ministro da Instrucção Publica o illustre Villemain. Com elle teve Castelnau de entender-se. E embora lhe faça justiça á cultura e ao talento do administrador, exprime quanto o humanista, professor e ensaista eminente não se achava bem em condições de avaliar o que uma grande expedição scientifica exigia em materia de apparelhamento e despezas, incomparavelmente superiores ás que reclamavam as jornadas philologicas, artisticas ou mesmo archeologicas.

Assim relata que o ministro de Luiz Philippe não só se impressionava com a delonga dos preparativos como sobretudo se aborrecia com os avultados gastos já realizados e os que se annunciavam fataes.

Queria, a todo o panno, a mais rapida partida da expedição. Teve Castelnau real trabalho em convencel-o de que as cousas não podiam ir assim. Por exemplo, precisava de instrumentos os mais perfeitos para as observações astronomicas, physicas, etc., apparelhos estes delicadissimos e cuja confecção confiara ao grande fabricante Gambery. E este, escrupulosissimo, não queria entregar um unico, a cuja perfeição de funccionamento não houvesse comprovado.

Começaram as rusgas entre Castelnau e o ministro. Muitas vezes esteve a expedição na imminencia de não se realizar. Quem por ella se interessou fortemente e lhe serviu de para-choque foi o herdeiro presumptivo da Corôa, o Duque de Orléans.

Subitamente occorreu porém, o terrivel desastre de carro que victimou o illustre principe. Viu Castelnau perdidas todas as esperanças.

Enganava-se, porém. Como que movido pelo espirito de contradicção, entendeu Villemain, dahi em diante, favorecel-o de modo mais efficiente.

E' preciso porém contar que ao mesmo tempo se vira instigadissimo pelo proprio presidente do conselho de ministros. Não era elle outro senão um dos maiores francezes do seu seculo : Guizot.

Diante de tanta constancia varios dos mais famosos sa-

bios da França tambem fizeram o possivel para acudir ao futuro explorador da America do Sul, entre outros, Geoffroy Saint Hilaire, Elias de Beaumont, Babinet, o abbade Moigno, os Brogniart.

Afinal tomou a empresa a mais favoravel feição. Diversos ministros resolveram conceder-lhe subsidios, além dos da Instrucção Publica e das Relações Exteriores. E assim se organizou o estado maior de Castelnau com tres especialistas de real valor; o astronomo meteorologista Visconde d'Osery, rapaz de enorme talento, graduado engenheiro de minas, após os mais brilhantes estudos, o dr. Hugo Wedell, medico e botanico de valor, e Emilio Deville, joven zoologo, ambos naturalistas do Museum. Elle, Castelnau, secundaria a d'Osery. estudando, ao mesmo tempo, a geologia, a paleontologia e a ethnographia das regiões percorridas.

O material fornecido foi o mais consideravel e esplendido. Impossivel seria angariar-se melhor.

Sahido de Brest a 30 de Abril de 1834, no brigue de guerra *Dupetit Thouars* aportou Castelnau em Teneriffe e Goréa de onde foi visitar Dakar, então miseravel aldeia. A 17 de Junho seguinte achava-se á barra da Guanabara que transpoz através de densissimo nevoeiro e tremenda chuvarada. Ao fundear causou-lhe a maior especie a presença, no centro do porto fluminense, de um pontão de guerra inglez para onde transferiam os escravos apresados nos navios negreiros.

Com verdadeiro pasmo soube o viajante desta particularidade, «humilhante para a soberania brasileira, que supportava tal attentado á inviolabilidade de suas aguas territoriaes».

Encostado á amurada não se cansava o naturalista de admirar a soberba posição da grande capital «encaixada entre montanhas dos mais exquesitos contornos, em parte cobertas de mattas virgens no meio das quaes surgiam de todos os lados magnificas lavouras (sic ?). A massa edificada to-

mava enorme desenvolvimento, numa especie de peninsula ou promontorio banhado pela bahia, onde as florestas dos mastros ostentavam todos os pavilhões do Globo».

Pouco depois pisava Castelnau «o solo encantado brasileiro, com bem profunda alegria e real commoção».

A' noite, elle e os companheiros de missão viram-se alojados no Hotel Pharoux, casa franceza de beira mar, ponto sobremodo procurado por todos os estrangeiros.

Notou Francisco de Castelnau quanto a fauna dos arredores do Rio de Janeiro se achava empobrecida.

Em materia de mammiferos já então chegava a ser pauperrima. Apenas conseguiram os seus colleccionadores apanhar dois ou tres pequenos roedores e um ou outro morcego.

Os passaros de pennas brilhantes e os psitacideos rareavam muito nos arredores da cidade. Mesmo de uma excursão a Maricá poucos resultados auferira sob o ponto de vista ornithologico.

Só havia aves vulgares, quer nas mattas cariocas, quer nas do outro lado da Guanabara.

Melhor a collecta de crustaceos, espongiarios e ascidias nas aguas da Gloria. E a de peixes no mercado da cidade.

A dos batrachios é que se apresentou excellente, sobretudo em materia de especies arboricolas.

Em nota especial affirma que os reptis eram assaz raros nos arredores do Rio o que, entre parenthesis, não nos parece exacto.

Assim, ainda pelos annos de 1886 ouvimos do Barão d'Escragnolle que a Floresta Nacional abrigava numerosissimas cobras e não poucas jararacas e jararacussús.

Outra informação muito pouco exacta é a da picada de um negro por uma cascavel. Não occorre o *crotalus* no Rio de Janeiro.

Observações foram feitas sobre insectos nocivos como o

Bruchus, praga do milho e o *Pissodes*, que devastava as arvores frutiferas sobretudo as figueiras. Insectos de côres vistosas raros, tambem surgiam, salvo as borboletas, notaveis pelo tamanho e a belleza dos matizes.

Boa colheita a dos arachnideos. Entre os pseudo-escorpiões o material se mostrava abundante.

A geologia carioca, affirma-o Castelnau, bem pouco interesse apresenta, por toda a parte a formação é granitica; a bahia deve ser um fundo de cratera de emersão; as cadeias que formam as montanhas circumvizinhas parecem irradiar de um centro commum.

Immensa a abundancia do granito, dahi o seu emprego generalizado na construcção.

Em compensação muita deficiencia de calcareo; parte da cal vinha da Europa e o resto da calcinação dos mariscos.

Partindo para a sua grande viagem no inierior do Brasil, queixa-se Castelnau das grandes difficuldades da organização da caravana, que tamanho material devia transportar quanto o seu. Obices tanto maiores quanto era preciso levar-se em linha de conta «que no Brasil tudo se fazia tão lentamente que só se podia ter uma coisa como certa quando terminada».

Ajustou os serviços de mordomo de um francez chamado Mayer, conhecedor do Brasil e da Argentina. A outro compatriota tambem arrolou, um tal Guillaume, antigo militar, grande «literato» e sobretudo «notavel fourierista».

Declarou-lhe o tal phalansteriano que estava decidido a consagrar se exclusivamente á vida intellectual, embora condescendesse, ás vezes, em raspar cavallos e mulas.

Confiou-lhe Castelnau o serviço das observações barometricas. E era impagavel ver-se como o homem se compenetrava da gravidade e da importancia das novas funcções.

«Votava como que uma especie de culto ao séu precioso fardo a que consagrava enorme respeito.»

Era um typo impagavel a que caracterizava estrambotica erudição. O seu palanfrorio se entremeiava de aphorismas

colhidos nas obras dos philosophos de todas as idades, sentenças que estava longe de compreender e a cada passo applicava do modo mais burlesco.

«Em summa, conclue o nosso explorador, malignamente, para ser grande grande philosopho faltava lhe um requisito: um pouco menos de amor á bebedice.»

Depois de adquirir varios cavallos, pagou o Conde vinte bestas, a 60$000 por cabeça, mulas fortes de cangalha, capazes de carregar sete arrobas cada uma.

Ponchos, grandes botas, vastos chapelões de palha, redes, bahús e canastras, foram tambem compradas em abundancia.

Em principios de Setembro estava a expedição em condições de poder partir. Fez-se um ensaio geral carregando-se a mulada.

Que decepção! fizeram as bestas mil diabruras.

Soube então Castelnau que lhe haviam «passado a manta», vendendo-lhe burros chucros!

Era preciso amansal-os! Nova demora! E depois outra e grande maçada: pesavam as cangalhas demais, tornava-se necessario aligeiral-as.

Acabrunhado pela inquietação, o aborrecimento, as preoccupações, cahiu Castelnau assaz gravemente enfermo de febre perniciosa.

Salvou-o a medicação energica e acertada dos drs. Ildefonso Gomes e Weddell, quinino em alta dose, já se vê.

Afinal, sentindo-se mais forte, determinou partir, fosse como fosse, e, a 12 de Outubro de 1843, sahiu do Rio, embarcado numa falua, que devia leval-o ao Porto da Estrella.

Levaram-no carregado para bordo e o consul Theodoro Taunay, ao lhe dizer sentido adeus, no Caes dos Mineiros «mal conseguiu esconder-lhe os tristes presentimentos».

Tão solicito se mostrara o bom dr. Ildefonso que resolvera acompanhai-o até o sopé das montanhas.

Nada de bello pôde ver Castelnau, na travessia da Guanabara, pois partiu do Rio á meia noite. A's 6 da manhã, en-

trava a sua falua no Inhomirim, rio de paizagens palustres e margens pestilentas. A's 7 e meia desembarcava no Porto da Estrella, logar onde haveria uma cincoentena de casas sujas e mal construidas.

Nas ruas, prodigiosamente movimentadas pelas enormes tropas de cargueiros que ali affluiam, como todos sabem, era a algazarra grande.

Receiava muito o dr. Ildefonso que se repetisse o accesso pernicioso do chefe da expedição, assim fez com que cavalgasse logo em direcção ás terras altas.

Durante tres leguas deixou-se Castelnau arrastar, mal podendo conter-se na sella, indo afinal parar na Fabrica de Polvora da Estrella, cujo director, o Coronel Pardal, o recebeu com a maior hospitalidade.

Era a região frequentadissima. Viam-se, a cada passo, grandes tropas de cargueiros, cujos conductores ostentavam, todos, facões e espingardas.

Da Raiz da Serra da Estrella voltou o dr. Gomes, de quem Castelnau se despediu, sobremodo saudoso e grato pela solicitude com que o tratara.

Obedecendo ao excellente medico fez o naturalista supremo esforço : o de proseguir viagem serra acima.

Assim, ás 5 horas da tarde, deixou a Fabrica de Polvora levando cartas de apresentação do Consul para certo José Dias.

Continuando o seu percurso passou Castelnau pela famosa *Mandioca*, a fazendola de Langsdorf «onde, com verdadeiro pesar, viu esta habitação encantadora em completo estado de ruina».

Depois de encontrar pequeno hospital que o celebrado naturalista germanico em tempo entretivera, mergulhou a caravana na densa floresta que recobria as encostas dos Orgãos.

Penosa ascensão, em declives penosissimos, pavimentados de lajões toscamente apparelhados, sobre os quaes os animaes escorregavam muito, sobretudo a montaria do chefe

da caravana. Mais desagradavel ainda se tornava a situação dos itinerantes, graças a uma garôa persistente.

Apesar de tudo sentia-se Castelnau encantado com o que ia percebendo do panorama, naquellas montanhas grandiosas, cujas auras puras e frescas lhe infundiam novo alento.

A' bocca da noite attingia a casa de José Dias, onde o irmão do sitiante ausente, os recebeu do modo menos cordeal que imaginar se póde.

Vinha a comitiva toda «varada» de fome, e o cargueiro das provisões se atrazara! «Pois bem, por mais que fizessemos compreender ao tal Dias quanto prazer teriamos em lhe devorar um dos frangos ou, pelo menos, alguns pedaços de queijo, todos os nossos esforços nesse sentido, numerosos aliás, resultaram infrutiferos. Nada, nada nos offereceu!»

Esbofou-se o dr. Wedell em lhe apregoar que Castelnau, convalescente, estava esfomeado. Mostrou-se o forreta inflexivel! «Muito a custo conseguimos arrancar-lhe miseravel copo dagua que ostensivamente distribuimos entre nós, esperando pol-o em brios. Qual! nada, sempre nada!

Afinal, desanimados de vez, iam os viajantes estirar-se sobre os colchões que o alarve consentira que se puzessem no chão da casa, quando ouviram os sons acalentadores de um apito reanimador: o do tropeiro que tangia a mula das provisões!

Ceiaram os soccorridos como verdadeiros lobishomens. «E o nosso hospedeiro, que deveria ter enrubescido, vendo estes appetites de famintos, diante de comestiveis que não eram devidos á hospitalidade que para nós lhe haviamos solicitado, o nosso hospedeiro poz-se á mesa comnosco e compartilhou da nossa refeição!»

No dia seguinte, antes de deixar a casa de semelhante ginja, patriarcha do harpagonismo serrano, pelo que nos conta o illustre naturalista, fez Castelnau com que o dr. Weddell partisse para Quarteis Novos ao encontro do administrador dos bens da Casa Imperial, o major Julio Koeler,

tão celebre nos fastos petropolitanos. Deviam os expedicionarios alojar-se na residencia do engenheiro allemão onde todos lhe promettiam confortavel permanencia.

Atravessando magnifica floresta voltava Weddell, logo depois, trazendo uma ordem de alojamento para o guarda-livros da fazenda do Corrego Secco.

Partiu a expedição para o Alto da Serra, cujo panorama encantou os naturalistas, e, pouco depois, chegava á vivenda de Koeler.

Pertencia ao Imperador do Brasil, mas não passava de miseravel casebre, de paredes fendidas e janellas sem vidraça.

Fazia frio e os francezes não tiveram remedio senão acommodar-se como lhes era possivel, naquella pobrissima vivenda.

Dois dias ali permaneceram inspeccionando as condições naturaes dos arredores.

Que flora magnifica! Quanto differia da baixada e das montanhas dos arredores do Rio de Janeiro!

Passaros e insectos tambem muito abundavam por ali, aves de plumagem brilhante e coleopteros, numerosissimos e vistosos.

A 16 chegou um recado desagradavel. Mandava o major Koeler avisar que o imperador, tendo determinado a reforma da casa deveria no dia immediato ali installar-se o empregado da Casa Imperial encarregado de superintender as obras.

Assim, a 17 de Outubro, pela madrugada, deixavam os naturalistas «aquelle asylo que nos fôra promettido para mais uma longa permanencia», queixa-se Castelnau, e «onde pensavamos, pelo menos, poder tranquillamente esperar a chegada de nossa caravana».

«O modesto arraial de então é hoje a cidade de Petropolis.»

Vinha Castelnau munido de uma carta de recommendação do conego Januario da Cunha Barbosa para um seu col-

lega, fazendeiro nas redondezas. Era elle o tão conhecido conego Corrêa, cujo nome se prende inapagavelmente á toponymia da região serrana.

Sua propriedade chama-se Sambambaya (sic) ou Bello Monte. Era esta fazenda, incontestavelmente, o mais importante estabelecimento encontrado pelos itinerantes, desde a sahida do Rio.

Do conego Corrêa, e do seu genio pouco hospitaleiro, deixou-nos Castelnau bem pouco lisongeiro retrato.

«Pareceu pouco satisfeito com a chegada de tantos advenas e embora não nos recebesse com todo o formalismo da polidez brasileira fez-nos saber que sua casa não tinha acommodações para tres pessoas mais.

Entretanto ella nos parecia immensa. Assim ordenou a um de seus escravos que nos levasse á venda, local desasseiado da vizinhança, onde mediante pagamento, nos vimos alojados numa especie de tulha ladrilhada e aberta a todos os ventos».

E o peor é que os naturalistas tinham de «compartir o abrigo com varios negros e uma porção de cães, porcos e gallinhas».

Queixa-se Castelnau, amargamente do incommodo que lhe trouxe tal vizinhança.

«Não consigo descrever quanto no meu estado precario de saude me custou supportar todas estas miserias. Tanto mais quanto era impossivel conciliar o somno, graças ao palavreado dos tropeiros, que á porta da alfurja jogavam cartas, aos berros horrendos e ás risadas boçaes dos negros.»

A justiça dos factos leva-o, porém, a relatar aos seus leitores que se o conego era um hospedador que não zelava o conforto de seus hospedes, mostrava-se, pelo menos, caridoso quanto á questão das comedorias.

Mandava proporcionar-lhes diariamente duas refeições assás boas. Vinha um escravo chamar os francezes e como nenhum destes compreendia patavina do que lhes dizia o

preto este, que não era estupido, recorria a um gesto da mimica internacional: levava a mão á bocca, gesto que os induzia o seguil-o com a maxima rapidez.

Apenas os via chegar punha-se o conego a lhes fazer longos discursos, «recheiados de Excellencias e Senhorias».

«Nada compreendiamos do que ouviamos e nos punhamos logo a devorar a refeição. Apenas acabada esta eramos reconduzidos ao nosso pouso.»

Pretendeu o dr. Weddell entabolar conversa com o conego, utilizando-se dos poucos vocabulos portuguezes aprendidos no Rio.

Arvorou-se em interprete e a sua petulancia provocou os mais extravagantes quiproquós.

Em todo o caso a sua falacia valeu, pois dahi em diante mostrou o clerigo mais interesse pelos visitantes eventuaes.

Estavam em Corrêas certo joven naturalista italiano, que viera de Napoles no sequito da recem-vinda Imperatriz D. Thereza Christina, um portuguez que o acompanhava e um parente do ecclesiastico, moço muito jovial e caçador intrepido.

Pertencia a venda ao proprio Corrêa e era muito bem sortida. Ali encontravam os tropeiros iodos os artigos de que precisavam e como as tropas passavam umas atraz das outras, fazia o conego bem bons negocios.

Desde a Estrella até ali havia Castelnau contado sete ou oito ranchos de tropeiros.

Fazia frio naquella altura dos Orgãos onde existia rica fauna entomologica e notavel quantidade de beija-flores, nada ariscos.

Mosquitos lá não appareciam mas os carrapatos se mostravam innumeros. Tres dias permaneceu Castelnau em Corrêas muito satisfeito com os resultados da colheita. Ao dr. Weddel enthusiasmou o encontro de uma serie de filicineas novas.

No dia 20 decidiu-se o Conde a deixar a vizinhança do

conego; «era-nos impossivel resistir por mais tempo á nausea que nos inspirava a sordida alfurja que habitavamos».

Não conseguiu porém partir pois estava a sua burrada esparsa e um dia se esperdiçou em apanhal-a.

Em todo o caso não se perdeu totalmente o tempo, pois os naturalistas o aproveitaram para surprehender a quadrilha dos tangarás, que Castelnau chama *Manakin-Tigê*.

Afinal a 21 de Outubro, partiu a expedição. Ao se despedir Castelnau do conego deu-lhe este duas cartas para Magé e outra para Sumidouro.

No momento de sahir viram os naturalistas chegar alegre bando: a caipirada das choupanas da vizinhança que fazia pavorosa algazarra.

Vinha esta sucia passar o domingo na venda a divertir-se lá a seu modo.

Lindas perspectivas se apresentaram aos olhos dos viajantes, bellas florestas, que, de espaço em espaço, offereciam soberbas abertas.

Varias fazendas foram atravessadas, sempre caracterizadas pelos indefectiveis raachos e vendas.

Teve Castelnau o ensejo de presenciar o abrasamento grandioso de enorme floresta e, depois de interminо jornadear, chegou á fazenda de Magé onde já estava o dr. Weddell.

Pouca sorte acompanhava as passadas da expedição. Achava-se o fazendeiro gravemente enfermo de dysenteria.

Esta molestia já lhe arrebatara dois filhos. Medico era cousa desconhecida naquella região agreste onde, aos raros raros habitantes atormentava, ainda, violenta epidemia de escarlatina.

Alojaram-se os naturalistas no segundo andar de um raucho summamente tosco. Fazia muito frio e no andar terreo os negros accenderam fogueiras, cuja fumaça quasi suffocava os vizinhos do sobrado.

Compreende-se bem a pressa com que resolveram os francezes deixar tal localidade. Mas era a paizagem bonita

e as florestas se mostravam densas e promettedoras. Assim, apezar de tudo, ali permaneceram um dia, tendo o ensejo de ver o enorme sapo «ferreiro», a untanha.

Prodigiosa quantidade de vagalumes, elaterideos luminosos, por ali voava.

No dia 23 levantou-se o acampamento.

Como o conego Corrêa mandasse dizer ao vizinho que os viajantes pagavam bem haviam sido tratados á vela de libra, se é possivel que por aquellas alturas tal proloquio se pudesse applicar.

Medico na terra! Cousa extraordinaria! Correram todos ao seu encontro. Apezar da timidez atreveram-se quatro ou cinco senhoras a lhe pedir consultas e receitas.

Procurou o dr. Weddell contental-as quanto possivel e percebeu mais uma vez, quanto as brasileiras temiam vaccinar-se.

A uma destas consulentes perguntou se o filho que trazia fôra vaccinado. Levantou-se espavorida e fugiu com a criança receiosa de que de viva força ao pimpolho infligisse o tratamento jeneriano.

«Esta gente, anota Castelnau, deve ter se congratulado pela nossa passagem: sob todos os pontos de vista o dr. Weddell antes de partir teve, além de tudo, o prazer de verificar que a sua therapeutica salvára o nosso hospedeiro. De Magé foi a comitiva ao Sumidouro, a mais importante das localidades situadas ao longo da estrada de Minas Geraes. Além da venda e do rancho só contava o miseravel arraial tres casas habitadas, uma das quaes, a melhor, foi posta á disposição dos viajantes.

Tinha boa apparencia exterior, mas internamente se achava muito estragada. Um unico quarto se offerecia aos naturalistas e assim o dr. Weddell estabeleceu a sua tralha numa especie de galeria aberta.

Nisto chegou o dono da casa que ao abrir uma porta fechada a chave lhe disse: o sr. aqui fica muito melhor. Traga para cá a sua rede.

Este commodo era simplesmente a capella da aldeia!

Diz Castelnau, a explicar o seu itinerario, que a principio jornadeara ao longo do rio Tananti (que deve ter sido o bem conhecido Itamaraty), e depois acompanhara o Piabanha, sobre modo torrentoso e em cujas aguas, affirmaram-lhe, só vivia o peixe que lhe dera o nome.

Depois da sahida do Rio não sabiam mais os viajantes o que fosse pão e carne de vacca.

Só havia o recurso da farinha de mandioca, mas as gallinhas surgiram assás abundantes e a questão dos viveres se mostrou satisfatoria.

Achou o nosso geologo lindas as ribanceiras do Piabanha; difficil seria encontrar-se paizagem mais interessante do que os aspectos desta torrente que ora se quebrava pelos grandes penedos do leito, ora corria placida e larga.

Chegavam boas noticias do companheiro retardatario, o Sr. d'Osery. Atrazara-se porque perdera varios animaes, mas partiria a qualquer momento.

Assim resolveu Castelnau esperal-o naquelle ponto onde a collecta entomologica se mostrava optima.

C. H. LAVOLLÉE

(1844)

Lembrar alguem que á medida que os milesimos de nós se approximam augmenta o numero de obras da bibliographia xeno-brasileira é enunciar uma destas verdades capazes de incutir ao leitor a convicção da influencia mediumnica do espirito do bom cavalheiro de La Palice sobre o expendedor de tal conceito.

Assim é no emtanto.

Publicam-se as bibliographias magnificas refertas de erudição, organizadas, lenta e pertinazmente com todos os elementos de rebusca insaciavel: obras como as de Ramiz, Valle Cabral e Capistrano, Garraux, J. C. Rodrigues, Canstatt, Alfredo de Carvalho e Eduardo Tavares, etc., e no emtanto, de vez em quando, dos intervallos de seus verbetes surgem as lacunas.

Não é este exactamente o caso da obra que serviu de pretexto ao nosso estudo de agora o *Voyage en Chine* de C. Lavollée.

Está a sua ficha consignada no conjuncto dos apontamentos das bibliographias xeno-brasileiras muito embora corresponda a trabalho de que bem poucos, entre nós, conhecem a existencia.

Vejamos porém como uma viagem ao ex-imperio do Meio póde interessar aos estudiosos das cousas brasileiras.

Em fins do seculo XVII, ou principios da centuria immediata, negociantes francezes e inglezes crearam escriptorios permanentes em Cantão, sempre mal vistos pelas autoridades chinezas. Intensificou-se a navegação franceza para o Extremo Oriente e della proveio a primeira viagem circumnavegatoria privadamente realizada por francezes: a de Le Gentil la Barbinais. Já porém, em numerosos pontos do Imperio do Meio haviam-se os missionarios estabelecido com maior ou menor resultado.

Recrudesceram os maus tratos dos chins para com os europeus o que motivou as reclamações da Inglaterra. As embaixadas que este paiz enviou ao Filho do Céu, a de Lord Macartney, em 1792, e a de Lord Amherst, em 1802, nenhum resultado alcançaram.

Em 1815 expulsou o governo celeste a todos os missionarios catholicos, salvo os de Pekim, que, afinal, em 1828, tiveram de se retirar.

Tornou-se cada vez mais perigosa a permanencia dos mercadores europeus nos portos chinezes. Diariamente os insultavam a populaça e os mandarins.

E' geralmente sabido que a recrudescencia de tal animosidade tinha no fundo a mais justa das causas: rios de dinheiro ganhava a companhia ingleza das Indias Orientaes com a intoxicação dos celestes pelo opio hindú.

Fez em 1839 o vice-rei de Cantão apprehender e destruir 23.000 caixas da terrivel mercadoria no valor de dezenas de milhares de contos. Estalou então a chamada Guerra do Opio que certamente não é das brilhantes paginas da colonisação ingleza. Esmagado pela superioridade das armas occidentaes teve o governo imperial chinez, em 1842, de pedir misericordia e acceitar as condições do pro-consul britannico: Sir Henry Pottinger. Ficava a Inglaterra com a ilha de Hong Kong e quatro novos portos, Shang Hai, Futcheú, Amoy e Ning Po se abriram ao commercio europeu.

Diante de tão brilhante resultado, alarmou-se a opinião publica franceza. O governo de Luiz Philippe I ordenou

que uma missão especial fosse á China ver se o Filho do Céo concederia á França vantagens especiaes. Assim tambem procederam os Estados Unidos.

Chefiando a embaixada franceza partiu o Sr. Theodoro Maria Melchior José de Lagrenée, que já contava bellos serviços em sua fé de officio diplomatica.

Partindo de Brest chegou o plenipotenciario a Macau, em Agosto de 1844, conseguindo na China o tratado de Whampoo a 24 de Outubro de 1844, ratificado pelo de Cantão, a 25 de Agosto de 1845.

Notaveis vantagens obteve o Sr. de Lagrenée, de ordem commercial e politica. Assim alcançou a cessão da ilha de Shang Hai para a base naval franceza na China e a promulgação de dois rescriptos imperiaes, em 1845 e 1846, permittindo a liberdade de muitos catholicos perseguidos e a construcção de igrejas de diversos credos christãos.

Tão satisfeito ficou o governo real francez com o exito da embaixada, que ao diplomata concedeu o pariato.

Entre os seus auxiliares de missão levou o Sr. de Lagrenée um moço de pouco mais de vinte annos, Carlos Humberto Lavollée, muito intelligente e com bellas aptidões literarias.

Em 1852 publicou elle um *Voyage en Chine* descrevendo as peripecias de sua longa jornada maritima quando secretario da embaixada de Lagrenée. E' livro de agradavel leitura que, embora recente, se tornou de real raridade. Basta dizer que hoje se cota nos catalogos pelas vizinhanças de um milheiro de francos francezes (930 fcs. no catalogo de E. Nourry, 1931).

Depois deste volume ainda publicou Lavollée outro sobre o Imperio do Meio : *La Chine contemporaine* (1860). Collaborou muito em varios dos melhores periodicos literarios francezes, como na *Revue de l'Orient*, *Revue nouvelle* além da famosa *Revista dos Dous Mundos*, que então percorria uma phase inexcedivelmente brilhante e rendosa. O livro de

Lavollée, sobre a embaixada da China, tivemol-o em mãos graças á gentileza do jovem amigo e erudito bibliophilo, Yan de Almeida Prado, cuja tão valiosa brasiliana dia a dia se opulenta notavelmente.

Em 1843, data em que Lavollée foi ao Extremo Oriente, não existia ainda, parece excusado lembral-o, o Canal de Suez. Assim a navegação para a China se fazia geralmente, segundo o itinerario commum por Teneriffe, Bahia ou Rio de Janeiro, a Cidade do Cabo, etc.

Foram as escalas do joven viajante exactamente as Canarias, a Guanabara, o Cabo da Boa Esperança, Bourbon, Malaca, Singapura, Manilha, Macau e afinal Cantão.

Sahindo de Brest, como dissemos, a 12 de Novembro de 1843 na fragata La Siréne chegou Lavollée a Teneriffe no dia 26. Navegava a nau a vela e só em fins de Janeiro chegaria á vista da costa brasileira.

A 27 de Janeiro de 1844, achava-se La Siréne em frente ao Cabo Frio, «cuja ponta aguda carregada de collinas ricamente florestadas ousadamente penetra no oceano», lançava o moço literato em seu canhenho de viagem. A 28 fundeava em aguas da Guanabara.

E' bastante conhecido o livro de Fausto de Souza que compendia numerosas apreciações sobre a bahia do Rio de Janeiro e suas maravilhas. As palavras de Lavollée consagradas áquellas tão decantadas bellezas tambem traduzem arroubos de enthusiasmo, referem-se ao «panorama magnifico», que se offerecia aos passageiros da Sereia, cuja marcha se retardara, como que de proposito, afim de poder proporcionar aos navegantes uma apreciação mais demorada de uma das mais bellas coisas do Universo, aquelles aspectos litoraneos constituidos pelas ilhas numerosas, a densa vegetação de beira-mar, dentro da qual surgia vultosa cidade e as altas montanhas do fundo do horizonte, elementos principaes constitutivos de um quadro que se tornara indescriptivel. Impunha-se a renuncia a qualquer tentativa nesse sentido.

Mal informado, conta-nos o secretario da embaixada que depois de sua fragata costear o Pão de Assucar passou em frente ao forte de *Corregidor* (sic) (?) pora depois ancorar perto de Villegaignon, celebre nos fastos da marinha franceza.

Indagou a capitanea do porto do commandante da Sereia: de onde vêm? Do mar! respondeu-lhe o official, «resposta invariavel dos navios de guerra».

Respeitosamente deixaram as autoridades portuarias passar a fragata que deitou ferros a pequena distancia da cidade.

Ancorada em aguas da Guanabara, percebeu logo o nosso viajante quanto no grande porto brasileiro se devia fazer enorme gasto de polvora.

Mal chegava um navio de guerra aos ares atroavam as salvas da pragmatica com a sua ensurdecedora cortezia, em que os recem-chegados e os seus acolhedores disputavam a primazia de quem mais barulho e fumaça fizesse.

Tinha-se a impressão de assistir a verdadeiro prelio naval. Não eram só as baterias brasileiras que salvavam. Como havia sempre navios de varias potencias na bahia dahi provinha este canhoneio.

Não estava fóra do logar a energica reclamação que, quasi contemporaneamente, fazia Victor Hugo, pelas paginas dos *Miseraveis*, contra o desperdicio de polvora provocado pelas continuas salvas. A economia que de sua reducção resultaria estava em condições de subsidiar largas obras de caridade.

Depois das fumarentas salvas dissiparem-se, bello espectaculo occorreu. Moviam-se escaleres pelas aguas guanabarinas, numerosos bateis, de diversos pavilhões, demandando a nau recem-vinda a cujo commandante levavam votos de boas vindas.

Tal circumstancia entretinha entre as tripulações uma

emulação do amor proprio que se traduzia pela precisão das manobras, apurado empavezamento dos navios e a boa conserva das baterias.

«A força tambem apreciava ser enfeitada.»

JULIO ITIER

(1844)

Itier, Julio Itier ou exactamente André Victor Alcides Julio Itier, muito longe está de ter um nome celebrado no conjunto da nomenclatura dos grandes viajantes universaes. Ou melhor, dos simples viajantes regionaes. Pouco deixou de si e a sua obra tem relativa valia. Sua biographia nos Diccionarios Universaes occorre mais que mediocre.

No conjunto dos visitantes do Brasil de antanho tambem pouco, ou antes muito pouco, se destaca sem que comtudo mereça a sua contribuição ser desprezada.

Era homem de limitados recursos literarios, mas apezar desta inferioridade, as suas paginas sobre o Brasil de antanho encerram informes e observações interessantes, dignas de averbamento.

No dia que se fizer o assentamento geral da bibliographia xeno-brasileira, como é tanto de se desejar, o que escreveu este apagado viajante sobre o Rio de Janeiro de 1843 fornecerá algumas achegas não de todo despiciendas. E depois, até época bem pouco distante de nós, era tão escassa ainda a literatura das viagens no Brasil que, pode-se affirmar, nella não ha contribuição digna de desprezo. Sobretudo,

quando apresenta as caracterisitcas da honestidade e da veracidade dos depoimentos, como é o caso do autor agora por nós analysado.

Nascido em 1805, especialisara-se em questões commerciaes, quando, por Luiz Philippe I, foi nomeado membro da missão diplomatico-commercial, que devia ir á China, tentar obter para a França as vantagens, ou algumas das vantagens, pelo menos, por sua Graciosa Magestade Britannica arrancadas ao fraquissimo governo do Filho do Céo, após a chamada Guerra do Opio.

Ia como chefe desta embaixada o Sr. de Lagrenée, embarcado na fragata «La Sirène», que partiu de Brest a 29 de Novembro de 1843, e chegou a Macau a 13 de Agosto de 1844. Isto é, após longa escala na Guanabara, de 29 de Janeiro a 23 de Fevereiro.

Desta viagem de «La Sirène», ha diversos relatos. Um delles já o analysámos em relação á parte fluminense, o do Sr. Lavollée.

Já então e aliás desde certo tempo, se iniciára, para os grandes povos europeus, a éra dos polygraphos abundantes. Não se passara um só grande acontecimento ou mesmo algum successo de certo vulto que immediatamente não fosse descripto por diversos memorialistas.

Assim se deu com a embaixada do Sr. de Lagrenée.

Na sua permanencia no Brasil em geral acompanhou Itier a seu collega Lavollée nas excursões que este realizou.

Do que ambos escreveram, cada qual para o seu lado, se deduz que as suas relações devem ter acabado muito pouco cordialmente.

Ambos se referem «a um companheiro de passeios», no Rio de Janeiro, mas jamais mencionam quem haja sido este collega itinerante que não era de todo um *fidus Achates* da chapa classica.

Servem-se as narrativas de Itier e de Lavollée, reciprocamente, de contraprova á veracidade das asserções mais ou menos coincidentes.

Da biographia do nosso viajante quasi nada podemos dar. Os diccionarios encyclopedicos francezes, mais abundantes, mal lhe consagram uma duzia de linhas de escassos pormenores. Assim, Larousse apenas nos refere que se especializara em assumptos commerciaes, motivo pelo qual o governo francez o mandou á China.

Nas paginas do seu relato de viagem ha uma serie de observações geologicas e até o luxo de um pequeno mappa a cores, geologico, dos arredores da Cidade do Cabo.

Seria a geologia o *violon d'Ingres* do nosso diplomata commercial? E' o que não sabemos de todo. Quiçá haja até Larousse sido summamente injusto para com os meritos de Julio Itier, geologo, cujo *violon d'Ingres* seriam as sciencias economicas.

Antes de ir ao Extremo Oriente já estivera o nosso viajante na America Central.

Sahindo de Guadalupe acontecera-lhe até uma aventura gravissima: No seu barco surgira terrivel, a febre amarella reduzindo em poucos dias a tripulação valida do grande veleiro ao commandante, ao immediato e a tres marinheiros!

Pois bem, nesta occasião o navio apanhava um daquelles furibundos temporaes frequentes no mar das Antilhas, quasi um cyclone.

Furiosamente açoutado pelas vagas puzera-se o *Antonin* a fazer agua. Itier, que se gaba de ter sido então «medico, boticario e até timoneiro», passou «com o desespero de quem pretendia não se afogar de todo», a tocador de bomba.

Houve um momento em que tudo viu perdido: começaram as bombas a engasgar pelo facto de se terem enchido os tubos aspiradores de café esparramado no porão, pela violencia dos embates das ondas.

«Neste instante supremo puz-me, diz-nos o improvisado bombeiro a repetir os juramentos e queixumes de Panurgio em condições identicas.

Assim, sob estas reminiscencias rabelaisianas e elegantes esperava o trespasse, que lhe parecia inevitavel, jurando

jamais voltar a viver, um dia que fosse, sobre o classico *plancher des vaches*. Mas qual! Ao saber da missão á China tudo esquecera. Não resistira á curiosidade e assim pleiteara a inclusão do nome entre os dos membros da missão do Sr. de Lagrenée.

Assim partira «sob a tentação embriagadora de pelos proprios olhos conhecer o estranho paiz mysterioso e immenso, campo de estudo e de meditação para o homem culto».

As pesquizas na China eram «mil vezes mais interessantes do que as resultantes da exploração monotona desses paizes semi-selvagens a cujo desenvolvimento incompleto correspondiam extravagantes costumes ou, pelo menos, monotonos, improprios ao estabelecimento das mais simples deduções philosophicas».

Apesar de tão pomposas palavras de programma não nos parece que a obra do diplomata commercial, e geologo ás horas vagas, tenha accentuados laivos dessa philosophia superior com que pretende haver estudado os homens e as coisas do Celeste Imperio.

A julgarmos pelo Larousse deve o seu livro ter passado desapercebido do publico.

Mas é hoje um bom numero da bibliographia xeno-brasileira e delle tomamos conhecimento graças á amabilidade do prezado amigo e emerito bibliophilo Yan de Almeida Prado.

Chegou Itier ao Rio de Janeiro a 28 de Janeiro de 1844 com um tempo maravilhoso mas sob o classico «calor de rachar» do mez sebastianense o que o levou a correr de bordo para o Hotel Pharoux em busca de refresco.

A 12 de Fevereiro de 1844, do Rio de Janeiro para o planalto, partia o nosso diplomata.

Embarcou numa falua, e no caes dos Mineiros, barco a que chama *falura* e embarcadouro a que intitula *Praja das Mineres*. Continuava, como vemos, na innocente mania de

inculcar aos seus leitores francezes a toponymia brasileira, estropiada, e, quasi sempre, até, estropiadissima...

Destinava-se o barco ao porto de Estrella. A's onze da manhã viu o viajante o velame da tal *falura* inflar-se com o *virazon* (sic), brisa maritima, explica. Naquelle mez invariavelmente soprava daquella hora até a noite, occasião em que tomava sentido exactamente inverso.

Muito mediocres são as impressões que da paizagem lacustre guanabarina nos deixou o mestre Itier.

«Para mim é felicissima circumstancia que a bahia do Rio de Janeiro seja tão conhecida pois assim me dispenso de aqui traduzir as sensações deliciosas que os aspectos daquelle pequeno mar interior esparzem em nossas almas. Temos a impressão de que tudo aquillo que nos é apresentado parece haver sido tocado por uma varinha de condão.

Graças á fada, sua dona, ficaram aquellas praias assim tão graciosamente recortadas e cobriram-se com aquella infinita variedade de arvores e plantas, cuja folhagem e florescencia tão magnificamente se harmonizam.

Graças a ella tambem, do seio das vagas, e para adorno daquelle lençol rebrilhante de aguas, tantas ilhas surgiram e tão numerosas quando os dias do anno, á moda de frescas cestas de flores.

Foi ella ainda que em taes ilhas afortunadas espalhou aquellas casas graciosas, semi-escondidas em massiços de verdura, sem duvida para convidar o viajante fascinado a ali descer, sob o imperio dos encantos daquellas moradas deliciosas, capazes de lhe provocarem o olvido do mundo e da patria.

Oh ! como ali deve correr suave a existencia, em companhia de uma amiga, exclamava eu. Mas ai de mim ! veiu tal pensamento interromper-me os devaneios.

Ai de mim ! naquella embarcação eu não tinha amante !

Quebrava-se-me o encanto ! conclue o dithyrambico e vulcanico diplomata-geologo e financista, cujas palavras, tão

elogiosas da belleza guanabarina parece não ter conhedido Augusto Fausto de Souza, o arroubado panegyrista da bahia do Rio de Janeiro. Pelo menos não as incluiu em sua collectanea.

«Com o «virazon» de feição passei livre e altivamente por entre aquelle archipelago florido.

Para traz já deixara a ilha do *Gubernador* o mais rico logar de caça de todos os arredores fluminenses quando afinal appareceu a foz do rio da Estrella».

A's cinco da tarde attingia o tourista a villa do mesmo nome, o berço, hoje arruinado, de um dos maiores brasileiros: Luiz Alves de Lima e Silva.

Estava então no apogeu da curta existencia a villa das tropas, entreposto do café mineiro e de larga região fluminense.

Não lhe consagra Itier uma linha sequer de observações. Apenas conta que depois de arranjar um negro carregador partiu a pé para *Frigosa* «logar onde se achava o principal paiol de polvora do Imperio».

Era certamente este *Frigosa* a conhecida fazenda do Fragoso na raiz da Serra de Petropolis.

Até ha bem pouco estava ainda de pé a sua enorme «casa grande» typica da nossa architectusa rural do seculo XIX. Embora já semi-arruinada.

Indo a pé, da Estrella ao Fragoso, notou Itier que as collinas atravessadas pelo caminho lhe lembraram os arredores de Cayena.

Depois de encontrar uma calçada que vencia grande banhado chegou ao tal paiol ou fabrica de polvora.

Residia no casarão a que alludimos, e tão conhecido dos passageiros da Leopoldina Railway, entre o Rio e Petropolis, certo sr. Pardal, director da fabrica de polvora e camarista do Imperador.

Parece-nos que deve ter sido este personagem o brigadeiro portuguez João Carlos Pardal, que foi presidente de

Santa Catharina de 1837 a 1839. Recebeu o viajante com toda a gentileza, deu-lhe boa ceia a que se seguiu longa e interessante conversa.

Era Pardal homem de espirito aberto.

Falou muito do futuro do Brasil. A seu ver ainda era cedo para as estradas de ferro no nosso paiz; tornava-se necessario e mesmo premente, porém, abrir boa estrada de rodagem que ligasse Minas Geraes á baixada fluminense.

Era exorbitante o que então cobravam os tropeiros como frete de Minas ao Rio: 1$200 réis por arroba de café, trinta e tres por cento do preço que a mercadoria alcançava na praça fluminense.

E depois esta estrada seria um meio de combater ao separatismo, á desaggregação brasileira que muitos homens de vistas largas temiam, dado o que houvera no Rio Grande do Sul.

Fez o sr. Pardal com que Itier visitasse a fabrica de polvora de Estrella com todas as minucias e depois deu-lhe como guia o seu proprio feitor.

Devia leval-o ao planalto, á Varzea, hoje chamada de Teresopolis, á base dos grandes picos dos Orgãos.

A primeira parte da viagem devia ser entre *Frigosa e Itamaritama* (?) que provavelmente devia ter sido o Itamaraty.

Da Raiz da Serra, pela Estrella acima, foi-se o visitante extasiado, a caminhar sob as abobadas espessas, da mais magnifica floresta virgem, por entre os massiços confusos de arvores seculares.

Blocos de granito e gneis empilhados «levavam o observador a acreditar-se no fim do mundo».

De distancia em distancia surgia a rocha descarnada deixando entrever o granito porphyroide, e do legitimo, em camadas atravessadas por largos filões de pegmatito.

Por baixo do gneis apparecia «aquelle granito de fina grã que sem duvida representa o arcabouço inferior do solo

brasileiro». A estrada apresentava se boa, com uma rampa maxima de cinco por cento. A meio caminho do alto encontrou-se Itier com dois viajantes.

Eram dois cavalheiros muito cortezes, um dos quaes certo sr. Altaide (sic) Moncorvo, director geral do Ministerio de Estrangeiros. Contou-lhe que fugia da canicula carioca e do bulicio excessivo dos negocios da Côrte.

Ia passar uns dias de repouso á margem do Parahyba e exprimiu ao interlocutor quanto sentia não poder leval-o em sua companhia.

Homem de conversa agradavel e variada, impressionou muito bem ao diplomata com quem trocou idéas, largamente, sobre a situação brasileira, a politica internacional e as alianças do Imperio.

Pareceu a Itier que a França dispunha entre os brasileiros de muitas sympathias. Contavam algo sobre ella para ver se lhes seria possivel fugir ao jugo oppressor de Albion, commentarios que talvez traduzissem a opinião pessoal e delicada do alto funccionario fatigado.

Na cumiada da serra trabalhava-se a valer, havia muitas pontes e muros de arrimo já construidos e de excellente aspecto, como se fossem obras européas.

Chegando ao Alto, no logar chamado José Dias, extasiou-se o viandante com o panorama que se lhe offerecia. Era um destes espectaculos que jámais se apagavam da memoria.

Descendo do Alto da Serra da Estrella, galgou J. Itier o valle do «Corcosecco» (sic) *(riviéere desséchée)*.

E dentro em breve chegava ao local onde se devia construir o palacio imperial, futura residencia de verão do Sr. D. Pedro II.

«Que projecto sem pé nem cabeça! exclama. Só mesmo justificavel no Brasil, onde nada ha mais appetecivel do que tomar fresco!

Aquelle solo arido e montanhoso que ali se gaste o que Versailles custou a Luiz XIV!»

Nem mais uma só palavra de observação mereceu a linda topographia da futura Petropolis ao nosso diplomata que tão asperamente verberava a projectada construcção do paço imperial.

Só mesmo no Brasil onde a aspiração a ares menos calidos desvairava as imaginações...

Verdade é que ao atravessar as terras da fazenda imperial ainda quasi nada ali havia.

Só anno e meio mais tarde, a 29 de Junho de 1845, é que lá appareciam os primeiros allemães colonisados pelo benemerito Major Koeler.

Proseguindo ao longo do Corrego Secco e do Piabanha chegou Itier para almoçar, á venda de um Juan de Luiz (sic) [1] Disse-lhe o vendeiro, porém, que os costumes da terra só o obrigavam a offerecer aos transeuntes tecto e lenha!

A tal proposito expende o viajante a seguinte e inepta observação: «Bem sabia eu que tal era o costume de Portugal. Mas acreditava que, transplantados ao Brasil, houvessem os portuguezes tido o bom gosto de deixar em sua terra tão selvagem pratica, provocadora da morte dos viajantes pela fome».

Vendo-lhe o ar de profundo desconsolo offereceu-se «Juan de Luiz» a lhe tirar uns palmitos na mata proxima. Accomodal-os-ia com um pouco de sal, Que remedio senão acceitar tão magro pitéo!

Felizmente salvou a situação a providencial apparição do Sr. *Altaide Moncorvo*, cujos cargueiros vinham com as cangalhas opulentamente recheiadas. Convidou este alto funccionario do Ministerio de Estrangeiros o seu companheiro de estrada a compartilhar do seu repasto farto.

Assim poude o nosso Itier escapar ao desconsolo da frugalissima ingestão de palmitos doces e patys.

---

(1) «Juan de Luiz», cuja «venda» se notabilizava pela inexistencia completa de comestiveis, devia ser o estalajadeiro Antonio Luiz Gomes. Explorava elle nma especie de hospedar a situada á margem do Corrego Secco, mais ou menos em frente ao local onde, quarenta annos depois, se construiria a Estação de Petropolis. Estava ali estabelecido desde muito esse albergue que, pelo relato do excursionista de 44, chegára a tal decadencia que só podia offerecer aos viajantes tecto e lenha. — **Nota de ANTONIO MACHADO**, da Com. do Cent

Duas leguas adiante avistou Itier os edificios do Convento [1] de certo padre Luiz. Pelas referencias ao lugar tal convento deve ter sido a fazenda de Corrêas. Mas quem seria o Padre Luiz é o que não sabemos dizer.

De tal poderá informar-nos o sr. Antonio Machado, que com tamanho amor e erudição das coisas locaes tem publicado sobre os antecedentes de Corrêas tão interessantes artigos.

O feitor do sr. Pardal afiançava ao seu companheiro que o convento lhe proporcionaria o ensejo de receber excellente acolhimento.

Mas qual! Não houve meio do viajante poder avistar-se com o clerigo. E esta decepção o levou a levantar grande suspeição sobre a pobreza de vida do embiocado ecclesiastico.

«No meio da turba de mulheres de todas as cores e de crianças de todas as idades que enchiam aquella casa, foi nos impossivel chegar a falar ao bom Padre. Pretextou sentir-se adoentado para, sem duvida, poder escapar ao perigo de revelar aos estrangeiros os segredos das compensações offerecidas ao rigor da vida monastica». E a generalizar ainda accrescentava o rancoroso e repellido hospede: «Este modo de viver é o vulgar entre os frades brasileiros e parece providencial para um paiz, por assim dizer, deserto, onde nenhum meio de se augmentar a população branca deve ser descurado».

Deixando o tal convento (?) continuou Itier a seguir o

---

(1) O «convento de certo padre Luiz» identifica-se com a tranquilla morada da Samambaia, onde dominava o espirito bonachão do conego Luiz Gonçalvss Dias Corrêa. Quando creada a freguezia de Petropolis, pouco depois de installada a colonia de allemães, foi o conego Luiz nomeado seu vigario. Teve, emquanto viveu, a responsabilidade da parochia, pela qual, entretanto, durante sua administração, passaram varios curas allemães. Falleceu em 1852. Era sobrinho do celebre Padre Corrêa, no seu tempo mais adeantado lavrador da Provincia, e a quem pertencera a fazenda dos Corrêas, convertida actualmente num dos progressistas suburbios de Petropolis. A confortavel casa da Samambaia, que ha muitos annos pertence ao Dr. José Eduardo Macedo Soares, apresenta ainda toda a feição das nossas mais typicas moradias de fazenda; não se compreende como o viajado diplomata confundiu-a com um convento. Seguindo caminho, passou Itier pelo casarão dos Corrêas sem lhe fazer reparo, e foi pernoitar na pousada do velho rancheiro Mariano Dias Alves, na Varzea do Urubu, onde se acha situada a Estação de Nogueira. — **Nota de ANTONIO MACHADO**, da Commissão do Centenario.

curso do Piabanha indo abrigar-se na choça miseravel de um morador daquellas semi-desertas paragens. Na manhã seguinte deviam trazer-lhe montarias arranjadas pelo feitor do sr. Pardal.

E um negro que conhecia o caminho dali á Serra dos Orgãos, distancia vencivel em dois dias.

DE FERRIÈRE-LE-VAYER

(1844)

Já analysámos dois relatos sobre o Rio de Janeiro em 1844, da lavra de membros da embaixada franceza á China, chefiada pelo Sr. de Lagrenée. Os de Julio Itier, inspector geral das Alfandegas francezas e seu auxiliar Carlos Lavollée.

Um terceiro volume sobre o mesmo assumpto chega-nos ás mãos da lavra do primeiro secretario de Legação o Sr. de Ferrière-le-Vayer, primeira figura da missão logo após o proprio chefe.

Itier e Lavollée navegavam á vela. Em um terceiro navio, a corveta a vapor «Archimedes» embarcara a segunda turma de diplomatas e addidos commerciaes, seus collegas, sob a chefia do secretario de Legação, Bernardo d'Harcourt. Mas em viagem inteiramente aparte da conserva dos outros dois barcos.

Era vultosa a missão diplomatica commercial do Sr. de Lagrenée que á China levava mulher e filhos.

Comprehendia um primeiro secretario de Legação, quatro secretarios addidos, um medico chefe, um chanceller e os dois funccionarios graduados do Ministerio da Fazenda, Itier e Lavollée.

O «Diario de Viagem» do sr. Theodoro de Ferrière-le-Vayer apresenta, em relação ao Rio de Janeiro, muito menos

pormenores do que as narrativas de Lavollée e de Itier mas sobre ellas leva notavel vantagem. E' escripto com maior elegancia de phrases e distincção de conceitos, mais commedimento de apreciações e discrição. E, sobretudo, revela mais elevados dotes literarios do que acontece com os livros dos dois collegas de diplomacia e letras.

Aliás, prudentemente, ao imprimir a obra em 1854, passados dez annos de sua estada no Rio, e como ainda pertencesse á carreira diplomatica, dizia o nosso autor: os leitores em suas paginas apenas encontrariam o que a publicidade já divulgara. Nada achariam em condições de collidir com a esphera das investigações officiaes.

Lê-se com prazer o hoje já velho livro do diplomata francez, redigido com clareza, elegancia e leveza de phrase.

Pudemos fazel-o graças á gentileza do erudito amigo Yan de Almeida Prado.

A 28 de Janeiro de 1844 entrava o diplomata a barra da Guanabara.

Da nossa grande e famosa bahia traçou Le Vayer arroubada apreciação que jamais viramos citada. Augusto Fausto de Souza, o enthusiasta da Guanabara, não a conheceu provavelmente.

E' das melhores que nos livros antigos se nos deparam, naquellas épocas em que a hyperbole não alcançára ainda o vigor caracteristico dos dias mais proximos de nós.

Depois de se referir ao Pão de Assucar e áquellas montanhas exquisitas cujo perfil entendiam os inglezes lembrar Lord North e os francezes o infeliz Luiz XVI, o famoso *Gigante de Pedra* nitheroyense, declara o viajante:

«Unanimes concordam os viajantes em fazer da bahia do Rio de Janeiro o mais pomposo elogio: pois bem, acho-lhe a belleza acima de quaesquer descripções até hoje feitas.

A grandiosidade das linhas, a elegancia dos contornos, a riqueza da vegetação, tudo occorre para embevecer o espirito e encantar os olhos.

Ouvira-a comparada á bahia de Napoles: em mim provocou impressões totalmente diversas. Nella a natureza ostenta-se com uma grandeza infinitamente superior á do porto italiano.

Se lhe falta o cunho secular da civilisação e das artes, a aureola imposta ás terras antigas pela poesia e a historia apresenta ao observador, desde o primeiro contacto, aspecto incomparavelmente mais grandioso das forças materiaes da Creação e como que o sentimento da juventude de um Mundo Novo».

«Ao poeta e ao paizagista encantam os accidentes harmoniosos de seu conjuncto: de um lado o Corcovado com o pincaro granitico, como que jorrando de um massiço de florestas, de outro, uma eminencia, o bello convento (sic) de N. S. da Boa Viagem, ao derredor uma cinta de collinas cobertas de matta. Sobre a vasta superficie marinha mediterranea, ora vemos um forte que parece surgir da agua, com as suas muralhas e torres, ora um grupo de ilhas, outras tantas cestas de flores e verdura cujos festões e grinaldas alçam-se do mar. No fundo do quadro projectam se as agulhas azuladas da cadeia dos Orgãos, afinal á esquerda a cidade fluminense, edificada num amphitheatro, entre diversos morros, coroados, ora por uma igreja, ora por um mosteiro ou quinta, ou ainda uma bateria de canhões, semi-mascarada por moutas de folhagens.

Porque aqui, ao lado do sorriso grave e ao mesmo tempo poderoso da Natureza revelam-se os esforços do homem por se tornar formidavel.

O porto do Rio parece deve ser tão inaccessivel em tempo de guerra como remanso durante a paz».

Esta consideração trouxe ao diplomata uma reminiscencia grata ao orgulho nacional, a notavel façanha de Duguay Trouin a cujo nome appõe, aliás, segundo e inexplicavel y.

A Le Vayer encantou o aspecto animado do porto fluminense coalhado de navios de muitas nações, de guerra e mercantes entre os quaes circulavam numerosos escaleres,

faluas, botes. «Uns com o aspecto severo da disciplina militar, outros tripulados por negros semi-nús e transportando «des *senhores* et des *senhoras*» (sic) abrigados do sol por vastos guarda-sóes de cores vivazes.

Estava a tarde maravilhosa e longamente contemplou o diplomata o admiravel aspecto do crepusculo fluminense, emquanto a *Sereia*, tangida por fraca brisa, vinha lentamente fundear a pouca distancia da terra.

IDA PFEIFFER

(1846)

Affirmar-se ao leitor que as mulheres sempre viajaram muito menos do que os homens é, por assim dizer, avançar um destes aphorismas, indiscutiveis esteiadores da reputação indestructivel de immortal personagem francez, o famoso marechal que um quarto de hora antes de fallecer ainda estava vivo.

Póde-se mesmo affirmar que as mulheres puzeram-se a viajar não ha ainda dois seculos. Viajar *lato sensu*, como fizeram os homens, entenda-se. Assim são escassissimos os relatos de viagens femininas.

Quer-nos parecer que ás inglezas cabe a primazia neste ramo da historia da geographia universal. Foram as primeiras que deixaram narrativas de longinquas e aventurosas jornadas, por terras e mares exoticos e de perigosa visita.

Tal se deu, por exemplo, com as Memorias da famosa Lady Esther Stanhope, a aristocrata pertencente á mais velha nobreza britannica, celebre pelas suas viagens no Oriente e longa permanencia de annos no scenario barbaro da Syria, de principios do seculo XIX, a «rainha de Tadmor» «a Sibylla do Libano», como chamavam, a famosa dominadora dos

Drusos. Certamente foi das mais extraordinarias e incomparaveis figuras do seu tempo já pouco fertil em aventureiros.

Na bibliographia brasileira cremos que o primeiro viajante feminino haja sido Mrs. Kindersley.

Passando pela Bahia, em 1764, escreveu sobre a cidade brasileira, sete das 76 cartas constantes do volume relativo á sua viagem e permanencia nas Indias.

Estas cartas traduziu-as o saudosissimo amigo Vicente de Souza Queiroz, tão culto quanto versado nas grandes linguas estrangeiras. Publicámo-las no tomo I dos Annaes do Museu Paulista e creio que constituem o mais velho depoimento feminino de viajante sobre casos e coisas do Brasil.

Ha depois do relato de Mrs. Kindersley o livro extenso e curioso de Mrs. Graham que viveu no Rio de Janeiro no tempo da Independencia e do Primeiro Imperio, como de sobra é sabido.

A' memoria não nos acode neste momento outro nome de viajante feminino antigo que se haja occupado do Brasil.

Quer-nos parecer que após Mrs. Graham deve ser lembrado outro nome incomparavelmente mais prestigioso na historia universal das grandes jornadas, pois é o de uma senhora que póde orgulhar-se de ter sido a primeira circumnavegadora autonoma, a Fernão de Magalhães do seu sexo, pelo menos na qualidade de autora, a celebre Ida Pfeiffer, de seu nome de solteira Ida Reyer ou Ida von Reyer, segundo um de seus biographos.

Nascida a 14 de Outubro de 1797 em Vienna era ella a unica mulher numa irmandade de sete pessoas.

Desde a primeira infancia revelou fortes pendores masculinos; gostava immenso de se vestir de menino e teve a esmerada instrucção dos irmãos.

Só aos treze annos é que consentiu usar os trajes do seu sexo.

Devoradora de narrativas de viagens, vivia com a idéa fixa de percorrer o mundo, em enormes jornadas.

Aos dezesete annos um grego riquissimo pediu-a em camento ; recusou comtudo tal proposta porque desejava desposar certo moço que fôra o seu professor e passara a ser burocrata.

Diante da formal desapprovação materna, desistiu porém de tal intento. Era muito cortejada e afinal declarou que acceitaria, como esposo, certo Dr. Pfeiffer, muito mais velho do que ella, viuvo e pae de um filho já moço. Casou-se Ida Reyer em 1820. Era-lhe o marido recto, probo, intelligente, perfeitamente educado e a moça lhe consagrou viva estima.

Homem rigido, desagradou muito a prevaricadores poderosos no desempenho de uma commissão na Galicia, diz o seu biographo.

Perseguido, teve de voltar a Vienna, onde os prestigiosos perseguidores conseguiram demittil-o.

Passou a residir na Suissa, onde atravessou agros tempos.

Ao casal, muito curto de meios, valeu a amizade dos irmãos da futura viajante universal.

A herança materna trouxe a Ida Pfeiffer o desafogo e os meios de educar os filhos. Vivia porém atormentada pela tarantula das viagens. Chegara aos 45 annos e as maiores excursões que realizara haviam attingido a Galicia, a Suissa e o littoral adriatico, onde a vista do mar lhe causara prodigiosa impressão.

Estava o marido muito velho e os recursos da familia continuavam escassos. Assim de repente resolveu partir só.

A 22 de Março de 1842, seguiu, inesperadamente, pelo Danubio abaixo. De Constantinopla passou á Syria, á Palestina, ao Egypto e voltou no fim do anno pela Sicilia e Italia.

A publicação de sua *Viagem de uma viennense á Terra Santa* logrou enorme e rendoso triumpho literario.

«Nascida em fins do seculo XVIII, dizia pittorescamente

no prefacio, eu, apezar de mulher, já pude viajar só. Sem guia atravessei as duas Turquias, a Palestina e o Egypto. E... voltei !»

Estudando com todo o afinco o inglez e o dinamarquez, permaneceu a nossa viajante em Vienna, até Abril de 1845, mez em que partiu a percorrer a Allemanha, os paizes escandinavos e a Islandia.

D'ahi novo livro de viagens. E novos proventos da venda de diversas edições desta obra.

Foi então que, com pequena reserva de dinheiro, abalançou-se a grande jornada circumnavegatoria. De Vienna partiu a primeiro de Maio de 1846 para, em Hamburgo, embarcar num veleiro dinamarquez chamado «Carolina».

«Trabalhos e privações não me assustam, dizia a corajosa senhora. Não podiam ser superiores aos da Syria e Islandia. As despezas tambem não me intimidavam. Por experiencia propria sabia quanto as exigencias são supportaveis quando a gente sabe restringir-se ao estricto necessario e está disposta a renunciar a commodidades superfluas.»

«As minhas economias em mãos do Principe de Puckel-Musckau, de Chateaubriand ou Lamartine apenas dariam para uma permanencia de quinze dias em estação de aguas. Para mim, viajante modesta, iriam chegar para uma jornada de dois ou tres annos.»

Sahiu Ida Pfeiffer da cidade natal certa de vir ao Brasil. Em Praga encontrou-se com o conde de Berchthold com quem viajara algum tempo no Oriente. Disse-lhe este fidalgo e diplomata que tambem pretendia visitar o nosso paiz.

Da viuva de Mikan que com o marido estivera no Brasil, em 1817, ouviu então pormenores interessantes que ainda lhe augmentaram o desejo de visitar a nossa terra.

Só a 29 de Junho, porém, é que a nossa viajante pôde partir de Hamburgo por ter tido de esperar longamente o conde de Berchthold.

A viagem nos veleiros nada tinha de muito attrahente,

sob o ponto de vista das delongas e do passadio. Que differença com as commodidades já offerecidas pelos vapores!

A mesa, sobretudo, era o ponto fraco da relatividade dos confrontos. Lembrando-se do que lhe succedera a bordo do «Carolina» dá Ida Pfeiffer numerosos conselhos aos passageiros dos navios a vela, tratassem de se munir de vitualhas e conservas modificadoras do trivial de bordo, roupas, colchões, travesseiros, etc., pois bem pouco commodo offereciam os beliches.

Oito eram apenas os passageiros de primeira classe; attingia o preço da passagem cem dollares, taxa realmente elevada para uma travessia nada sybaritica.

Duas senhoras partiam para o Brasil, uma era a mãe de certo rapaz que se estabelecera neste paiz e desejava tel-a em sua companhia e a outra a Penelope, ás avessas, de um Ulysses alfaiate que desde seis annos vivia no Rio de Janeiro e não dava signaes de vida á desolada consorte.

Viagem interminavel! A 5 de Agosto cruzava-se a Madeira onde a «Carolina» encontrava um navio da policia maritima. Ainda naquella época havia piratas marroquinos no Oceano!

Só a 29 deste mez foi o Equador transposto. «Um sentimento de orgulho apossou-se de quasi todos nós, conta-nos Ida Pfeiffer, engraçadamente. Felicitamo-nos reciprocamente, como se acabassemos de cumprir algum acto heroico!»

Muito se falava nos males causados pela travessia da Linha. E como ninguem nada sentisse a bordo houve quem ficasse desapontado.

Philosophicamente commenta a viajante: Com a mudança de clima, os viveres não se corromperam como muitos prediziam, continuaram tão ruins quanto dantes.

Afinal, a 15 de Setembro, decorridos 79 dias após a partida de Hamburgo, entrava a «Carolina» á barra do Rio de Janeiro.

A descripção que Ida Pfeiffer faz aos seus leitores da archi-decantada belleza da bahia guanabarina é soffrivel. Impressionou-a o aspecto das «montanhas maritimas» colli-

nas conicas que se encadeiam pela base e ascendem isoladamente, acima do mar, como succede ao «Pão de Açucar».

Observação esta que nos parece provir de um effeito amnesico da illustre viajante. E realmente onde ficam as outras «montanhas conicas» ligadas á base do Pão de Açucar ?

Como lhe houvessem immenso gabado as bellezas de Petropolis, e da sua região serrana, e chamado a attenção para o desenvolvimento enorme que tomara a colonia allemã da fazenda imperial, resolveu Ida Pfeiffer realizar uma excursão aos valles admiraveis da serra dos Orgãos.

E assim, a 26 de Setembro de 1846, para lá partiu em companhia do conde Berchthold. A travessia da Guanabara encantou-a. Lembrou-lhe os aspectos lindissimos dos lagos da Suecia cheios de panoramas tão caracteristicos.

Lindas as columnas emolduradoras da bahia, lindas as suas ilhas e ilhotas, cobertas de palmaceas e outras arvores por vezes impenetraveis em suas moutas. Tambem lhe causou o maior gozo o aspecto dos rochedos que a cada passo sahiam abruptamente do seio das aguas, alguns arredondados, como se houvessem sido trabalhados a cinzel.

Da falúa destinada ao porto da Estrella ia a viennense divisando aquella diversidade de aspectos encantadores que o golfo lhe offerecia.

Navegava á vela o pequeno barco, cuja tripulação se compunha de quatro negros commandados por um branco.

Assistiu a viajante ao repasto destes homens, num cardapio de farinha de mandioca e peixe secco, milho assado, laranjas, côcos e «outras nozes menores» em que até appareceu pão fresco, «artigo de luxo para pretos».

«Tive infindo prazer vendo quanto esses homens eram bem tratados», annota. Ao cabo de duas horas cahiu o vento e começou o serviço da tripulação, bastante penoso, obrigando o remador a grande e incommoda movimentação. Mais duas horas e a falúa attingia a foz do *Geromerim*, que certamente é o bem conhecido Inhomirim. Havia ali um

hotel, ponto de parada obrigatoria e assignalado por uma lanterna dependurada de uma rocha, singular pharol!

Cessara a paizagem de ser interessante para o turista, mas em compensação quanto se mostrava magnifica e admiravel para o botanico, com a sua riqueza de flora aquatica, onde dominavam «os nenuphares, as pontederiaceas e o cypripedio»! Os ultmos, então, mostravam-se sumptuosos, attingindo dois metros e por vezes dois metros e meio.

Margens baixas e cheias de montes pouco elevados. Appareciam, aqui e acolá, casinhas cobertas de telhas e de aspecto assás miseravel.

Sete horas durou a enfadonha subida do rio até á chegada ao porto da Estrella, então entreposto importante de mercadorias como todos sabem.

Dois bonitos hoteis havia na villa, onde o edificio mais notavel vinha a ser uma especie de galpão, a modo das caravanserail, a cujo immenso tecto de vidro sustentavam fortes pilares de alvenaria.

Neste rancho colonial havia um deposito de mercadorias e outros compartimentos destinados aos tropeiros, que os viajantes viram alegremente acampados, preparando o jantar em torno de vivaz fogareu.

Hospedaram-se os viajantes no *Hotel da Estrella*, onde notaram a existencia de bons quartos asseiados e cuja mesa de excellente tempero muito apreciaram. Do Porto da Estrella a Petropolis havia sete leguas a vencer.

O preço do aluguel de uma montaria era quatro mil réis. Mas os dois viajantes intrepidos, que eram Ida Pfeiffer e o conde Berchthold resolveram vencer o trajecto a pé, elle a herborizar, ella a apanhar insectos. Partiram, pois, confiantes, alem de tudo, na segurança da estrada muito frequente, como esta que ligava a capital do imperio americano á provincia de *Minas Geraes*, (sic). A's duas primeiras leguas, na baixada, em direcção a uma garganta espessamente florestada, assignalara copiosa flora de bromeliaceas, onde se destacavam os ananazes selvagens, de sabor incomparavelmente

inferior ao que podia prometter a riqueza do aspecto. Verdade é que ainda não estavam perfeitamente maduros como lhes indicava o tom roseo da casca.

Os beija-flores encontrados a cada passo é que eram lindos. Alguns absolutamente minusculos de infinita delicadeza e gracilidade.

Chegando á Raiz da Serra encontraram os itinerantes larga estrada calçada através da floresta virgem.

Pensava a viennense avistar-se com arvores de enorme corpulencia e viu pelo contrario especies de dimensões rachiticas.

Attribuiu esta circumstancia ao excesso de exuberancia vegetativa, achando-se os troncos abafados pela massa dos arbustos, das lianas e trepadeiras. Estas ultimas de tal modo profusas que por vezes recobriam completamente os troncos das essencias florestaes. Um botanico, o sr. Schleirer, affirmara-lhe ter encontrado sobre uma arvore lianas e trepadeiras de seis especies diversas.

Rica se apresentou a collecta botanica e entomologica dos dois amigos que caminhavam na melhor disposição de espirito e deslumbrados pelo aspecto da floresta magnifica e dos panoramas encantadores a cada passo proporcionados á sua admiração.

Sobretudo quando, quasi ao alto da serra, tiveram aos pés a Guanabara e até em longinquo horizonte a capital brasileira.

A cada passo cruzavam *tropas* (sic) geralmente constituidas por lotes de dez bestas de cangalha tangidas por um negro, formando filas de cem até duzentas alimarias.

Tambem eram frequentes os encontros de pedestres; parecia a estrada, portanto, offerecer toda a segurança quando, inesperadamente, escaparam os dois itinerantes de terrivel attentado. Já desde algum tempo viam-se seguidos por um negro.

Em determinado logar, algo retirado, tomou este homem perigosa attitude, brandindo um facão e empunhando um laço.

Assim os aggrediu, a proferir palavras ameaçadoras, e a fazer gestos não menos alarmantes. Terrivel scena passou se então. Descuidada e imprudentemente não traziam os aggredidos arma alguma, á vista da apregoada segurança da estrada. Como instrumento de defesa apenas podiam contar com os guarda-sóes!

Tinha Ida Pfeiffer uma especie de faca de algibeira ou canivete grande que desembainhou disposta a vender caramente a vida.

Avançou o aggressor sobre o casal, que tratou de aparar os golpes. como podia, com os guarda-chuvas.

Conseguiu o negro agarrar o de sua contendora que quebrou, tentando arrancar-lh'o. Como, porém, deixasse cahir o facão, procurou a viajante apoderar-se da arma. Estava prestes a empunhal-a, o bandido a empurrou e brandindo novamente a faca desferiu-lhe dois pontaços, um dos quaes bastante profundo no braço esquerdo.

Viu-se a viajante perdida, mas tomada de desespero usou da faquinha. Aparou o negro o golpe dirigido contra o peito, mas foi ferido gravemente na mão. Aproveitou-se então o conde para o assaltar pelas costas e derrubou-o, o que permittiu a Ida Pfeiffer poder levantar-se.

A ferida tornara o aggressor absolutamente furioso. Rilhava os dentes, brandia o facão com enorme rapidez, a aggredir agora o fidalgo que, dentro em pouco, soffria profundo golpe numa das mãos.

Estavam elle e a companheira perdidos se Deus não os soccorresse. Ouviu-se o estrupido de cavallos e o negro, subitamente, fugiu, embrenhando-se na mata da beira da estrada.

Logo depois surgiram dois cavalleiras que, informados do caso, entraram na mata em busca do criminoso. Dois outros pretos appareceram. Vieram em seu auxilio. Pouco depois voltaram com o delinquente, amarrado, a quem arrastavam.

Como recusasse andar deram-lhe muita pancada, sobretudo á cabeça. «Receiei que quebrassem o craneo do

pobre diabo» annota a compassiva senhora pouco rancorosa como vemos em relação a quem acabava de querer tirar-lhe a vida. Mas era o homem tenaz e continuava a resistir; foi então carregado pelos dois pretos, a quem mordia com furibunda raiva.

Assim o levaram até uma casa onde ficou preso.

Quanto a Ida Pfeiffer e ao conde, depois de pensarem as feridas, acompanhavam outros negros mas sem accidente novo algum e constantemente cheios de admiração pelas bellezas da paizagem!

Quatorze mezes havia apenas da fundação de Petropolis. O fito de seus creadores fôra o estabelecimento de um ponto de abastecimento, para o Rio de Janeiro, de fructas e legumes europeus.

Uma unica rua existia então na cidade de Pedro o Magnanimo, que suppomos haja sido a primeira no Brasil, em cujo nome appareceu o suffixo grego de significação urbana, generalizadissimo depois por todo o paiz.

E por vezes do modo mais extravagante e para fins frequente e inteiramente bajulatorios ou auto-homenageadores.

De tal rua apparece-nos uma vista na obra da nossa viajante. Difficilmente conseguirá o erudito moderno das coisas da cidade serrana identificar o trecho que a figura em questão declara pertencer á antiga rua do Imperador, hoje avenida 15 de Novembro.

Ali apenas havia então pequeno renque de casas. Em grande área recentemente roçada, armava-se o arcabouço de um edificio de proporções até certo ponto avultadas, a casa de campo do Imperador. Tal paço parecia, porém, pouco poder assumir ares de alcazar. O que já se via construido prenunciava que o edificio não tomaria aspecto magestatico.

As portas de accesso, baixas e estreitas, formavam extranho contraste com as janellas largas e altas.

Em torno da residencia imperial do quasi ainda adolescente Bragança crescia a cidade que lhe fôra consagrada.

Pelas diversas gargantas e valles da vizinhança já se multiplicavam as choupanas dos colonos allemães. Aos operarios e artifices e aos negociantes procurava a administração da fazenda imperial localizar nos arredores do Paço.

Aos agricultores se concediam prazos maiores a duas ou tres geiras francezas, em posição mais afastada.

Quanta miseria a que forçava aquella pobre gente do Nassau, da Westphalia, da Rhenania, etc., a deixar o solo patrio para procurar em outro hemisferio, a tamanha distancia, asylar umas poucas geiras de terra do Brasil.

Com agradavel surpresa encontrou Ida Pfeiffer, em Petropolis, a boa velhota, sua companheira de travessia maritima. Ao Brasil viera viver com o filho, emigrado de alguns annos já.

A saudade fazia com que definhasse. A companhia do ente querido positivamente a remoçava. Foi ella quem serviu de guia aos viajantes pelas veredas da colonia allemã.

Ficou a viennense mal impressionada com a configuração daquelles alcantilados. As encostas petropolitanas eram em geral tão asperas que quando o terreno se desfloresta as chuvas fatalmente arrastariam o humus para as baixadas, esterilizando por completo os lotes offerecidos aos agricultores.

Foram os viajantes visitar grande e volumosa cascata existente a uma legua da séde da colonia. Precipitava-se «num abysmo natural», relata-nos ingenuamente a nossa itinerante.

Quanto seria curioso e, entre parenthesis, cyclopico que o tal abysmo fosse obra da mão humana!

Trata-se certamente da tão conhecida cachoeira do Itamaraty, ponto de passeio obrigatorio a todos os visitantes de Petropolis e cujos aspectos fixou Gore Ouseley numa das pranchas do seu lindo album de vistas sulamericanas e especalmente brasileiras.

Do salto do Itamaraty diz a viennense com razão que a principal belleza lhe provinha das lindas montanhas que o

emolduravam e da magestosa sombra das florestas virgens dos arredores, pois nada havia de muito notavel na altura e abundancia do seu jacto.

Tres dias durou a accidentada excursão a Petropolis. Apesar de tudo, não escarmentados voltaram os nossos dois corajosos itinerantes a pé, tomando a direcção da Estrella. Fizeram a travessia da Guanabara á noite, aproveitando a fresca.

Affirma Ida Pfeiffer que a noticia do attentado de que fóra alvo causou enorme impressão tanto em Petropolis como até no Rio de Janeiro.

Não podessemos documental-o com a apresentação de nossas feridas não haveria quem nelle acreditasse, afiança. «Garantiram-nos que o nosso aggressor deveria por força ser algum ebrio ou demente».

Afinal esclareceu-se o caso. Tratava-se de escravo recem-surrado por perverso senhor e aquilombado com o castigo acreditara poder impunemente satisfazer o odio e a sêde de vingança, matando dois individuos pertencentes, como o seu dono, áquella raça cruel, escravisadora de sua gente. Nova applicação, nas veredas da Serra da Estrella, dos velhos brocardos pelos quaes se lembra quanto o justo e o hollandez soffrem neste valle de miserias.

ANTONIO MACHADO

NOMENCLATURA URBANA DE PETROPOLIS

NOMENCLATURA VULGAR

O nome de Petropolis nasceu sob um signo feliz. Na primeira Assembléa Constituinte e Legislativa do Brasil, José Bonifacio de Andrada e Silva lembrava-o para baptizar a nova capital do paiz que se creasse afastada do litoral. Assim iniciou o Patriarcha sua fundamentada representação, firmada a 8 de Junho de 1823:

«Parece muito util e até necessario que se edifique huma nova Capital do Imperio no interior do Brazil, para assento da Côrte, da Assembléa Legislativa, e dos Tribunaes Superiores, que a Constituição determina. Esta Capital poderá chamar-se Petropole ou Brasilia.»

O nome de Petropolis devia porém entrar na geographia nacional sómente em 1843, quando D. Pedro II resolveu crear sua habitação estival nas terras de seu patrimonio situadas no planalto fluminense, a qual seria rodeada de residencias de fidalgos da Côrte, e estas por sua vez de colonias de agricultores. O Presidente da Provincia ordenava, em meiados do mesmo anno, ao chefe do departamento das obras publicas:

«... fará collocar no logar do antigo Corrego Secco um poste alto e elegante, em que se leia em letras grandes — Petropolis — para indicar a futura povoação que nesse logar se forma sob os auspicios do Senhor D. Pedro 2º.»

No correr de 1844 já o nome insigne assumia importan-

cia administrativa, embora a população local se compuzesse apenas de alguns rancheiros, de funccionarios da repartição de obras encarregada de dividir o territorio em prazos, e de trabalhadores empregados na construcção da estrada nova da serra: creavam-se o Districto de Petropolis, com autoridades policiaes e um juizado de paz, e o Curato, dois annos depois elevado a Freguezia, de São Pedro de Alcantara de Petropolis.

O Diccionario Geographico do Brasil, editado por Milliet de Saint Adolphe em principios de 1845, contém a seguinte nota sobre a rubrica Petropolis: — «Palacio imperial mandado edificar pelo imperador D. Pedro II no cimo da serra da Estrella, onde se intenta fundar uma colonia; a nova estrada de carros do Rio de Janeiro para Minas deve passar por perto do palacio e da colonia».

Em meiados do mesmo anno passou a localidade a denominar-se Colonia de Petropolis, em virtude da occupação de suas terras por consideravel numero de immigrantes engajados na Allemanha. O rapido desenvolvimento urbano da povoação, a ascendencia social que teve desde logo a alicerçar-lhe o prestigio, na intimidade das mais notaveis individualidades do paiz, permittiram-lhe em curto prazo conquistar a corôa mural de Cidade de Petropolis, conseguida sem ter passado pela categoria intermediaria de villa.

A condição citadina vinha Petropolis, aliás, apregoando nominalmente antes mesmo de se transformar em burgo colonial...

Mostraram sempre o mais justo garbo os moradores de Petropolis, nacionaes e estrangeiros, do nome heraldico e suggestivo de sua localidade. O Mercantil, em 1857, enaltecia-o de maneira a mais carinhosa:

«Petropolis, além de ser o nome mais bonito de quantos denominam as differentes freguezias, villas, cidades e provincias do Imperio, recorda uma apotheose do nome de S. M. Im-

perial, seu augusto fundador, o monarcha mais illustre, humanitario, popular e moralisado de quantos têm cingido uma corôa !»

A musa vigorosa de um poeta germanico, morador de Petropolis, saudou a nascente cidade em magnificas estrophes, conforme a seguinte amostra : «Petropolis — nenhum nome poderá ser mais expressivo ; serás no porvir, neste pequeno torrão, o throno das sciencias e da arte».

Escriptor assás illustre da actualidade, assim se refere : «Suppômos que haja sido a Cidade de Pedro, o Magnanimo, a primeira no Brasil em que appareceu o suffixo grego de significação urbana, generalisadissima, depois, por todo o paiz.»

Outro, representativo tambem da intellectualidade contemporanea, entende que o nome glorifica o principe que realizou a Independencia e o que dirigiu os destinos de nossa patria durante quasi meio seculo, sempre com a ambição de engrandecel-a em todas as espheras da actividade : «Assim devia ser. Nascêra de um acto de admiração do Pae, de outro acto de bondade do Filho, e, justamente no seu nome, rendia homenagem aos dois : Petropolis...»

Têm vivido ligadas ao nome deste bello pedaço do Brasil, no passado e no presente, as expressões poeticas de cidade das arvores e das flôres, cidade das camelias, das magnolias, dos cravos, das hortensias, cidade-jardim, Petropolis a flôr da Serra, a rainha das serras, a perola da Terra Fluminense. Continúa a ser, no Brasil republicano, a Cidade Imperial.

Poetas e prosadores excursionam amorosamente pelas eras lendarias da humanidade para formarem as alegorias mais amaveis com que exteriorisam suas impressões. — Petropolis, Cidade Eden, Paraizo escondido num cantinho da Terra a extasiar com as riquezas de sua flora, com a graça de suas collinas e a poesia gorgeante de seus regatos. — Terra da Promissão, manancial de delicias offerecido aos homens sequiosos de um refugio á canicula e ás molestias infec-

ciosas da beira-mar, moderna Chanaan que pelo clima purissimo, pela quietude bucolica, attrae, como um iman, os forasteiros. — Jardim de Babylonia, eidade alcandorada, alta e florida como um Jardim de Semiramis, creação do genero humano porfiando em disputar o titulo de uma de suas maravilhas mais perfeitas. — Formosa Cidade-Presepe, magnificente, amoravel, acolhedora, igual ás que sonhamos e idealizamos na meninice. — Cidade de Is, cuja legenda revive num pincaro de serra, guardando religiosamente, na Cathedral da Redemptora, os despojos de seus excelsos Imperadores, cuja vida foi um alto e nobre exemplo de amor á Patria.

Cidade favorita dos Grandes do Imperio e da Republica, familiar e respeitada de todos os filhos do Brasil pelo brilho da sua funcção de sub-capital do paiz e pela participação historica em acontecimentos da vida nacional, Petropolis tem provocado tambem as mais curiosas comparações com varios sitios notaveis do velho continente, com a faustosa Versalhes, a heraldica Potsdam, a nobilissima Cintra, com a pittoresca Baden-Baden, com a cidade real de Aranjuez. Compararam-na, já, a Kronstad, da Russia.

Cortada de canaes atravessados por pontes e passadiços, foi considerada a Veneza Brasileira; e considerada tambem tem sido, por seus dons paizagisticos e attraente temperatura, uma Suissa tropical, sempre verde e florida.

Na poesia enthusiastica de um cantor allemão, «por certo succederá que um dia Petropolis virá a ser a Athenas do Brasil».

Para muitos, porém, Petropolis affirma sua physionomia verdadeiramente propria, mas typicamente, gloriosamente brasileira, sem carecer de gentis confrontos ditados pela admiração captivante. Petropolis é, tão sómente: Petropolis, a incomparavel.

E a todos os conceitos sobreleva o seguinte, pela feliz

inspiração: «Petropolis é um Brasil pequenino em plena ascenção para uma surpreendente finalidade.»

Antes de se vulgarizar o nome luso da Serra da Estrella — na qual se acha edificada a cidade de Petropolis — davam-lhe os roteiros e os foraes, umas vezes a denominação de Serra da Cayoába, por influencia do tradicional ribeirão que sobre ella se precipita pela aberta da Grota Funda, outras vezes a de Serra do Frade, como ainda é conhecido um morro situado á sua ilharga. Ao cahir da tarde o planeta Venus, baixo no horizonte, grande e muito luminoso, surgia aos tropeiros e viajantes que demandando, do interior, de muito longe, os ancoradouros da baixada, recebiam a illusão da estrella de Bethlem que descêsse lentamente sobre as montanhas que se converteriam um dia na Cidade-Presepe, na Cidade-Jardim — «suspensa num pedestal da serra, como altar enfeitado em que a Natureza rende graças a Deus».

Nasceu, assim. a denominação poetica, que já existiria ao formar-se o arraial ribeirinho e que, com o andar dos annos, supplantou o brasilico Inhomirim usado pelo rio.

A soberba serra dos Orgãos, — assim baptizada pela orographia bizarra de seus penhascos que se aprumam, isolados, para as alturas, e facilitam aos que se encontram na região guanabarina a apparencia de enormes tubos de um gigantesco orgão, — foi denominada pela visão do littoral para dentro. A da Estrella não maravilhou pelo aspecto de seus montes, de seus picos, que se apresentam igualmente magestosos e singulares; denominada pela visão do interior para o littoral, teve Vesper como madrinha, — a mais linda habitadora dos espaços.

Entretanto, alguns autores pretendem destruir a conjectura romanesca. Eis como se pronuncia Manoel Moreira de Azevedo em trabalho de 1882, enviado á Sociedade de Geographia de Lisbôa, que lhe pedira esclarecimentos a respeito da serra de nome identico ao da que existe em Portugal:

«Foi a povoação da Estrella outrora muito florescente e commercial. Neila se vê a capella de Nossa Senhora da Estrella, edificada sobre um outeiro, logo abaixo da serra desse nome, e que deve sua fundação ao primitivo possuidor de uma vasta sesmaria nas margens do Inhomirim. Talvez desse santuario proviesse o nome á montanha».

Fale agora José Mattoso Maia Forte em parecer mais recente: «A denominação de Estrella conferida á serra data do estabelecimento do porto no local em que Simão Botelho, em principios do seculo dezoito, erigiu a capella de N.a S.a da Estrella. Parece fóra de duvida que foi da capella que se originou a denominação dada ao porto, ao rio e á serra; e não desta ao rio e ao porto».

Outros insinuam que o nome teria vingado em razão da fórma estellar da localidade, que passou, por isso, a se chamar Estrella.

Pretende-se ainda admittir outra causa: os moradores da baixada vislumbravam, no rigor do sol, luminosidades intensas, refulgentes, que se desprendiam das montanhas graniticas da Cayoába, as quaes, por suas irradiações estellares, provocaram o nome de origem tão controvertida...

A composição do vocabulo Cayoába, de genese gentilica, tem facilitado varias decifrações: rio dominando a selva, agua das cachoeiras da matta, rio travessia do monte.

O rio Cayoába, tendo suas origens nas fragosidades do morro do Frade, despenha-se, em leito eriçado de pedras, pela serra da Estrella; fórma rumorejantes cachoeiras, recebe de ambos os lados, nas alturas e na planicie, diversos affluentes, e vae lançar-se na margem direita do rio que foi outrora, na baixada fluminense, o mais sulcado por embarcações cargueiras, — o Inhomirim.

Quando das investidas dos primeiros devassadores do

sertão, o valle do Cayoába, como ainda hoje, mas então coberto de mattaria continua e bravia, offereceu a brecha mais accessivel — mais curta, recta e commoda — para transposição da barreira encrespada de flancos escarpados, de serranias alcantiladas, que se estende da bacia de Magé á de Iguassú. Foi, incontestavelmente, o factor geographico que facilitou o caminho da civilização ás montanhas e valles da bacia do Piabanha.

A primeira estrada de subida da serra, feita no tempo dos vice-reis, limitou-se a melhorar, — alargando, nivelando, empedrando — a trilha aberta pelo gentio nas encostas da Cayoába, caminho que vinha sendo penosamente utilizado por tropas e viajantes. Pelo mesmo valle correu a excellente estrada de rodagem, macadamisada, contemporanea da fundação de Petropolis.

Pelos valles do Cayoába e do Piabanha projectou o grande Irineu Evangelista de Souza a linha ferroviaria destinada a alcançar as margens do São Francisco.

A estrada de ferro de Petropolis aproveitou a aberta do Cayoába; acompanhando o curso do rio mais ou menos proximo, atravessa-o duas vezes: numa ponte de pedra com 4 vãos na totalidade de 20 metros e altura de 12, e no viaducto da Grota Funda, que tem 58 metros de comprimento e 25 de altura. O Cayoába, depois de engrossado pelos ribeirões do Tombo da Serra e do Cortiço, tributarios da margem direita, e pelo Cayoába-mirim, da margem esquerda, e que é transposto pela linha ferrea por uma ponte de cimento armado, fórma o açude da Fabrica de Tecidos Cometa, no Meio da Serra, já no municipio de Magé.

Generalizou-se o tratamento de mantiquiranos dispensado aos tropeiros vendedores de quitanda, procedam das roças da Taquára, serra vizinha á da Estrella, ou da serra con-

tigua, Mantiquira, da qual uma parte, apenas, se considera territorio de Petropolis, correndo pela Mantiquira a nossa linha divisoria com o municipio de Iguassú.

A séde da antiga fazenda da Taquára ficava no sopé da serra. Uma estrada sinuosa, subindo e beirando morros, atravessando trechos das duas serras, ligava o porto do Pilar ás nossas montanhas meridionaes, de onde os viajantes seguiam ao valle do Parahyba tomando o caminho do Piabanha ou a picada do Paty, esta já em desuso pelos meiados do seculo passado, mas que ha oitenta annos se projecta restaurar, desde os tempos do sr. conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz na Presidencia da Provincia, tendo sido então, dos estudos preliminares, encarregados os engenheiros João Christovam Moncken e Otto Reimarus...

A gigantesca rodovia Rio-Petropolis, que se apartou do traçado da antiga estrada normal, aproveitou, para alcançar a cidade pelo valle do Quitandinha, o antigo traço do caminho tropeiro Matto Grosso-Taquára-Mantiquira, que ainda conserva trechos utilizados, servindo a sitios de lavoura.

A região petropolitana das duas serras, em apertados valles e gargantas onde as aguas pluviaes permanecem estagnadas, constitue zona de sertão ainda não bastante conhecida, pertencendo embora ao districto da cidade. «O rio Mantiquira, ou do Ramos, — informa Moreira Pinto — representa um dos braços formadores do Pilar, o mais consideravel tributario do Iguassú, por sua vez o mais importante do respectivo municipio.»

Resumimos informações de trabalhos devidos ao erudito sr. Mattoso Maia Forte : «O Mantiquira procede de terras de Petropolis que foram do Conde D'Eu. Nasce de importante cachoeira situada na serra Marcos da Costa. Das vertentes oppostas vertem as nascentes dos rios Quitandinha, Bingen e Mosella, que concorrem para formar o Piabanha, e as do Rio da Cidade, que tambem converge para este, abaixo de Nogueira».

Taquára, expressão tomada ao tupy, designa, como

ninguem ignora, uma casta de bambú, e quer dizer: a haste furada, o tronco furado, ou ôco.

Mantiquira, antigo Amantiquira, provém de mã-tykyr, do qual resultou tambem Mantiqueira modelado mais á portugueza. Francisco Freire Allemão, concordando com Antonil, informa que na lingua dos indigenas a palavra significa: serra sujeita a frequentes aguaceiros..

Servindo a rios, ribeirões e lagôas, dez vezes se encontra applicada na geographia nacional a denominação de nosso rio tronco.

O Piabanha fluminense, collector de vasta região, o mais notavel affluente da margem direita do extenso e caudaloso Parahyba, a este recolhe quasi todas as vertentes do municipio onde começa, grande parte das do municipio onde termina, e ainda a maior parte das aguas do municipio parallelo, de Therezopolis. Calcula-se o volume medio de suas aguas em 50.000 litros por segundo; nas enchentes vae ao quintuplo. Tem oitenta kilometros de curso, sendo a differença de nivel de Petropolis ao Parahyba de mais de 500 metros. Forma-se por traz do bello penhasco do Retiro; no perimetro urbano conflue com o Quitandinha, por sua vez confluente do Palatino. Das nascentes á foz recebe um numero incalculavel de corregos e ribeirões: no municipio de Petropolis os rios Itamaraty, Bom Successo e Santo Antonio, no de Parahyba o Preto, collector do Paquequer Pequeno, e o Fagundes, que procede do municipio de Vassouras. Depois da confluencia com o Preto, mais volumoso do que elle, fórma ilhas e cachoeiras. Milliet de Saint Adolphe, em 1845, considerou-o navegavel entre a foz do Fagundes e o seu desaguadouro.

Bemfadado pela natureza, acha-se collocado singularmente, no Parahyba, quasi frente a frente com o Parahybuna, que desce das montanhas de Minas.

Esta circumstancia, alliada ás vantagens de seu valle amplo, quasi sem obstaculos ingratos de precipicios despenhados e boqueirões intransponiveis, estimulou o desenvolvimento das terras que o margeiam e dos valles que para elle convergem.

Se a aberta do Cayoába teve importancia decisiva afim de unir a baixada á nossa serra-acima, a do Piabanha influiu preponderantemente para a passagem por Petropolis das grandes vias de penetração.

A celebrada estrada da éra das bandeiras que dos arraiaes auriferos, perlongando o roteiro do Parahybuna, procurava um atalho menos escabroso e cansativo que o do Tinguá e Iguassú, encontrou por traz da Serra dos Orgãos, na aberta do Piabanha, facilidades e segurança incomparaveis para chegar á margem dos rios navegaveis que conduziam á Guanabara.

O caminho Piabanha-Parahybuna passou a ser a estrada real de Minas, invariavelmente escolhida para o transito da força armada, das tropas de commercio, de toda casta de viajantes.

Mais tarde foi a União e Industria — o milagre de tenacidade de Mariano Procopio — que teve como norteador de seu traçado o valle do Piabanha, e poude apresentar, mercê tambem de suas excellentes obras de engenharia, uma declividade admiravelmente suave, por assim dizer imperceptivel. Depois a estrada de ferro, primeiro até Areal, em seguida até Entre-Rios, margeou quanto possivel o seu curso. Numerosas são as pontes de serventia publica sobre o Piabanha: algumas municipaes, outras tantas estadoaes, muitas federaes, da antiga estrada a macadame.

O nosso sympathico Piabanha, banhando muitas povoações pittorescas onde a vida agricola, a da pecuaria, a do commercio, a de veraneio, prosperam de modo promissor,

apresenta tambem innumeros encantos, panoramas de primeira ordem, que são motivo de admiração frequente dos nossos visitantes.

Fornece a força motriz á maior fabrica de tecidos de Petropolis, situada em Cascatinha. Em Alberto Torres, onde dispõe de um volume dagua sufficiente para 60.000 H. P., aproveitam-no para a producção de força e luz que são distribuidas a Petropolis, a Nictheroy, a varias outras cidades.

O valle do Piabanha, pelas facilidades de transporte que offerece, converteu todas as povoações do perimetro petropolitano em verdadeiros suburbios da cidade.

Piabanha, nome de um peixe fluvial — dizem os diccionarios. Nos tempos primitivos seria o sinuoso rio petropolitano enormemente piscoso dessa especie ichthyologica. Talvez tambem o selvicola considerasse manchadas as suas aguas. Baptista Caetano, Theodoro Sampaio, e outros, traduzem: Piabanha, corruptela de Pyá-bãi — o que é manchado...

O rio Piabanha nasce na falda occidental da Pedra do Retiro, cruza o caminho da Mosella para a Fazenda Ingleza, desce pelos quarteirões Woerstadt e Bingen e pela rua Carlos Gomes. Para uma visita ás nascentes do Piabanha, pódem-se escolher diversos circuitos, entrando livremente ou sahindo pelo Bingen, pela Mosella como pelo Retiro.

Desse modo relata o Club Excursionista de Petropolis — em optimo trabalho inserto no Album de Petropolis editado pela nossa Prefeitura — a marcha do Piabanha em direcção á cidade.

Percorrida a rua Carlos Gomes, recebe pela margem esquerda o Paulo Barbosa, nascido na Mosella, percorre toda a avenida que por isso mesmo tomou o nome de Piabanha, e após a confluencia com o Quitandinha segue pela Westphalia margeando a União e Industria.

O Piabanha não chega a ser, quasi, um rio citadino; pelo menos não consegue alcançar o coração da cidade.

Nascendo em zona rural, passa ligeiramente, e de través, pela área urbana, voltando á sua condição de rio de arrabalde e da roça. E' commum, entretanto, dizer-se que a cidade está edificada entre montanhas, nos valles do Piabanha, e que o rio de curso suburbano se desenvolve através dos meandros da cidade, banhando quasi todas as suas ruas.

Muita gente suppõe que os rios da avenida Quinze — Palatino (antigo Corrego Secco) e Quitandinha — têm o nome de Piabanha, havendo tambem os que não conseguem saber como se chama o rio que percorre as avenidas Sete de Setembro, Tiradentes, Koeler, Primeiro de Março e Sete de Abril.

São. a este respeito, numerosos os equivocos. Alguns escriptores evitam cautelosamente caracterizar qual é, dos rios petropolitanos, o Piabanha, emquanto outros não sentem embaraço em generalizar o nome tradicional a todos os que atravessam a cidade em varios sentidos.

Em 1859, o conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro assegurava em interessante estudo descriptivo da novel cidade de Petropolis :

«Deslisa brandamente pelo meio da cidade o rio Piabanha, sobre o qual se assentam algumas pontes que permittem o trajecto entre os bairros em que ella se divide.

O capim que tapiza as margens do rio, assim como suas ruas e praças, revelam que a natureza ainda não cedeu de todo o campo á arte ; e é isto a nosso ver o que constitue a mór belleza desta tão romantica localidade.»

Decorridos quasi oitenta annos, uma narrativa do municipio de Petropolis incide na mesma affirmação : «A cidade de Petropolis é muito pittoresca e original, considerada das mais bellas do mundo. Com suas avenidas e ruas largas, ora cortadas pelo Piabanha, ora subindo a encosta de um morro, lembra algumas vezes os canaes da Hollanda, outras vezes as cidades da Suissa».

Um vespertino carioca, em suas notas mundanas, escreveu ultimamente : «Petropolis é uma terra de evocações en-

cantadoras. O Piabanha, zig-zagueando através de toda a cidade, dá-lhe qualquer cousa de poetico e sentimental. E alguns habitos da população completam o quadro».

Em 1885, o jornalista José Nicoláo Tinoco de Almeida, autor do livro «Petropolis — Guia de Viagem», asseverava resolutamente : «Suas ruas são na maior parte planas, macadamizadas e cortadas por confluentes do Corrego Secco de outrora, hoje Piabanha».

E cincoenta annos depois um jornal terrantez, a proposito das chuvas torrenciaes de Janeiro, noticiava desta forma a inundação soffrida pela avenida 15 de Novembro — conferindo aos dois rios que a percorrem o nome do que desce do Bingen : «As casas commerciaes que ficam entre o Theatro Petropolis e a ponte que dá para a rua Barão de Teffé, foram invadidas pelas aguas do Piabanha, felizmente não causando as mesmas estragos de monta».

Alfredo Moreira Pinto, emquanto as geographias localizavam vagamente a formação do Piabanha nas serranias de Petropolis, considerou-o, no seu Diccionario Geographico de 1895, nascido da juncção dos rios Quitandinha e Palatino. Da descripção que fez do centro da cidade, reproduzimos os seguintes periodos : «Avenida Quinze de Novembro, antigamente rua do Imperador, com 1.100 metros de comprimento e 30 de largura. E' a mais commercial e extensa da cidade. Começa na praça da Inconfidencia e termina na Rhenania. Atravessada pelos rios Palatinado e Quitandinha, que se reunem no meio da avenida, em frente ao Jardim Municipal em uma bacia sobre a qual ha uma ponte, tomando dahi por deante o nome de Piabanha.

Avenida Koeler, antiga rua D. Affonso, a mais bonita das avenidas da cidade, atravessada pelo Piabanha, que ao chegar á praça da Liberdade, recurva-se para atravessar a avenida Primeiro de Março, antiga rua Bragança».

Entretanto, deve ser considerado continuação do Quitandinha o curso dagua que da confluencia formada na praça D. Pedro II vae até á confluencia formada pouco antes da

praça Mariano Procopio. Os mappas municipaes silenciam a respeito. Como rio Quitandinha o classificou o prof. Paulo Monte na «Chorographia do Municipio de Petropolis», publicada em 1925.

Acha-se a cidade installada nas antigas fazendas, contiguas, Corrego Secco e Quitandinha; eram estas contornadas pelas que se denominavam Morro Queimado, Retiro de São Thomaz e São Luiz, Itamaraty, Velasco e Matto Grosso — attingidas tambem pelas extremidades territoriaes do districto citadino.

A estrada real que do Porto da Estrella conduzia a Minas Geraes, alcançando o alto da serra atravessava o territorio da futura Petropolis pelo valle do Corrego Secco, hoje Palatino, e subia o morro do Quissamã para descer ao valle do Itamaraty e alcançar o do Piabanha, que acompanhava até Pedro do Rio.

Refere uma tradição terem sido os tropeiros que engendraram e fizeram vingar a denominação pouco lisongeira de Corrego Secco; sendo de seu itinerario o caminho ao longo do principal curso d'agua da fazenda, apresentava este geralmente muito magro volume, e dahi surgir o appellido exagerado.

Não deixa tambem de ser interessante constatar-se ter sido usual o nome de Rio Secco conferido á propriedade que se popularisou com o de Corrego Secco.

Balthazar da Silva Lisbôa escrevia em 1786: «Passada a serra na estrada das Minas, apparece o Rio Secco, não porque o seja, mas sim porque se vadêa a pé».

Uma lei de 1789 sobre divisão administrativa da capitania fluminense mencionava Rio Secco em logar de Corrego Secco.

A proprietaria da fazenda, d. Catharina Josepha de Jesus, viuva de Manoel Vieira Affonso, registrava em seu testamento de 1823: «Declaro que os bens que ha são a fazenda do Rio Secco, na qual moro», etc. Entretanto, a in-

fluencia do nome ingrato fez com que um viajante conscienciosо, num mez de Abril, em 1823, o brigadeiro Cunha Mattos observasse: «Cheguei ao sitio do Corrego Secco, que não leva agua no tempo presente».

Muitos annos depois, um estrangeiro illustre, o dr. Hermann Burmeister, em Dezembro de 61, esclarecia: «Corrego Secco, porque o respectivo leito fica sem agua durante certa época do anno».

Não se pode tambem deixar de constatar haver sido singularmente calumniado pelos que o baptizaram o nosso sympathico Palatino, que reduzindo seu volume no periodo da estiagem, não chega, entretanto, a «seccar»; além disso, a essa situação periodica estão sujeitos todos os seus irmãos, iguaes, maiores ou menores.

Outra versão pretende que a denominação da fazenda derivou da pouca fertilidade dos terrenos e não da pouca agua do rio. Eram as terras consideradas fracas, aproveitaveis apenas ao cultivo de um ou outro producto; e na linguagem usada pelo povo a expressão «corgo secco» applicava-se a terrenos que negassem força á agricultura.

O nome de Quitandinha teria sido adoptado em opposição ao de Corrego Secco.

Emquanto nesta ultima propriedade até a producção de forragem de animaes era pouca ou nenhuma, na outra produziam-se variados generos de quitanda, entre cereaes e fructas, que os tropeiros conduziam aos embarcadouros da baixada, afim de seguirem para o Rio.

O dr. Alvaro Cantanheda registrou a respeito a seguinte tradição: «Recebeu o nome de Quitandinha porque era o ponto de feira de productos agricolas, que iam e vinham de Minas, quando Petropolis era caminho para o interior do paiz e Estrella representava importante papel como porto de importação e exportação».

Na Bibliotheca Municipal de Petropolis encontram-se tres copias de cartas geographicas sobremaneira uteis ao

estudo do gradual alargamento territorial da cidade e ao conhecimento de suas mais remotas denominações locativas.

Possuem esses interessantes documentos os seguintes cabeçalhos:

— «Planta de Petropolis mandada levantar pelo presidente da Provincia do Rio de Janeiro, o exmo. sr. Conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, para se juntar ao seu relatorio de 1846.»

— «Planta da Imperial Colonia de Petropolis reduzida para guia dos visitantes por Otto Reimarus em 1854.»

— «Planta reduzida pelo major Taunay em 1861 da Imperial Cidade de Petropolis e seus quarteirões coloniaes.»

Dos cursos d'agua petropolitanos, tres apenas, ao fundar-se Petropolis, possuiam nome.

O engenheiro Koeler respeitou os de Quitandinha e Piabanha e mudou, por improprio e antipathico, o de Corrego Secco; formando-se este nos altos do Palatinato Superior e banhando tambem de ponta a ponta o Inferior, chrismou-o de Palatino, nome ainda hoje pouco firme, porque além de ser, com frequencia, trocado, inadvertidamente, por Palatinato, muita gente pretende, indevidamente, substituil-o por Morin.

Á planta de 46 assignaia formar-se o Palatino de dois ramos que confluem ainda dentro do circulo de montanhas do Palatinato Superior, um, mais longo, com aquella denominação, e outro com o titulo de Limpo, que aliás não significou, como poderá parecer, um qualificativo da sua limpidez; limpas eram então todas as aguas de Petropolis...

Os corregos e ribeirões que atravessavam as mattas da antiga fazenda, todos com a classificação pomposa de «rios», tiveram por padrinhos individualidades então em evidencia. Algumas teriam merecido tal homenagem por haverem auxiliado os immigrantes-colonisadores ou, de qualquer modo, prestado serviços em favor da povoação nascente; entre-

tanto, para a escolha de outras, o major Koeler havia de ter-se movido apenas por um sentimento de sympathia pessoal.

Estavam de cima os liberaes, de modo que os nomes de politicos foram escolhidos sómente entre os filiados ao partido de Aureliano. Quasi todos os que compunham o ministerio organizado um mez antes da fundação da colonia, tiveram seus nomes apadrinhando a familia fluvial de Petropolis.

A outros tres corregos tributarios do Palatino deu o major Koeler os nomes de: — Gusmão (nasce no Alto da Serra, percorre em galeria a rua Thereza passando em frente á Fabrica de Tecidos Cometa, dahi procura o rio tronco, atravessa, encoberto, a praça Woerstadt, e despeja na margem esquerda por baixo da ponte que une a praça á rua dr. Sá Earp); — Odorico (desce o morro Costa Gama no sentido da rua Santos Dumont e atravessa em canalisação subterranea a rua dr. Sá Earp, diluindo-se na magem direita; e — Lomonosoff (nasce no quarteirão Suisso, percorre, todo canalisado em galeria a rua Benjamin Constant, finalizando na mesma margem, por traz da estação da estrada de ferro).

Esses nomes devem-se reportar a: — Antonio Paulino Limpo de Abreu, ministro do Imperio, da Justiça e dos Estrangeiros em varios ministerios do periodo regencial, da Justiça no ministerio nomeado pelo Imperador logo após a Maioridade e dos Estrangeiros no que governava quando se realizou o povoamento de Petropolis; presidente do Senado em varias legislaturas, gentilhomem da Casa Imperial, dignatario de numerosas Ordens, visconde de Abaeté em 54; foi proprietario em Petropolis. — José Manoel Carlos de Gusmão, brigadeiro, «camarista e amigo muito dedicado do sr. D. Pedro II, que nos dias de grande gala ia a cavallo guardando o coche do Imperador, na qualidade de Estribeiro-Mór» (Henrique Raffard, Pessoas e Cousas do Brasil). Commendador e cavalleiro de varias Ordens, o brigadeiro Gusmão casou-se em meiados de 46 com d. Leopoldina Isabel de Verna Magalhães; em 55 adquiriu um terreno em nossa rua de Joinville

(av. Ypiranga); não chegou porém a construir, tendo fallecido pouco depois. — Manoel Odorico Mendes, nome assás conhecido nas letras brasileiras, collega de Julio Koeler no Instituto Historico e Geographico, representante do Maranhão nas duas primeiras legislaturas e deputado por Minas-Geraes ao tempo da fundação de Petropolis; jornalista illustrissimo, poeta, traductor classico de Virgilio e Homero. — Serge de Lomonosoff, personagem brilhante do corpo diplomatico, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Russia, conselheiro de Estado em sua patria, dignatario da Ordem Imperial do Cruzeiro e commendador da Ordem brasileira de Christo (Almanack Laemmert, 1846).

Nenhuma das plantas registra o affluente da margem esquerda do Palatino que atravessa canalisado a rua Thereza — o rio da Garganta ou da Caixa d'Agua — formado nas encostas do morro que os moradores denominam 24 de Maio. Em 1850 e poucos foi este volume d'agua captado para abastecimento publico do centro de Petropolis, serviço por fim abandonado, passando a serem utilizadas, para supprimento geral da cidade, as aguas do rio Grotão no alto-Caxambú.

Tributario da margem esquerda do Quitandinha, quasi nas suas nascentes, existe o ribeirão denominado Laemmert que nasce no quarteirão Worms e o atravessa. A área inicial de Petropolis limitava-se ás terras da fazenda do Corrego Secco; em 47 abrangeu tambem o territorio da Quitandinha, — de modo que a região ligada ao valle do Laemmert sómente se assignala nas plantas que se seguiram á de 46. Nestas entretanto não se encontram registrados o ribeirão que recebe as vertentes da Cremerie e conflue com o Quitandinha, margem direita, no começo da estrada da Taquára, e um outro, tambem de regular volume, que percorre o quarteirão Rhenania Superior finalizando á margem esquerda do Quitandinha um tanto acima da Ponte do Fones. Ao que ba-

nha a Cremerie deu a superintendencia da «fazenda de Petropolis» o titulo de rio Moss e ao originario da Rhenania Superior o de Velho da Silva.

Eduardo Lammert (certamente o homenageado do quarteirão Worms), oriundo de uma familia de Baden, chegou ao Rio de Janeiro em 1826. Elie e seu irmão Henrique fundaram em 1833 uma typographia e livraria, sob a firma Eduardo & Henrique Laemmert, que teve larga fama; em 1845 foi editado, com materia correspondente ao anno anterior, o primeiro volume do Almanack Laemmert, que continuou sendo publicado annualmente durante cerca de oitenta annos. Eduardo exercia em 47 as funcções de consul de Baden no Rio de Janeiro. Henrique foi proprietario em Petropolis.

O commendador José Maria Velho da Silva, medico, escriptor, lente do Collegio Pedro II, socio do Instituto Historico e Geograpbico, dignatario de diversas Ordens, teve a seu cargo durante annos a mordomia da Casa Imperial, tendo tido tambem a superintendencia da Imperial Fazenda de Petropolis.

Moss, que deu nome ao ribeirão da Cremerie, talvez seja o mesmo que, antes de 49, na rua central do quarteirão Francez, hoje avenida Ypiranga, fundou o Hotel Moss, destinado a viver pouco tempo; no edificio desse hotel, funccionou depois o collegio de Mme. Diémer.

Banhando a Simeria encontram-se: — ribeirão Saturnino (termina na Ponte do Fones, procede das vertentes da Simeria oppostas á Castellanea, é acompanhado sempre pela antiga estrada hoje rua Olavo Bilac); — corrego Theremin (procede do Cortiço de Cima, é acompanhado pela antiga rua Theobald, hoje São Sebastião, e afflue á margem esquerda do Saturnino); e um outro ribeirão, conhecido pelo nome de rio da Simeria, que se origina dos lados do quarteirão Italiano e conflue com o Saturnino pela margem esquerda deste, no começo da antiga estrada da Fazenda Campos, hoje rua Presidente Sodré.

Banhando a Castellanea encontram-se assignalados: —

ribeirão Aureliano (procede dos altos do quarteirão, é acompanhado sempre pela rua Saldanha Marinho, despeja nas Duas Pontes); — corrego Ribeiro (um dos que derivam do morro entre a Castellanea e a rua Thereza e affluem á margem direita do Aureliano); e — corrego Verna (nasce das vertentes da Castellanea oppostas á Simeria, é acompanhado pela rua Christovão Colombo em toda a sua extensão e afflue á margem esquerda do Aureliano, na antiga praça do Sol, hoje Pasteur). Os principaes cursos d'agua desses quarteirões gemeos, — affluentes da margem direira do Quitandinha — receberam nomes tambem irmãos: — Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, então presidente da provincia do Rio de Janeiro, mais tarde Visconde de Sepetiba; e — Saturnino de Souza e Oliveira, que occupava na mesma época o cargo de Inspector da Alfandega da capital do Imperio. Politico militante, já havia exercido outros mandatos administrativos, foi ministro dos Estrangeiros e da Justiça no gabinete de 22-5-47 e pertenceu posteriormente á Camara vitalicia. Nascêra na casa da fazenda do Corrego Secco, em 1803, ao tempo em que o pae, engenheiro-major, Aureliano de Souza e Oliveira, dirigia a construcção da estrada empedrada da serra velha da Estrella.

O nome de Theremin refere-se a Leão von Theremin, figura de relevo no commercio importador da capital do paiz.

O almanack Laemmert relativo a 46, informa: «Leo Theremin, consul da Prussia no Rio de Janeiro, cavalleiro da Ordem da Aguia Vermelha 4a. classe, encarregado do Consulado Geral, rua do Sabão 39». A outras fontes devemos os seguintes informes:

«Guilherme von Theremin, um dos fundadores da sociedade Germania (7 de Agosto de 1821); vice-presidente da Societé Philantropique Suisse, protectora dos suissos pobres de Nova Friburgo; consul geral da Prussia no Brasil, de 1824 a 1836; chefe da firma Theremin & Cia., estabelecida á rua

do Rosario ; fallecido em 1844. Succedeu-o na chefia da casa commercial Leão von Theremin. Guilherme von Theremin residia numa linda chacara situada na Praia da Gloria.

Era amador da arte de desenho e pintura ; a firma A. L. Sachse, de Berlim, litographou as suas vistas do Rio de Janeiro (1835), que hoje se acham no Instituto Historico e Geographico Brasileiro.»

O nome de Ribeiro refere-se, evidentemente, a José Cezario de Miranda Ribeiro, membro do Instituto Historico e Geographico desde a fundação em 1839, grande do Imperio, conselheiro de Estado em 42, senador por São Paulo a partir de Fevereiro de 44, agraciado com o titulo de visconde de Uberaba em 54.

Ha na historia politica da época um outro Ribeiro que poderia ter sido tambem o homenageado do major Koeler — o dr. Domiciano Leite Ribeiro, nascido em 1812, advogado e jornalista em 45 e mais tarde grande do Imperio, do Conselho do Estado e da Corôa, ministro da Agricultura em 64, presidente da provincia do Rio de Janeiro em 65, visconde de Araxá em 72. E finalmente o nome de Verna homenageou o conselheiro Ernesto Frederico de Verna Magalhães Coutinho, portuguez de nascimento, filho de Joaquim José de Magalhães Coutinho e Marianna Carlota Verna de Magalhães Coutinho, que vieram para o Brasil acompanhando D. João VI.

Engenheiro e diplomata, o conselheiro Verna fez parte da comitiva que em 43 conduziu a noiva imperial D. Thereza Christina da côrte de Napoles á do Rio de Janeiro.

D. Marianna, aia do Imperador infante Pedro II, sua segunda mãe na estima, foi agraciada com o titulo de condessa de Belmonte.

O conselheiro Verna, official da Ordem Imperial do Cruzeiro, commendador da Ordem de Christo, dignatario da Ordem da Rosa, gran-cruz de Francisco I de Napoles, era em 45 gentilhomem da Imperial Camara.

Henrique Raffard deu ao nome Verna procedencia italiana, contestando os que lhe attribuiam origem allemã e en-

tendiam que o vocabulo devia ser escripto com W. Ha no Rio de Janeiro, no bairro do Engenho Novo, uma rua denominada Werna de Magalhães.

Os corregos que serpeavam pelo quarteirão Rhenania Inferior e affluiam á margem esquerda do Quitandinha, hoje canalisados em galeria em quasi todo o percurso, receberam os nomes de: — Cavalcanti, o que vem se formando dos altos do Valparaiso e finaliza pouco acima da foz do Aureliano, nas Duas Pontes; e—Koeler, o que, annos atraz, ainda tocava um moinho, e hoje desce encoberto pela rua Rocha Cardoso, vasando logo acima do açude que serve á Fabrica de Tecidos São Pedro de Alcantara.

O primeiro corrego homenageou a um membro proeminente de illustre estirpe, o tenente-coronel Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, conselheiro de Estado, senador por Pernambuco, gentilhomem da Imperial Camara, dignatario de diversas ordens, ministro em varios gabinetes, visconde de Albuquerque em 54; na época do povoamento de Petropolis dirigia os ministerios da Guerra e da Marinha.

Para o segundo, o major Julio Frederico Koeler adoptou seu proprio nome, porque o mesmo banhava sua chacara, que occupava o circuito hoje conhecido por Terra Santa; a casa de morada devia ficar um pouco acima do local onde se ergue o edificio da unica loja maçonica aqui existente.

Pertence ao major Carlos A. Taunay o seguinte relato (Viagem Pittoresca a Petropolis, 1862) no qual elle lembrava que o caminho hoje rua Monsenhor Bacellar poderia chamar-se apropriadamente Major Koeler: «Na praça D. Affonso, á esquerda, ao sahir da rua Bourbon, encontra-se uma travessa (chamal-a-hemos de Major Koeler) que parece dever espichar contra dorso de morro, porém, que desemboca em recinto plano quasi circular, cuja dimensão surpreende, todo circumdado por collinas com arvoredo que o preservam de olhares indiscretos. Se o paiz fosse vulcanico, cuidaria a

gente que estava no fundo de alguma cratéra apagada. Seja o que fôr, esse retiro em um ermo, essa pequena Petropolis encerrada na grande, era o prazo campestre que o major Koeler se havia reservado ; era lá que meditava os planos tendentes ao melhoramento da obra a que se havia dedicado ; lá elle ensaiava as culturas que queria introduzir na colonia, hospedava os vegetaes de todo o globo que desejava naturalizar em Petropolis ; lá, luctuosa fataltdade !... mas reservemos tão tristes recordações para momento mais adequado».

Tributario da margem direita do Quitandinha, já depois deste ser engrossado pelo Palatino, Koeler registrou o ribeiro Almeida Torres que se formava de dois braços, vindo o mais extenso do Quissamã, e atravessava o quarteirão Francez (actual avenida Ypiranga), terminando ao lado do largo de São Pedro de Alcantara, hoje praça Princeza Isabel. Este corrego, muito transbordante por occasião das enchentes — hoje tambem canalisado em galeria — alcança a foz atravessando o jardim do Lyceu Fluminense. (Cumpre entretanto assignalar que este antigo curso acha-se reduzido actualmente a simples lacrimal, por terem sido as aguas, proximo ás nascentes, desviadas para a vertente opposta e encaminhadas ao corrego Quissamã, tributario do Itamaraty). O nome é homenagem a José Carlos Pereira de Almeida Torres, já então visconde de Macahé, senador pela Bahia, sua provincia natal, gentilhomem da Imperial Camara, do Conselho do Imperador, conselheiro de Estado, membro do Instituto Historico e Geographico, e com a chefia do ministerio quando se povoou Petropolis, occupando as pastas do Imperio e da Justiça. Almeida Torres foi proprietario em Petropolis.

Ao ultimo tributario do Quitandinha deu o major Koeler o nome de rio do Cemiterio por passar rente ao primitivo campo-santo, então situado no terreno onde se edificou a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Ainda hoje justifica a denominação porque, nascendo no grotão onde está a mais antiga necropole, atravessa tambem as que foram creadas

depois. Canalisado desde que chega ao cemiterio novo, corre, occulto, sob a rua Fabricio de Mattos, praça Oswaldo Cruz, ruas Montecaseros e 7 de Abril, despejando na margem esquerda do Quitandinha justamente na curva de 1º de Março — 7 de Abril, pouco acima da confluencia Quitandinha — Piabanha.

Dois ribeirões affluentes da margem direita do Piabanha mereceram do major Koeler as denominações de Avé Lallemand e Delamare : provém o primeiro do quarteirão Bingen, confluindo com o rio tronco quando este deixa o quarteirão Woerstadt ; o segundo, mais curto e de volume bem menor, provém de nascentes da encosta do morro da Presidencia, ladeia a antiga estrada desse nome, hoje rua Duque de Caxias, e despeja, canalisado, perto do Almoxarifado Municipal.

Um outro tributario da margem esquerda, que nasce no quarteirão Ingelheim e é acompanhado pela estrada central do bairro, recebeu o nome de Alpoim. A outro ribeirão, não assignalado nas plantas primitivas, que se origina dos lados do quarteirão Leopoldina, atravessa o Woerstadt e no territorio deste quarteirão dilue-se na margem direita do Piabanha, deu a superintendencia da Fazenda Imperial o titulo de Meyer.

O nome de Avé Lallement designava respeitavel familia teuta fixada no Rio de Janeiro e a seu respeito os registros da época nos offerecem as seguintes notas : Luiz Avé-Lallemant — fundador da firma Stockmeyer, Lallemant & Cia., á rua Direita n. 41, que se dedicava ao commercio em geral. E os tres irmãos : Jorge Frederico Avé-Lallemant, ecclesiastico lutherano, director da communidade allemã do Rio, desde sua organização, em 1837, até 1850. Roberto Avé-Lallemant, naturalista, medico, gosava de geral estima e se desvelou muito durante a epidemia do cholera-morbus em 1856, no Rio de Janeiro ; morreu na mesma cidade em 1884. Alexandre Avé-Lallemant, engenheiro e commerciante, um dos fundadores da firma Lallemant & Milberg, que se dedicava á corretagem

de navios, á rua Direita n, 65; fallecido em Petropolis em 1868, suas cinzas jazem no cemiterio de nossa cidade. Possivelmente o engenheiro Koeler quiz homenagear especialmente a este ultimo, seu collega de profissão, e na época consul de Lubeck.

De Lamare, designava numerosa e notavel familia de tronco francez, na qual o major Koeler ingressou pelo casamento.

Rodrigo Antonio de Moraes De Lamare — que pertenceu á comitiva de D. João VI na vinda para o Brasil — fallecido em 1837 vice-almirante, foi o precursor dessa familia que ainda ornamenta as fileiras da Armada Nacional.

Na época da fundação de Petropolis pelo menos dois De Lamare se salientavam, os irmãos Joaquim Raymundo e Rodrigo, ambos fidalgos cavalleiros da Casa Imperial.

O então capitão de corveta Joaquim Raymundo De Lamare, nascido em 1811, conselheiro em 59, visconde de Lamare, dignatario de muitas Ordens nacionaes e estrangeiras, inclusivé da Legião de Honra, almirante em 73, senador em 82, foi ministro da Marinha em 62 e em 84.

Com a denominação do riacho que atravessa o Ingelheim, quiz o major Koeler homenagear certamente o seu collega de funcções e de arma, o engenheiro militar major Francisco José dos Reis Alpoim, que em 1845 exercia a chefia do 4° districto das Obras Publicas da administração fluminense. Nome rarissimo na vida brasileira, encontra-se no Almanack Laemmert apenas um outro Alpoim — Luiz José dos Reis Alpoim, escripturario da Commissão Central de Colonização, em Nictheroy.

Relativamente ao sobrenome Meyer, possuiam-no varias individualidades que tiveram relevo na vida nacional durante os vinte ou trinta annos seguintes á formação de Petropolis.

Augusto Duque Estrada Meyer, commendador da Ordem de Christo, servia, ao fundar-se Petropolis, como guarda-roupa de S. M. João Meyer, allemão de nascimento, já se en-

contrava ha muito no Brasil quando teve a incumbencia de conduzir do Rio de Janeiro a Petropolis o primeiro contingente de colonos recem-chegados de sua patria. Aqui se radicou. Construiu sua casa de moradia em 46. Foi um dos fundadores em 53 da Sociedade de Agricultura e Industria de Petropolis e o thesoureiro da primeira directoria.

Foi professor colonial ; sua escola funccionou á entrada do Bingen, no local onde se formou a Chacara das Camelias, ha annos desapparecida, tendo sido o terreno, que pertencia aos barões de S. Joaquim, retalhado em lotes, constituindo hoje o bairro São Joaquim. Teve um negocio de hotel, o Hotel João Meyer. na rua do Imperador n. 38 — isto durante varios annos. Concorreu á primeira eleição para a formação da Camara que teria de installar a cidade ; esse primeiro pleito, como o segundo, foram annullados, tendo prevalecido o terceiro, ao qual João Meyer não concorreu. Exerceu cargos de nomeação.

Entre as familias de colonos havia a de Jacob Meyer ; e deve ter sido do nome desta familia que se originou o do ribeirão do Woerstadt.

Ao ribeirão que atravessa todo o quarteirão Mosella e afflue á margem esquerda do Piabanha na antiga praça Wiesbaden, baptisou o major Koeler com a denominação de Paulo Barbosa, sendo o mesmo entretanto geralmente conhecido pelo nome de rio da Mosella. A seus dois pequenos tributarios, ao da margem direita deu o nome de Portalegre, ao da esquerda o de Simonsen.

Paulo Barbosa da Silva, conselheiro, engenheiro militar com o posto de brigadeiro (que correspondia ao actual generalato), era em 45, e isto desde 1833, mordomo da casa Imperial, e foi um dos principaes fautores da fundação de Petropolis. Manoel de Araujo Porto Alegre, casado com Anna Paulina De Lamare, poeta, pintor e musicista, professor de architectura da Escola Militar, director da Imperial Academia de Bellas Artes, socio de muitas sociedades artisticas e scientificas do estrangeiro, orador official do Instituto Geogra-

phico durante 14 annos, enthusiasta de Petropolis, deixou bellas paginas exaltando a importancia e os encantos de nossa cidade ; barão de Santo Angelo em 74, era em 45 pintor da Imperial Camara.

Adolpho Simonsen, dinamarquez, um dos fundadores da sociedade Germania do Rio de Janeiro, desempenhava em 45 as funcções de despachante da Alfandega, de 1a. classe.

Não foi denominado, embora esteja assignalado, o curso d'agua que apanha vertentes do quarteirão Brasileiro e desce á margem esquerda do Piabanha beirando a ladeira hoje denominada rua Kopke, utilizado em tempos idos pelo estabelecimento de duchas da hoje avenida Piabanha.

De todos esses «rios» annotados em mappas antiquissimos de Petropolis — alguns modificados no seu curso natural para facilitar o escoamento, encobertos em alguns trechos ou em toda a extensão — figuram nas plantas officiaes de hoje os principaes collectores Palatino, Quitandinha e Piabanha, que partem de pontos oppostos, e, dos tributarios, apenas o Aureliano, o Alpoim, o Paulo Barbosa e o Avé-Lallemant, todos directos e descobertos.

A chamada «fazanda imperial» continuou ampliando-se, de modo a se registrarem ainda dentro das antigas terras de S. M., e do actual primeiro districto municipal, os seguintes cursos d'agua com denominações populares muito mais velhas que a de Petropolis : Cayoába, que nasce no morro do Frade e despenha-se pela serra da Estrella recebendo varios affluentes ; São Paulo, que nasce na ex-fazenda do Campos, hoje arrabalde Independencia, forma a vistosa cachoeira do Prata, além de outras menores, e verte para o valle exterior denominado Tombo da Serra ; São Raphael, que nasce no quarteirão Brasileiro e despeja na margem esquerda do Piabanha ; Cascata, tributario da mesma margem, em frente á ponte Joaquim Moreira da União e Industria, — oriundo da

vertente da Pedra do Retiro opposta ás nascentes do Piabanha; e Itamaraty, com as origens da serra da Ventania, a contribuição de varios affluentes e o desaguadouro na Cascatinha.

Nos arredores da cidade contam-se as seguintes expressões locativas pertencentes a idiomas africanos: Carangola, Caxambú, Quissamã e... Quitandinha, palavra já vernaculisada com a nossa tão usada desinencia diminutiva; e o termo brasilico Itamaraty, applicado inicialmente ao rio que tem as nascentes em elevado trecho da serra da Estrella conhecido pelo nome de serra da Ventania.

Varios escriptores antigos, no relato de suas excursões ao interior, baptisaram-no de Tamaraty.

Comprazeu-se a natureza em dispôr ajuntamentos de grandes pedras soltas em diversos trechos do Itamaraty; em varios outros, nos intervallos planos do curso superior, correm as aguas sobre um pedral meudo e movel que cobre o leito, por vezes, com ajuntamento tão perfeito que dir-se-ia obra trabalhada pelo homem.

Foram estas as singularidades que impressionaram o selvicola ou o colonisador europeu, justificando o nome cuja traducção encontramos em Theodoro Sampaio (O Tupy na Geographia Nacional): «Itamaraty, corruptela de itámarã-ty, a torrente por entre pedras soltas; póde proceder tambem de itá-moroti, as pedras branqueadas, as pedras alvissimas».

A denominação Caxambú procede certamente do aspecto de alguma montanha da respectiva zona com a configuração do instrumento musical usado nas danças africanas. O vocabulo Quissamã apresenta-se inapplicavel á significação toponymica, designativo como é, apenas, que nos conste, de uma tribu angolense.

Conta-se ainda nos arredores da cidade a expressão locativa Retiro — antiga fazenda Retiro de São Thomaz e São Luiz. Pedro Gonçalves Dias e sua mulher Maria Bri-

gida da Assumpção Corrêa eram proprietarios da fazenda da Samambaia, em cuja casa solarenga residiam.

Era d. Maria Brigida irmã do Padre Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, dono da fazenda dos Corrêas, e do dr. Agostinho Corrêa da Silva Goulão, professor no Rio de Janeiro e dono da fazenda de Santo Antonio, no interior de Itaipava.

Do casal de Pedro Gonçalves Dias houve os seguintes filhos: Thomaz, Luiz e Brigida. Tendo o casal adquirido o territorio do outro lado do Piabanha que começava no limite da fazenda do Corrego Secco, pouco abaixo do sitio onde está construido o Matadouro Modelo, e se estendia até quasi á fazenda dos Corrêas, recebeu essa propriedade o titulo de «Retiro»; e do nome dos dois primeiros rebentos do casal se originaram os subtitulos «de São Thomaz e São Luiz».

Luiz Gonçalves Dias Corrêa, sacerdote, conego do cabido do bispado do Rio de Janeiro, herdeiro da Samambaia, onde sempre viveu, foi o primeiro vigario da freguezia de São Pedro de Alcantara de Petropolis, que se creou em 1846.

Thomaz Gonçalves Dias Goulão, commendador da Ordem de Christo, herdeiro da fazenda do Retiro, que nunca teve habitação senhorial, constituiu no extremo posterior de suas terras a fazendola da Engenhoca com uma linda casa posta em outeiro. No arraial do Retiro ergue-se, em agradavel posição, a capella que tem por orago São Thomaz de Aquino. Em terras da Engenhoca acha-se edificado o confortavel Sanatorio de Corrêas, do Professor dr. Valois Souto.

Brigida Maria casou-se com o major José Candido Fragoso e ao casal pertenceu a fazenda da Arca, onde se acha installada a Fazenda de Férias do Seminario São José pertencente á Mitra Archiepiscopal do Rio de Janeiro.

Considera-se, em geral, o bairo do Retiro como perten tencendo ao perimetro urbano. Entende, mesmo, o distincto engenheiro dr. João Glasl Veiga «que as ruas do Retiro devem fazer parte do 1º districto, devido á propria direcção que

toma a linha divisoria indicada nas plantas, como tambem porque o Retiro sempre esteve na Parochia de São Pedro de Alcantara».

A mais antiga carta geographica de Petropolis, tirada mais ou menos anno e meio após a chegada dos colonizadores allemães, registra duas povoações urbanas — a Villa Thereza no Alto da Serra e a Villa Imperial tendo por centro a confluencia da Bacia — e, contornando-as, onze nucleos coloniaes dispondo de caminhos de accesso com a séde da Administração, e assim localizados:

Abrangendo todo o valle do rio Palatino, dois com o nome de Palatinato, — Superior e Inferior —; em valles tributarios da margem direita do rio Quitandinha, dois, contiguos, Simeria e Castellanea; dois outros denominados Rhenania, — Central e Inferior — abrangendo: o valle do rio, um, e ampla região ao lado esquerdo, o outro; em zona situada á esquerda do rio Piabanha, dois, Ingelheim e Mosella, e ao longo desse rio, mais tres, Bingen, Nassau e Westphalia. Do estro de Joaquim Norberto de Souza e Silva existe uma composição de 1850 na qual o poeta canta as magnificencias da Petropolis-nascente e faz uma referencia aos seus quarteirões:

«Eis aqui Villa Thereza,
que mostra os Palatinatos,
sitios risonhos e gratos,
e a Petropolis conduz;

....

Eis Nassau, eis Westphalia,
Bingen, Simeria, Mosella,
e a Castellanea tão bella,
e as Rhenanias tambem!»

Omittiu o Ingelheim, castigando-o com o silencio certamente por considerar a palavra pouco euphonica.

O nome de Villa Thereza ha muito tempo já não se usa. Mais facilmente se dá o titulo de villa ao bairro residencial Independencia, creado ha menos de vinte annos. O nome de Villa Thereza poderia ainda reviver se acaso vingasse o desejo, manifestado por algumas pessoas, de que se elimine o titulo por demais trivial de Estação do Alto da Serra — generalizado a quasi todas as estações ferroviarias situadas após a ascenção de serras — adoptando a Companhia Leopoldina, para essa estação, o nome de Villa Thereza, intimamente ligado á tradição local.

O quarteirão Nassau, collocado entre o valle do rio do Cemiterio e o Ingelheim, até á Westphalia, abrangia as ruas Nunes Machado, Fabricio de Mattos, Paulino Affonso, Carlos Gomes, Montecaseros, Sete de Abril e Piabanha; seu nome sahiu inteiramente da circulação desde que a rua Nassau passou a denominar-se avenida Piabanha.

O quarteirão Palatinato Superior ha longos annos tem o nome supplantado pelo de Morin, de creação popular. Von Tschudi, diplomata suisso, relacionando os quarteirões de Petropolis em livro publicado em sua patria em 1866, com impressões de sua estada em nossa cidade em 57-58 e 60-61, já não regista o nome de Palatinato Superior, mas o de Morin.

Com a diffusão que vem augmentando do nome de Dr. Sá Earp dado á antiga rua do Palatinato Inferior, a expressão Palatinato tende a restringir-se cada vez mais.

As estradas centraes da Castellanea e Simeria são hoje as ruas Saldanha Marinho, Christovão Colombo e Olavo Bilac.

A avenida da Westphalia denomina-se Barão do Rio Branco. Os novos appellidos, entretanto, não fizeram desapparecer as antigas denominações, que continuam sendo applicadas aos respectivos bairros.

Dá-se o nome de Castellanea Velha á região que a rua Christovão Colombo atravessa.

O nome Rhenania tem-se mantido vivaz devido unicamente á taboleta que o exhibe nos bondes electricos da respectiva linha ; supprimida esta, como parece provavel, a tradicional denominação cahirá no esquecimento. A chamada Rhenania Central abrange as ruas Washington Luis e Coronel Veiga. Da Rhenania Inferior foi desmembrado, mais ou menos em 1850, o sitio da Presidencia, que se denominou a principio Presidente, nome assignalado nos mais antigos mappas da Fazenda Imperial ; o restante se converteu nos bairros Valparaizo e Terra Santa.

Os onze quarteirões e as duas villas constituiam o territorio da fazenda do Corrego Secco.

O engenheiro Julio Koeler, promovendo essa divisão, situou em varios quarteirões, de preferencia na juncção de rios, um terreno para servir de praça publica, baptisando igualmente taes logradouros com expressões geographicas allemãs, excepto os da Villa Imperial, que receberam os nomes de praça do Imperador, hoje D. Pedro II, praça de São Pedro d'Alcantara, hoje Princeza Isabel, e praça de D. Affonso, hoje Ruy Barbosa.

Dos largos coloniaes, apenas um sobrevive : a praça Nassau, hoje Oswaldo Cruz. Dois outros talvez ainda existam, em condições bastante precarias, por terem ficado muito reduzidos : a praça Woerstadt que dividia os quarteirões Palatinato, na foz do rio Gusmão (encruzilhada das ruas Padre Feijó, coronel Baptista da Silva e lado par da avenida General Marciano de Magalhães) e a praça Wiesbaden, no principio das ruas Mosella e Carlos Gomes e fim do lado par da avenida Piabanha (foz do rio Paulo Barbosa).

Desappareceu a praça S. Gout, depois São Jorge, mais tarde Dr. Seabra (nas Duas Pontes, foz dos rios, oppostos, Aureliano e Cavalcanti). Existe hoje uma praça J. J. Seabra no principio da rua Gonçalves Dias, lado impar.

A praça de Coblentz — chamada tambem campo da Confluencia e igualmente conhecida por campo de Sant'Anna e Passeio Publico — como que desappareceu desde que em

seu recinto se construiu o Palacio de Crystal, tendo voltado entretanto, recentemente, com a retirada do gradil e uma intelligente remodelação, a ser um lindo parque publico; a praça de Ingelheim, na foz do rio Delamare, está occupada pelo Almoxarifado Municipal; a praça de Mainz, no Palatinato Inferior, existiu tambem, na banda da rua Souza Franco trilhada pela Leopoldina Railway. O mappa de Petropolis, de 1846, igualmente assignala, no quarteirão Bingen, a praça de Kreuznach e a praça de Bingen, e no quarteirão Westphalia a praça de Münster, que certamente nem chegaram a ser abertas.

Todos os almanacks de Petropolis têm errado quanto á localisação da praça Woerstadt. Põem-na entre as ruas Mosella, Carlos Gomes e Piabanha (local da praça Wiesbaden).

O quarteirão Woerstadt — entre Medina-Sidonia, Ypiranga, Mosella e Ingelheim — foi creado annos depois da administração Koeler. Este serviu-se da palavra Woerstadt para designar, apenas, a praça dos Palatinatos.

Como a praça Wiesbaden ficasse perto do quarteirão Woerstadt, alguem, menos prevenido, deu causa ao engano, que se vem repetindo em varias publicações. Para a praça situada nos limites dos quarteirões Mosella e Nassau, o major Koeler escolhêra o nome de Wiesbaden lembrando-se que a cidade allemã desse nome era a capital da provincia de Nassau.

E' interessante tambem observar que desde os tempos primitivos Petropolis preferiu a classificação, sem duvida mais aristocratica, de «praça», numa época em que, mesmo no Rio, o criterio era adoptar-se para taes logradouros o titulo de «largo».

Esta expressão ainda hoje perdura em tradicionaes praças da capital do paiz, — no largo de São Francisco, no largo da Carioca, de Santa Rita, da Lapa, do Estacio, e até

no largo do Machado, nome que continúa a impôr-se, não obstante substituido officialmente ha muitos annos pela denominação de praça Duque de Caxias.

A área da cidade não tardou a ampliar-se consideravelmente, como se verifica da planta tirada pelo coronel de engenheiros Otto Reimarus, que registra dez bairros novos, ou quarteirões, creados entre 47 e 54, incluindo o Presidencia, que não fugiu ao qualificativo de quarteirão.

A' Rhenania Central foram accrescentados o Rhenania Superior e, a seguir, em valles exteriores, o Worms, limite de Petropolis com Iguassú; ao Bingen, o Darmstadt, continuação do estrada do Bingen, na direcção das nascentes do Piabanha; e ao Ingelheim e Mosella, o Woerstadt, territorio tambem conhecido por Pedras Brancas. Ahi terminou a introducção de palavras germanicas na geographia de Petropolis.

Por qualificativos patrios foram denominados os quarteirões: Inglez, Suisso, Francez e Brasileiro.

Não é possivel determinar o numero de individuos dessas nacionalidades — habitantes de Petropolis á época em que taes quarteirões foram creados. No seu primeiro anno de existencia, registou a povoação petropolitana, entre outras nacionalidades: 83 brasileiros, 15 francezes, 7 inglezes e 1 suisso — segundo uma estatistica incluida no relatorio do Presidente da Provincia, referente a 1846.

O Hotel Bragança do casal francez Charbonnier, o Hotel de França do francez Olive, o Hotel Suisso pertencente a Francisco Gabriel Chiffelle, de nacionalidade helvetica, todos na rua do Imperador, foram inaugurados em 47; e pouco depois já existiam tambem o Hotel Inglez, na rua do Honorio, pertencente ao inglez A. A. Carpenter, e o Hotel da Presidencia pertencente ao inglez Thomas Land.

Este ultimo, sahindo da longinqua Presidencia, estabeleceu-se com o mesmo ramo de negocio em recanto mais afastado ainda, na área do quarteirão Inglez hoje conhecida pelo nome de Independencia. Não se conhece a denominação

que teve esse seu ultimo estabelecimento. Da circumstancia de residir no local um inglez, originou-se provavelmente o titulo que a fazenda imperial adoptou para o quarteirão.

Thomas Land falleceu a 6 de Março de 1858.

Parte do quarteirão Inglez — e do quarteirão Italiano — constituiram a propriedade agricola de um sr. Leblond, na qual (informa em 62 o major Taunay) «o dono se esmerava em patronisar ricos e custosos ensaios de cultivo das arvores fructiferas de maior estimação na Europa, porém com insignificante resultado». «Tomando á mão esquerda, alcança-se o Alto do Imperador, de onde se desfructa novo panorama sobre a bahia de Guanabara, em nada inferior ao que se obtem da Villa Thereza».

Consoante ainda o depoimento do major Taunay, a fazenda Leblond não prosperava porque «onde faltam as vistas do dono, nada vinga, especialmente em tentativas agricolas ou horticolas».

O predio da loja maçonica de Petropolis foi em tempo remoto a casa de moradia de um sr. Leblond; e a tradição regista que a antiga ponte de madeira das proximidades, ligando as ruas actualmente denominadas Washington Luis e Rocha Cardoso, teve a denominação popular de Ponte do Leblon.

No sitio do Leblon desenvolve-se o nucleo residencial Independencia, conhecido anteriormente, durante muito tempo, pelo nome de Fazenda do Campos, não obstante seu proprietario, Antonio Pereira Campos, ter adoptado, e procurado generalisar, para a linda estancia, infructiferamente, o titulo de Fazenda Santa Margarida, em honra ao nome de sua esposa. O interessante local poderia ser hoje o nosso bairro do Leblon.

Quem sabe mesmo se esse respeitavel estrangeiro, que em Petropolis trabalhou improficuamente pelo progresso da agricultura, não é o mesmo que deu o nome ao lindo bairro atlantico do Rio de Janeiro?

Tanto o nome do quarteirão Inglez como o do quarteirão Francez tiveram popularidade ephemera. Ficára este ultimo constituido de uma porção de territorio desmembrada da Villa Imperial — o espaço entre as actuaes ruas Treze de Maio e Fonseca Ramos — e lhe assistira por isso um privilegio : o caminho que o atravessava recebeu honroso titulo, o do principe francez de Joinville.

Para a adopção do nome de quarteirão Francez devia ter influido a circumstancia de haver merecido o local a preferencia de alguns cidadãos francezes, que ali adquiriram prazos.

Antes de 1854 já se encontrava estabelecida na rua de Joinville (hoje avenida Ypiranga) a casa de educação de meninas sob a maternal direcção de madame Jenny Diémer, cujo marido, Affonso Diémer, antigo professor de desenho no Rio de Janeiro, estava encarregado dos negocios de seus compatriotas em Petropolis. Em 57 já ali morava o medico francez Napoleão Thouzet, «que com magnifica collecção de orchidéas e bromelias conseguiu arranjar poetico retiro, onde, após os labores quotidianos, descançava» ; e em 62 fundou, na mesma rua, uma Casa de Saude que se manteve por alguns annos.

Thouzet exerceu tambem em Petropolis o cargo de delegado do consul geral da França.

A região entre a Mosella e a Westphalia recebeu o nome de Quarteirão Brasileiro devido á seguinte circumstancia : povoado nas suas brenhas e gargantas por colonos allemães, quasi todos das familias Mayworm e Spangenberg, precisamente na entrada, á margem do corrego que despeja no Piabanha, se localizára a familia, brasileira, de José Luiz Teixeira, lavrador. Começou o local a ser designado como o quarteirão dos brasileiros, nome que a Superintendencia da Fazenda Imperial homologou.

Era natural tambem que a esse quarteirão puzessem o nome de «brasileiro» por ser dali para baixo que começava a haver predominanaia de moradores filhos do paiz.

A estrada que atravessa a região recebeu ha alguns annos o titulo de rua Professor Stroele, que o povo vem adoptando, sem impedir que o bairro continue conhecido pelo nome de Quarteirão Brasileiro.

O mesmo acontece com o Quarteirão Suisso, denominação que teve origem semelhante á daquelle outro — porque os seus dois prazos iniciaes foram tomados em primeira mão, em 48, pelo cidadão suisso Francisco Gabriel Chiffelle.

Recebendo seu caminho central os nomes de av. Benjamin Constant e rua Casemiro de Abreu, o titulo do bairro não sahiu do uso popular. Aliás, considera-se Quarteirão Suisso apenas o territorio da rua João Caetano para cima.

Em seguimento ao Quarteirão Francez creou-se um outro, que mereceu o titulo de Quarteirão Princeza Imperial, em homenagem a D. Isabel d'Alcantara e Bragança, então ainda não Condessa d'Eu. Collocado no local tradicionalmente conhecido por Quissamã, o nome não logrou enraizar-se, e até em actos officiaes empregava-se o designativo Quarteirão Quissamã ; aliás, a rua que o atravessa — trecho da tradicional Estrada dos Mineiros — conservou sempre o nome de rua do Quissamã (começa na juncção da rua Silva Jardim e estrada da Floresta e finalisa na ponte sobre o rio Itamaraty — ponte Paula Buarque).

O territorio dos quarteirões Rhenania Superior, Italiano, Inglez e Worms constituia o que se chamava então a Fazenda da Quitandinha, cedida á Fazenda Imperial por seu proprietario o major Koeler.

A' Rhenania Superior pertencem o aprazivel sitio que ainda se conhece por Quitandinha, bem como o que se tornou conhecido por Cremerie. Em frente a este, num circulo de montanhas, encontra-se o povoado pertencente ao mesmo quarteirão e conhecido por Fazenda Mendes da Rocha ; fundou-o o dr. Francisco Mendes da Rocha e vem obtendo regular desenvolvimento.

O trecho das estradas Quitandinha e Taquara que atravessa a Rhenania Superior, denomina-se hoje rua General

Rondon e estrada Rio-Petropolis. A estrada da Fazenda Campos, que conduz ao Nucleo de Veraneio Independencia, passou a ser a estrada Presidente Sodré. A estrada do Quarteirão Presidencia, entre a rua Bingen e a Villa Militar do 1º B. C., recebeu recentemente o titulo de rua Duque de Caxias.

Dos nomes das antigas estradas dos quarteirões coloniaes conservamos cinco apenas: rua Mosella, que começa no fim da av. Piabanha, lado par, e finaliza na estrada da Fazenda Ingleza; rua Ingelheim, que partindo da rua Carlos Gomes vae ao fim do quarteirão; rua Bingen, que vae do fim das ruas Paulino Affonso e Carlos Gomes ao principio das ruas Woerstadt e Darmstadt; rua Woerstadt, que começa no fim da rua Bingen e vae terminar na zona rural; rua Darmstadt, que tem inicio na juncção das ruas Bingen e Woerstadt e atravessa o respectivo quarteirão.

Conserva-se tambem sem ter sido mudado pelo poder publico o nome da estrada do quarteirão Itamaraty, estrada que começa no fim da rua Quissamã — ponte Paula Buarque, limite dos 1º e 2º districtos — e finaliza na praça Vieira Christo, em Cascatinha.

O povo em geral não acerta com a pronuncia dos nomes Ingelheim, Woerstadt e Darmstadt, e os estropia á vontade. Se as ruas dos demais quarteirões foram rebaptizadas, e correspondiam a expressões assás populares — Castellanea, Simeria, Nassau, Palatinato, Presidencia, Westphalia, etc. — não seria demasiado que o mesmo acontecesse a essas tres; conservar-se-iam intangiveis apenas as tradicionalissimas denominações Mosella e Bingen.

O Bingen (vocabulo que, seja dito de passagem, ouve-se, a miudo, pronunciado com o g brando) é considerado o mais populoso de nossos quarteirões porque o seu nome estendeu-se, — e está sendo applicado a territorios dos quarteirões vizinhos, especialmente o Darmstadt. Magnificamente situada no alto de uma collina deste ultimo, ergue-se, dominando toda a redondeza verdejante, a linda Capella de Nossa

Senhora Auxiliadora. Ella se encontra no fim da rua Darmstadt, que começa no fim da rua Bingen ; entretanto, todo o mundo a considera a capella do Bingen.

Consoante o mappa de 1854. de autoria do engenheiro Reimarus, possuia Petropolis a esse tempo a Villa Imperial, a Villa Thereza e vinte e um quarteirões coloniaes.

A Superintendencia do Palacio Imperial continuou adquirindo terras ; e em 58, segundo um seu relatorio, sete novos bairros haviam surgido, um com o titulo de villa e seis com o de quarteirão, contornando os existentes e formando a zona rural do 1° districto : Leopoldina, acima do Bingen, no caminho para Marcos da Costa ; Medina-Sidonia, acima da Mosella, em terras que limitam com a Fazenda Ingleza ; Mineiro, no morro da Saudade, entre o Quissamã e o Itamaraty ; Itamaraty, entre o Quissamã, o Caxambú e a Cascatinha ; Portuguez, nas montanhas do Caxambú ; Ypiranga, por traz do penhasco do Retiro, abrangendo as nascentes do Piabanha.

A região que recebeu o nome de Villa Isabel estende-se, montanhosa e agreste, com moradores muito esparsos, entre o quarteirão Ypiranga e os limites do territorio denominado Fazenda do Retiro. Todos os «indicadores» de Petropolis registram impropriamente : «Villa Isabel — Retiro», deixando suppôr que a villa abrange a povoação formada á margem da União e Industria, no local onde havia uma «barreira», e que se tornou conhecida pelo nome de Retiro devido a ter a região pertencido á fazenda chamada Retiro de São Thomaz e São Luiz.

A Villa Isabel fica muito para o interior, bastante acima da Chacara das Rosas. Não são foreiras á Fazenda Imperial as terras denominadas Retiro.

Mais tarde foram ainda creados o quarteirão Grão-Pará, nas montanhas sertanejas da Mantiquira, e um outro, o Italiano, circulado pelo Cortiço de Cima, Cremerie e quarteirão Inglez. A área mais interessante da Independencia, aquella

em que está localisado o Bar, pertence ao quarteirão Italiano.

Na escolha desses nomes para as terras incorporadas por ultimo á «fazenda imperial», predominou sensivel diversidade de significação.

Encontra-se tres vezes recordada a familia de D. Pedro II: Grão-Pará representava o titulo que a Constituição do Imperio adoptára para ser usado pelo principe a quem coubesse a herança da Corôa; Leopoldina homenageava a segunda e ultima filha dos imperantes, nascida em 1847 e que se casaria em 64 com o principe allemão Duque de Saxe; Isabel reverenciava a princeza imperial que havia de se tornar a Redemptora.

O nome de Villa Isabel adoptado por Petropolis para um de seus recantos, precedeu á denominação do bairro de Villa Isabel, no Rio de Janeiro, acontecimento que se verificou em regosijo pela lei do ventre livre, de 1871.

Ypiranga,, expressão patriotica, lembrava o riacho historico a cuja margem D. Pedro I lançou o grito heroico da Independencia do Brasil; Itamaraty justifica-se por ter o respectivo territorio pertencido á antiga fazenda desse nome; um tanto imprecisa a denominação Mineiro, em todo o caso deve ter sido escolhida porque o quarteirão ficou localisado á margem da estrada tropeira que durante quasi dois seculos offerecêra communicação com Minas Geraes. Os titulos de Quarteirão Portuguez e Quarteirão Italiano impuzeram-se tambem por circumstancias occasionaes, que ainda hoje se justificam: nos boqueirões e grotões do Caxambú estavam installados varios lavradores usitanos, e entre a Simeria e a região das nascentes do corrego São Paulo se estabeleceram os primeiros trabalhadores italianos que demandaram as terras de Petropolis, passando a dedicar-se de preferencia á industria do carvão vegetal.

São de 1862 os seguintes informes do major Taunay (Viagem Pittoresca a Petropolis): «Os dois districtos de que a freguezia se compõe, contam de população fixa para cima de seis mil pessoas, entre as quaes dois mil allemães catho-

licos e oitocentos protestantes. De outras nacionalidades estrangeiras apenas ha sessenta francezes, quarenta italianos; o resto consta em grande parte de naturaes de Portugal, sendo os brasileiros natos pouco numerosos, salvo no segundo districto, onde estão estabelecidas muitas familias».

Apparece muito pouco applicavel, com grande dóse de esquesitice, a designação Medina-Sidonia conferida ao quarteirão vizinho dos quarteirões Leopoldina e Woerstadt e da Fazenda Ingleza.

A que estranho proposito obedeceu a Superintendencia da Fazenda Imperial recorrendo, para baptisar um recanto de Petropolis, ao nome de uma familia ducal de Hespanha cujos ascendentes se celebrisaram nos velhos tempos dos Felippes?

Evidentemente a escolha resultou de algum episodio de relevo que tenha posto em fóco, na occasião, o illustre titulo de nobreza.

Alguns desses quarteirões tiveram sempre seus nomes ignorados por quasi todo o mundo (Leopoldina, Ypiranga, Mineiro, Villa Isabel). Outros, como o Italiano e o Portuguez, cahiram em desuso. Este ultimo só é conhecido por Caxambú, nome assás tradicional, anterior ao da cidade.

Denomina se estrada do Caxambú o caminho, tortuoso e rude, que sóbe da rua Montevidéo á represa do rio Grotão, que abastece a cidade de agua potavel.

A arteria que atravessa o quarteirão Mineiro, indo da rua Fonseca Ramos á estrada da Cascatinha, denomina-se estrada da Saudade. Antigos moradores ainda lhe dão, porém, o tratamento de picada.

Conta a nomenclatura adoptada pela Companhia Immobiliaria de Petropolis 32 divisões territoriaes, isto é, 3 villas e 29 quarteirões.

O vulgo entretanto tem augmentado por sua conta o numero destes ultimos; e deste modo se registram, no uso popular como, continuamente, no noticiario da imprensa: quarteirão Braun, que occupa certo trecho do morro Costa Gama,

(rua Bartholomeu de Gusmão, no fim quasi da rua Santos Dumont), tendo a denominação nascido da circumstancia de haver sido o local habitado por numerosa familia com aquelle sobrenome ; quarteirão Floresta, antiga região do Quissamã conhecida por Floresta ; quarteirão Pequeno, entre a rua José de Alencar e a rua Ingelheim, na Mosella ; quarteirão das Bananeiras, no começo da rua Mosella.

De quando em quando surgem as denominações, escriptas ou faladas, quarteirão Tombo da Serra, quarteirão Ponte do Fones, quarteirão da Taquara, quarteirão Retiro, sendo que essas localidades nunca tiveram tal qualificativo.

Nem todas as terras que compõem o primeiro districto estão subordinadas á Fazenda Imperial.

O territorio que se conhece por Fazenda Ingleza, povoado de pequenos lavradores e criadores, é constituido de terras proprias.

Não pertencem tambem á Fazenda Imperial as terras do Cortiço de Cima, logarejo vizinho da Simeria ; e igual situação possuem as do Cortiço de Baixo, povoação situada na encosta da serra, á ilharga da soberba montanha do Cortiço — sentinella avançada da serra de Petropolis, como expressivamente a considera o nosso Club Excursionista.

A denominação Cortiço, applicada ao popular penedo, proveiu de um grande rancho ou barracão que existiu junto a esse monumento da natureza, mais ou menos no meio da serra, e que servia de albergue ás turmas de trabalhadores empregados nas obras de construcção da estrada macadamisada entre a raiz da serra e Petropolis.

O barracão, que se convertia em colmeia humana acabado o trabalho quotidiano, passou apropriadamente a ser conhecido pelo titulo de Cortiço, titulo que não desappareceria com elle, por ter facilmente se introduzido na toponymia petropolitana.

As terras que vieram a constituir a Fazenda Ingleza — refere tambem a tradição — pertenceram a um lavrador por todos considerado «o inglez».

Descendia elle de paes portuguezes, mas nascêra na Inglaterra. A propriedade, que deve ter sido fundada nos primeiros annos do seculo passado, chamava-se a Fazenda do Inglez. Com o passar do tempo a denominação transformou-se na actual; conserva ainda, porém, o nome de rio do Inglez o curso dagua que fórma o valle principal da fazenda e que passa em seguida a chamar-se Rio da Cidade e dilue-se no Piabanha, em Bom Succosso.

Aspectos sem duvida interessantes, por vezes surpregendentes, será possivel colher-se de uma peregrinação aos dominios historicos da cidade através dos nomes que têm servido para o baptismo de seus logradouros publicos.

O quarteirão Villa imperial, que occupava a área central das terras imperiaes, abrangendo o valle da confluencia Palatino-Quitandinha e se estendendo em torno do morro do Cruzeiro, contou desde seu inicio com as vias de commuaicação actualmente existentes.

A arteria principal mereceu o nome de rua do Imperador e o largo creado junto áquella confluencia chamou-se a praça do Imperador.

A futura avenida Quinze de Novembro, assim denominada de 89 para cá, esteve collocada ao contrario de hoje, quanto á sua numeração, durante todo o periodo monarchico. Começa hoje no principio das ruas Dr. Porciuncula e Floriano Peixoto; antigamente começava onde agora termina, isto é, no começo da rua Washington Luis (inicio da Rhenania).

Até á vinda dos trilhos da Grão-Pará, o eixo da rua do Imperador ficava mais ou menos no sitio do Hotel Bragança; as diligencias da serra penetravam naquella arteria pela actual av. Marechal Deodoro. O local depois animado pela Estação da Leopoldina constituia ainda uma especie de arrabalde.

Seja-nos licito reproduzir aqui, em parenthesis, o que em 1862 escreveu o major Carlos Augusto Taunay no seu livro

Viagem Pittoresca a Petropolis, apreciando as ruas de nossa cidade: «São ellas tão largas, lisas e bem macadamisadas que duvidamos haja no Rio de Janeiro uma sequer que possa sustentar a comparação. Esse tão perfeito quão inesperado tecido de communicações entre gargantas, correntes, brenhas, pantanos, barrancos e bibocas, é o que mais assombra os visitantes.

Elles na metropole do Imperio não estão acostumados a nada que se pareça com o que vêm achar nestes bicos de serranias».

Na planta de Petropolis tirada pelo major Koeler em 1846, figurou sem denominação a passagem que acompanhava a recta do Quitandinha da praça do Imperador ao morro da Matriz. Estando já o nome de Thereza ligado á villa projectada á entrada de Petropolis, elle evidentemente hesitou em dedicar aquelle trecho de rua á Imperatriz, por se lhe afigurar dualidade de homenagem.

O nome de rua da Imperatriz não tardou entretanto a ser applicado á actual avenida Sete de Setembro.

Existem hoje duas praças-jardim com o nome de praça D. Pedro II, fronteiras mas perfeitamente distinctas, separadas pelo rio Quitandinha e ainda pelas duas vias da avenida 7 de Setembro, e sem contacto desde que foi supprimido o saudoso passadiço, — a Ponte dos Suspiros. Essas duas praças nem sempre tiveram o mesmo nome. A área onde se encontra a estatua de D. Pedro 2° é de 1845, contemporanea da fundação da colonia. A área onde está a herma de Nilo Peçanha só teria sido reservada para logradouro publico quando foi murada a quinta imperial, em 1860 ou pouco antes. Recebeu este trecho, officialmente, o nome de praça da Imperatriz. Nos registros das Obras Publicas da Provincia, encontram-se varias referencias á praça da Imperatriz. O nome entretanto parece não ter se generalisado. Nos fins da monarchia dava-se ás duas áreas o nome de praça D. Pedro II;

em 89 passaram a ser a praça D. Pedro de Alcantara ; e ha uns quinze annos voltou a prevalecer a antiga denominação de praça D. Pedro II.

Com o tempo, a estrada da Villa Thereza converteu-se na rua Thereza, nome que ficou, devido a isso, desacompadado do titulo de «dona».

O desenvolvimento petropolitano avançou rapidamente ; a Villa Thereza passou a fazer parte integrante da cidade, — e esta dedicou, até ao advento da Republica, duas ruas a D. Thereza Christina Maria de Bourbon Bragança : ao seu primeiro nome de baptismo e á sua condição de imperatriz do Brasil.

Os primeiros edis republicanos, considerando o sentimento geral petropolitano, que continuava dispensando a D. Pedro II não apenas respeito e gratidão, mas verdeira amizade, conservaram na praça da Bacia o nome do grande patrono da cidade.

Adoptando para a rua mais movimentada a denominação de Quinze de Novembro, não adoptaram entretanto para a praça mais central o nome de praça da Republica. Dahi talvez o não ter Petropolis, ao contrario do que succede a numerosas cidades brasileiras, um logradouro dedicado especialmente á Republica.

Discute-se o motivo porque deixou de ser substituida a denominação da rua Thereza, quando o proprio nome de D. Isabel não escapou ao destino que tiveram todos os que representavam a ex-familia imperial. Allega-se que assim aconteceu porque a nomenclatura dos quarteirões era attribuição privativa da Imperial Fazenda : entretanto a rua Nassau, por exemplo, enquadrava-se igualmente na nomenclatura dos quarteirões, e a resolução demolidora de Dezembro de 89 mudou-lhe o nome para avenida Piabanha. Positivamente, o de Thereza escapou á rasoura porque a nossa primeira Camara republicana, respeitando o nome do monarcha

desthronado, quiz estender a homenagem á sua veneranda consorte, — a digna princeza napolitana que ao diadema de Imperatriz accrescentára o de Mãe dos Brasileiros.

O nome de D. Isabel representava o pensamento politico dos que admittiam a restauração da monarchia, com a implantação do terceiro reinado sob o sceptro de D. Isabel 1ª; e não seria possivel á cidade, nesse momento de accesas paixões, conservar qualquer homenagem publica á prestigiosa figura da Redemptora.

Afigura-se a muita gente sobremodo impreciso o nome de rua Thereza. «Thereza» simplesmente póde parecer o nome de primitiva moradora do Alto da Serra a quem coubesse a honra de baptisar o caminho por onde se chegava á cidade. Conviria, de certo, corrigir a irregularidade, individualizando-se o «Thereza». O nome de rua Imperatriz Thereza, adoptado officialmente, não deixaria certamente de ser praticado, com agrado, pelo povo. A tendencia dominante se manifesta no sentido de serem os nomes simplificados, encurtados o mais possivel. O «Imperatriz Thereza» não fugiria, porém, a esse criterio. Usamos denominações bem mais longas: Coronel Albino de Siqueira, Coronel Baptista da Silva, Doutor Hermogenio Silva, General Marciano de Magalhães...

Quando se fundou Petropolis o joven par imperial, que se consorciára a 4 de Setembro de 1843, possuia o primeiro filho, D. Affonso, nascido a 23 de Fevereiro de 45.

As duas praças mais favoravelmente situadas, assim como as duas ruas que promettiam ser as mais bonitas — rectilineas e planas — receberam os nomes do soberano e do herdeiro do throno.

Praça D. Affonso denominou se a actual praça Ruy Barbosa e rua D. Affonso a que hoje se conhece por avenida Koeler.

A praça do Imperador, a que o povo dava o tratamento de largo do Imperador (o major Carlos Augusto Taunay lhe deu, em 61, o nome de praça Imperial), não passou, durante todo o periodo monarchico, de um campo pouco limpo onde

vicejava o matto rasteiro, emquanto a praça D. Affonso mereceu sempre cuidados especiaes, a ponto de serem o seu ajardinamento e arborisação devidos a um plano fornecido pelo architecto paisagista Antonio Francisco Maria Glaziou, autor tambem, por incumbencia do Imperador, das admiraveis jardinagens da Quinta da Bôa Vista.

Até 1857, quando começou a funccionar o matadouro publico da Westphalia, a matança de gado praticava-se em um alpendre situado á rua D. Affonso. Da rua penosamente transitavel, ponto de reunião de animaes de córte, sujeita a constante lamaceira, surgiria a mais confortavel e encantadora avenida.

O primogenito de D. Pedro II falleceu com 2 annos e mezes, a 11 de Junho de 1847. O casal imperial teve a seguir outro filho varão, que recebeu o nome de Pedro Affonso, nascido em Julho de 48 e fallecido em Janeiro de 50. Não quiz o destino sobrevivesse a descendencia masculina de D. Pedro II. Em 89, riscado o nome de D. Affonso, receberam os dois logradouros os titulos de avenida 28 de Setembro e praça da Liberdade; mas esta ultima ainda para muita gente é a praça, ou mais propriamente, o largo D. Affonso, assim como a praça D. Pedro II continúa a ser para muitos o largo da Bacia, ou mais resumidamente — a Bacia.

Ainda recentemente se reproduziu a anomalia, no programma mandado imprimir e distribuido pela Commissão encarregada de commemorar o Dia da Patria; nelle se encontram pedacinhos como este: «O desfile escolar terminará no largo D. Affonso»...

Na época do povoamento de Petropolis, possuia o Imperador tres irmãs (do primeiro matrimonio paterno): Maria da Gloria, occupando o throno do Reino de Portugal, como segunda do nome, desde 1834; Januaria, que já então residia na Europa, casada em 44 com o principe das Duas Sicilias, conde d'Aquila; e Francisca, casada em 43 com o principe de Joinville, filho dos reis de França.

Rua D. Maria II chamou-se o prolongamento da rua da

Imperatriz que, acompanhando o rio, entroncava na rua D. Affonso, — trecho que passou, com o advento republicano, a ser a avenida Silva Xavier, crismada, ha alguns annos, de avenida Tiradentes.

As outras duas irmãs baptisaram ruas irmãs, que foram rebaptisadas em 89 por gloriosos cabos de guerra, figuras primaciaes do Exercito: rua Princesa D. Januaria era a actual avenida Marechal Deodoro e rua Princeza D. Francisca — a actual avenida General Osorio.

Em honra á dyuastia portugueza de Bragança, tronco principal da familia imperial nascida no Brasil, e á de Bourbon, a cujos ramos, napolitano, pertenciam D. Thereza Christina e o conde d'Aquila e, francez, pertencia o principe de Joinville, — foram denominadas rua Bourbon e rua Bragança os caminhos que se completavam e são actualmente a rua João Pessoa e a avenida Primeiro de Março. A primeira perdeu em 89 o antigo nome para adquirir o de rua Cruzeiro, que ha sete annos teve de ceder em troca do actual; a segunda desde os primeiros dias do regimen republicano passou a relembrar a data da terminação da guerra contra Lopez.

A respeito da passagem atravéz da garganta do morro do Cruzeiro ligando o fim da rua do Imperador á praça D. Affonso (rua Bourbon), recorda Henrique Raffard ter sido consideravel o desaterro que ali se praticou para tornar o caminho mais suave; informando tambem, quanto á rua Bragança, que tendo principiado antes de 47 o córte de morro para o necessario nivelamento, ainda em 50 existia apenas, no que é hoje a avenida 1º de Março, um atalho que precariamente communicava com o caminho para o cemiterio (então occupando a elevação onde estão assentes a Igreja e parte do Convento do Sagrado Coração de Jesus).

Os mentores da nomenclatura imperial de 45 não homenagearam a Casa de Habsburgo, que reinava na Austria. da qual tambem descendiam os principes brasileiros, filhos da archiduqueza austriaca D. Maria Leopoldina.

Dos cunhados do Imperador, o principe de Joinville,

Francisco de Orléans, baptisou o caminho que, partindo do largo da matriz já então projectada, atravessava o pequeno Quarteirão Francez, estendendo-se da antiga rua dos Protestantes até á entrada da Saudade. A rua de Joinville passou a ser, em 89, a avenida Ypiranga. O major Taunay classificou a rua Joinville de «larga, longa, bem perfilada e nivelada avenida», achando-a, noutra passagem, «menos habitada do que mereceria ser por sua largura, comprimento e irrepreensivel regularidade». Já existia nessa época o caminho que começando á esquerda da rua Joinville ia subindo entre risonhos prazos coloniaes até á chacara do illustre engenheiro que dirigira a construcção do trecho fluminense da estrada União e Industria, — capitão Antonio Maria de Oliveira Bulhões.

Chamava-se esse caminho a travessa de Joinville. Com o advento da Republica, foi a denominação mudada officialmente para travessa Garibaldi. Não teria vingado o nome do immortal condottieri; o povo estenderia á travessa o nome dado á av. e uma resolução municipal de Julho de 1891 declarou que a travessa Garibaldi passava a ser a travessa Ypiranga, — até que vinte e muitos annos depois outra deliberação, elevando a via publica de categoria, lhe conferiu o honroso, patriotico e definitivo titulo de rua José Bonifacio.

Luiz de Bourbon, conde d'Aquila, apesar de duplamente cunhado do Imperador, irmão que era da Imperatriz, não teve a honra de denominar um logradouro publico de Petropolis.

Sómente decorridos annos voltou o cadastro urbano de Petropolis a se esmaltar de nomes da realeza, agora ligados á descendencia dos soberanos.

Em homenagem á princeza D. Isabel — nascida a 29 de Julho de 1846 — adoptou-se o nome de Quarteirão Princeza Imperial para o bairro creado em seguimento ao quarteirão Francez, o Quissamã, muito procurado na época porque nelle existia «uma gruta de esconderijos, cascatinhas, e vegetal ornamentação a mais graciosa que se possa imaginar — a Gruta das Saudades» (major Taunay); e o de Villa Isabel

para recuado territorio abaixo das nascentes do Piabanha, o qual não chegou a justificar o titulo urbano visto não passar ainda hoje de logarejo de chacaras de hortaliças e flores.

Em honra á princeza D. Leopoldina — nascida a 13 de Julho de 1847 — denominou-se Quarteirão Leopoldina um longinquo trato de terras acima do Bingen, no caminho para Marcos da Costa, e que ainda hoje só de muito pouca gente é conhecido pelo nome principesco, o que aliás acontece tambem com os dois logares destinados a homenagear a Redemptora.

A' antiga rua dos Protestantes foi dada a denominação de Princeza D. Isabel, que soffreu em 89 a mudança para 13 de Maio; muito tempo depois passou o titulo de Princeza Isabel a denominar a rua aberta pela parochia de Petropolis junto ao edificio da Matriz, hoje rua São Pedro de Alcantara; e ultimamente o nome de Princeza D. Isabel vinculou-se á praça já ha muitos annos chamada pelo povo de largo da Princeza.

O nome da princeza D. Leopoldina designou desde sessenta e tantos até 89 a rua a que os fundadores de Petropolis haviam dado o titulo de rua dos Artistas; depois, o nome imperial foi substituido pelo de avenida 7 de Abril.

Esta notavel data civica não designa mais, como todos sabem, as duas vias publicas separadas pelo ultimo lance do rio Quitandinha. O lado á esquerda da confluencia Quitandinha-Piabanha recebeu, ha nove annos, o nome de Padre Siqueira, em homenagem ao benemerito sacerdote João Francisco de Siqueira Andrade, fundador do Asylo do Amparo, util educandario de meninas desvalidas, edificado no fim desse trecho, que faz esquina com a avenida 1º de Março.

Os genros do Imperador, Luiz Felippe Gastão de Orléans, conde d'Eu, consorciado com D. Isabel a 15 de Outubro de 1864, e Luiz Augusto de Coburgo e Gotha, duque de Saxe, consorciado com D. Leopoldina a 15 de Dezembro do mesmo anno, tiveram tambem seus titulos incluidos no cadastro urbano de Petropolis. Ambos denominaram o caminho que

contornava o primitivo cemiterio, já então interditado. Conde d'Eu chamava-se o trecho da actual rua Nunes Machado que começa na rua 7 de Abril e Duque de Saxe o que termina na rua Montecaseros. Substituidos os nomes nobiliarchicos pelos de celebres paladinos da Republica, Nunes Machado e Bento Gonçalves, passou mais tarde o primeiro a identificar os dois lances da rua que contorna a igreja da Ordem Franciscana.

Petropolis possue, situado em montanhas da Mantiquira, um quarteirão denominado Grão-Pará — titulo que, de accordo com a Constituição do Imperio, devia ser usado pelo principe a quem coubesse a herança presumptiva do throno. Em honra a D. Pedro d'Alcantara Orléans e Bragança, primogenito dos condes d'Eu, nascido em Petropolis a 15 de Outubro de 1875, actualmente entre nós, e hereditariamente principe do Grão-Pará, denominou-se praça Principe do Grão-Pará o logradouro a cuja frente foi ter em 83 a linha terminal da Estrada de Ferro Principe do Grão-Pará. Em 89 foi o nome mudado para praça da Inconfidencia e em 1926 a construcção do Mercado Publico Municipal limitou a praça a duas ruas em angulo, que continuam com a primitiva categoria de praça como a avenida 7 de Abril, tendo deixado de ser dupla, continua a ter officialmente o titulo de avenida.

O nome de Inconfidencia poderia ser perfeitamente substituido, desde que possuimos uma avenida Tiradentes. O Rio de Janeiro, que tem a praça Tiradentes, antigo largo do Rocio, não registra em sua nomenclatura urbana o nome de Inconfidencia.

Nenhum dos outros netos de D. Pedro II chegou a ter o nome registrado na nomenclatura da cidade imperial. Filhos dos condes d'Eu existiam mais dois — D. Luiz, nascido em Petropolis a 26 de Janeiro de 1878, e D. Antonio, nascido em Paris a 8 de Agosto de 81. Quatro eram os filhos dos duques de Saxe: D. Pedro, com pouco menos de 24 annos ao fundar-se a Republica, engenheiro pela Escola Polytechnica do

Rio de Janeiro, nascido no Rio a 19 de Março de 1866 ; D Augusto, com 22 annos em 89, segundo-tenente de nossa Marinha de Guerra, nascido em Petropolis a 6 de Dezembro de 67 ; D. José, nascido no Rio a 21 de Maio de 69, e D. Luiz, nascido em Vienna d'Austria a 16 de Setembro de 70.

Principalmente os dois principes mais velhos, que tiveram sua educação dirigida directamente pelos avós maternos — filhos de D. Leopoldina de Saxe, fallecida na capital austriaca a 7 de Fevereiro de 71 — chegaram a ter personalidade marcante na sociedade petropolitana.

A chronica se compraz em recordar os passeios matinaes, a pé, que o Imperador costumava fazer na cidade, á sombra de seu tradicional arvoredo. Sahindo de palacio, ora percorria um circulo contornando o morro do Cruzeiro — chamado o O minusculo — ora ampliava a excursão que passava a abranger o morro entre a avenida Koeler e a rua Padre Siqueira, morro nos primitivos tempos denominado dos Engenheiros.

Em ambos os casos percorria sempre caminhos com os nomes de sua familia : rua do Imperador (av. 15), rua Bourbon (João Pessoa), praça e rua D. Affonso (Ruy Barbosa e Koeler), rua D. Maria II (av. Tiradentes) e rua da Imperatriz (av. 7 de Setembro). No circulo maior — o O maiusculo — accrescentava entre a praça Ruy Barbosa e avenida Tiradentes : rua Bragança (av. 1º de Março), rua Princeza D. Leopoldina (7 de Abril) e rua Princeza D. Isabel (13 de Maio).

Sómente quando ia ás Duchas, o estabelecimento hydrotherapico de Antoine Curt, na rua Nassau, hoje av. Piabanha, afastava-se um pouco S. M. da orbita habitual.

Ha alguns annos creou a cidade a avenida D. Pedro I, homenageando o heroico cavalleiro do Ypiranga. Cumpre ainda prestar distincção identica á excelsa consorte do rei libertador. A Commissão formada para organisar o programma official das commemorações do 7 de Setembro de 1936, resolvêra suggerir aos poderes municipaes fosse dado o nome

de Imperatriz Leopoldina a uma de nossas vias publicas, como homenagem de Petropolis á paladina da nossa emancipação politica ; mas continua injustamente esquecido, entre nós, o nome da primeira Imperatriz do Brasil, aureolado, entretanto, na historia da Independencia nacional.

Torna-se igualmente imperdoavel que continue no olvido o nome de D. Luiz d'Orléans e Bragança, segundo filho do marechal conde d'Eu e da princeza D. Isabel, a Redemptora.

Foi optimo escriptor, autor de obras premiadas até pelo Instituto de França. O seu livro «Sous la croix du Sud» versou sobre o Brasil.

Official dos exercitos da Austria e da Inglaterra, revelou profundo saber, scientifico e militar, e na Guerra Européa teve papel saliente. Por molestia contrahida então, veiu a fallecer a 16 de Março de 1920. Afastado da patria, nunca deixou de amal-a extremecidamente.

A adopção de seu nome numa de nossas ruas traduziria a mais justificada homenagem a um brasileiro illustre, filho de Petropolis.

A denominação Leopoldina, de pronuncia frequentissima entre nós, serve para designar a empreza ferroviaria que se organisou em Londres ao tempo do Brasil-monarchico, — a Leopoldina Railway Co.

Adoptando esse nome, rendeu a empreza britannica uma homenagem á segunda filha do Imperador do Brasil, a princeza D. Leopoldina de Alcantara e Bragança, duqueza de Saxe.

Começando a funccionar no territorio de Minas Geraes, a empreza ampliou consideravelmente sua rede ferroviaria, acabando por incorporar as estradas de ferro que serviam a Petropolis, construidas pela engenharia nacional, e que punham a cidade e seu municipio em communicação com a capital do paiz.

Algumas de nossas ruas consagraram, inicialmente, no

mes de proprietarios locaes que deram de si alguma cousa, innegavelmente, em beneficio da collectividade.

Com o correr do tempo, entretanto, foram sendo esses nomes substituidos, embora nem todos tenham ainda desapparecido inteiramente.

Tivemos em tempos idos, a dois passos da Quinta Imperial, a travessa Wylep — sobrenome do subdito hollandez Carlos Joaquim Wylep.

Era elle estabelecido na praça do Rio de Janeiro, á rua Direita n. 31, com casa importadora, e exercia tambem a funcção de consul geral de sua patria no Brasil; estudioso de nossos problemas economicos, teve opportunidade de escrever varias brochuras sobre immigração.

Adquirira á Viscondessa de Macahé um terreno em Petropolis que abrangia o trecho mais baixo do morro da igreja. Davam ao morro este nome vulgar porque o mesmo se assignalava no seu começo por um terrapleno que estava destinado á localisação da Matriz projectada desde 1843, tendo o logradouro em frente recebido o nome de praça São Pedro de Alcantara.

O major Carlos Augusto Taunay, em 1862, na «Viagem Pittoresca a Petropolis», conferiu graciosamente ao morro o titulo de monte do Belvedere.

Em seu prazo o consul Wylep abriu, a poder de esforçados desaterros, uma vereda que das duas extremidades avançava em ladeira e passou a communicar a rua Imperatriz (hoje 7 de Setembro) com a rua Joinville (av. Ypiranga); e edificou, a meia encosta, uma vivenda de aspecto nobre e elegante, que o major Taunay descreveu: «com peristylo de columnata que apresenta na perspectiva o frontespicio de templo grego».

Em chronicas publicadas na Gazeta de Petropolis em 1893, o visconde de Taunay, acompanhando e commentando as passagens do livro do major Taunay, seu tio, confirmou o appellido poetico do morro e estendeu o nome da praça á antiga travessa Wylep:

«A casa do antigo consul da Hollanda, Wylep, com peristylo de columnata e frontespicio de templo grego, á praça São Pedro, na fralda do antigo morro de Belvedor, pertence actualmente ao sr. commendador Maximo de Souza.»

Carlos Joaquim Wylep falleceu em 1860. A travessaladeira foi se alargando e povoando de casas e sua denominação acabou absorvida pela da rua da Imperatriz.

Foi este nome substituido pelo de Sete de Setembro, que se prolongava tambem até á avenida Ypiranga.

A familia Maximo de Souza vendeu a confortavel moradia ao dr. Joaquim Francisco Moreira; nella reside hoje o dr. Paulo Figueira de Mello.

Ha alguns annos o nome aureolado de Raul de Leoni passou a impôr-se ao trecho da antiga travessa Wylep.

Menos ephemero que o nome do consul hollandez tem se revelado o de Costa Gama, outro proprietario local, dono de terras situadas no morro atravessado pela rua que ha muitos annos consagra o nome universal de Santos Dumont.

José Antonio da Costa Gama, portuguez. antigo official de nossa Marinha Mercante, teve uma casa de madeiras e materiaes estabelecida á rua do Imperador; foi cidadão eleitor por Petropolis, jurado do 1° districto, chegou a ser vereador municipal; foi elle que abriu o caminho do Costa Gama, onde residia, e em sua chacara havia um parreiral afamado pelas dimensões e excellencia da producção.

Partidario da medicina homoeopathica, ainda muito em começo, tornou-se figura popular pelo trabalho de propaganda a que se entregava, receitando e medicando.

E para muita gente ainda se mantem vivaz o nome de Costa Gama como designativo da rua que desde principios do seculo pretende homenagear o extraordinario Pae da Aviação.

Mais enraizado á nomenclatura popular se apresenta o nome de Morin que, dexando de servir a uma rua, encontra-se, entretanto, solidamente radicado ao respectivo bairro e, assim, não mais sahirá da circulação.

Antonio João Morin, major da Guarda Nacional da Corte e cidade do Rio de Janeiro, creára em terras do Palatinato Superior uma fazendinha provida principalmente de arvores fructiferas ; dispunha tambem de pastagens que alugava, recebendo animaes a trato.

A estrada que atravessava o quarteirão foi se tornando conhecida como o caminho do Morin.

O nome ampliou-se ; dominou o bairro e ainda hoje pretende estender-se ao rio que nelle se origina e tem a denominação official de Palatino.

Ha quinze annos a Municipalidade denominou a rua do Morin de avenida General Marciano de Magalhães, nome que conseguiu vingar sem fazer desapparecer o antigo, arraigado ao local.

Os autos-omnibus que servem ao Palatinato Superior, exhibem a taboleta Morin.

Registraremos ainda que no Collegio São Luiz, que pertenceu aos professores Antonio Affonso de Almeida Albuquerque e José Ferreira da Paixão e funccionava no edificio do actual Convento de Nossa Senhora de Lourdes, havia em 1870 um professor francez de nome Morin ; e na estrada de ferro Grão-Pará trabalhava em 1885, entre os engenheiros empregados no prolongamento da linha a São José do Rio Preto, um engenheiro chamado Felicio Morin.

Denominava-se primitivamenie caminho do Cortiço a passagem que estabelece communicação entre os povoados da Simeria e do Cortiço.

De certo tempo em deante passou a chamar-se a rua Theobald e conservou-se com esse nome durante muitos annos.

O povo o adoptára porque, localisado nesse caminho, ficava o prazo de Pedro Theobald. Empreendedor e diligente, o antigo colono explorou em grande escala o negocio de lenha, carvão vegetal e madeiras, com deposito na Rhena-

nia, tendo grangeado fortuna e tornando-se accionista das emprezas industriaes que aqui se estabeleceram, inclusivé da Cia. E. F. Grão Pará.

Ha dez annos, attendendo a um pedido de moradores da zona, a Municipalidade conferiu á rua Theobald o nome pelo qual é hoje conhecida, de rua S. Sebastião.

No Valparaizo tivemos a avenida Wellisch e a avenida Mora, communicando esta ultima a Terra Santa com aquelle bairro.

A primeira devia perpetuar o nome de Bernardo H. Wellisch, israelita, nascido allemão ou hungaro, — divergem os que o conheceram.

O mais forte negociante de seu tempo, com armazem de generos alimenticios por atacado e casa de consignações á rua D. Januaria n. 5 (hoje av. Marechal Deodoro), foi tambem o mais decisivo incrementador do progresso do lindo arrabalde que se conhecia então pelo nome de Valle do Paraizo. Falleceu em 1894. Dois annos após, o nome da avenida que elle creára foi mudado para o de rua Visconde do Uruguay.

Alberto Mora era cubano de nascimento; muito fez igualmente pelo desenvolvimento da região. A' sua iniciativa deve-se a abertura de duas ruas, que se cruzavam, começando uma na avenida de seu patronymico; baptisou-as com os nomes de sua esposa, Elisa, e de uma filha, Luiza.

O acto municipal que supprimiu a denominação Wellisch, fez tambem desapparecer o titulo da avenida Mora, mudado para o de rua Visconde de Itaborahy.

Os dois nomes femininos sobreviveram ainda vinte e seis annos; em 1922 a rua Elisa passou a honrar o nome sempre grato de Ernesto Paixão e a rua Luiza passou a usar o do rei universal do petroleo, Rockefeller.

Cidade essencialmente civica, Petropolis patenteia esta feição de seu caracter até na escolha dos nomes com que tem baptisado seus logradouros publicos, geralmente consa-

grados a vultos, datas e feitos primaciaes da vida da nacionalidade e a personagens que se immortalisaram na historia regional.

Guardam-se porém reminiscencias de um contingente apreciavel de expressões prosaicas, vulgares, por vezes bizarras, que no curso do tempo foram sendo instinctivamente adoptadas em materia de nomenclatura urbana. Taes expressões pediam reforma e desappareceram.

Não deixará possivelmente de ser interessante uma reportagem que relembre essas denominações inventadas pelo povo, cheias de sabor do passado, falando da infancia e crescimento de Petropolis.

A cidade foi, como é sabido, povoada de um jacto; no decorrer da segunda metade de 1845 localisaram-se, em todos os seus recantos, numerosas familias vindas da Allemanha. Deve seu traçado urbano á obra de technicos.

Todos os arruamentos que se abriram no mattagal, seguindo os cursos fluviaes ou vencendo gargantas e ladeiras, receberam nomes escolhidos pela Administração.

Entretanto, possuiu desde logo uma nomenclatura popular, propria das cidades que se vão formando lentamente, sem ordem nem plano, desamparadas de assistencia official.

Não teve a rua do Capitão-Mór ou a rua do Ouvidor. Mas teve a rua do Mordomo, que a planta de Petropolis, de 1846, já menciona.

E' hoje, logicamente, a avenida Paulo Barbosa; e recebeu inicialmente aquella denominação porque o Mordomo da Casa Imperial, brigadeiro Paulo Barbosa da Silva, agraciado com a doação de um terreno na mesma rua, construira ali sua vivenda de veraneio.

Do referido mappa, levantado pelo major Koeler, constam ainda algumas vias de transito designadas por appellidos vulgares.

Tivemos a rua dos Mineiros, que ha muitos annos vem homenageando o grande paladino da Republica, Antonio da Silva Jardim.

Durante todo o tempo da Monarchia offereceu a cidade prova typica de respeito ás velhas tradições, conservando o nome da grande arteria que tão relevantes serviços prestára á civilisação nacional.

Vindo a Republica, continuou respeitado o nome tradicional, que sómente em 1896 teve de extinguir-se para dar logar ao do intrepido republico desapparecido em 91 na cratera do Vesuvio.

O novo nome vingou; mas forçoso é confessar, em vez de Silva Jardim deviam ter dado á velha rua dos Mineiros o de Silva Xavier, ou mais propriamente o de Tiradentes.

O nome do legendario mineiro já havia sido dado desde 89 á antiga rua D. Maria II.

Podiam, porém, ter feito perfeitamente a troca, a exemplo aliás do que não ha muitos annos se praticou com os nomes de Padre Siqueira e Paulo Carneiro.

Achavam-se os mesmos evidentemente deslocados, o do maestro servindo a um trecho da avenida da Westphalia, na zona do Matadouro Municipal, e o do sacerdote no jardim publico em frente ao qual se encontra funccionando, em predio proprio, a Escola de Musica Santa Cecilia.

O governo municipal transferiu as duas denominações para onde ellas deviam ficar definitivamente, — a de Paulo Carneiro para a praça dominada pela utilissima casa de ensino de sua creação e a de Padre Siqueira para a rua em cuja esquina se acha a benemerita casa de caridade por elle fundada, o Asylo do Amparo.

Ficaram assim os dois logradouros com a devida expressão no tocante aos nomes gravados nas suas placas.

O mesmo aconteceria se o trecho da antiga estrada dos Mineiros se intitulasse hoje Tiradentes. Este nome conservaria o sentido historico do memoravel caminho de Minas, por onde passaram escoltados todos os inconfidentes de Villa Rica e por onde viajára tempos antes o heroico conspirador, aprisionado no Rio de Janeiro, para onde se dirigira afim de obter novas adhesões á causa da liberdade patria.

Tivemos tambem a rua dos Protestantes, que posteriormente se chamou Princeza D. Isabel e hoje se denomina Treze de Maio.

Foram em numero de tres as primeiras escolas coloniaes de Petropolis, creadas logo depois de installada a povoação germanica, sendo escolhidos para regel-as, por suas habilitações e bons costumes, os colonos Martinho Dupont, Henrique José Monken e Pedro Jacoby.

A deste ultimo, adepto da igreja lutherana, ficava situada no caminho entre a Villa Imperial e a Westphalia, caminho então simples viela que havia de se tornar, porém, uma das vias de transito mais movimentadas da cidade.

Na sala da escola de Pedro Jacoby se reuniam aos domingos os fieis protestantes afim de realizarem suas praticas, sendo o serviço religioso ministrado pelo proprio professor.

Mais tarde, outras escolas coloniaes se crearam, confiadas a Maria Beck Schroder, Sebastião Klaeser e sua mulher Anna Maria Klaeser, e a Henrique Rake e Guilherme Schmidt.

A partir do anno de 48 passou a communidade evangelica a ter um pastor especialmente contractado ; mas até 63, quando se inaugurou o Templo Lutherano de Petropolis, as cerimonias religiosas da communidade continuaram a fazer-se na sala da rua dos Protestantes, que amplamente justificava o appellido occasional.

Em 65 recebeu officialmente a rua o nome que homenageava a excelsa princeza herdeira do Throno, nome que, entretanto, não se generalisou, continuando vivaz o primitivo até á imposição do titulo actual.

Na rua dos Protestantes estavam localisadas as seguintes familias, todas lutheranas : Spangenberg, Finkennauer, Bretz, Berg e Pitzer.

Por inspiração do major Koeler, Petropolis inscreveu inicialmente em seu cadastro urbano duas denominações homenageando os esforçados obreiros de sua construcção.

Tivemos a rua dos Engenheiros e a rua dos Artistas.

A primeira não chegou a ser praticada como o seu idealisador a projectára. Ella devia communicar, em linha recta, o local da Confluencia (actualmente Palacio de Crystal) com a então rua D. Affonso, hoje avenida Koeler, vencendo o morro por uma passagem que certamente não se tornou accessivel.

O plano não chegou a effectivar-se, embora a travessia do morro tivesse ficado aberta ao publico, durante muitos annos.

O nome de rua dos Engenheiros estendeu-se ao trecho da actual rua Padre Siqueira até á esquina da rua 13 de Maio.

Em 1862 o major Carlos Augusto Taunay, descrevendo a cidade, informou que seguindo-se pela rua dos Protestantes chegava-se á entrada da Westphalia ; e «tomando á esquerda vae-se pela rua dos Engenheiros, de um lado do rio, ficando fronteira a dos Artistas até á praça da Confluencia».

De outra referencia do major Taunay compreende-se que o trecho a seguir, entre a Confluencia e a avenida 1º de Março, seria conhecido como a rua dos Francezes, denominação que, se chegou a ser usada, teve ephemera duração.

A arteria denominada em honra aos operarios, isto é, a rua dos Artistas, começava no principio do quarteirão Westphalia ; segundo a planta de 46, do major Koeler, abrangia as duas margens do rio e terminava no ponto onde começa a actual rua Nunes Machado, que então não existia.

Ficava a necropole da localidade no sitio occupado por essa rua, pela igreja do Sagrado Coração de Jesus e parte antiga do Convento Franciscano ; e o lance final da rua dos Artistas — a partir da esquina da então rua Bragança. hoje avenida 1º de Março — passou a chamar-se a rua do Cemiterio, nome que se conservou por alguns annos.

Em 60 e tantos a imposição do titulo de rua D. Leopoldina fez desapparecer o que homenageava pedreiros, carpinteiros e cavouqueiros e o que indicava o campo-santo, já ha muito interdictado.

Em 89 o nome em honra á segunda filha de D. Pedro II foi substituido pelo de Sete de Abril, passando a rua á categoria de avenida.

As duas vias de transito não se irmanavam, porém, por não começarem nem acabarem juntas, de modo que uma dellas, a situada á margem direita do rio, recebeu em 1929, mui justamente, o titulo de rua Padre Siqueira, continuando a outra banda a ter, indevidamente, a qualificação de avenida.

Muitos foram os nomes de genese popular que serviram para marcar certas ruas por um estabelecimento notavel que possuiam.

Tivemos segunda rua funeraria.

A planta de Petropolis de 54, tirada pelo engenheiro Otto Reimarus, registra a rua do Cemiterio, caminho que da praça Nassau (depois Berrini, em seguida Juarez, hoje Oswaldo Cruz), conduzia ao grotão onde se estabelecêra a nova necropole.

Esse campo-santo, com a creação de dois outros ao longo do referido caminho, passou á categoria de «velho» ; em 1904, um acto municipal declarou que passava a chamar-se rua Fabricio de Mattos, «a via de communicação que vae da rua Montecaseros ao cemiterio velho».

Possuem necropoles os 3º, 4º e 5º districtos, mas sómente neste ultimo surgiu, para o respectivo caminho, o nome de rua do Cemiterio.

Não sabemos se chegou a chamar-se rua da Caixa d'Agua a pequena rua do quarteirão Suisso que conduz aos reservatorios da agua do Banco Constructor, a qual desde 1902 se denomina rua Montevidéo.

E' certo, porém, ter havido em Petropolis a rua da Caixa d'Agua.

Nos primitivos tempos a represa do liquido potavel que abastecia o centro da cidade ficava localisada no morro que se denominou «da caixa d'agua» e que se vencia por um caminho ingreme e retorcido.

Foi já no alvorecer da Republica que o povo espontaneamente conferiu um nome heroico á antiga rua da Caixa d'Agua, passando a mesma a ser a rua 24 de Maio. O novo nome estendeu-se naturalmente ao bairro que vae se espalhando pelo morro.

Num de nossos districtos, o de São José do Rio Preto, existe a estrada da Caixa d'Agua.

Morro da Igreja chamou-se o pequeno monte que a Casa Imperial reservára para nelle erigir-se o templo catholico destinado a cultuar o padroeiro de Petropolis. Hoje todo edificado de casas residenciaes, sobre seu dorso se desenvolve a rua São Pedro de Alcantra, contornando o magestoso edificio da Matriz.

O bairro do Retiro, que possue a linda capella de São Thomaz de Aquino, possuiu tambem a rua da Igreja, nome mudado, ha cerca de quarenta annos, para Vidal de Negreiros.

No povoado de Cascatinha existe um logradouro publico em frente á matriz de Sant'Anna e São Joaquim ao qual o povo dá o nome de praça da Matriz e que merecia chamar-se praça Mattos Vieira. (Foi o barão de Mattos Vieira, presidente da Companhia Petropolitana no tempo da Monarchia, quem imprimiu á Fabrica seus rumos definitivos e quem transformou a pequena capella de Cascatinha, dando-lhe o tamanho e o aspecto que tem hoje).

Em São José do Rio Preto o logradouro collocado em identica posição chamava-se largo da Matriz; denomina-se hoje praça João Werneck.

Rua da Matriz denominava-se, no mesmo povoado, a via publica que sahindo da rua Silveira da Motta vae ter á praça fronteira á matriz; chama-se hoje rua coronel João Limongi.

Tivemos, no centro da cidade, a rua do Palacio: da rua do Imperador entrava pelo parque imperial, servindo á casa dos Semanarios e a outras dependencias da Quinta. Desta

passagem semi-publica (existia um portão que nunca se fechava), o proprio Imperador costumava utilisar-se. E' hoje a rua Barão de Teffé.

A ponte que ficava em frente (a unica ainda de madeira da av. Quinze), chamava-se a ponte do Palacio.

Chamou-se rua do Hospital o atalho que communicava a rua Montecaseros, no quarteirão Nassau, com o Bingen. Surgiu esse appellido popular depois que se iniciou em 71 a construcção do Hospital de Santa Thereza, mas não se sustentou por muitos annos. Tempos depois de installado o humanitario estabelecimento, recebeu o caminho a denominação de rua de Paulino Affonso, em homenagem posthuma ao commendador Paulino Affonso Pereira Nunes, que fizera parte da Commissão Constructora e da primeira Commissão Administrativa do Hospital.

Teve o nome pittoresco de ponte dos Banheiros a que, communicando as duas vias da avenida Piabanha, ficava fronteira ao Imperial Estabelecimento Hydrotherapico, que tinha o subtitulo de Casa de Duchas, mas a que o povo dava o nome de Banheiros.

A util creação de Antoine Court, de que ainda existe o edificio, desfructou apreciavel phase de prosperidade nos ultimos tempos da Monarchia e primeiros da Republica.

A proposito das denominações com que o povo baptisára as pontes que vadeavam os rios que recortam a cidade, substituidas quasi todas por construcções de cimento armado, existe excellente estudo de autoria do sr. João Duarte Silveira ; do mesmo extrahimos os informes a seguir:

Ponte do Bragança chamava-se a que havia em frente á av. Marechal Deodoro ; veiu-lhe o nome por ficar fronteira ao Hotel Bragança. Ponte das Irmãs, á mesma avenida, ficava fronteira ao Collegio Santa Isabel, originando-se o nome da circumstancia de ser o estabelecimento dirigido por Irmãs de Caridade.

Ponte da Botica, ainda á avenida 15, em frente á Phar-

macia Central; no mesmo local existiu no tempo da Monarchia a botica do Carvalho, fundada por José Antonio Carvalho, subdito portuguez mais tarde visconde de Castello de Louzã.

Não teve a cidade a rua ou o largo da Estação. Creou entretanto um logradouro, ou que melhor nome tenha, com bastantes predios, que não poderá fugir ao titulo que lhe dão de caminho da Linha Ferrea, — aquelle que acompanha os trilhos da E. F. Leopoldina no trecho compreendido entre as ruas visconde do Bom Retiro e Padre Feijó.

No povoado de Pedro do Rio a antiga rua da Estação denomina-se hoje rua Dr. Barros Franco; e o largo da Estação tem o nome official de praça Senador Joaquim Moreira.

Em São José do Rio Preto o nome de rua da Estação ainda se encontra em uso, á espera de opportuna substituição.

A nomenclatura official acceitou, e utilisa, a denominação popular de estrada do Prado, que se applica a um trecho da União e Industria no segundo districto.

O nome, isto é, a alcunha, que abrange o espaço entre o local do Pic-Nic e o antigo Derby Petropolitano, deve existir desde os tempos do «ensilhamento», época em que foi edificado, na varzea da fazenda da Engenhoca, o memoravel prado de corridas.

Ha mais de trinta annos, porém, encontra-se o mesmo entregue ao abandono, e certamente cumpria tambem abandonar a denominação a elle ligada, voltando o respectivo trecho da grande estrada de rodagem a ter o nome tradicional de União e Industria.

Foi usual durante muitos annos a expressão rua da Casa de Machinas para designar o caminho que da rua Quissamã conduz á usina de energia electrica do Banco Constructor do Brasil, no Itamaraty; moradores do bairro obtiveram em 1928 que a rua de tão rasteiro appellido passasse a ostentar o nome do saudoso advogado dr. João Barcellos.

Tivemos tambem, no Valparaiso, a rua da Ermitagem,

que da avenida Portugal levava ao sitio do Sanatorio Ermitagem de Petropolis, fundado em 1925 pelo dr. Carvalho Leite. Recebeu a 11 de Junho de 1937 o nome glorioso de Marcilio Dias, que symbolisa a bravura e o patriotismo da maruja nacional.

Ainda ficamos, porém, com uma pequena rua da Ermitagem: assim se denomina o trecho que do fim da rua Marcilio Dias vae terminar na rua Simon Bolivar.

Tempos depois de construido o Mercado Publico Municipal, pretendeu a Prefeitura conferir o titulo de travessa do Mercado á via publica a que ficou reduzida a praça da Inconfidencia — rua que começa na rua Dr. Porciuncula e termina na rua Floriano Peixoto. O projecto não chegou, porém, a positivar-se.

No Valparaizo uma pequena via de communicação tornou-se conhecida como a rua do Petropolitano, em razão do club de football com esse titulo, que tem ali a sua praça de sports. Nome de origem meramente accidental, teria de ser substituido por outro que, por sua significação, se integrasse na indole de nossa nomenclatura, — e isso acaba de acontecer: por acto de Março de 1938 «passou a denominar-se rua Simon Bolivar a rua que começa no fim da rua Coronel Land e finalisa no morro, actualmente sem denominação legal e conhecida pelo nome de rua do Petropolitano».

A praça do Palacio de Crystal, entre a rua Padre Siqueira e a avenida 7 de Abril, tem sido tratada por esse appellido em razão do celebre edificio que ali existe desde os tempos da Monarchia e que de palacio de crystal tem apenas o nome. Apresenta-se improprio o titulo do logradouro e possivelmente será, um dia, substituido.

Nossa nomenclatura urbana dispõe de regular contingente de appellidos de origem episodica, apresentando todavia, entre essas denominações curiosas, uma ou outra apenas com feição humoristica. Neste sentido concorre o Rio

de Janeiro com grande parcella de exquisitices, bastando lembrar o largo da Mãe do Bispo, desapparecido, a rua do Escorrega, a rua do Lá vem um, já rebaptisadas, a praça Sem Nome. o becco Sem Sahida.

Entre nós existiu a praça do Sol que nasce para todos.

O cadastro municipal encurtára o nome, registrando apenas praça do Sol que nasce ; e a linguagem popular não ia geralmente alem da expressão praça do Sol.

Este logradouro á margem da rua Saldanha Marinho e em frente á rua Christovão Colombro, não passava de um campo largado ao abandono, coberto de matto rasteiro, — situação aliás ainda não melhorada. No canto da rua dedicada ao grande descobridor genovez, havia um armazem de seccos e molhados cujo dono adoptára para o seu negocio um nome suggestivo : Armazem do Sol que nasce para todos. Para melhor reclame da casa, mandára desenhar, a capricho, na parede da esquina, a radiosa figura do astro-rei despejando torrentes de fogo sobre os transeuntes e promettendo vender-lhes generos a preços baratos. Tão grande era o desenho que de muito longe se distinguia : e o titulo do estabelecimento se transmittiu ao largo fronteiro.

Ha quinze annos o governo municipal julgou opportuno que esse campo passasse a homenagear um sabio gaulez ; dizia o acto respectivo : resolve dar ao logradouro conhecido por praça «Sol que nasce para todos» a denominação de praça Pasteur ; mas ainda para muita gente perdura o nome primitivo : praça do Sol.

O decurso dos annos não apagou ainda, tambem, o nome popular de avenida Central adquirido pelo caminho que da rua Thereza, no Alto da Serra, se dirigia á Castellanea.

Até então semeado de topes e caldeirões, achava se o mesmo em obras de alargamento, nivelamento e calçamento, quando surgiu, constante da plataforma presidencial de Rodrigues Alves, o projecto da abertura da «Avenida Central» através da cidade do Rio de Janeiro.

Entenderam os moradores do Alto da Serra que devia

ter o mesmo nome a rua central de seu bairro que estava recebendo melhorias de commodidade e aformoseamento. Rasgou-se a grande arteria carioca, começando sem tardança a ostentar os seus bellos edificios; e continuou generalisando-se entre nós o nome da avenida Central serrana.

Mais tarde a avenida Central carioca passou a ostentar o nome glorioso de Rio Branco; a nossa avenida Central recebeu officialmente em 1908, o de Coronel Albino de Siqueira. O primeiro baptismo de ambas, entretanto, não sahiu até hoje, inteiramente, da circulação. Ainda ha poucos mezes trafegava entre a Estação de Petropolis e o Alto da Serra um omnibus exhibindo a impropria taboleta: Avenida Central, — nome abolido ha trinta annos!

A aprazivel rua Cel. Albino de Siqueira acha-se mimoseada com o tratamento de avenida, não possuindo, comtudo, para isso, os requisitos sufficientes, de arborisação e largura; ganhou a classificação exclusivamento por influencia da anterior denominação, que não tivera interferencia official. Com melhores razões poder-se-ia dar o titulo de avenida ao primeiro lance da rua Silva Jardim; do meio para o fim, entretanto, toma esta rua a feição de caminho suburbano ou rural...

Existe no Quissamã uma via publica denominada caminho da Provisoria (da rua Dr. Bonjean vae ligar-se á estrada da Floresta). O nome «provisoria» recorda um desastre que se revestiu de circumstancias impressionantes, occorrido ha uns trinta annos. Após alguns dias de chuvas copiosas, uma tromba d'agua attingiu o morro do Quissamã. O amplo grotão onde nasce o corrego do mesmo nome, ao lado direito da linha ferrea Leopoldina, começou a transbordar, com as aguas represadas por ter ficado obstruido o adductor, que passava alguns metros abaixo do leito ferrovoario.

Do outro lado da linha, no serpenteio de ingreme vereda que acompanhava a descida do corrego Quissamã, amontoavam-se algumas moradias de condição modesta. Continuando torrenciaes as chuvas, convertido o grotão em lago sem

escoamento, minado o barranco que o fechava, succedeu a catastrophe: a avalanche se precipitou violentamente, montanha abaixo, destroçando tudo, carregando trilhos e arvores, arrazando as humildes habitações e victimando varios de seus moradores. O leito da estrada desappareceu numa extensão não pequena, mas a Companhia Leopoldina mandou restabelecer o transito dos trens, assentando novas linhas sobre altas pilhas de dormentes. Era a passagem «provisoria», trafegada durante muito tempo pelos trens e palmilhada pelos moradores das redondezas. A expressão «provisoria» não mais sahiu do uso popular; por esse nome ficou assignalado o respectivo local.

Reflecte facto de algum relevo historico na formação social da cidade a denominação Terra Santa pela qual conhecemos o agradavel sitio ao alto do morro do Encanto e que algumas pessoas acreditam ter merecido aquelle titulo em razão da excellencia de seu clima.

Antes da vinda dos benemeritos religiosos da Provincia Franciscana Allemã, creadores do Convento do Sagrado Coração de Jesus, estabeleceram-se em Petropolis, em oitenta e tantos, alguns frades da Custodia de Jerusalém. Construiram pequena residencia na Rhenania Inferior, com uma singela e bonita igrejinha dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Filiados á Ordem de S. Francisco de Assis, tinham o privilegio de usar longas barbas, por serem missionarios do Oriente, mas não pertenciam á Provincia Italiana dos Capuchinhos. O Visconde de Taunay, em trabalho sobre Petropolis escripto em 93, lhes deu entretanto o titulo de Capuchinhos e assim tambem eram elles considerados pelo povo. Era portuguez um desses missionarios e argentino um outro. A residencia intitulava-se Hospicio da Terra Santa (hospicio, segundo os diccionaristas: «habitação, domicilio, casa onde os religiosos acolhem os viajantes»).

Permaneceram alguns annos em Petropolis e transferiram-se depois para o Rio de Janeiro, indo estabelecer-se em Cascadura.

Em continuação ao modesto «hospicio» franciscano ergue-se hoje vastissimo estabelecimento de caridade -- o Asylo de Desvalidos. A praça que ficava em frente á capella recebêra, logicamente, o titulo de Jerusalém, cidade santa capital da Palestina..

Existe no Tombo da Serra o caminho da Volta do Carvão que parte da velha estrada macadamisada contemporanea da fundação de Petropolis, hoje rua Lopes Trovão.

A rua Guarany, que desce do Valparaiso, teve inicialmente um nome de genese episodica. Começára o caminho sendo franqueado de cima para baixo e dispunha de certa largura e de moradias sómente num trecho de algumas dezenas de metros; desenvolvia-se em seguida em simples vereda até chegar á rua Washington Luis. Os moradores do Valparaizo consideravam o local como o Buraco Quente, porque ali moravam algumas mulheres de vida alegre, frequentemente visitadas, e o sitio tornára-se ponto constante de sarilhos. Os animos estavam ali geralmente esquentados, justificando o appellido popular. Depois, todo o percurso passou a chamar-se caminho do Buraco Quente.

Certo local da rua Bartholomeu de Gusmão tornou-se conhecido como o Buraco do Sapo.

Tivemos no centro da cidade o largo da Santa, como era conhecida a actual praça Princeza Isabel, ao tempo em que se encontrava ainda em alicerces, apenas com algumas columnas erguidas, a então futura matriz de Petropolis. Vingára aquella denominação porque achava-se exposta á frente das obras paralysadas, virada para a praça, uma estatua de marmore representando N. S. das Graças. Ainda muito tempo depois de retirada dali a imagem, o nome de largo da Santa usava-se constantemente.

Merecia tambem a praça, desde os tempos da Monarchia, o titulo de largo da Princeza, porque na esquina da então rua D. Affonso, no palacete hoje occupado por excellente edu-

candario, o Lyceu Fluminen e, possuia sua residencia a princeza imperial D. Isabel; a denominação popular foi em 1929 confirmada pelos poderes publicos.

Pelo menos a duas das nossas antigas pontes de madeira foram dadas pelo povo denominações de fundo episodico. Durante muitos annos foi conhecida por ponte do Turco a que estabelece ligação da rua Sete de Abril para o lado par da avenida Primeiro de Março. Ficava quasi fronteira ao Hotel Oriental, hoje Hotel d'Europa; e o appellido surgiu porque aquelle hotel pertencia ao turco Said Ali. Chamava-se ponte do Papae a que se encontrava fronteira ao armazem de seccos e molhados de Ignacio José da Silva, na rua do Imperador. Foi substituida por uma de cimento que fica quasi em frente ao Grande Hotel. Era Ignacio da Silva um dos mais antigos commerciantes locaes e fizera parte como vereador da primeira Camara Municipal de Petropolis. Casára-se com senhora franceza que, fazendo côro com a prole, tratava-o tambem de papae. O nome generalisou-se do seio do lar para o meio dos amigos. O appellido pegou avassaladoramente; Ignacio José da Silva passou a ser papae de toda a população!

Tornou-se commum antigamente dar á rua Aureliano o tratamento de rua Aureliana; encontra-se a irregularidade até em papeis de cunho official. Na enunciação dos nomes das ruas usava-se e abusava-se então da preposição «de», hoje de todo supprimida. Era como que obrigatorio dizer-se: rua do Honorio, de Paulo Barbosa, do Conde d'Eu, de Bourbon, de Paulino Affonso, etc. Houve porém excepção para a rua Aureliano. Não se empregava o «do», — e o resultado foi que para quasi todo o mundo o nome do insigne estadista passou á condição de adjectivo feminino.

Facilmente se admitte a procedencia do nome Pic-Nic applicado a um ponto da União e Industria, na alta Cascatinha. Debruçado o local sobre o valle do Piabanha, dali se descortinam excellentes paisagens a perder de vista.

Era um sitio que se poderia considerar apropriado á realização de pic-nics ; e a denominação tomou vulto e se radicou devido á propaganda realizada pela empreza que manteve um serviço de transporte de passageiros em diligencias, por tracção animal, entre a cidade e aquelle trecho suburbano. Foi, por essa época, construido o predio do Pic-Nic-Bar e, algum tempo depois, o popular caramanchão coberto de sapé, recem-desapparecido, — romanesca varanda sobre o extenso e bello panorama do Itamaraty a Corrêas. A empreza de transporte, que passou por varios donos, sustentou o serviço por dez annos ou mais ; desappareceu quando a C. B. de E. E. creou até ao Pic-Nic a linha de bondes «Cascatinha», que já foi tambem retirada.

A picada da Saudade, que se desenvolve na aba da montanha do mesmo nome e vae do primeiro ao segundo districto, passou a ser assim chamada em virtude da Gruta das Saudades a que ella dava accesso, — pittoresco recanto muito visitado e preferido para pic-nics ahi por volta de 1860. O caminho vulgarisou o nome no singular e ultimamente foi promovido da categoria de picadá á de estrada.

A razão de ser do nome da rua da Presidencia, hoje Duque de Caxias, é assás conhecida : o quarteirão Presidencia, que essa via publica communica com o Bingen, fôra doado pelo Imperador, tempos depois do inicio de Petropolis, ao conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, em attenção aos serviços por elle prestados á colonia germanica. Pretendia Aureliano fundar ali uma fazenda para ensaiar o cultivo do chá. Generalisou-se o titulo de Presidencia porque Aureliano occupava então a presidencia da Provincia. Elie entretanto não poude effectivar seu projecto, não chegou a occupar o prazo, nem mesmo residiu em Petropolis.

Rio da Cidade é outro toponymo de explicação curiosa. O ribeirão com esse titulo origina-se de vertentes da Vargem Grande, atravessa a Fazenda Ingleza, bem como o territorio do 2° districto que tem ainda o nome de Rio da Cidade. Jun-

ta-se ao Araras, passando o novo curso, duplicado, a chamar-se Bom Successo, tributario da margem esquerda do Piabanha.

A União e Industria transpõe no por uma ponte de ferro de 15 metros de vão. O brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos annotou em seu diario da viagem que fez a Goyaz, em 1823: «Disseram-me que recebeu o nome de cidade por banhar antigamente uma grande povoação de indios, que já não existe, na serra do Facão».

Quilombo é, tambem, expressão locativa perfeitamente historica, applicada a uma região acima da Fazenda Ingleza, nas cabeceiras do rio da Cidade, que nesse trecho é chamado tambem o rio do Inglez. Mais ou menos no local onde houvera, nos velhos tempos reinoes, a aldeia de indios referida por Cunha Mattos, creou-se, em principios do seculo passado, uma outra agglomeração humana, mas desta vez de pretos desertores das senzalas. Divide-se o territorio em duas secções denominadas Quilombo da Esquerda e Quilombo da Direita. Existe ali tambem o corrego do Quilombo, atravessado pela estrada que se dirige ao municipio de Vassouras. Ainda vive em todo o interior do municipio a tradição desse mocambo, de custoso accesso, escondido dentro de florestas impenetraveis, e que, por suas obras de defesa, durante muitos annos tornou infructiferas varias investidas dos senhores prejudicados.

Isabeloca corresponde a hybridismo interessante, lusotupy, inventado ahi pela década de 1860-70, por uma caravana de excursionistas que teve como chefe um apaixonado do sport venatorio, o Duque de Saxe, esposo da princeza Leopoldina.

A expedição explorou as mattas do Campo ou Curral das Antas, situado nas culminancias do morro Assú, servindo-lhe de roteiro a trilha, aberta por caçadores, que começava no alto-Caxambú. Escalando terrenos alcantilados, varejando florestas virgens, vadeando ribeirões encachoeirados, chegaram a um local semeado de grandes blocos graniticos e

que, por sua majestosa posição, proporcionava, a um golpe de vista em qualquer direcção, paizagens sumptuosas e imponentes.

Prepararam ahi um rancho para repouso e pernoite; e a esse sitio, em homenagem á herdeira do throno, deram o nome de Isabeloca — o Abrigo de Isabel —, (Oca: casa, coberto, refugio, abrigo, esconderijo, paradeiro). Composição identica já se encontrava no titulo de Julioca dado á fazendinha de propriedade dos herdeiros de Julio Frederico Koeler e á estação da Companhia União e Industria no mesmo ponto creada, um pouco adeante do actual povoado de Areal, que então não existia. Temos, no segundo districto, Engenhoca, que ainda designa a região, quasi toda edificada, de uma antiga fazenda; mas ahi entrou o suffixo de origem popular, diminutivo ou depreciativo...

No caminho que do alto-Caxambú conduz ás extremas sertanejas Petropolis-Therezopolis, existe, á margem do rio Pompeu, em um circulo de collinas, um local denominado Rancho do Principe, — nome nascido talvez irmão gemeo de Isabeloca.

Outros dão ao sitio o nome de Pedra do Principe, porque o «rancho» limita-se ao abrigo de uma furna.

Possúe a cidade uma pequena nomenclatura fixando particularidades da sua topographia: Garganta é o nome pelo qual se tornou conhecida desde os tempos mais antigos a passagem que se estende de certo trecho da rua Aureliano á praça Paulo Carneiro; Bacia denomina-se o ponto onde se encontram os dois rios que recebem as vertentes da cidade, correspondendo a uma bacia fluvial; entretanto, talvez a expressão se tenha generalisado em virtude do espaçoso tanque de cimento primitivamente construido para encaminhar as duas aguas oppostas, muito maior que o actual, e que o

povo comparasse a uma grande bacia ; Confluencia permanece ainda designativo do sitio onde se dá a juncção de nossas duas pricipaes correntes fluviaes (hoje praça Palacio de Crystal).

Denominados ainda por influencia dos respectivos accidentes locaes, registram-se mais alguns logradouros.

A rua da Serra, por exemplo. Chama-se hoje rua Lopes Trovão.

Do fim da rua Thereza vae descendo a montanha, reverenciando o nome do famoso tribuno até onde pode fazer-se sentir a soberania municipal de Petropolis. Uma sua derivante é conhecida como o caminho da Grota Funda. Entrando no municipio de Magé, a rua da Serra passa a usar o seu antigo nome popular.

Outras denominações que revelam tambem toda a propriedade applicam-se a regiões mais vastas : Alto da Serra, Tombo da Serra.

A esta categoria pertence o Valle do Paraizo, de pronuncia modificada para Valparaizo pela lei do menor esforço.

Visto do alto do morro da Presidencia, o amplo valle desdobra-se ao observador como um sitio maravilhoso, bem-aventurado, cheio de colorido e pittoresco, verdadeiramente digno do nome que recebeu. A arteria central do bairro chamava-se rua do Valparaizo ; ha alguns annos passou a mesma a denominar-se avenida Portugal, naturalmente até onde pudesse justificar esse titulo de «avenida», ao menos pelo calçamento. Achando-se hoje calçada a parallelepipedos até á Fabrica Khair, passou essa extensão a usar o novo nome ; admitte-se porém ultimamente que a denominação avenida Portugal deve prevalecer apenas sobre o trecho inicial, pavimentado a betume, da rua Gonçalves Dias até á rua Professor Paixão. A partir desta esquina, ou da fabrica de sedas, o antigo nome de rua Valparaizo prevalecerá sobre o respectivo prolongamento, que acaba em simples caminho e vae até á rua Bello, e esta até á rua General Rondon, nas proximidades da Ponte do Fones.

Denomina-se Monte Real a montanha que se chamava antigamente Morro do Palacio ; e ali se encontram não só a praça Monte Real, á margem da avenida D. Pedro I, como o caminho do Monte Real.

Ainda outras denominações, de especie mais ou menos analoga, porque exprimem motivo ligado a singularidades locaes, transmittiram-se a vias de transito, como sejam : rua da Floresta, da juncção das ruas Silva Jardim e Quissamã conduz a um local que evidentemente noutros tempos, por sua riqueza vegetal, fez jus ao nome que possue : Floresta ; Buraco do Cunha designa espaçosa despressão de terreno formando despenhadeiro no final da avenida Ypiranga, lado esquerdo ; dão tambem o nome de largo do Cunha a esse local, que pertencêra, nos fins da Monarchia e principios da Republica, a Antonio Alves da Cunha, negociante de seccos e molhados á rua do Imperador ; rua das Pedras Brancas, na Mosella, trecho inicial da estrada da Fazenda Ingleza, atravessa terrenos em que a existencia de muitas pedras brancas deu origem ao nome ; caminho das Tres Pedras, no Alto da Tapéra, onde termina o Palatinato Superior : deve haver forçosamente justificativa para a denominação usada pelo povo ; Lagoinha denomina-se outro local nas extremas do mesmo quarteirão, tendo tirado o nome da Pedra da Lagoinha que faz parte dos contrafortes do Cobiçado ; Duas Pontes : como é de todos sabido, a existencia de duas dessas serventias publicas, quasi juntas, sobre rios differentes, justifica plenamente o nome dado ao local ; travessa da Ligação : desce a montanha da rua Thereza estabelecendo ligação entre este logradouro e o Palatinato (rua Dr. Sá Earp) ; caminho do Zig-Zag, no segundo districto : da rua Dr. Hermogenio Silva (União e Industria) desce em serpenteio a montanha da Cascatinha.

A Chacara Flora, no Alto da Serra, entre a rua Alfredo Schlick e a rua Saldanha Marinho, confirma, por sua producção floristica, o nome mythologico que ostenta, da deusa dos

jardins e das flores, como igualmente a Chacara das Rosas, ao fundo do arraial do Retiro, justifica o appellido tradicional.

Na toponymia de Petropolis não se encontram expressões que exprimam motivo ligado á flora ou á fauna regionaes.

Varios termos que denominam accidentes do territorio do districto citadino passaram tambem a ser applicados a logradouros.

Praça do Corrego Secco chamava-se o largo á direita desse curso dagua ao fazer o mesmo a curva para encontrar-se, pouco adeante, com o Quitandinha. Provavelmente em 75 passou o largo a ser a praça Principe do Grão Pará; depois que em 1883 foi construida, ao fundo do logradouro, a capella de Nª Sª. do Rosario, passou o mesmo a ser chamado por muitos a praça do Rosario; e com o advento da Republica, recebeu o nome official de praça da Inconfidencia; acha-se hoje occupado pelo edificio do Mercado Publico Municipal.

A avenida Piabanha, antiga rua Nassau, tirou o nome, com que foi chrismada, do importante rio que ella margeia em todo o seu proprio comprimento, da entrada da Mosella á antiga praça da Confluencia.

Rua do Encanto chamava-se a ladeira que partindo da avenida Barão do Amazonas vence o morro do Encanto e sobe ao alto da rua Monsenhor Bacellar. A subida, progressivamente penosa, não é decerto encantadora, mas, attingidas as alturas, divisam-se paisagens que encantam sobremodo. E' de J. Tinoco — Guia de Viagem, Petropolis, 1885 — o seguinte conselho: «Para fazer uma ideia de Petropolis deve-se subir o morro que fica por traz do Hotel d'Orléans e de lá apreciar o bello panorama que se descortina».

Estando em baixo a rua em homenagem ao almirante Barroso, heroe da batalha de 11 de Junho, deram, ha annos,

á rua do Encanto, o titulo de rua Riachuelo. Cancellada officialmente a denominação popular, esta continúa, porém, a ser usada por muita gente. O nome aliás não foi de todo excluido, pois uma vereda que dá communicação a duas voltas da ladeira continúa a chamar-se travessa do Encanto.

Não gozou tambem da intangibilidade a rua do Cruzeiro cujo nome se prendia ao do tradicional morro que ella atravessa, e que é contornado pelas avenidas Quinze de Novembro, Sete de Setembro, Tiradentes e Koeler. Da effervescencia de um momento politico surgiu a glorificação do nome de João Pessoa nas placas da rua Cruzeiro, que para muitos, entretanto, continúa a ter a antiga denominação. Um caminho em subida, que começa na mesma rua, lado direito, vae ter á corôa do morro, denominada nos tempos primitivos o Alto do Imperador ; proseguindo em descida, ia esse caminho sahir no terreno da antiga matriz, á av. Sete de Setembro. Em 1859 Carlos Ribeyroles via o morro do Cruzeiro verde e copado e «que será dentro em dez annos, se a arte e o trabalho a isso se prestarem, um dos mais bellos terraplenos de Petropolis». Henrique Raffard, escrevendo em 95, incluiu entre os logares mais procurados da Petropolis de antanho «o morro do Cruzeiro, cujo caminho se acha hoje abandonado, mas de onde se descortina Petropolis em panorama». Informou ainda o autor do Jubileu de Petropolis : «No morro do Cruzeiro tinha o major Koeler mandado collocar alguns bancos rusticos, cercados por jardins, plantando ali muitos arbustos, que, com as arvores já existentes, davam agradavel sombra aos touristes ; tudo, porém, annos depois foi destruido ; os caminhos damnificados pelas enxurradas, as arvores cortadas para lenha e o planalto transformado em pasto de animaes !»

Ha muitos annos vem recebendo o nome de caminho do Morin um traço de estrada que tem inicio no fim da rua Augusto Severo, Lagoinha, e termina na rua Lopes Trovão.

Desappareceu do uso popular o nome de rua do Retiro, como era designada a arteria principal do povoado do se-

gundo districto que se vulgarizou com o nome herdado da fazenda do Retiro. Ha mais de quarenta annos passou essa via publica a ostentar o titulo de rua Henrique Dias.

A estrada da Cascatinha, que começa na rua Dr. Hermogenio Silva (União e Industria) e finaliza na rua Bernardo de Vasconcellos, ligando a alta á baixa Cascatinha, recebeu officialmente esse nome em 1896.

A estrada do Carangola conserva a denominação oriunda do conhecido bairro do segundo districto. Começa na União e Industria, rua Dr. Hermogenio Silva, atravessa o respectivo bairro, sóbe o alto Carangola e vae terminar na estrada do Rio da Cidade.

A rua do Quissamã, como a estrada do Itamaraty e a estrada do Caxambú, mantêm os velhos nomes que se ligam ás regiões que esses caminhos atravessam.

Ha dez annos foi substituido pelo nome de estrada Presidente Sodré o da estrada da Fazenda Campos, como ainda era conhecida,não obstante já então haver se imposto, ao bairro a que ella conduzia, o nome de Independencia.

Parte esse caminho das proximidades da Ponte do Fones.

A estrada da Taquara, que procedendo da zona rural penetra na região da Cremerie, conserva o nome do caminho tropeiro dos tempos do Brasil-colonia que alcançava o valle do Quitandinha depois de vencer a serra da Taquara.

Ultimamente, tendo sido construida uma nova arteria para o pittoresco nucleo de veraneio Independencia, passou o nome de estrada da Independencia a impôr-se á parte da estrada da Taquara entre a rua General Rondon e a Cremerie. Conserva a denominação de estrada da Quitandinha o trecho entre o fim da rua General Rondon e o ponto onde a optima rodovia passa a ter o nome de estrada Rio-Petropolis.

A rua do Cortiço de Cima e a rua do Cortiço de Baixo começam, ambas, no fim da rua São Sebastião, e cada qual vae terminar no povoado de que tirou a respectiva denominação.

O caminho da Tapéra de Cima e o caminho da Tapéra

de Baixo, começam na estrada do Caxambú, ambos do flanco direito mas em pontos que se distanciam bastante ; vão ter a pequenos povoados do morro da Tapéra, que é simples ramificação do morro do Cobiçado, contendo cada um desses logares, quando muito, meia duzia de familias de lavradores.

Vargem Grande é a apropriada denominação de pittoresco local além da Fazenda Ingleza, dotado de panoramas assás interessantes.

A estrada da Fazenda Ingleza, partindo da Mosella alcança a Vargem Grande e dahi, simples picada, vae seguindo, contornando difficuldades, até entrar no municipio de Vassouras ; a picada do Paty, ou caminho de Marcos da Costa, partindo do Bingen alcança, vencendo muitos embaraços tambem, as localidades de Marcos da Costa e Paty do Alferes, ambas naquelle municipio.

Certas denominações de ruas resultaram, evidentemente, da frivola inclinação de algum morador local mais prestigioso ou da escolha, por vezes sem fundamento, feita por funccionarios municipaes que precisavam de um nome qualquer para distinguir o logradouro em inicio e ainda não baptisado officialmente.

A rua Goyaz, no Darmstadt, ramal do caminho-eixo do bairro, e a rua Fluminense, entre o Cemiterio Municipal e a Terra Santa, isto é, da rua Coronel Fabricio de Mattos á rua Rockefeller, — pódem servir de exemplo.

A homenagem ao Goyaz longinquo teria ensejo de justificar-se, e conservar-se, uma vez que a nomenclatura de Petropolis consagrasse outros Estados da Federação, o que não acontece. O nome Fluminense, que pretende certamente prestar uma homenagem ao Estado do Rio, igualmente não tem razão de ser. Já homenageamos a «velha Provincia» glorificando numerosos de seus filhos.

Pela designação de Villa Paulista tornou-se conhecido um grupo de casas servidas por uma rua particular, situada na rua Saldanha Marinho.

No Ingelheim encontra-se uma rua Iguassú, que tem inicio na rua Henrique Cunha. Fogem á tendencia caracteristica de nossa nomenclatura urbana as expressões de origem gentilica ; além dessa, que não tem nenhum sentido significativo, existem mais duas que designam tribus indigenas : a rua Guarany, que vae da rua Washington Luis á rua Visconde de Itaborahy, c, para os lados do Bingen, a rua Aymoré, que antigamente fazia parte da rua Darmstadt.

Taes denominações dependem de um processo de selecção que terá de ser feito um dia pelo Governo. Com certeza, por sua universalidade, resistirá á revisão o nome Guarany, apresentando-se comtudo pouco provavel a acceitação do Aymoré.

Afinal, por aqui talvez tivessem passado guaranys ; aymorés, nunca. Apenas na ficção de José de Alencar uma parte da famigerada nação teria se abalançado até ás serras de Friburgo. Existiu no segundo districto a denominação travessa Guarany attribuida por acto de 1896 a uma via de communicação da rua Henrique Dias para a rua Carneiro Leão. A travessa já era então conhecida apropriadamente por caminho do Binot e esse nome tem até agora subsistido.

Teve o nome de rua Cruzeiro do Sul um caminho que partindo do Valparaiso surgia em frente ao quartel militar da Presidencia, o qual desappareceu com a construcção da optima rodovia a que demos o nome de Abreu e Lima.

Chamava-se rua da Bella Vista, por dispôr de uma paisagem bonita, o lance final da rua Buenos Aires e a rua que depois se denominou Figueira de Mello.

Jardim de Castalia é a denominação dada por um amante das musas á rua que começa na estrada da Independencia, — na qual se acha installada a escola municipal Barão de Teffé.

Situada no quarteirão Pequeno, na Mosella, existe a rua Victoria.

O nome surgiu, sem duvida, da mera necessidade de não se deixar o logradouro sem baptismo ; acceitou-o a Municipalidade como acceitaria qualquer outro, sonoro e de agradavel sentido. Temos um bairro com o lindo nome de Independencia, outro vocabulo sempre grato, significando uma condição que todos desejam possuir.

O imperial largo Dom Affonso recebeu, extincta a Monarchia, o expressivo titulo de praça da Liberdade, palavra bem soante de que se fazia grande consumo na época. Decorridos mais de trinta annos, riscaram-na do cadastro municipal ; e, como devia naturalmente acontecer, deram-lhe em substituição o nome de Ruy Barbosa, apostolo inflammado da Liberdade. Não foi, porém. o nome mais antigo supplantado, inteiramente, pelo que se lhe seguiu, e nenhum delles, muito menos, pelo mais moderno, de modo que essa contradansa de placas tornou o aprazivel logradouro, rico em belleza e conforto, rico tambem em nomes.

Existem, entretanto, em bairros que cortam a cidade, pequenas ruas ainda pagãs, assignaladas na estatistica municipal, provisoriamente, por numeros.

Não se escolheram por emquanto nomes para ellas ; são cinco apenas, a saber : rua Um — começa na estrada da Independencia finalizando na rua Licinio Cardoso ; rua Dois — no segundo districto, começa na estrada do Carangola ; rua Quatro -- atravessa da av. General Marciano de Magalhães para a rua Augusto Severo ; rua Sete — da rua da Villa Felippe vae á rua S. Joaquim ; rua Oito — começa na rua Professor Stroele e acaba pouco adeante.

Ruas outras, já abertas tambem, estão igualmente á espera de denominação definitiva : são as que recebem, em caracter provisorio, o nome daquellas com quem se communicam e o sobrenome de «Projectada». Com semelhante classificação podem ser mencionadas : a rua Valparaiso Projectada, que começa na rua Simon Bolivar ; a rua Santo Anto-

nio Projectada, caminho que começa na rua Santo Antonio e finaliza no morro ; e duas que começam na rua Thereza — a rua Chile Projectada e a rua Thereza Projectada.

A denominação de rua da Villa Felippe está sendo applicada ao caminho que da rua Alfredo Schilick conduz ao pittoresco bairro creado ao Alto da Serra por Felippe Schmidt ; e a de rua do Quarteirão Pequeno está servindo para designar um caminho da Mosella, que principia na rua José de Alencar. Taes denominações serão decerto substituidas opportunamente.

Petropolis não usou em sua nomenclatura urbana, durante todo o periodo monarchico, nenhuma denominação de homenagem a figuras que a Igreja Catholica reconhece e santifica.

E' certo que a planta de Petropolis levantada pelo engenheiro Koeler pouco mais de um anno após a chegada dos colonos allemães, attribuiu o nome de S. Pedro de Alcantara ao «largo» junto ao outeiro que o Imperador reservára para edificação da Matriz. O povo, entretanto, que, forçoso é confessar, nunca revelou devoção especial pelo padroeiro da localidade, ignorou sempre o nome official da praça ; e ultimamente foi adoptado para esta o nome de Princeza Isabel, sendo transferido o de São Pedro de Alcantara para a pequena rua que margêa a igreja.

Henrique Raffard registrou em 1895 no Jubileu de Petropolis : «Como curiosidade do notavel espirito religioso dos allemães, cumpre-nos lembrar os pequenos nichos que os mesmos incrustavam nas encostas das montanhas com a imagem de seus padroeiros ; no Ingelheim, adeante da casa do sr. Joaquim Bernardo, ainda ha bem pouco tempo existia a ultima dessas saudosas recordações coloniaes».

Ao cemiterio da cidade nunca se cogitou de dar um nome mais adequado que o de Cemiterio Municipal com que se tor-

nou conhecido ; ficar-lhe-ia, seguramente, muito bem, o do orago da freguezia. Aliás, a necropole local já tem recebido, mais de uma vez, o titulo de Cemiterio de São Pedro de Alcantara.

Durante annos, após a Republica, possuimos duas praças honrando o nome de Pedro de Alcantara : uma consagrada ao santo padroeiro da parochia, outra ao monarcha patrono da cidade.

A praça da Confluencia, hoje praça do Palacio de Crystal, quando a cercaram em 1857 com gradil de madeira, passou a merecer do vulgo, por algum tempo, o titulo de campo de Sant'Anna, nome escolhido por influencia, certamente, do celebrado parque do Rio de Janeiro, cujo alto gradil de ferro acaba de ser tirado. O nosso campo de Sant'Anna, que tivera o gradil de madeira substituido por outro, de ferro, acaba igualmente de ser desafogado, muito lucrando com a retirada de seu inesthetico gradil.

Houve antigamente, nas Duas Pontes, pequena área de terreno publico a que o povo dava o nome de praça São Jorge.

Na Independencia existiu a estrada de Nossa Senhora da Gloria, que a construcção da moderna estrada para aquelle bairro, supprimiu.

A rua Santo Antonio, que sóbe da rua Thereza até á matriz do Alto da Serra e desce á avenida Cel. Albino de Siqueira, começou a receber esse nome por occasião da construcção do templo, em 1904.

A denominação da rua São Sebastião, na Simeria, data de 1927.

Tambem ha poucos annos foram adoptados os nomes de dois outros santos, cuja devoção aliás não se particularisa em Petropolis : o de rua São Jacob para um caminho que começando na rua Mosella finaliza na estrada da Fazenda Ingleza e o de rua São Joaquim para um outro, que da rua Alfredo Schlick vae ter á rua da Villa Felippe.

São Sebastião é o venerado padroeiro da capital do

Brasil. São Pedro de Alcantara e Santo Antonio foram, na Monarchia, padroeiros, o primeiro do Imperio e o segundo do Exercito Nacional.

Deve a nossa Prefeitura julgar opportuno collocar o nome de São Francisco de Assis nas placas de uma de nossas ruas.

A devoção franciscana que cada dia mais se enraiza e desenvolve em nosso meio, está a solicitar essa providencia governamental, — em homenagem tambem á respeitavel Communidade que tem desenvolvido entre nós a mais devotada obra em favor da fé, da instrucção e da caridade.

Está a exigil-o a cidade em que o habito dos franciscanos, pelas ruas, — assim a surpreende o espirito luminoso de Tristão de Athayde — é como que a assignatura da paisagem e uma evocação irresistivel dos valles e das collinas da Umbria e do «poverello» de Assis!

Em trabalho feito ha quatro annos, contendo suggestões sobre revisão e methodisação da nomenclatura dos logradouros publicos do primeiro districto, o abalisado dr. João Glasl Veiga indicou que se denominasse rua São Francisco de Assis o trecho a seguir ao angulo que a rua Nunes Machado forma por traz do Convento dos Padres Franciscanos. Nesse trecho se acha a Escola Gratuita São José que ministra instrucção primaria a algumas centenas de crianças pobres.

Opinou ainda o dr. Glasl Veiga que o nome de Nunes Machado passasse a denominar a rua 7 de Abril a partir do fim da avenida 1º de Março e terminasse no referido angulo. Teriamos assim a rua Nunes Machado e em seguimento a rua São Francisco de Assis.

Da bella exposição do dr. Glasl Veiga reproduzimos os seguintes conceitos: «Considerando, ainda, a grande obra dos benemeritos Padres Franciscanos, que além de formarem o caracter de centenas de jovens brasileiros, administrando

ensino gratuito, edificaram em Petropolis o grande Seminario que vem expandir ainda mais, nesta cidade, sua nobre acção social e de caridade, justifica-se amplamente a homenagem do Municipio á veneravel Communidade Franciscana, dando-se a esse trecho de rua o nome do glorioso fundador da Ordem, São Francisco de Assis.

A rua Nunes Machado, por causa do angulo, esteve dividida officialmente em dois trechos, cada qual com um nome, até aos primeiros annos da Republica, sendo sempre, todavia, conhecida apenas por uma das denominações.

Indiscutivelmente o nome de São Francisco de Assis não deixaria de vingar; cumpre porém ter em vista que muito provavelmente esse trecho de rua entre o angulo e a rua Monte Caseros, que pertence quasi todo á Ordem Franciscana, terá um dia de ser fechado.

O nome de São Francisco de Assis deve começar no canto da avenida 1º de Março e só deve terminar no fim da rua Nunes Machado.

Podemos perfeitamente deixar de continuar relembrando o heróe da inexpressiva revolução praieira.

Dedicamos dois nomes á glorificação desse movimento de insurreição: Nunes Machado e Pedro Ivo.

Ao fundar-se a Republica, teve a Intendencia Municipal de Petropolis a preoccupação de homenagear as reacções armadas que atormentaram o reinado do ultimo Bragança, e honrou a memoria dos chefes da Republica Federalista do Rio Grande e da revolução pernambucana de 48: Bento Gonçalves e Nunes Machado.

Não se lembrou a Intendencia das duas revoluções occorridas no Norte muitissimo mais importantes que a praieira — pelas proporções que assumiram, pela extensão e repercussão que tiveram ramificando-se em varias provincias e pelo numero de martyres que forneceram: a de 1817, que

um historiador considerou a mais deslumbrante revolução que houve no Brasil, e a de 24 denominada Confederação do Equador.

Não tivemos, por isso, a denominar ruas nossas os nomes dos revolucionarios que se tornaram grandes pelo desassombro, pela nobreza de sentimentos e pelo sacrificio : Domingos José Martins, Domingos Theotonio Jorge, Padre Miguelinho, Padre Roma, Ratcliff, Frei Caneca e muitos outros.

No Rio de Janeiro existem logradouros honrando os nomes de Frei Caneca, Ratcliff, Padre Roma, Padre Miguelinho.

Nunca houve na capital do paiz um logradouro com o nome de Nunes Machado. Havia, ali, até ha alguns annos, a rua Pedro Ivo, mas esse nome foi substituido pelo de avenida Pedro II.

Quasi todas as cidades importantes do Brasil homenageiam os grandes sacrificados dos movimentos democraticos de 17 e 24 ; muito poucas se terão lembrado da triste victima da revolução praieira, Joaquim Nunes Machado, desembargador e deputado, morto em sanguinolenta luta num ataque a Recife.

A revolução pernambucana de 48 foi um movimento sem rumo certo, ao qual a Historia confere o titulo de impopular. Para rememoral-a, basta-nos manter o nome do guerrilheiro Pedro Ivo.

A rua que vence a ladeira do Sagrado Coração, a denominar-se São Francisco de Assis, deve naturalmente começar na esquina de 1° de Março.

Reduzida a rua 7 de Abril ao trecho entre as esquinas de Piabanha e 1° de Março, ficaria corrigida a irregularidade que a mesma apresenta com o seu prolongamento até ao inicio de Nunes Machado.

Anomalia semelhante acaba de ser desfeita pela Municipalidade, dando o nome de Visconde do Bom Retiro ao appendice da avenida Souza Franco que existia entre o local em que esta rua devia naturalmente terminar, e a rua Thereza.

Os dois padroeiros da cidade, São Pedro, o grande santo

hespanhol, nascido em Alcantara, assim como Santo Antonio, o grande thaumaturgo portuguez, nascido em Lisboa, pertenceram á Ordem Seraphica de São Francisco. São Pedro de Alcantara denomina a rua que margea a nossa cathedral. Santo Antonio denomina a rua que sóbe e desce a collina da matriz de Santo Antonio, no Alto da Serra. São Francisco denominaria a rua que contorna a bella Fundação Franciscana, a qual, pelo que significa na historia da cidade, bem merece essa prova de sympathia.

Além disso, o nome de São Francisco teria ali toda a propriedade, completaria por assim dizer a physionomia da rua, que já tem a feição caracteristica de rua franciscana...

Consagra a cidade, em sua nomenclatura, a sympathia que nos prende a tres nações européas — Portugal, Allemanha e Italia — expressando tambem, esse pequeno relevo de uma placa de rua, a mais justificada homenagem ao papel saliente que os naturaes desses paizes desempenharam e desempenham na collectividade petropolitana, bem como á collaboração inapreciavel de todos elles na obra da prosperidade brasileira.

A rua Allemanha — nome adoptado pelo povo ha bastantes annos — acha-se, por isso mesmo, muito bem collocada numa região que ainda conserva muitas das caracteristicas dos antigos nucleos germanicos: partindo da rua Mosella, lado impar, vae terminar na rua Woerstadt, e dahi se pode chegar ao Bingen e ao Darmstadt.

A avenida Portugal, no Valparaizo, denomina desde 1928, mui justamente, a rua onde se acha edificado o bello Sanatorio da Sociedade Portugueza de Beneficencia, inaugurado no anno anterior.

O nome de rua Italia foi adoptado recentemente, em 1937, e significou o feliz resultado de suggestões que na imprensa publicou o sr. Walter Bretz, presidente do Museu His-

torico de Petropolis. Transcrevemos a parte essencial do respectivo acto governamental: «Considerando o que ao executivo suggeriu o presidente do Museu Historico de Petropolis; considerando que homenagem identica á que presta este acto já foi prestada pela Italia ao Brasil; considerando que aos poderes publicos compete, preenchendo a nomenclatura das ruas, promover homenagens de respeito e estima ás nações amigas; considerando que em Petropolis uma numerosa colonia italiana tem collaborado para o progresso do Municipio, — passa a denominar-se rua Italia a rua que começa na rua Duque de Caxias, lado impar, e finaliza no morro».

Da familia pan-americana homenageamos a tres irmãos, a que nos ligam tradicionaes laços de amizade: Chile, Argentina e Uruguay.

Figuram em nosso cadastro urbano, desde 1902, os nomes de: rua Chile — começa na rua Thereza e finaliza na avenida Cel. Albino de Siqueira; rua Montevidéo — começa na rua João Caetano e termina nos Reservatorios da agua do Caxambú; e rua Buenos Aires — principia na av. Benjamin Constant e acaba na rua Figueira de Mello.

E' de todos conhecida por travessa Buenos Aires a que existe entre a rua deste nome e a rua Barão de Aguas Claras.

Não dedicamos ainda iguaes provas de apreço ao «irmão mais velho», á nação leader da America; aliás, sómente ha muito pouco tempo inaugurou-se, na capital do paiz, a praça Estados Unidos, no local em que se ergue a estatua da Amizade que o povo norte-americano offereceu á cidade do Rio de Janeiro.

Cumpria-nos possuir um logradouro destinado a homenagear o nome de nossa patria, a exemplo do que se verifica em muitas de nossas cidades. Os titulos de Sete de Setembro e Ypiranga consagram o mesmo acontecimento historico, não

deixam de ser uma repetição. Embora o nome de avenida Ypiranga se encontre bastante vulgarisado, não se poderia substituil-o pelo de Avenida Brasil ?

Muito provavelmente seria bem acceito ; e que melhor logradouro encontrariamos para honrar o nome de baptismo de nossa patria ?

NOMENCLATURA CIVICA

Durante a campanha da intervenção armada em Buenos Aires, o enthusiasmo popular, festejando os feitos gloriosos da passagem de Toneleros e da batalha de Montecaseros, vinculou esses nomes a duas de nossas ruas. O mappa de Petropolis, tirado em 54, já consigna essas denominações.

A rua Toneleros passou, em 96, a ter o nome de Dr. Porciuncula.

Já não se justificava, então, que as duas bandas dessa rua tivessem o mesmo nome. Ao contrario do que succede com as demais ruas duplas, duplas por terem um rio no meio mas edificadas de um só lado, uma parte da rua Dr. Porciuncula — com as installações da estação ferroviaria — estava edificada dos dois lados. As duas vias separavam-se não apenas pelo rio Palatino, mas pelo extenso edificio da E. F. Leopoldina. Devia receber outro nome a via de transito entre a praça da Inconfidencia e a «praça» onde se encontram as ruas Silva Jardim, Benjamin Constant e Souza Franco; e ultimamente recebeu esse trecho, muito a proposito, a denominação de rua Caldas Vianna.

Registrando as victorias da luta contra Rosas, Petropolis, entretanto, não registrou nenhum dos lances decisivos da campanha contra Solano Lopez.

No longo decurso da guerra não se esmaltou a nossa

nomenclatura urbana de nomes quaes Riachuelo, Humaytá, Aquidaban, Tuyuty, Uruguayana, tão communs a cidades do Brasil.,

Não se comprehende porque, cerca de quinze annos depois, se encontrava tão arrefecido o enthusiasmo pela acção valorosa das armas brasileiras.

Dos bravos chefes militares, apenas foi distinguido um, o legendario Barroso, dando-se a uma rua o nome de Barão do Amazonas, assim mesmo após seu fallecimento, em 82.

Só depois de 89 se incorporaram á nossa nomenclatura os nomes de Primeiro de Março, 24 de Maio e Riachuelo. A primeira Camara republicana rendeu a homenagem devida a Osorio ; Caxias, porém, que é como que o patriarcha dos nossos heroes, só recentemente foi lembrado.

Dos nomes que se immortalisaram combatendo a revolução chefiada por Custodio e Saldanha, homenageamos, além do Marechal Floriano : Fonseca Ramos, coronel do Exercito Nacional que susteve a investida dos marinheiros de Saldanha (Fevereiro de 1894) e Gustavo Sampaio, alumno da Escola de Guerra morto heroicamente no combate da Armação (Novembro de 1893).

A nomenclatura urbana de Petropolis não celebrou tambem, durante o periodo monarchico, o culminante episodio de 1822 ; em nenhum de nossos logradouros se inscreveram a data de 7 de Setembro, o nome de José Bonifacio, nem mesmo o de D. Pedro I.

Não era ainda usual, certamente, na época da fundação de Petropolis, recorrer-se ao calendario civico para denominar ruas e praças. Nem seria tambem costume glorificar se o nome de pessoas que já tivessem fallecido ; e só esta circumstancia explica que os mentores da nomenclatura de então deixassem de adoptar os de duas personalidades do mais alto relevo — D. Pedro I e D. Maria Leopoldina, fundadores do Imperio e progenitores de quem empunhava no momento o sceptro imperial. D. Pedro I escolhêra para sua estancia de repouso o territorio que elle adquirira um anno an-

tes da abdicação e que vinha de se transformar na séde de veraneio do Côrte Imperial. Pelo menos debaixo desse ponto de vista cabia-lhe uma parcella da gratidão petropolitana, que nunca se manifestou, embora, ao findar a Monarchia, o nosso cadasiro urbano se illustrasse de uma duzia e meia de nomes pertencentes a personagens da imperial familia.

Mereceu a homenagem em 1926, após 37 annos de Republica; ao escolher-se nome para a avenida que se abria em terrenos do antigo Bosque do Imperador, em seguimento á avenida então denominada Independencia, franqueada ao publico quatro annos antes, lhe foi dado, logicamente, o titulo de D. Pedro I. A avenida D. Pedro I que começa no Bosque do Imperador, vae terminar na rua Alberto Torres.

Continúa o esquecimento quanto á Imperatriz D. Maria Leopoldina, a indeslembravel heroina do cyclo da nossa emancipação politica.

D. Maria Leopoldina prestou á patria de seus filhos todos os serviços que estiveram ao seu alcance e que foram immensos. Senhora de qualidades intellectuaes absolutamente superiores, applicada aos mais elevados estudos, não só contribuiu para o nosso progresso cultural, promovendo a vinda e a permanencia de sabios europeus que opulentaram o patrimonio brasileiro em todas as espheras das sciencias naturaes, como cooperou viva e decididamente, dentro e fóra do paiz, na causa da emancipação politica da patria que adoptára.

A Historia conferiu-lhe, sem nenhum favor, o glorioso titulo de Paladina da Independencia.

Quando não bastem á cidade imperial essas credenciaes afim de lhe consagrar a homenagem de uma placa de rua, deve bastar á cidade de Pedro a circumstancia de ter sido mãe de um vulto excepcional como D. Pedro II, que foi erudito e illustrissimo monarcha, gloria do seu tempo e de sua patria; o gosto que elle sempre revelou pelos estudos, o interesse dedicado ás sciencias e ás artes, a paixão por todas as manifestações do espirito humano, o sentimento de tolerancia e

de prudencia, de probidade, de moralidade e de renuncia, — todas essas qualidades lhe estavam no animo exclusivamente por hereditariedade materna.

Proclamada a Republica, tratou a Camara Municipal de Petropolis, sem demora, de reformar a nomenclatura de seus logradouros publicos, imprimindo-lhe um sentido civico que se particularisára até então por indisfarçavel indigencia.

Inscreveram-se no cadastro da cidade as datas magnas de 7 de Setembro, 7 de Abril, 1º de Março, 28 de Setembro, 13 de Maio e 15 de Novembro.

Consagraram-se os marcos da evolução autonomica nacional: Inconfidencia e Ypiranga; e reverenciou-se especialmente o protomartyr da Independencia e da Republica: Silva Xavier.

Das muitas insurreições republicanas occorridas na primeira metade do seculo passado, relembraram-se apenas duas, mediante os nomes de Bento Gonçalves e Nunes Machado, principaes protagonistas da revolução que iniciou o cyclo de reacções armadas contra o poder de D. Pedro II e da que o encerrou — a «farroupilha» e a «praieira».

Homenagearam-se a dois bravos chefes militares da melhor estirpe liberal: General Osorio, vencedor de Tuyuty, a maior batalha campal da America do Sul, e Marechal Deodoro, proclamador da Republica.

Riscando os nomes de procedencia monarchica assignalados nas esquinas do Quarteirão Imperial, os primeiros edis republicanos, entretanto, acataram os dos soberanos depostos.

Ambos figuravam duplamente: na rua do Imperador, praça D. Pedro II, rua da Imperatriz e rua Thereza. Foram abolidos os que exprimiam realeza, modificou-se o nome da praça D. Pedro II para D. Pedro de Alcantara e manteve-se o da rua Thereza.

Abrilhantou-se tambem a nossa nomenclatura com alguns nomes de libertadores americanos: Washington, Boli-

var, San Martin, Moreno, Juarez e Garibaldi — acompanhados da data consagrada á Republica e á Liberdade Americana: 14 de Julho.

Alguns annos depois, em 96, tendo o progresso se estendido pela cidade, multiplicando as construcções e abrindo novas ruas, mercê das facilidades que haviam sido creadas pelas grandezas do «encilhamento», ampliou-se tambem algum tanto a nossa nomenclatura urbana.

Registraram-se, em ruas do bairro do Retiro, os nomes de Henrique Dias, Vidal de Negreiros e Felippe Camarão, reverenciando os valorosos soldados que, na resistencia sem treguas contra o dominio hollandez, lançaram os fundamentos da nacionalidade.

Adoptaram-se os nomes aureolados de Casimiro de Abreu, João Caetano e Carlos Gomes, — e só de então em deante nos habituamos a honrar, em nosso cadastro urbano, os que têm dignificado o espirito brasileiro na esphera das letras, artes e sciencias. (Rua Casimiro de Abreu, o ultimo lance da antiga rua do Quarteirão Suisso, em seguimento á av. Benjamin Constant; rua João Caetano, a partir do fim da av. Benjamin Constant e principio da rua Casimiro de Abreu).

E homenagearam-se inolvidaveis estadistas do tempo da Monarchia: Padre Feijó, Bernardo de Vasconcellos, Carneiro Leão, Visconde de Itaborahy e Visconde do Uruguay, de par com eminentes vultos republicanos, tambem já então fallecidos: Marechal Floriano, Benjamin Constant, Saldanha Marinho e Silva Jardim.

Mas os dirigentes de Petropolis continuaram esquecendo-se lamentavelmente das grandes figuras de Anchieta, apostolo do Brasil, que merece a reverencia de todas as nossas cidades, Cayrú, o preclaro estadista a quem se deve a abertura em 1808 dos portos brasileiros ao commercio das nações, José Bonifacio, Caxias e outros — dignos de perenne culto de todo o Brasil.

José Bonifacio, refugado em 89 talvez por não ter querido proclamar a Republica em 22, foi distinguido em 1918

com uma ruazinha socegada, ao tempo considerada «travessa»; seja-nos licito transcrever o acto governamental:

«O Prefeito do Municipio de Petropolis, tomando em consideração a representação que lhe foi feita pelo Circulo de Imprensa solicitando seja dado o nome do excelso factor da Nacionalidade Brasileira, José Bonifacio de Andrada e Silva, a uma das ruas desta cidade, e considerando que essa proposta é altamente patriotica e constitue uma lição de civismo ás gerações vindouras, mostrando-lhes quanto é nobre o respeito aos nossos maiores cuja memoria devemos honrar, resolve dar a denominação de José Bonifacio á rua que começa na avenida Ypiranga e que indevidamente está sendo denominada travessa Ypiranga.»

Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Ferro, que o republicanismo exaltado de 89 accusou talvez de ter suffocado as aspirações republicanas de todos os insurgidos de 24 a 48, permaneceu no «ostracismo» muito mais tempo.

O dr. Affonso de Escragnolle Taunay, em livro publicado em 1930 (Dois artistas maximos — José Mauricio e Carlos Gomes) registrou o seguinte conceito expendido certa vez pelo dr. Washington Luis: «Não ha quasi cidade do Brasil em que se não encontrem a rua General Osorio, a rua Duque de Caxias e a rua Carlos Gomes; repare bem nesta circumstancia». E realmente assim succede — commentava o dr. Taunay.

Sómente em 1936 puzemos termo á decepcionante excepção offerecida a essa regra.

O acto municipal considerou mui justamente «que o povo de Petropolis no momento em que o Brasil commemora, a 25 de Agosto, o Dia do Soldado, se sentirá feliz por homenagear o maior soldado brasileiro, que encarnou aquellas qualidades extraordinarias de bravura, disciplina, caracter, lealdade e desprendimento que caracterizam o Exercito Nacional». E honrou com o nome de Duque de Caxias não só o antigo caminho da Presidencia como o largo que o termina e que se acha á entrada da Villa Militar do 1º Batalhão de Caçadores

— unidade considerada, por sua disciplina e lealdade, modelo dentro de nosso Exercito, e á qual o sentimento petropolitano já conferiu, com o maior carinho, o titulo de «Batalhão Duque de Caxias».

Denominaram-se Escola Municipal Bernardo de Vasconcellos a que serve á séde do segundo districto, installada na rua que tem o nome do notavel creador do Collegio Pedro II, e Escola Complementar Silva Jardim, depois Grupo Escolar Silva Jardim, uma das escolas de ensino primario installadas pelo Estado no primeiro districto e ha alguns annos extincta.

Transcorreu no anno em que estamos o centenario do fallecimento do immortal Andrada: querendo a nossa Prefeitura tributar veneração especial á sua memoria, deu o nome de Escola José Bonifacio á escola municipal do segundo districto situada na estrada da Saudade.

Cinco astros do firmamento poetico nacional fulguram no cadastro da cidade. Admittido o nome do mavioso cantor das «Primaveras», sómente seis annos depois tornamos a preferir, com o mesmo designio, individualidades representativas da poesia, adoptando, em 1902, o nome de Gonçalves Dias para a rua que vae das Duas Pontes ao Valparaizo, e o de Fagundes Varella para a que parte da rua Kopke e segue morro acima; e decorreram mais de vinte annos para que admittissemos de novo, em 1923, um eleito das musas: Olavo Bilac. (Rua Olavo Bilac — da Ponte do Fones vae atravessando a Simeria até ligar-se com a rua Christovão Colombo na garganta entre o mesmo quarteirão e a Castellanea.)

Cinco annos após, escolhiamos mais um nome insigne, mediante acto municipal de 1928 do qual reproduzimos os periodos essenciaes:

«Considerando que o immortal poeta Raul de Leoni nasceu em Petropolis e que a immensa irradiação do seu talento vigoroso vem ainda, com os versos de sua lyra, tão cedo que-

brada pela morte, cobrindo de glorias a sua terra; considerando que Raul de Leoni pode-se comparar em talento creador e em surtos de imaginação ao grande Castro Alves, o lapidario glorioso das Espumas Fluctuantes, e ao maravilhoso Olavo Bilac, autor miraculoso da A Tarde; considerando que o seu nome, já vantajosamente conhecido dentro e fóra do Brasil, precisa de uma viva perpetuação em Petropolis, a terra poetica em que nasceu, — fica denominado rua Raul de Leoni o trecho da av. 7 de Setembro que vae da equina da av. Tiradentes, lado par, até á av. Ypiranga.»

Não são muitos os poetas que a cidade homenagêa; alguns outros nomes, por certo, não deviamos deixar no esquecimento, pelo menos o de Castro Alves, o grande epico em cuja obra Coelho Netto surpreendia o rythmo grandioso do coração da patria. Segundo se sabe, esteve em tempo no designio do prefeito Yeddo Fiuza conferir a um de nossos logradouros o nome desse poeta-idolo, que se recommenda como o mais autorisado e popular expoente da Poesia Nacional; para tal homenagem, será opportuna qualquer occasião.

A Fagundes Varella prestou a cidade novo preito de admiração, immortalisando seu busto em uma herma collocada em praça das mais centraes.

Em 1923 deu o governo o nome de rua Alvares de Azevedo a uma estrada do povoado de Corrêas, segundo districto, — trecho entre a linha ferrea e o Poço do Imperador (rua D. Pedro). Essa resolução municipal não chegou, porém, a ser executada.

Dos cultores da prosa, nosso cadastro urbano apresenta mais que diminuta quantidade, compensada todavia a escassez do numero pela selecção: Euclydes da Cunha, que adoptamos em 1923, e José de Alencar, que estamos usando ha menos de oito annos. A esses dois juntaremos o nome de Alberto Torres, adoptado igualmente em 23. Na sua gradiosa obra de sociologo e pensador, o insigne fluminense manteve invariavelmente as virtudes de escriptor impeccavel. Ruy

Barbosa tambem, notavel jurista, grande artista da palavra, revelou-se sempre incomparavel homem de letras e mestre do vernaculo.

Dos expoentes da divina arte da musica, cultuamos não só o genial compositor d'O Guarany, como o glorioso creador do Hymno da Patria, Francisco Manoel, estando seu nome incluido em nossa nomenclatura desde 1922.

A rua Carlos Gomes primitivamente abrangia, no inicio, os dois lados do fim da avenida Piabanha ; no seu desenvolvimento as duas vias se separavam, — um lado tomava a direcção da rua Paulino Affonso e terminava nessa rua, o outro seguia até á rua Bingen.

Corrigindo a anomalia, a Municipalidade juntou os dois maestros, passando a chamar-se rua Francisco Manoel a continuação do lado impar da av. Piabanha até á rua Paulino Affonso e continuando a chamar-se rua Carlos Gomes o trecho que começa no lado par da mesma avenida e liga a Mosella ao Bingen.

Nesta referencia a artistas da pauta musical cumpre ainda lembrar que nossa cidade prestou em 1929 merecido tributo de reverencia ao saudoso maestro Paulo Carneiro, fundador da Escola de Musica Santa Cecilia, vinculando seu nome a uma praça.

Dos artistas do pincel não consagramos ainda nenhuma notabilidade em nossa nomenclatura ; todavia, se não olvidamos João Caetano, Gonçalves Dias, José de Alencar e Carlos Gomes, não nos cabe esquecer os nomes universaes de Victor Meirelles e Pedro Americo, precursores da sua arte no Brasil, cujas obras de extraordinario merito artistico se acham divulgadissimas, como acontece com «A Primeira Missa» e «O Grito do Ypiranga». Ambos elevaram no conceito das nações o valor da nossa arte. Pedro Americo, segundo o juizo autorisado de Antonio Parreiras, «é ainda hoje o primeiro pintor de batalhas que possue o mundo». Não devemos entretanto reverenciar apenas o nome do incompara-

vel artista da «Batalha de Avahy». Formam ambos no plano dos maiores mestres e seria o caso de adoptarmos os dois. Assim, as sublimes artes da Musica e da Pintura teriam, em nossa nomenclatura, numero igual de representantes.

A' memoria do notavel pintor João Baptista da Costa, o admiravel fixador da paisagem petropolitana, não significamos a nossa saudade e reverencia mediante um titulo de logradouro publico, mas relembrando-lhe o busto em artistica herma levantada em aprazivel local.

Da sciencia medica homenageamos dois expoentes : Oswaldo Gonçalves da Cruz, o immortal creador da medicina experimental no Brasil, que livrou a civilisação nacional do espantalho da febre amarella, e Licinio Cardoso, fundador da Faculdade Hahnemanniana e do Hospital do mesmo nome.

Muito se honra a cidade em ter sido governada por Oswaldo Cruz. Por lei de 28 de Julho de 1916 aboliu o Estado, em Petropolis, o systema administrativo por meio de Camara Municipal até então praticado, e instituiu em seu logar a Prefeitura Municipal. Foi o dr. Oswaldo Cruz o nosso primeiro Prefeito, tendo exercido o cargo de 18 de Agosto de 1916 a 31 de Janeiro de 1917. Falleceu a 11 de Fevereiro do mesmo anno ; e a 8 de Março denominamos Doutor Oswaldo Cruz a praça fronteira ao predio em que habitou e fechou os olhos para sempre esse extraordinario homem de sciencia e acção. Annos depois, seus amigos ergueram no mesmo logradouro um magnifico monumento com o seu busto ; e uma escola publica mantida pela Municipalidade recebeu a denominação de Oswaldo Cruz.

O dr. Licinio Cardoso foi individualidade de merito notavel, salientando-se sobretudo como luminar da medicina homœopathica ; nada porém o vincula a Petropolis. Falleceu em 1926 ; e decorridos poucos annos surgiu a denominação de rua Licinio Cardoso para distinguir a via publica que começa na estrada da Independencia e termina no fim da rua a que a Municipalidade convencionou dar provisoriamente o titulo de rua Um.

Já poderia a cidade possuir uma «rua Cardoso Fontes».

Em 1929, nos ultimos dias da administração Paula Buarque, ficou deliberado prestar-se esse tributo de sympathia ao dilecto filho de Petropolis, dr. Antonio Cardoso Fontes, consagrado paladino da sciencia experimental. O grande nome nacional seria dedicado ao lance da rua Saldanha Marinho da praça Pasteur para cima ; nesse trecho tem o illustre petropolitano a sua residencia de verão. A homenagem, mais que merecida, foi sendo, entretanto, adiada, e acabou não se tornando realidade.

Figuram tambem em nossa nomenclatura varias individualidades que ennobreceram o exercicio da medicina ; mas a gratidão petropolitana lhes perpetuou os nomes attendendo de preferencia á actuação que tiveram na politica e administração do municipio.

De cultores do Direito que tenham enriquecido o patrimonio juridico do paiz, registramos dois nomes sómente : Ruy Barbosa e Epitacio Pessoa.

Acha-se concebido nestes termos o acto de 1923 : «Considerando que Ruy Barbosa era o expoente maximo da intellectualidade latina ; considerando que Ruy Barbosa assombrou o mundo quando, pelo seu formidavel cabedal scientifico, se impoz á memoravel assembléa de Haya ; considerando que Ruy Barbosa, entre os vultos nacionaes, era a figura justamente mais representativa ; considerando que Ruy Barbosa, o fulgurante astro, extinguiu sua maravilhosa lucta nesta cidade ; considerando que Ruy Barbosa escolhia sempre Petropolis para repouso das luctas em prol do engrandecimento da Patria, que tanto lamenta a irreparavel perda ; considerando que toda a existencia de Ruy Barbosa foi consagrada á Liberdade, passa a actual praça da Liberdade a ter a denominação de praça Ruy Barbosa, como merecida homenagem ao grande brasileiro.»

Na casa em que residiu e falleceu o inolvidavel varão, collocou a cidade uma placa commemorativa.

E é do teor seguinte o acto municipal de 1928 : «Consi-

derando que o sr. senador Epitacio Pessoa é um dos vultos mais proeminentes da Republica ; considerando que pela sua grande cultura juridica e literaria, o seu nome já transpoz as fronteiras do mundo civilisado ; considerando que s. excia. sempre foi um grande amigo de Petropolis ; considerando que, quando presidente da Republica, dotou esta cidade de obras de grande vulto, como o edificio dos Correios e Telegraphos e o Quartel do 1º Batalhão de Caçadores, no lugar denominado Presidencia ; considerando que a data historica de 7 de Setembro já está assignalada no titulo de uma importante via publica de Petropolis ; considerando que não ha, portanto, necessidade de termos uma rua com o nome de avenida Independencia, — rendendo justa homenagem. em nome do povo petropolinano, a um grande e esforçado amigo desta cidade, fica denominada avenida Epitacio Pessoa o logradouro da avenida Quinze de Novembro ao Bosque do Imperador, actual avenida Independencia.»

Dos advogados que, trabalhando em nosso fôro, tornaram-se bemquistos da cidade pela illustração e dignidade com que se houveram, honrando a magistratura fluminense ou mantendo em nivel elevado a nobreza de sua profissão, distinguimos apenas um, o dr. João Fraucisco Barcellos, dedicando seu nome a uma de nossas ruas ; outros, entretanto, cujas personalidades continuam tambem duradouras na memoria de nosso povo, mereceriam, sem duvida, identica homenagem.

Festejamos a gloria brasileira do dominio dos ares celebrando em nosso cadastro urbano os vultos insignes que se immortalisaram na extraordinaria descoberta.

Em 1901 consagramos com enthusiasmo o nome de Santos Dumont, no momento historico em que o singular aeronauta, que viria a ser grande amigo de Petropolis, solucionava heroicamente, em Paris, o problema da dirigibilidade

aerea, e abria á humanidade as estradas infinitas do espaço. A rua Santos Dumont começa no principio da av. Benjamin Constant, atravessa o morro Costa Gama, e finaliza ao sahir na rua Dr. Sá Earp.

Avivando-se então na lembrança nacional a individualidade de Bartholomeu de Gusmão, precursor da aviação, glorificamos-lhe tambem o nome, em 1902, conferindo-o a uma rua que parte da rua Santos Dumont; e ainda nesse anno perpetuamos a memoria do intrepido e mallogrado Augusto Severo, que encontrára a morte numa ascensão realisada em Paris, dando seu nome á rua que começa na av. General Marciano de Magalhães e finaliza no logar conhecido por Lagoinha.

Sómente vinte annos depois collocamos a placa respectiva na rua dedicada a Santos Dumont. Titulo tão brilhante não se universalisou ainda, havendo infelizmente muita gente que continua a usar o nome do antigo proprietario local Costa Gama...

A' escola installada na residencia do glorioso brasileiro, no começo da rua que se chamou do Encanto — a «Encantada» que elle doou, por testamento, á cidade de Petropolis — conferimos, naturalmente, o titulo de Escola Santos Dumont.

Com a homenagem ao genial inventor, orgulho de nossa patria, — a quem a França conferiu o titulo de Pae da Aviação — reverenciamos tambem, se assim se póde dizer, a engenharia nacional. Já a nossa nomenclatura consagrava, desde os tempos imperiaes, tres engenheiros militares que occupam merecido destaque na gratidão petropolitana: o major Julio Frederico Koeler, um dos fundadores de Petropolis, a cujo engenho constructivo deve a cidade as multiplas vantagens do traçado que tanto a singularisa entre as suas co-irmãs; o brigadeiro Paulo Barbosa da Silva, que igualmente se empenhou vivamente pela fudação e desenvolvimento da localidade; e o coronel Amaro Emilio da Veiga, deputado fluminense, ardoroso e triumphante defensor, no parlamento provincial, da lei que elevou a então colonia á

categoria citadina. (A titulo de curiosidade lembraremos que Petropolis homenageou englobadamente, nos primeiros annos de sua existencia, os diligentes obreiros de sua construcção: tivemos a rua dos Artistas e a rua dos Engenheiros...) Consagrou tambem a antiga nomenclatura os nomes dos concessionarios da E. F. Principe do Grão Pará, que executaram, com rara audacia, o projecto da via-ferrea — devido a Francisco Pereira Passos — que venceria a ingreme subida de Petropolis. Tivemos a praça Berrini (dr. Luiz Berrini) e a praça Calogeras (irmãos Michel e Pandiá Calogeras) — denominações que a primeira Camara republicana, em 1890, substituiu por outras, homenageativas de heroes sul-americanos, já tambem cancelladas. Registra o cadastro de Petropolis, desde o tempo da Monarchia, o nome de uma das figuras de maior relevo da engenharia civil, notavel pela invulgar competencia e proficua actividade, o conselheiro Manoel Buarque de Macedo, fallecido em 81 quando ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas. A rua Buarque de Macedo, trecho inicial da antiga rua Palatinato, vae da rua Souza Franco, lado impar, ao começo da rua Dr. Sá Earp.

Igualmente registramos Euclydes da Cunha, que foi engenheiro civil de merecimento notavel, revelado no desempenho de varias commissões, sobresahindo aquella em que serviu como auxiliar technico do Barão do Rio Branco no estudo das questões de fronteiras. A rua Euclydes da Cunha principia na avenida Cel. Albino de Siqueira e finaliza na rua Saldanha Marinho.

Dos engenheiros que, trabalhando em nosso meio, bem mereceram da cidade pelos emprehendimentos em favor de seu progresso, distinguimos até agora, apenas, o dr. Eduardo dos Guimarães Bonjean — para aqui enviado, no periodo monarchico, afim de dirigir o Districto Provincial de Obras Publicas com séde em Petropolis e que acabou tornando-se um dos fundadores da Fabrica de Tecidos de Cascatinha e seu director-gerente até fallecer.

Entretanto, em 1929, demonstrou a cidade sua admiração

por outro engenheiro, dotado de excepcional capacidade e espirito realisador, que muito fizera já, e ainda poderá fazer, em favor do engrandecimento de Petropolis. Não foi dedicado seu nome a rua ou praça, mas a uma ponte, a maior e a mais bella que possuimos.

O titulo por assim dizer historico — ponte Dr. Sá Earp — ou a denominação pittoresca — ponte da Bacia — continuaram prevalecendo ; vale a pena, entretanto, transcrever, pela justeza do conceito, a deliberação governamental : «Considerando que o dr. Oscar Weinschenk foi um dos mais operosos administradores que teve o municipio de Petropolis ; considerando que o seu nome é tambem uma das grandes glorias da engenharia nacional ; considerando por esse motivo que o municipio de Petropolis deve-lhe um grande tributo de gratidão : fica denominada ponte Oscar Weinschenk a de cimento armado que liga o lado par da avenida 15 de Novembro, na praça D. Pedro II».

Cumpre mencionar ainda os nomes nacionaes de dois homens de acção extraordinariamente realizadora, que surpreenderam os contemporaneos e os posteros veneram. Não foram engenheiros ; mas em altos postos de trabalho projectaram e effectivaram importantissimos melhoramentos publicos. Mariano Procopio illustra a nossa nomenclatura desde 1890. Mauá a esmalta ha mais tempo, e duplamente, denominando o jardim municipal e a ponte de cimento armado, sobre o Piabanha, fronteira ao palacio que pertenceu ao immortal patricio. A praça chama-se Visconde de Mauá, que é tambem o nome assignalado na ponte.

A praça Mariano Procopio, segundo o registro official, fica no fim da rua 13 de Maio, entre as ruas Padre Siqueira e lado par da avenida Barão do Rio Branco, e abrange tambem o logradouro do outro lado do Piabanha, onde se encontra a antiga vivenda Mauá.

Ha alguns annos o dr. João Glasl Veiga aconselhou a que se procurasse melhor local para honrar o nome do benemerito constructor da União e Industria. Não representa pro-

priamente uma homenagem dar-se-lhe uma praça de cuja existencia só nos apercebemos lendo a placa no canto da rua 13 de Maio. Maior largueza se verifica no encontro das ruas Silva Jardim, Benjamin Constant e Souza Franco, — e esse espaço não é considerado praça.

Suggeriu o dr. Glasl que a escolha recahisse em logradouro do primeiro districto que estivesse ligado historicamente á União e Industria, como acontece aliás com a improvisada praça, situada precisamente no começo da grande via de penetração. Dali se dirigia ella a Juiz de Fóra. Atravessando o interior de nosso municipio, e o de Parahyba do Sul, põe os moradores das respectivas localidades em facil contacto com Petropolis.

No tempo das carroças e diligencias, estas ultimas, procedendo do interior, alcançavam o Alto da Serra passando por 13 de Maio, 7 de Setembro (lado da Prefeitura), 15 de Novembro, Marechal Deodoro, Aureliano Coutinho e Thereza; e as carroças passavam por 7 de Setembro, lado do Palacio Imperial, 15 de Novembro, Dr. Porciuncula, Souza Franco lado da linha ferrea (que ainda não existia), Visconde do Bom Retiro e Thereza. A rua 13 de Maio foi macadamisada pela Companhia União e Industria; tinha o leito exactamente igual ao da estrada. O trecho hoje denominado rua Visconde do Bom Retiro foi aberto e calçado pela Companhia.

O Exercito Nacional encontra-se representado em nossa nomenclatura mediante varias de suas patentes mais gloriosas e expressivas. No periodo monarchico distinguiu a cidade apenas os nomes de Paulo Barbosa, Koeler, Conde d'Eu e Coronel Veiga. Basta, porém, relembrar os officiaes que ella passou a homenagear em seguida a 89: Manoel Luiz Osorio, nome que se liga a feitos militares realmente memoraveis; Manoel Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant Bo-

telho de Magalhães e Floriano Vieira Peixoto que, instituindo e consolidando o regimen republicano, ingressaram na galeria dos grandes vultos nacionaes.

Figura no cadastro da cidade desde 1896 o nome do Coronel José Luiz da Fonseca Ramos, que nos recorda tambem um batalhador intrepido em favor da Republica e o destemido defensor de Nictheroy da tentativa de occupação operada, em 94, pela maruja obediente a Saldanha da Gama. A rua Fonseca Ramos começa na juncção da avenida Ypiranga e rua Alberto Torres e finaliza na rua Quissamã.

Em 1902 perpetuamos o nome de Gustavo Sampaio, consagrando a memoria do bravo alferes-alumno da Escola Militar que revelou extraordinario valor no memoravel combate da Armação, sacrificando a vida pela legalidade. O destemor e o sacrificio do ardoroso joven, commoveram a opinião. Floriano dedicou seu heroico nome a um torpedeiro pertencente á esquadra que o Governo adquiriu de varios paizes ; e foi o «Gustavo Sampaio» que em Santa Catharina torpedeou e inutilizou o famoso «Aquidaban». A rua Gustavo Sampaio começa na rua Alfredo Schlick, segue em direcção á serra, terminando na rua Lopes Trovão.

Ainda em 1902, incorporando á nossa nomenclatura o nome de Pedro Ivo, rendemos preito á memoria do capitão do exercito Pedro Ivo Velloso da Silveira, — figura legendaria da revolução praieira que terminou praticamente em principios de 49 com a morte do chefe Joaquim Nunes Machado, proseguindo todavia na luta ainda por um anno o capitão guerrilheiro, que ficou commandando uma columna de insurrectos, erradia nas mattas de Pernambuco. As peripecias de sua vida de agitador, a sua prisão, as tentativas de fuga, e a sua morte, apaixonaram a opinião nacional e sagraram-no o heroe que Petropolis, cincoenta annos depois, não quiz deixar de cultuar. A rua Pedro Ivo, no bairro do Morin, começa na av. General Marciano de Magalhães, lado impar.

Em 1904 consagramos o nome de Fabricio de Mattos — major Innocencio Fabricio Ferreira de Mattos, brioso militar,

ardorosamente dedicado á causa da Republica, morto tragicamente naquelle anno. Commandára o 2º batalhão de infanteria da Brigada policial fluminense no governo Porciuncula e exercêra o commando geral da mesma brigada nos governos Alberto Torres e Quintino, quando Petropolis era a capital fluminense. Usava então os galões de major. Aqui residiu e deve ter, naturalmente, grangeado boas amizades. Causou geral consternação a noticia de seu assassinio, occorrido na Bahia, quando, no posto de commandante do 9º batalhão de infanteria, e no cumprimento de sua obrigação de soldado disciplinador, dava voz de prisão a um alferes que pretendia sublevar a tropa. A rua Coronel Fabricio de Mattos começa na praça Oswaldo Cruz e finaliza no Cemiterio Velho.

Passaram-se quasi vinte annos até que, em 1922, tornamos a homenagear a outro expoente do nosso exercito, distincto official que subiu, pelo esforço proprio, todos os degraus da carreira que abraçou, conseguindo merecido destaque entre os melhores de sua classe: general Marciano Magalhães, — petropolitano nato e irmão de Benjamin Constant. A avenida General Marciano de Magalhães, que atravessa o Palatinato Superior (Morin), começa no fim da rua Dr. Sá Earp e principio das ruas Padre Feijó e Coronel Baptista da Silva.

Marciano Augusto Botelho de Magalhães, major ao tempo da proclamação da Republica, alistára-se desde muito na corrente chefiada por Benjamin, secundando com dedicação os trabalhos de seus correligionarios, o que lhe occasionou perseguições. A 15 de Novembro assumiu o commando da Escola Militar e por occasião da partida para o exilio da familia imperial commandava a fortaleza de Santa Cruz. Sejanos ainda permittida ligeira digressão. O pae de tão illustres militares, portuguez, pertencêra á officialidade do exercito de sua patria e tivera no Brasil, em algumas cidades fluminenses, um collegio de primeiras letras, grammatica e latim.

Benjamin nasceu em Nictheroy, em 1836; em 46 ou 47 transferiu-se a familia, minguada de recursos, para Petropolis, depois de ter estado em Macahé e Magé.

Experimentou, a principio, o esforçado chefe, a vida industrial, estabelecendo-se com padaria. «O pendor que tinha pelo magisterio fel-o installar novamente o collegio; já então Benjamin o auxiliava nas aulas», informa o seu biographo Alves Cerqueira nas «Letras fluminenses». De onde se conclue que Benjamin Constant, que se tornaria sabio, sociologo, lente notavel de mathematicas, e o verdadeiro fundador da Republica, foi dos primeiros professores, e seguramente o mais moço, que Petropolis já teve.

Em 1923, admittindo em sua nomenclatura o titulo de General Rondon, prestou a cidade justificado tributo de admiração a uma das figuras mais salientes de nosso exercito. Sobejam a Candido Mariano da Silva Rondon credenciaes para a gratidão nacional. Muito lhe deve o Brasil, á sua iniciativa, conhecimentos technicos e grandes reservas de energia, applicados no relevante serviço de assentamento de linhas telegraphicas varando os sertões de Matto Grosso ao Amazonas e na obra meritoria de civilisação de nossos aborigenes. A rua General Rondon segue da Ponte do Fones em continuação á rua Coronel Veiga, terminando em frente ao lago da Quitandinha, no principio da estrada do mesmo nome.

Em 1927, incluindo em nosso cadastro urbano o titulo Presidente Sodré, homenageamos o então governador do Estado tenente-coronel dr. Feliciano Pires de Abreu Sodré. Militar dos mais brilhantes, engenheiro de comprovada capacidade, bacharel em sciencias physicas e mathematicas, esteve á frente dos destinos da terra fluminense no quadriennio iniciado a 23 de Dezembro de 1923.

A denominação de presidente, adequada quando foi escolhida, perdeu a razão de ser, e o titulo devia ser agora modificado para Feliciano Sodré. Alberto Torres, Porciuncula, Nilo Peçanha, entre outros, exerceram tambem a su-

prema governança do Estado e não têm o nome, em nossa nomenclatura, precedido da condição occasional de «presidente».

A essa brilhante galeria representativa do Exercito Brasileiro juntamos recentemente o titulo nobiliarchico do marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o maior guerreiro de todo um hemispberio, heroe e paladino cuja espada invencivel e acção politica estiveram sempre a serviço da integridade e soberania nacionaes.

A' relação de officiaes de nosso Exercito cujos nomes illustram a nomenclatura de logradouros publicos de Petropolis, podemos associar alguns outros, que praticaram tambem a carreira das armas e a quem a cidade confere identica homenagem.

Nesta categoria se enquadram os chefes de heroicas legiões que se bateram na defesa do territorio patrio assolado pela invasão hollandeza e que obtiveram as seguintes patentes do exercito reinol, além da commenda portugueza da Ordem de Christo : de «capitão», o destemido cabecilha das hostes indigenas Antonio Felippe Camarão ; de «capitão», Henrique Dias, o valoroso cabo dos combatentes pretos, galardoado tambem com o titulo de «mestre de campo honorario» ; e de «mestre de campo», André Vidal de Negreiros, o intrepido batalhador, commandante de tropas regulares.

Cumpre ainda mencionar um outro admiravel patriota que alistando-se, simples paisano, no regimento de dragões da Capitania de Minas, alcançou promoções até ao posto de «alferes», por sua conducta, e o desempenho de arriscadas diligencias : Joaquim José da Silva Xavier, que pagou com a vida a grande aspiração de um Brasil livre e a quem a posteridade recebeu em seu seio com o nome legendario de Tiradentes.

Recentemente a nossa Municipalidade dedicou os sobrenomes de José Ignacio de Abreu e Lima á optima rodovia, inaugurada ha pouco tempo, ligando o Valparaizo á Villa Militar

da Presidencia, — rodovia mandada abrir pelo governo federal a pedido do coronel Boanerges Lopes de Souza, então commandante do 1º B. C.; representa mais um testemunho da capacidade e dedicação do dr. Yêddo Fiuza, que a construiu na qualidade de Chefe da Commissão de Estradas de Rodagem Federaes.

O acto municipal considerou «que o general Abreu e Lima encarnou, na guerra bolivariana, a cooperação brasileira na emancipação politica da Venezuela».

Não tendo militado no Exercito Brasileiro, o impetuoso pernambucano, que realizára luminosa trajectoria nas campanhas emancipacionistas da America Hespanhola, obteve, entretanto, de regresso á patria, que o governo imperial, então exercido pela Regencia trina, lhe assegurasse as honras de um generalato que conquistára em quinze annos de fragorosas batalhas.

Filho e homonymo de um dos próceres da revolução de 1817, o heroico Padre Roma, Abreu e Lima occupava o posto de capitão de artilharia da tropa lusitana destacada em Pernambuco, quando, perseguido pela justiça do Conde dos Arcos, conseguiu, com a protecção da Maçonaria, fugir para a Colombia. Arrastado a assistir ao arcabuzamento do proprio pae, jurára consagrar a vida ao ideal da liberdade americana. No exercito de Simon Bolivar revelou qualidades de official competente e destemido, impondo-se entre os melhores combatentes.

Admittido no posto de tenente, galgou todas as possiveis promoções.

Soldado, marinheiro, diplomata, foi tambem escriptor — um dos mais ardorosos evangelistas da epopéa libertadora — tendo grangeado justa notoriedade sob este aspecto.

Temperamento irrequieto e arrojado, adquiriu muitos inimigos, entre os proprios companheiros d'armas da Colombia e Venezuela, que o tratavam de «sacerdote apostata do Brasil».

Fallecido Bolivar, de quem foi amigo e devotado e fiel

servidor nos extremos dias, voltou á patria em 1831 com o peito coberto de medalhas, o titulo de «libertador» e o diploma de general escripto pelo proprio «libertador maior que todos os outros libertadores das tres Americas». Fixou-se em seu torrão natal. Polemista por hereditariedade paterna, paladino da democracia, fez-se jornalista politico e doutrinador avançado. Foi o primeiro que entre nós tratou do socialismo, cujas soluções ventilou e advogou com veemencia; e os numerosos adversarios de suas ideias lhe davam o tratamento de «general das massas».

Nossa nomenclatura urbana homenageou, no tempo da Monarchia, o principe francez Gastão de Orleans, Conde d'Eu, marechal do Exercito Brasileiro, commandante geral da Artilharia. No ultimo anno da guerra contra o dictador Solano Lopez, depois da retirada de Caxias, exerceu o elevado cargo de general em chefe do exercito em operações no Paraguay, desenvolvendo acção profícua mercê de seus conhecimentos technicos e de suas qualidades de desassombro e bravura.

O titulo de Conde d'Eu denominava o primeiro lance da actual rua Nunes Machado, emquanto o segundo se denominava Duque de Saxe — ambos genros do Imperador. O nome do esposo da princeza d. Leopoldina não se generalisou e o povo dava á rua toda o nome do consorte da herdeira presumptiva do throno. Em 89 foi a rua elevada á categoria de avenida, classificação que não perdurou, e os titulos principescos foram substituidos pelos nomes de afamados revolucionarios: Nunes Machado o primeiro trecho, Bento Gonçalves o segundo. Não se manteve entretanto o nome do caudilho riograndense; a rua passou toda a relembrar o destemeroso e mallogrado cabeça da rebellião pernambucana de 48. Moreira Pinto, numa noticia sobre as vias de transito de Petropolis inserta no Diccionario Geographico Brasileiro editado em 1896, já não registra o nome do presidente da Republica de Piratiny.

Bento Gonçalves da Silva pertenceu tambem ao Exercito

Imperial. Soldado por instincto, alistando-se no corpo de milicias da capitania do Rio Grande do Sul, conquistou todos os postos de official de cavallaria, commandante de guerrilhas, após uma serie brilhante de victorias em nossos continuos recontros com os caudilhos do Prata.

Feita a Independencia, ingressou no exercito nacional com os galões de coronel; e em 1836 a Republica farroupilha o elevou á dignidade de general.

O governo municipal de Petropolis homenageou tambem, por uma resolução de 13 de Março de 1897, o nome do coronel Antonio Moreira Cesar, victimado oito dias antes num ataque ao arraial de Canudos.

Passaria a chamar-se rua Moreira Cesar o trecho da rua Thereza compreendido entre o Alto da Serra e a rua Padre Feijó. A nova denominação, que abrangia 80 casas de familia e 8 de negocio, se estenderia sobre a terça parte da tradicional arteria, á qual restavam ainda 160 casas particulares e 22 commerciaes. O povo, entretanto, não correspondeu á homenagem, que seria tambem á memoria do homem que exercêra, no governo Floriano, o poder discricionario em Santa Catharina; e annos depois outra resolução municipal considerou-a cancellada. «...esse nome Moreira Cesar, tem, pelo visto, pouca sorte — escreveu em tempo um jornalista de Petropolis, o sr. Almeida Azevedo. — Não pegou na rua Thereza, como não pegou, no Rio, na rua do Ouvidor. As ruas continuaram mesmo a denominar-se Thereza e Ouvidor, porque o povo quiz e porque, afinal, os governos acabaram rendendo-se á evidencia...»

Glorificando o Exercito Nacional, consigna ainda nosso cadastro urbano um nome geographico e uma data, que recordam feitos d'armas de que resultaram victorias violentas e completas para a causa brasileira. «Monte Caseros» significa o desbarato do exercito de Juan Manoel Rosas — o sanguinario despota de Buenos Aires — por alguns batalhões im-

periaes sob o commando em chefe do insigne brigadeiro Manoel Marques de Souza, mais tarde conde de Porto Alegre.

«Vinte e quatro de Maio» assignala a batalha de Tuyuty, uma das mais expressivas e decisivas da campanha contra o exercito paraguayo, na qual se revelaram como sempre o patriotismo, a intrepidez e a habilidade de nossos heroicos soldados e de seus inclitos commandantes.

Deve ter tido origem popular a denominação de 24 de Maio applicada ao antigo caminho da Caixa d'Agua, ingreme subida para o bairro operario situado no morro onde em tempos idos se localisára a represa que abastecia o Quarteirão Imperial de agua potavel; esse caminho, attingido o alto, passando a descer o outro lado da montanha, chegará á praça Pasteur, na Castellanea.

Surgido tambem do seio do povo, está se vulgarisando o nome de Tuyuty para designar a rua, aberta ha uns cinco annos e possuindo hoje uma duzia de casas, que principia quasi no fim da rua Fluminense, lado esquerdo, e futuramente terminará na rua Fabricio de Mattos. Vingando esta denominação, passaremos a exaltar em duplicata a victoria de nossas armas na celebre batalha campal. Aliás já commemoramos duplamente alguns acontecimentos historicos: a Descoberta da America nas denominações Christovam Colombo e Doze de Outubro; a Conjuração Mineira em Tiradentes e Inconfidencia; a Independencia Nacional em Sete de Setembro e Ypiranga. Para homenagear a nossa emancipação politica já tivemos aliás, contemporaneamente, tres avenidas: aquellas duas e mais a avenida Independencia, hoje Epitacio Pessoa; tivemos igualmente em uso o titulo extravagante de rua Nova Ypiranga, substituido pelo de Alberto Torres.

Não se pode esconder que a outras denominações — nascidas de um enthusiasmo momentaneo, algumas vezes da vontade preponderante de uma só personagem — escasseiam requisitos de caracter historico ou regional.

Adoptamos o nome de Fonseca Ramos, ao transcorrer

um anno precisamente de seu fallecimento, porque Nictheroy prestava no momento grandes e justificadas homenagens á sua memoria, resgatando uma divida de gratidão para com o valoroso general legalista que a defendêra da arremetida dos rebeldes da Armada e conquistára o titulo de «cidade invicta» com que Floriano a galardoou.

Petropolis era então a capital do Estado; cumpria-lhe secundar a antiga séde do governo nas suas homenagens.

Fabricio de Mattos, bravo e digno official, sepultado com as insignias de coronel, mereceu ter o nome, entre nós, perpetuado, porque devia ter sido profunda, no circulo de amizades que grangeára nesta cidade, a repercussão de sua morte tragica occorrida numa guarnição do Norte.

Concedemos o nome de Abreu e Lima á bella rodovia Valparaizo-Presidencia attendendo á circumstancia de começar a mesma na rua que acabavamos de chrismar com o nome de Simon Bolivar e haver aquelle intrepido pernambucano pelejado pela liberdade da Colombia e Venezuela ao lado do grande general-estadista; tendo sido este removido daquelle local, não seria demais que o mesmo acontecesse ao companheiro.

Homenageamos ainda individualidades incidentaes do porte de Gustavo Sampaio, Augusto Severo, João Pessoa, e algumas outras, indiscutivelmente individualidades a cuja memoria os brasileiros devem todo respeito, estima e veneração, mas que não occuparam situação excepcional na vida do paiz de modo a justificar que a cidade lhes confira destaque especial.

Estamos entretanto nos descuidando de prestar analogo preito de reverencia, que se impõe, a um official do nosso Exercito que teve Petropolis por berço natalicio, — o 1º tenente aviador Danilo Paladini.

Authentico padrão do militar brasileiro, de alma varonil e patriotismo inquebrantavel, Paladini deixou-se heroicamen-

te immolar á sanha bolchevista de seus companheiros d'armas na emboscada de 27 de Novembro de 1935, na capital do paiz.

Servia na Escola de Aviação como professor de motores de explosão, e ao dar-se o levante, na referida escola, achava-se dormindo no seu alojamento. Acordado violentamente, é convidado a adherir á sublevação ou a render-se, sob pena de ser fuzilado. Não teve hesitações e não trepidou um só momento em sacrificar-se no cumprimento do seu dever de soldado leal e pundonoroso. Assassinaram-no, então, friamente. O tenente Danilo Paladini, com uma altivez e coragem admiraveis, bradou para os seus atacantes, que já o haviam baleado mortalmente: «morro mas não me entrego». Poucos minutos depois o heroe expirava!

Pertencem ao sr. Walter Bretz a descripção acima, bem como a patriotica e feliz suggestão para que se dê a um dos logradouros publicos desta cidade o nome do indeslembravel militar cuja morte valeu por um poema de denodo e sacrificio. «Petropolis saberá guardar o seu nome e ha de orgulhar-se sempre da bravura do seu galhardo e intemerato filho — escreveu o apreciado jornalista. Desde já suggerimos ao nosso digno prefeito municipal que honre uma das ruas da cidade com o nome do 1º tenente Danilo Paladini, justa homenagem ao heroico militar conterraneo, que tão altamente elevou a Patria e o valor do soldado petropolitano.»

A sua memoria não está nem será esquecida, e nosso governo saberá conferir-lhe a consagração que merece.

Os srs. Pedro Hees e João Mosna, vereadores, numa iniciativa digna de todos os applausos, apresentaram á Camara Municipal em Agosto de 1936 a seguinte indicação: «Afim de que os futuros historiadores possam verificar o heroismo de um brasileiro, oriundo da nossa cidade, que soube cumprir o seu dever de militar e cidadão com perda da propria vida, requeremos seja lançado em acta um voto de profunda saudade pelo passamento do tenente Danilo Paladini, morto no levante communista de Novembro de 1935».

Outro vereador falou sobro o requerimento — o dr. Alcindo Sodré — exaltando os meritos do distincto official e accrescentando ter elle estado sempre a serviço da lei para manutenção da tranquillidade publica e que sacrificára a vida na defesa do nosso regimen e dos poderes constituidos.

Cogitava-se então de dar a um logradouro publico da Capital Federal, como homenagem aos que, morrendo, salvaram as instituições, o nome do tenente-coronel Misael de Mendonça, o mais graduado dos officiaes que tombaram combatendo a explosão bolchevista de 27 de Novembro. Transcorreram em salutar ambiente de elevação civica o primeiro e o segundo anniversarios de tão amarga passagem de nossa Historia; e certamente, para commemorarmos como devemos o proximo transcurso, Petropolis perpetuará em sua nomenclatura urbana o nome de seu nobilissimo filho Danilo Paladini, fazendo-o aliás com o mais justificado orgulho.

O sentimento petropolitano proclama-o «O heroe de Petropolis».

Da Marinha de Guerra Brasileira, possuidora de uma Historia que dignifica a nacionalidade pelos exemplos edificantes de patriotismo, intrepidez e efficiencia, nossa nomenclatura urbana presta culto a tres de seus mais dedicados servidores e commemora a batalha que mais exaltou o valor de suas forças.

Relembrou a cidade em outros tempos, com a denominação de Toneleros mantida durante mais de quarenta annos, o feito glorioso de uma divisão naval composta de seis vasos que transpoz o terrivel passo do rio Paraná debaixo de nutridas descargas das baterias do dictador Rosas, revelando a nossa marinhagem decidida ousadia e extremado sangue-frio.

O titulo de Toneleros desappareceu, entretanto, de nossa nomenclatura, por imposição de um outro nome.

O mesmo destino teve o de Duque de Saxe com que a cidade homenageou o principe germanico Luiz Augusto de Coburgo Gotha, esposo da segunda e ultima filha de D. Pedro II.

Official da Marinha austriaca, foi agraciado com o titulo de almirante honorario da Armada Brasileira por occasião de seu casamento em 1864, — distincção que se estendeu mais tarde á qualidade de almirante effectivo.

Ha muitos annos, dedicou a cidade o titulo de Barão do Amazonas a uma rua, que, não obstante pequena, mereceu a classificação de avenida por sua largura e arborisação (da praça Ruy Barbosa ao principio das ruas Monsenhor Bacellar e Riachuelo).

O almirante Francisco Manoel Barroso da Silva — que, portuguez de nascimento, cumpriu os mais altos deveres de brasileiro — tornou-se, mercê de suas excepcionaes qualidades de marujo e guerreiro, uma das personalidades mais culminantes de nossa historia militar.

Commandante supremo da esquadra brasileira na batalha do Riachuelo, recebeu pouco depois a dignidade de um baronato, que teve o nome do mais consideravel rio do mundo porque Amazonas se denominava a fragata constituida em navio chefe durante o memoravel combate.

Não se vulgarizou, comtudo, sufficientemente, o tratamento nobiliarchico conferido ao insigne marinheiro ; a maioria do povo não identifica o nome popular de Almirante Barroso com o vago titulo de Barão do Amazonas. Prestada a homenagem de nossa nomenclatura ainda na vigencia da Monarchia, serviram-se naturalmente do titulo de nobreza doado pelo Imperador ; mas seria tambem natural que mudassemos agora a denominação para Almirante Barroso, por ser mais expressiva.

Indubitavelmente, o general Osorio é mais conhecido por Marquez de Herval do que o almirante Barroso por Barão do Amazonas ; entretanto, para identica homenagem ao invicto soldado, preferiu a cidade adoptar o seu nome de familia.

Já existe, aliás, pelo menos um precedente na chronica de nossa nomenclatura urbana. Querendo perpetuar a me-

moria do glorioso protomartyr da Independencia, demos em 89 o nome de Silva Xavier á antiga rua D. Maria II.

Silva Xavier não é, todavia, bastante conhecido entre o povo; e um acto municipal, nas vesperas do vinte e um de Abril de 1922, mudou a denominação da avenida para Tiradentes.

No Rio de Janeiro não ha logradouro com o nome de Barão do Amazonas; existe porém a avenida Almirante Barroso.

Vem a proposito assignalar que J. Tinoco, relacionando as ruas da cidade no seu Guia de Petropolis, publicado em 1885, menciona Almirante Barroso em vez de Barão do Amazonas.

Em 11 de Junho de 1923, dando á antiga rua do Encanto o nome de Riachuelo, passou a cidade a homenagear a grande batalha naval de iguaes dia e mez de 1865, ferida em aguas do rio Paraná proximo á foz de um arroio que, por não ter denominação propria, ficou desde então appellidado de «riachuelo», diminutivo de riacho. A celebre batalha, que destruiu todo o poder naval paraguayo e em cujo desenrolar resaltaram tantos heroes brasileiros, ficou illustrando, mais do que qualquer outra, os nossos fastos militares.

Em 1925 creamos a rua Barão de Teffé (da av. 15 de Novembro á av. D. Pedro I), homenageando em vida o sympathico e prestigioso expoente da Armada Nacional, illustre por todos os titulos, almirante Antonio Luiz von Hoonholtz.

Fez toda a campanha do Paraguay, tendo tomado parte em 22 combates, destacando-se em lances de raro destemor na batalha do Riachuelo, onde commandou a canhoneira Araguary, e na passagem de Tebicuary, cuja corrente o seu navio cortou, atravessando as linhas inimigas. Marinheiro-artista, escriptor, desenhista, autor de trabalhos sobre hydrographia e geographia, foi eleito em 88 membro da Academia de Sciencias de Paris, douto instituto onde um unico brasileiro, D. Pedro II, até então tivera assento.

Grande no Imperio, desempenhou tambem papel saliente

na vida republicana, tendo sido embaixador na Belgica e na Italia, e senador federal; de seu valor pessoal soube dar brilhantes provas até na idade mais avançada.

A cidade contou no distincto patricio um dos seus mais dedicados amigos e os petropolitanos por sua vez souberam tributar-lhe um culto de respeitosa admiração e sincera estima e reverenciam-lhe a memoria com iguaes sentimentos.

A proposito da passagem do centenario de seu nascimento, conferiu a Prefeitura o nome de Escola Municipal Barão de Teffé á que se acha situada no Jardim de Castalia e serve aos bairros da Cremerie e Independencia.

A 11 de Junho de 1937 consagramos outro nome que abrilhanta o cadastro urbano de numerosas cidades do Brasil: o do artilheiro Marcilio Dias, — estando nestes termos concebido o respectivo acto municipal: «Considerando o que á Prefeitura suggeriu a Liga Naval Brasileira; considerando que Marcilio Dias pelos seus actos de bravura e patrictismo foi a personificação gloriosa da maruja nacional; considerando que sua memoria se perpetua na veneração dos brasileiros; considerando que se deve homenagear em Marcilio Dias o heroismo anonymo de todos os marinheiros da Patria, — passa a denominar-se rua Marcilio Dias a actual rua conhecida por Ermitagem, no bairro do Valparaizo».

O indomito Marcilio Dias, inferior da Armada, tornou-se figura inolvidavel, defendendo na batalha do Riachuelo, como legitimo heroe, até ao ultimo alento, o seu rodizio na canhoneira Parnahyba, abordada por tres navios paraguayos. A nossa Marinha cultua a sua memoria como a um symbolo de abnegação e bravura, «para exemplo de todas as gerações que pisarem o convés de um navio de guerra brasileiro».

Observa-se na nomenclatura de Petropolis a ausencia de outro nome que representa igualmente padrão de glorias de nossa Marinha, o do almirante Tamandaré.

Joaquim Marques Lisbôa, Marquez de Tamandaré, conquistou fama immorredoura por sens importantes feitos d'armas, desde a campanha da Independencia até á do Paraguay,

na qual commandou a nossa esquadra quando as forças nacionaes, terrestres e navaes, penetraram no territorio inimigo.

O Brasil, que recentemente adoptou a data natalicia do Duque de Caxias para commemorar annualmente o «Dia do Soldado», já anteriormente escolhêra a data de nascimento do legendario Tamandaré para commemorar o «Dia do Marinheiro».

As credenciaes com que o seu nome se impõe a uma prova de reverencia a ser prestada por Petropolis não precisam, aliás, de ser encarecidas.

Petropolis, que tem sabido honrar a origem imperial de seu nome, reverencia tambem em seu cadastro urbano os tres representantes da dynastia bragantina que regeram o Imperio.

A tranquilla rua residencial conferiu, ha doze annos, o titulo de avenida D. Pedro I — D. Pedro de Alcantara, Bragança e Bourbon, Regente do Brasil de Abril de 1821 a Setembro de 1822 e Imperador durante nove annos, de Setembro de 22 a Abril de 31.

A' arteria predestinada a ser o eixo da cidade foi conferido, quando a mesma se fundou, o titulo de rua do Imperador, em homenagem a D. Pedro de Alcantara e Bragança, segundo de nome, Imperador do Brasil de 23 de Julho de 1840 a 15 de Novembro de 1889.

Praça D. Pedro II chamou-se o largo junto á confluencia denominada pelo povo de «bacia».

A tradicional rua do Imperador passou a ser, de 89 em deante, a avenida Quinze de Novembro; e a praça D. Pedro II, sem perder a intenção homenageativa, transformou-se em praça D. Pedro d'Alcantara — tratamento que os republicanos historicos davam ao soberano afim de não mencionarem a sua condição magestatica.

A cidade, positivando o invariavel devotamento consagrado á memoria de seu maior amigo, collocou em 1911, no

mesmo logradouro, a primeira estatua erguida ao inolvidavel vulto nacional; e em 1920 restabeleceu a primitiva denominação: praça D. Pedro II.

Grupo Escolar D. Pedro II foi a denominação recebida pelo magnifico estabelecimento de ensino primario, em edificio modelo, com que a administração fluminense dotou a cidade de Petropolis, commemorando condignamente o centenario da Independencia do Brasil. Aliás, o grupo-escolar substituiu a Escola Complementar Pedro II que vinha sendo mantida pelo Estado, á rua então chamada 14 de Julho.

Em 1926 recebeu o titulo de Bosque do Imperador a praça, ensombrada e calma, offerecida ao povo pela Fazenda Imperial, onde se encontram o obelisco de granito commemorativo do centenario de nascimento do augusto monarcha e o busto em bronze do sempre lembrado pintor Baptista da Costa — logradouro situado entre as ruas Barão de Teffé e Dr. Joaquim Moreira e as avenidas Epitacio Pessoa e D. Pedro I.

D. Isabel de Bragança e Orleans, herdeira presumptiva do throno do Brasil, presidiu tres periodos regenciaes na ausencia de seu Pae: de 25 de Maio de 1871 a 31 de Março de 72, de 26 de Março de 76 a 25 de Setembro de 77, de 30 de Junho de 87 a 22 de Agosto de 88.

Já em 1850, mais ou menos, o bairro do Quissamã recebêra o nome de quarteirão Princeza Imperial, em homenagem á futura condessa d'Eu. Mais tarde, estendendo-se o territorio de senhorio da Corôa até abranger as nascentes do Piabanha, dahi descendo a terminar no rumo da fazenda do Retiro, foi nessa zona fundado um bairro agricola com o titulo de Villa Isabel.

Moravam os condes d'Eu em predio que adquiriram ao capitalista Rodrigo Delphim Pereira, propriedade inicial do Barão do Pilar, situado no angulo das ruas D. Affonso e Protestantes; e esta rua recebeu então officialmente o titulo de Princeza D. Isabel.

A confortavel vivenda, que se tornou conhecida pelo nome de Palacete Isabel, é actualmente séde de um educan-

dario, o Lyceu Fluminense, e nella existe, collocada ha alguns annos, uma placa de bronze expressando a veneração petropolitana á memoria da excelsa Redemptora.

Quissamã — denominação que existia muito antes de se crear Petropolis — e Protestantes — surgida com a fundação da colonia germanica — continuaram a ser os nomes utilisados pelo povo.

Em compensação, a praça São Pedro de Alcantara, fronteira ao jardim do Palacete Isabel, foi se tornando conhecida pelo nome de largo da Princeza e esta denominação acabou totalmente se radicando. Ponte da Princeza era o nome popular da ponte ligando a avenida Tiradentes á praça São Pedro. Não obstante uma declaração municipal de 20 de Julho de 1891 affirmando que o espaço existente no cruzamento em frente á esplanada da matriz se denominava, desde 45, praça São Pedro de Alcantara, até em documentos officiaes ella continuou a ser a praça da Princeza. Muita gente se habituou tambem a dar ao local o tratamento de largo da Santa, por ter ficado exposta durante numerosos annos, á frente dos alicerces da matriz, a estatua em marmore de N. S. das Graças que hoje se encontra collocada á esquerda do sagrado edificio.

A tradicional arteria ligando a Villa Imperial ao quarteirão Westphalia devia, entretanto, perder definitivamente os nomes de Protestantes e Princeza D. Isabel. A 1ª Camara Municipal republicana, singularmente inspirada, rebaptisou as ruas que partiam contiguas e ladeavam a morada da Redemptora, com as datas das leis que mais assignalaram a nossa civilização: 28 de Setembro (de 71, declarando livres os filhos da mulher escrava) e 13 de Maio (de 88, determinando o termo final da escravatura) — leis que foram referendadas, na sua primeira e na ultima Regencia, por aquella luminosa individualidade que sacrificou a herança do throno para libertar uma raça e cresce continuamente em magestade, no coração dos brasileiros.

Petropolis republicana, obedecendo a imperativos da

época, riscou de uma placa de rua o nome da insigne patricia, mas encontrou a formula de continuar manifestando-lhe sua incondicional admiração.

A avenida 28 de Setembro, antiga rua Dom Affonso, passou a denominar-se, em 95, avenida Koeler. Em 1926 recebeu o titulo de Princeza Isabel a rua que, começando parallela á matriz, contorna o terreno parochial. Outra resolução, de 1929, mudou para esta rua o nome de São Pedro de Alcantara e para a praça o de Princeza D. Isabel, declarando o acto official que as denominações assim collocadas se justificavam melhor, quer pela tradição, quer pela historia. Nessa occasião, a ponte de cimento-armado que substituira a ponte da Princeza, recebeu a denominação de Ponte 29 de Junho (data da fundação da colonia allemã de Petropolis, em 1845).

A praça dedicada primitivamente ao santo padroeiro do Imperio, e de Petropolis, ostentará em futuro proximo um monumento exaltando a rutila figura de Isabel, padroeira politica do Brasil.

Denomina-se rua Padre Feijó a travessa anteriormente chamada rua Koeler, que communica o Alto da Serra com os quarteirões Palatinato (começa no principio da avenida General Marciano de Magalhães e finaliza na rua Thereza). Diogo Antonio Feijó não possuia brazões de fidalguia ; ignorava mesmo quem fossem seus paes, engeitado que fôra, pouco depois de nascer, á porta de uma familia que o criou e educou. Mas ascenderia, por seu valor singular, á mais alta posição na escala politica, em que faria as vezes de rei. Ministro da Justiça logo após o 7 de Abril, em cujo posto se immortalisou por sua destemerosa energia, governou depois o paiz como Regente do Imperio num dos periodos mais accidentados de nossa historia, de Outubro de 35 a Setembro de 37.

Não tem recorrido Petropolis, com prodigalidade, á sua nomenclatura, para homenagear cidadãos que tenham ascendido ao posto de supremo mandatario da nação.

Adoptou os nomes dos dois eminentes marechaes Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, que exerceram a chefia governamental no quadriennio inicial da Republica; prestada porém, por esse meio, a reverencia ao Proclamador e ao Consolidador do novo regimen, deixou que se escoassem mais de trinta annos sem encontrar opportunidade de identica homenagem a nomes presidenciaes. Não a concedeu ao dr. Rodrigues Alves, que reintegrou a cidade na sua condição historica de sub-capital do paiz, instituindo officialmente o verão presidencial em Petropolis com a acquisição, em 1904, do Palacio Rio Negro, afim de servir de residencia ao chefe da nação.

Nem a conferiu ao marechal Hermes da Fonseca, que manifestou invariavel predilecção pela cidade, na qual, terminado seu quadriennio, continuou residindo, rodeado de amigos, figura familiar e estimada de nosso povo, e em cuja necropole repousa para sempre.

Demos em 1928 a denominação de Dr. Nilo Peçanha a uma rua do novo bairro conquistado ao Parque Imperial — da rua Barão de Teffé á praça D. Pedro II — «como justa homenagem ao grande fluminense que tanto soube honrar e elevar a nossa patria».

Não reverenciamos, porém, propriamente, o estadista que praticára durante 17 mezes, como vice-presidente em exercicio, de 14 de Junho de 1909 a 15 de Novembro de 1910, o supremo governo da Republica; mesmo que esta circumstancia não tivesse occorrido, não deixariamos de honrar, valendo-nos da nomenclatura local, o illustrissimo fluminense que por qualidades invulgares se constituira um dos maiores vultos do seu tempo.

Completou a cidade, num lindo gesto de idealidade civica, o preito de reverencia devido á memoria do notavel republico, collocando no jardim em frente á rua que tem seu nome, a 19 de Novembro de 1933, um monumento bronzeo perpetuando seu busto varonil.

O anno de 1928 foi o reservado ás nossas homenagens nomenclaturaes offerecidas a occupantes do Cattete.

Uma das avenidas mais centraes dedicamos ao nome do dr. Epitacio da Silva Pessoa, que exerceu a presidencia da Republica durante 3 annos e 4 mezes, de 28 de Julho de 1919 a 15 de Novembro de 1922 — declarando o acto municipal tratar-se de justa homenagem a distinctissimo brasileiro portador de grande folha de serviços prestados ao paiz e que se revelára sempre muito amigo desta cidade, dotando-a de melhoramentos apreciaveis quando na curul presidencial.

. A' antiga rua 14 de Julho (do fim da av. Quinze até á juncção das ruas Gonçalves Dias, Saldanha Marinho e Coronel Veiga) conferimos o nome de Washington Luis, como uma homenagem deste municipio ao seu grande bemfeitor, exmo. sr. dr. Washington Luis Pereira de Sousa, benemerito presidente da Republica.

Já havia então a cidade attribuido as honras de cidadão petropolitano ao digno Presidente — por deliberação enthusiastica da Camara Municipal reunida a 4 de Abril do mesmo anno, 1928; e o respectivo titulo honorifico lhe foi entregue pelo Prefeito dr. A. de Paula Buarque, em grande solennidade publica por occasião de inaugurar-se a Estrada de Rodagem Rio-Petropolis, a 15 de Agosto seguinte. No inicio da importantissima arteria, que largos horizontes abriu ao futuro de Petropolis, collocou a cidade um monumento rodoviario de granito petropolitano com a effigie do dr. Washington Luis, significando mais uma vez seu reconhecimento ao realisador do gigantesco empreendimento. (Mencionamos, de passagem, uma observação de sómenos importancia: a placa de bronze inaugurada em 1928 nas Duas Pontes, sustentada por uma columna metallica, registra Rua Washington Luis com s, maneira como se habituou a graphar seu nome o ex-presidente da Republica; entretanto, as outras tres placas — em frente áquella, em frente á rua Rocha Cardoso e no principio da rua — registram Rua Washington Luiz com z.)

As credenciaes que attribuimos aos presidentes Epitacio

Pessoa e Washington Luis afim de lhes prestarmos em vida a homenagem de seus nomes em logradouros publicos, não se limitaram á amizade que ambos revelaram por Petropolis, mas principalmente á circumstancia de terem dotado a cidade — o primeiro com o edificio dos Correios e Telegraphos e com o Quartel do Primeiro Batalhão de Caçadores, e o segundo com a construcção da estrada de rodagem Rio-Petropolis.

Ás razões que militam em favor de igual homenagem ao dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves não são, positivamente, de menor vulto, pelas inapreciaveis consequencias que para o progresso petropolitano advieram com a instituição de um Palacio Federal da Presidencia em Petropolis.

Tendo nos referido aos presidentes da Republica cujos nomes illustram nosso cadastro urbano, cumpre agora, naturalmente, relacionar os estadistas que exerceram o mais alto cargo administrativo em nosso Estado e se impuzeram á homenagem de uma placa de rua em nossa cidade.

Dos estadistas que exerceram o mandato presidencial da Provincia do Rio de Janeiro e homenageamos em nosso cadastro urbano, tres occuparam aquellas elevadas funcções quando Petropolis ainda não existia.

Foi o republicano historico Hermogenio Silva, governador do Municipio, quem vinculou ao bairro do Valparaizo os nomes eminentemente monarchicos de Itaborahy e Uruguay, procurando reavivar o sentido das tradições e cultura fluminenses.

Passaram a chamar-se: rua Visconde de Itaborahy a avenida Mora, que assim se denominava em attenção ao morador local Alberto Mora; e rua Visconde do Uruguay a avenida Wellisch, que homenageava o bemfeitor do bairro, considerado mesmo o seu creador, Bernardo H. Wellisch.

Os dois altissimos politicos, amigos inseparaveis na vida, correligionarios de todas as horas, continuaram vivendo proximo na nomenclatura petropolitana.

Um acto municipal de meiados de 1936 deliberou tirar o nome de Visconde de Itaborahy da rua a que elle vinha servindo ha quarenta annos precisamente, adoptando em seu logar o de Simon Bolivar e denominando praça Visconde de Itaborahy a praça Jerusalém, na vizinhança.

A retirada do nome de Itaborahy da arteria central da Terra Santa se afigurou um gesto de menospreço á memoria do insigne estadista, muito embora seu nome continuasse a ser lembrado e repetido, tendo apenas mudado de logar. A verdade porém é que a deslocação havida causou desfavoravel impressão; e o distincto vereador dr. Alynthor Werneck, em reunião da Camara Municipal, tomou a iniciativa de suggerir ao Prefeito o restabelecimento do nome da rua Visconde de Itaborahy, «como um dever de gratidão á memoria do grande fluminense», alvitrando que se denominasse Simon Bolivar outro logradouro que ainda não tivesse denominação.

Contrario ao arbitrio de se mudarem os nomes de ruas tradicionaes, o illustre representante da cidade classificou taes medidas de anthipaticas e injustas; e adduziu considerações que nos permittimos de copiar:

«Em regra, o poder publico presta uma homenagem a a quem se distinguiu pelos seus serviços em determinada época e merecidamente dá o nome de um desses servidores a certo logradouro publico. E' uma maneira de fazer lembrar sempre o seu nome, estimulando os vindouros a trabalharem pelo bem collectivo.»

Recente acto, de Março de 1938, repoz nos seus logares os primitivos nomes, transferindo o de Simon Bolivar para a rua do Petropolitano: «Considerando que aos poderes municipaes compete zelar pela conservação da nomenclatura tradicional dos logradouros publicos da cidade; considerando que qualquer alteração nesse sentido implica num desrespeito ao patrimonio historico do Municipio; considerando que esse patrimonio não é propriedade de uma geração e deve, portanto, permanecer inalteravel atravez dos tempos, — fica restabelecido o nome de rua Visconde de Itaborahy na via

blica que começa na rua Monsenhor Bacellar e finaliza na juncção das ruas Gonçalves Dias e Visconde do Uruguay; fica restabelecido o nome de praça Jerusalém no logradouro publico que ora se denomina praça Visconde de Itaborahy, situado na confluencia das ruas Monsenhor Bacellar e Rocha Cardoso».

Joaquim José Rodrigues Torres realçou a galeria dos mais notaveis homens d'Estado seus contemporaneos — deputado, senador, grande do Imperio, ministro e chefe de gabinete varias vezes.

A provincia do Rio de Janeiro, por ter em seu territorio a capital do Imperio, não se dirigia por si mesma. Emquanto suas co-irmãs tinham um presidente e uma camara local, a nossa dependia directamente do Governo Central e da Assembléa Geral. Taes restricções desappareceram com o Acto Addicional, que creou o Municipio Neutro, séde da Côrte, e collocou a provincia fluminense, tendo Nictheroy por capital, no nivel das demais.

Para exercer as funcções de seu 1º presidente e superar todas as difficuldades de organisação da apparelhagem governativa, recahiu a escolha na figura prestigiosa de Rodrigues Torres, futuro titular de sua cidade natal, Itaborahy, que esteve á frente da administração de Outubro de 34 a Abril de 36.

Do 1º governo provincial participára, como vice-presidente, Paulino José Soares de Souza, que, nomeado em seguida presidente, exerceu as respectivas funcções durante algum tempo.

Voltou Soares de Souza a governar a Provincia em 39 e 40 e sua operosidade se concretisou no proposito de impulsionar o progresso com a abertura de estradas, saneamento de certas zonas e installação de colonias de agricultores europeus, tendo contribuido quanto lhe foi possivel em favor das obras de construcção da estrada de rodagem da serra da Estrella.

Deputado e ministro varias vezes, magistrado, senador,

grande dignatario, diplomata, o primeiro Paulino, Visconde do Uruguay, foi, como Itaboraby, um dos mais notaveis entre os grandes vultos do seu tempo. Pertenciam ambos ao partido conservador, que se manteve no poder até 44. Governou a provincia do Rio de Janeiro no anno de 41 o conselheiro Honorio Hermeto Carneiro Leão, chefe mineiro da mesma agremiação politica. Magistrado, parlamentar, muitas vezes ministro, senador, presidente de conselho, plenipotenciario, marquez do Paraná em 52, a historia o considera um dos primeiros estadistas da Monarchia.

O Imperador lhe fez doação de um lote de terreno da sua propriedade de Petropolis e elle o aproveitou construindo uma casa para sua residencia logo após a chegada dos colonisadores allemães.

Situava-se o predio na parte da actual rua Paulo Barbosa entre a curva e a linha ferrea, lado esquerdo. Teve esta rua inicialmente os seguintes nomes: do Mordomo, em attenção justamente a Paulo Barbosa, que desde muito exercia as funcções de mordomo da Casa Imperial, o trecho entre a rua do Imperador (av. 15 de Novembro) e a curva; e do Honorio, o trecho seguinte, que entroncava na antiga estrada de Minas, denominada depois, naquelle ponto, Souza Franco e Silva Jardim. O mappa de Petropolis tirado em 46 pelo engenheiro Koeler consigna as denominações Mordomo e Honorio; no de 54, de autoria do engenheiro Reimarus, já o nome de Mordomo está substituido pelo de Paulo Barbosa.

Na casa do Marquez do Paraná, que já não existe, funccionou a Pensão Honorio e o nome daquelle trecho não se deixou absorver pelo outro, Paulo Barbosa. Foi ainda o Marquez do Paraná proprietario de terrenos no Palatinato Inferior, tendo edificado ali nova e ampla casa de moradia, onde vieram a funccionar os collegios Calogeras e Paixão.

A primeira Camara Municipal republicana mudou a denominação de rua Paulo Barbosa para avenida Washington. Embora tivesse respeitado o trecho conhecido por Honorio,

este nome foi cahindo em desuso ; e quando se restabeleceu a denominação tradicional de Paulo Barbosa, esta se estendeu á rua toda.

O Marquez do Paraná, entretanto, muito merecêra da estima petropolitana.

Com o seu genio empreendedor, e sua ascendencia na vida politica da época, se constituira esteio decisivo da empreza organisada por Mariano Procopio para a abertura da grande estrada de rodagem União e Industria, que representou obra de efficaz progresso para o paiz e de consideraveis proporções para o crescimento de Petropolis.

Não tolerando Hermogenio Silva que o nome illustre desapparecesse de nosso cadastro urbano, conferiu o titulo de Carneiro Leão a uma rua do Retiro que se communica com a estrada União e Industria — sendo todavia de estranhar que o indeslembravel chefe do executivo municipal não tivesse preferido adoptar a denominação de Marquez do Paraná.

Entre 42 e 44 governou a Provincia, na qualidade de vice presidente em exercico, João Caldas Vianna, formado em Direito e natural da cidade de Campos. Seguindo a politica colonisadora de seus antecessores, incrementou a vinda de lavradores e operarios europeus.

Em seus relatorios deu conta das providencias tomadas para o tombamento e demarcação das terras devolutas da provincia, aproveitaveis em nucleos agricolas. Dos immigrantes que recebeu em 43, ajustou muitos delles para trabalharem nas obras publicas, inclusive na construcção da estrada normal da serra de Petropolis. Ficou assentado entre o seu Governo e a Mordomia da Casa Imperial a utilisação das terras do antigo Corrego Secco para uma colonia de agricultores europeus que contornasse a estancia de repouso e veraneio que o Imperador deliberára constituir para si e para os fidalgos da sua Côrte ; e coube-lhe tomar a respeito uma serie de medidas de que resultou o nascimento de Petropolis.

Henrique Raffard reconhecia como essencialmente dignos do titulo de fundadores de Petropolis o Major Koeler e o Imperador D. Pedro II, mas «que tambem deviam ser tidos como taes o dr. João Caldas Vianna e os conselheiros Paulo Barbosa e Aureliano Coutinho».

A idéa inicial da fundação de Petropolis tem sido attribuida, sem fundamento solido, a cada uma dessas illustres personagens.

O minucioso autor do Jubileu de Petropolis chegou a conceder a João Caldas Vianna a primazia da idéia; relatando que o engenheiro Koeler, em 1843, dirigindo a construcção da estrada macadamisada de subida da serra, pedira ao governo provincial a importação de obreiros allemães para empregar nesses trabalhos, accrescentou: «Tambem se disse que essa circumstancia suggeriu ao dr. Caldas Vianna, então presidente da Provincia, a idéia de fundar uma colonia nas immediações do palacete que S. M. o Imperador mandára construir nas terras de seu patrimonio».

Seja como fôr, o certo é que no decorrer do governo Caldas Vianna ficou deliberado o estabelecimento de uma povoação de immigrantes nas terras imperiaes e couberam a esse administrador importantes providencias attinentes á creação de Petropolis. Por portaria de 8 de Julho de 1843 ordenou ao departamento das Obras Publicas que fizesse construir para serem collocados em pontos convenientes no logar do antigo Corrego Secco: «dois cruzeiros de madeira de lei num dos quaes será entalhada a inscripção — Cruz de S. Pedro de Alcantara em Petropolis — e no outro — Cruz da Capella dos Finados em Petropolis — e um poste alto e elegante em que se leia em letras grandes — Petropolis — para indicar a futura povoação que nesse logar se forma sob os auspicios do Sr. D. Pedro 2º».

Decidido seriamente a implantar uma colonia de agricultores em Petropolis, mandou que se fizessem estudos sobre as condições locaes e sobre a especie de cultura que deveria

ser praticada; e a 26 de Outubro de 1843 contractou com certo corretor de immigração a vinda de 600 colonos europeus, destinados provavelmente a realizar a fundação em projecto.

Em seu relatorio de 1 de Março de 1844, apresentado á assembléa provincial, noticiou ter «S. M. o Imperador mandado edificar um palacio para sua residencia na futura povoação denominada Petropolis, a qual, logo que a estrada normal da Estrella tenha chegado a esse ponto, deve ter desenvolvimento rapido poderosamente coadjuvado pela colonisação, que se estabelecerá vantajosamente nas circumvizinhanças». Convencido da infallivel prosperidade reservada a Petropolis, accrescentou, depois de enumerar as provaveis fontes de receita para pagamento do emprestimo contrahido para construcção da estrada da serra: «... tendo a taxa de ser duplicada, e de receber consideravel incremento, logo que a estrada dér transito para carros e seges até ao ponto da serra onde ha de fundar-se necessariamente a povoação de Petropolis, creada pelo Imperador, a qual já começa, e attrahirá forçosamente grande concorrencia».

Por deliberação de 27 de Março de 1844 estabeleceu, na freguezia de São José do Rio Preto, o Districto de Petropolis — subdelegacia e juizado de paz com uma jurisdicção que se desenvolvia por área immensa.

Não chegou a ser cumprido, por inidoneidade do corretor, o contracto para a introducção de 600 colonos europeus. Recebêra o presidente Caldas Vianna proposta dos commerciantes Delrue para o engajamento, na Allemanha, de qualquer numero de colonos, e não chegára a entrar em definitivo entendimento com esses intermediarios, quando se viu apeiado do poder com a queda do partido conservador, a que pertencia. Substituiu-o no cargo o senador Aureliano Coutinho e um anno depois realizava-se o povoamento de Petropolis com familias allemãs trazidas pela firma Delrue.

Os primitivos logradouros publicos de Petropolis, bem como os corregos e ribeirões, tiveram por padrinhos, alguns

delles, nomes em evidencia no scenario politico — todos porém filiados ao partido liberal, então serrando de cima.

João Caldas Vianna, apezar do empenho em favor de Petropolis, traduzido em efficazes diligencias tendentes á sua fundação, não podia receber nenhuma honraria da povoação nascente, por militar no «partido contrario» ; e Petropolis olvidou os serviços, e até o nome, de um de seus fundadores.

O dr. Alcindo Sodré, em reunião do Conselho Municipal de Outubro de 1936, apresentou fundamentada indicação elevando a individualidade de Caldas Vianna ao logar que lhe compete na Historia de Petropolis. «Ao lado de Paulo Barbosa da Silva, D. Pedro II, Aureliano Coutinho e Julio Koeler, que tão justamente merecem a homenagem de ser considerados fundadores de Petropolis, ha uma falta que á Municipalidade ainda não occorreu — a do nome do presidente da Provincia João Caldas Vianna, o primeiro que, pelo menos em documento official, mencionou a denominação de Petropolis, quando baixou a portaria de 8 de Julho de 1843».

Depois de historiar a acção administrativa do presidente provincial no sentido da mais rapida creação de Petropolis como nucleo de população, ponderou a judiciosa exposição do dr. Alcindo Sodré «não restar duvida alguma de que o presidente Caldas Vianna tem titulos legitimos para ser reconhecido como fundador de Petropolis, e a justiça não desmerece em ser feita tardiamente, como no caso em apreço, e ser proprio da acção serena da Historia, que através do tempo, das provas e das razões, faz surgir a verdade». Terminou indicando ao prefeito fosse dado o nome de Caldas Vianna a uma das principaes ruas da cidade — lembrança feliz que só podia merecer applausos calorosos.

Na imprensa local, a que empresta o brilho de sua collaboração sempre opportuna e proveitosa, continuou pugnando por associar, com toda a justiça, a figura de Caldas Vianna ao magno acontecimento da fundação de Petropolis.

Em Março de 1938, considerando a Prefeitura «que o vulto historico de João Caldas Vianna merece da cidade de

Petropolis um acto de reparação, porque, possuindo, para ser considerado um dos fundadores de Petropolis, titulos que o collocam em plano equivalente áquelles em que se acham D. Pedro II, Paulo Barbosa da Silva, Aureliano Coutinho e Julio Koeler, entretanto seu nome permaneceu esquecido até á época presente», passou a denominar-se rua Caldas Vianna o lado impar da rua Dr. Porciuncula, que começa no principio da rua Floriano Peixoto e avenida Quinze de Novembro e termina em esquina com a rua Silva Jardim.

Durante os quatro annos em que se conservou no poder o partido liberal, de Fevereiro de 1844 a Maio de 48, esteve o governo da provincia do Rio de Janeiro entregue ao conselheiro, fidalgo da Casa Imperial, desembargador e senador, Aureliano Coutinho, que proseguiu na serie de melhoramentos que haviam empreendido seus antecessores. Muitos e de immensa importancia já eram os serviços prestados por Aureliano ao engrandecimento da patria em varios dominios de actividade, como parlamentar, ministro d'Estado (que o foi varias vezes) e magistrado. Em 55, diria o seu necrologista Joaquim Norberto Souza e Silva: «Então uma cidade pittoresca surgiu como por encanto no meio das florestas, com seus canaes bordando largas e magnificas ruas; e o colono da Westphalia, da Rhenania, da Simeria, de Baden, encontrou em Petropolis o que nunca sonhára possuir, e maravilhado com a belleza e esplendor da natureza desses quarteirões que possuem denominações de seus condados de além-mar, abençoava, no meio das preces de sua familia, sob o tecto da cabana hospitaleira, o nome de Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho».

A planta de Petropolis levantada um anno e mezes após a chegada dos colonisadores allemães, não assignala a existencia da rua que veiu a chamar-se Aureliano.

Entretanto, o major Koeler não olvidou uma homenagem ao presidente da Provincia: rio Aureliano se denominou o

curso d'agua que, formando-se das vertentes do Alto da Serra sobre a Castellanea, atravessa este bairro, acompanhado de principio a fim pela rua Saldanha Marinho, passa por uma das Duas Pontes e despeja na margem direita do Quitandinha. Em 47, ou 48, creou-se, desmembrado da Rhenania Inferior, o sitio da Presidencia — «fazenda que deveu o nome á circumstancia de haver sido na origem a concessão rural do Presidente da Provincia, senador Aureliano Coutinho, de saudosa memoria» — escreveu, em 61, o major Carlos Augusto Taunay.

O quarteirão do Alto da Serra, embora a sua condição de «villa», não dispunha ainda de outros logradouros além da estrada tropeira de Minas, que o atravessava ; e ahi por 1850 concluiu-se, na encosta da montanha que separava as duas villas, a abertura de um caminho ligando-as directamente, tendo sido mistér, para conseguir-se nivel sufficiente, o levantamento, num trecho, de altos paredões, e consideraveis rebaixamentos em outros. Talvez antes de 48 tivesse surgido a rua Aureliano que, através da chamada «garganta», passaria a communicar a villa Imperial com a estrada da villa Thereza, depois rua Thereza. Nome dos mais ligados á historia de Petropolis, os iconoclastas de 1890 não tiveram duvida, entretanto, de riscal-o da nomenclatura local, passando a rua Aureliano a ser a avenida Bolivar. Nove annos depois, uma deliberação do Legislativo Municipal, de iniciativa do vereador dr. João Vieira Barcellos, procurou fazer voltar ao primitivo local o nome de baptismo do Visconde de Sepetiba, — infructiferamente, porque o chefe do Executivo não approvou a suggestão. Impresso em placa indicativa no inicio da rua, o nome do glorioso super-homem latino-americano impoz-se, em 42 annos de uso, ao habito popular. Repetidas vezes pugnou o sr. Walter Bretz pela reposição do nome tão impiedosamente sacrificado ; até que o prefeito dr. Yeddo Fiuza, em 1932, ao transcorrer o 87º anniversario da colonisação de Petropolis, baixou o seguinte acto : «Considerando que a Camara Municipal de Petropolis, em sessão rea-

lizada a 2 de Dezembro de 1899, resolveu restabelecer para a avenida Bolivar o seu antigo nome de rua Aureliano; considerando, entretanto, que tal resolução da Camara Municipal nunca foi sanccionada; e considerando, finalmente, que é geral desejo dos petropolitanos ver restituida ao referido logradouro publico a sua antiga denominação, — fica restabelecida a denominação de rua Aureliano, na avenida Bolivar, desta cidade, que tem inicio na rua Marelhal Deodoro e vae terminar no começo da rua Thereza».

Succedeu a Aureliano, no governo da Provincia, o conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, companheiro de infancia de D. Pedro II e o unico que soube manter pelo tempo adeante as mais intimas relações com o soberano. Acompanhou-o nas tres viagens que este fez á Europa e aos Estados Unidos. «Foi Luiz Pedreira uma das poucas pessoas, se não a unica, a cuja casa o sr. D. Pedro II ia assás frequentemente» — informa Henrique Raffard.

Filiado á facção conservadora, esteve cinco annos á frente da governança fluminense — emquanto seu partido se sustentou no poder — tendo deixado o cargo provincial, em 53, para occupar a pasta do Imperio num gabinete de conciliação. Administrador provecto, homem de largas vistas, em extremo dedicado aos melhoramentos do paiz, revelou-se, quanto á novel povoação de Petropolis, zeloso batalhador de sua consolidação e prosperidade. Como meio de offerecer trabalho lucrativo aos colonos, em vista dos ephemeros resultados obtidos do cultivo da terra, intensificou as obras de serventia publica. Procurou construir uma estrada de rodagem ligando Petropolis a Vassouras — grandioso emprehendimento ainda ha pouco tempo tentado novamente, mas que continua á espera de melhor opportunidade.

Professor, parlamentar, senador, ministro, dignatario, recebeu um titulo nobiliarchico, o de Visconde do Bom Retiro, em 72, tardiamente, a exemplo de Aureliano, galardoado com o de Visconde de Sepetiba em 48, após deixar a presidencia fluminense.

Grangeára a estima dos moradores de Petropolis; e quando se abriu o caminho que da Villa Imperial tomava a direcção do Quissamã, vencendo o morro, — embora decorressem mais de vinte annos depois que o conselheiro Pedreira deixára o governo provincial — deram a esse caminho o nome de rua Visconde do Bom Retiro. Nome que nunca deveria ter sahido de nossa nomenclatura, pelas deferencias de admiração e reconhecimento que Petropolis deve á memoria de tão emerito varão, foi entretanto riscado sem o menor respeito, para dar logar ao do Marechal Floriano, logo após o fallecimento deste. Parece impossivel não tivessem encontrado, para tal homenagem, outro logradouro de nome menos significativo, pelo menos não vinculado tão intimamente á historia de Petropolis.

Em 1858 exerceu a presidencia da Provincia o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, já a esse tempo figura aureolada pela cultura e eloquencia e pelo brilho no desempenho de commissões especiaes e mandatos ministeriaes. Vem do tempo da Monarchia a denominação de praça Visconde do Rio Branco dada ao pequeno largo que é hoje um de nossos jardins publicos, — denominação surgida evidentemente depois de 71, quando o nome do genial Paranhos culminou de magestade á frente do movimento de que resultou a lei da libertação do ventre escravo.

Governou a Provincia em 59 e 60 o conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta, depois Barão de Villa Franca, que firmou o decreto declarando extincto o regimen colonial em Petropolis, por haver a cidade installado regularmente a sua primeira Camara Municipal.

Homem de natureza progressista e activa, já occupára varios cargos na magistratura e na administração; dirigindo os destinos do Rio de Janeiro, revelou o zelo e a boa vontade que o animavam em favor de melhoramentos reclamados pelos interesses da lavoura.

Representava justa aspiração dos fazendeiros da freguezia de São José do Rio Preto a abertura de um caminho entre

a respectiva séde e a estação da Posse, da Estrada de Rodagem União e Industria. Promoveram elles uma subscripção e puzeram a importancia conseguida á disposição do governo, afim de ajudar o empreendimento, logo iniciado : e estrada Silveira da Motta se denominou a importante arteria aberta no valle do Rio Preto.

Dos que exerceram a presidencia fluminense no regimen monarchico tendo seus nomes se imposto ao registro de nosso cadastro urbano, falta mencionar apenas o senador Bernardo de Souza Franco que governou a Provincia no anno de 1864. Politico esclarecido, grande do Imperio, já occupára uma pasta ministerial e governára duas provincias ; e em 72 mereceu a dignidade de um viscondado. Não consta tenha feito o visconde alguma coisa de extraordinario por Petropolis.

Naturalmente teve casa de veraneio num dos trechos da rua que recebeu seu nome.

Deve datar de setenta e tantos essa denominação que incidiu sobre duas vias de transito.

A rua Visconde de Souza Franco dividia-se perfeitamente em duas, que apresentavam aspectos dissemelhantes : — o trecho-duplo que começa, um lado no fim da rua Caldas Vianna e o outro, pouco adeante, na linha ferrea da Leopoldina, e passam a abranger as duas margens do rio Palatino até ao começo da rua Buarque de Macedo ; — e o ramal ladeirento, entre o valle e a rua Thereza, aberto pela Companhia União e Industria para passagem de seus vehiculos de carga.

Tornava-se indispensavel que o titulo de Visconde do Bom Retiro voltasse a figurar entre nós, não para servir á sua antiga rua, inteiramente identificada com o nome do Marechal de Ferro, que vem usando ha mais de quarenta annos, mas para designar outro local ; e em Março de 1938 a Prefeitura, reconhecendo ser «um dever de justiça readmittir em nossa nomenclatura urbana o nome de Visconde do Bom Retiro, que della foi, ha muitos annos, excluido inexplicavel-

mente», passou a dar o nome de rua Visconde do Bom Retiro áquelle «trecho final da rua Souza Franco que parte da mesma rua, lado par, em frente á rua Buarque de Macedo, e finalisa na juncção da rua Thereza e avenida Aureliano Coutinho».

De vez em quando recebe a rua Souza Franco o tratamento de avenida, por possuir dois leitos, com o rio de permeio, como acontece á maior parte de nossas avenidas; agora, com toda a razão, deve ser promovida officialmente a essa categoria, visto ter perdido o appendice que a impedia de merecer o titulo de avenida.

Illustram nossa nomenclatura municipal nada menos de vinte nomes de individualidades, todas dignas do apreço nacional, que, com a responsabilidade de pastas ministeriaes, tiveram assento no supremo governo do paiz; e as relacionaremos pela respectiva ordem chronologica.

José Bonifacio de Andrada e Silva (rua José Bonifacio) dirigiu o Ministerio da Independencia Nacional, occupando as pastas do Imperio e dos Estrangeiros de 16 de Janeiro de 1822 a 17 de Julho de 1823.

Foram secretarios de Estado participando das administrações regenciaes (periodo de Abril de 1831 a Julho de 1840):

Diogo Antonio Feijó (rua Padre Feijó) — com a pasta da Justiça, e interinamente com a do Imperio, nos dois primeiros ministerios da regencia trina permanente, e com a Regencia do paiz por dois annos, de 1835 a 37.

Bernardo Pereira de Vasconcellos (rua Bernardo de Vasconcellos, arteria central do povoado de Cascatinha, e travessa Bernardo de Vasconcellos, ligando a mesma rua á estrada da Saudade) — ministro da Fazenda na regencia trina, do Imperio e da Justiça na primeira organisação ministerial e do Imperio na ultima da Regencia de Pedro de Araujo

Lima. Parlamentar, jurisconsulto, pensador politico, conselheiro de Estado, senador, revelou-se, como administrador, verdadeiro homem de governo, e a elle se deve, entre outras utilissimas creações, a do Collegio Pedro II, destinado aos estudos de preparatorios para admissão aos cursos superiores.

Tiveram sobre os hombros a responsabilidade de sectores ministeriaes no periodo regencial e no reinado de D. Pedro II:

Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (av. Aureliano Coutinho) — durante tres annos exerceu successivamente, na regencia trina, a direcção das pastas do Imperio, dos Estrangeiros e da Justiça, e, depois da Maioridade, por tres annos tambem, a dos negocios exteriores; as cidades do Rio de Janeiro, Nictheroy e Petropolis lhe devem reaes serviços.

Joaquim José Rodrigues Torres (rua Visconde de Itaborahy) — titular da Fazenda, da Marinha e da Guerra em quatro ministerios de governos regenciaes; e duas vezes presidente do Conselho, em 52 e em 68.

Honorio Hermeto Carneiro Leão (rua Carneiro Leão, no segundo districto) — ministro da Justiça em 32, dos Estrangeiros em 43 e presidente do Conselho em 53.

Paulino José Soares de Souza (rua Visconde do Uruguay) — detentor da pasta da Justiça no ultimo ministerio regencial e por cinco vezes de pastas da Justiça, dos Estrangeiros e do Imperio no segundo reinado.

Exerceram tambem poderes ministeriaes no reinado de D. Pedro II:

Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara — deputado varias vezes, ministro da Justiça no gabinete de 29-9-1848 que se sustentou durante quasi quatro annos, senador pela provincia do Rio. A nossa Municipalidade conferiu em 1923 o nome de praça Euzebio de Queiroz a uma área do povoado de Corrêas, segundo districto, entre as pontes sobre os rios Piabanha e Morto e a parada-ferroviaria, — trecho que

compreende tres pequenos logradouros: praça Ferreira de Oliveira, rua Ferreira de Oliveira e praça Municipal. O acto governamental, porém, nunca foi posto em execução.

Bernardo de Souza Franco (rua Souza Franco) — titular da pasta dos Estrangeiros no ministerio de 48, que durou quatro mezes, e da Fazenda no ministerio de 57, que durou dezenove mezes.

José Maria da Silva Paranhos (praça Visconde do Rio Branco, entre as avenidas 15 de Novembro e Paulo Barbosa) — ministro dos Estrangeiros, da Marinha, da Guerra e da Fazenda em quatro ministerios, de 53 a 68, e chefe do gabinete que promulgou a lei declarando livres os filhos da mulher escrava e que se conservou no poder de Março de 71 a Junho de 75.

Luiz Pedreira do Couto Ferraz (rua Visconde do Bom Retiro, primeiramente a que é hoje a rua Floriano Peixoto e actualmente o trecho final da rua Souza Franco) — detentor da pasta do Imperio no gabinete mantido no poder de Setembro de 53 a Maio de 57.

Luiz Alves de Lima e Silva (rua e praça Duque de Caxias) — por tres vezes exerceu as funcções de chefe do governo como presidente do Conselho em 55, 61 e 75.

José Martiniano de Alencar (rua José de Alencar, na Mosella) — occupou a pasta da Justiça no gabinete de 68; Manoel Luiz Osorio (avenida General Osorio) — occupou a da Guerra no gabinete de 78; e finalmente Manoel Buarque de Macedo (rua Buarque de Macedo) — occupou a da Agricultura, Commercio e Obras Publicas no gabinete de 1880.

Exerceram poderes executivos no regimen republicano chefiando secretarias de Estado:

No governo provisorio de Deodoro (de 15 de Novembro de 89 a 25 de Fevereiro de 1890), como ministro da Fazenda, Ruy Barbosa (praça Ruy Barbosa) e, como ministros da Guerra, Benjamin Constant Botelho de Magalhães (av. Benjamin

Constant) e Floriano Peixoto, tendo este governado tambem o paiz, como vice-presidente em exercicio, de 23 de Novembro de 1891 a 15 de Novembro de 1894.

No governo Prudente de Moraes, como ministro do Interior e Justiça, Alberto de Seixas Martins Torres (rua Alberto Torres) — em seguida presidente do Estado do Rio ; no governo Campos Salles, como ministro do Interior e Justiça, Epitacio da Silva Pessoa (avenida Epitacio Pessoa) — mais tarde presidente da Republica ; e no governo Wenceslau Braz, como ministro das Relações Exteriores, Nilo Peçanha (rua Nilo Peçanha) — que já exercera as presidencias do Estado do Rio e da Republica.

Nos governos Rodrigues Alves, Affonso Penna, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca, superintendeu os negocios da pasta do Exterior, num periodo de quasi dez annos, José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco, de insuperavel capacidade diplomatica e profundo saber historico e geographico — o Chanceller da Paz, integrador dos definitivos limites patrios, que na galeria dos grandes vultos da nacionalidade occupa um lugar á parte.

Contou-o a nossa cidade entre os seus bons amigos. Na tranquillidade do lado quasi não transitado da rua Westphalia teve, por muitos annos, o seu retiro — o velho solar dos viscondes do Cruzeiro — onde, mediante o Tratado de Petropolis, conjurou as possibilidades de um conflicto sangrento e obteve para o Brasil a posse permanente do Acre.

Em 1922, dez annos depois de fallecido o glorioso estadista, a cidade conferiu áquella rua, que atravessa o antigo quarteirão Westphalia (da rua 13 de Maio á ponte do Retiro), o titulo de avenida Barão do Rio Branco ; e em 1928 collocou na historica moradia uma placa de bronze assignalando a veneração petropolitana á memoria do insigne patricio.

José Joaquim Seabra, ministro da Justiça na presidencia Rodrigues Alves e da Viação na presidencia Hermes da Fonseca, ingressou transitoriamente em nossa nomenclatura urbana.

Dois pequenos rectangulos formados no local das Duas Pontes, circumdando a foz do ribeirão Aureliano — em tempo conhecidos pelo nome de praça São Jorge — receberam em 1912 o titulo de praça Dr. Seabra.

A realisação de uma moderna estrada de rodagem Rio-Petropolis era então reiterada aspiração dos petropolitanos, que tudo faziam para que a mesma se tornasse realidade.

Interessára-se o illustre titular da Viação por dotar o paiz com esse importante empreendimento ; e a cidade manifestou-lhe sympathia e gratidão procurando perpetuar seu nome no local onde terminaria a rodovia e onde num trecho viceja, exuberante, um canteiro de hortensias e no outro se levantou, em 1929, o monumento granitico commemorando a construcção da Rio-Petropolis e exaltando o nome de Washington Luis.

Verificando-se do outro lado do rio, no principio da rua Gonçalves Dias, lado impar, pequeno espaço de terreno publico, passou a Municipalidade a considerar esse diminuto logradouro como a «praça Dr. Seabra».

Outro ministro da Viação mereceu ser homenageado no mesmo sitio...

Em fins de 1929, «considerando que foi na administração do Ministro Victor Konder que se abriu a Estrada Rio Petropolis, essa grande obra da engenharia nacional», conferimos o nome de ponte Victor Konder á existente sobre o ribeirão Aureliano ligando a rua Washington Luis á rua Coronel Veiga.

O dr. Manoel Edwiges de Queiroz Vieira exerceu a chefia da Policia de nosso Estado no periodo de 30 de Agosto de 1893 a 13 de Março de 1897 e, no governo da União, desempenhou o cargo de chefe de Policia na presidencia Prudente de Moraes e o de ministro da Agricultura na presidencia Hermes da Fonseca. Por acto de 1923 foi dado o nome de rua Edwiges de Queiroz á arteria entre a ponte do rio Morto, em Corrêas, e o povoado de Nogueira, compreendendo a rua

Maria Carolina, que termina no principio da rua Tiradentes, junto á celebre figueira, e o trecho da Estrada Mineira que dahi segue até á estação de Nogueira.

O acto municipal, entretanto, não foi executado.

Em sessão de Novembro de 1936 a Camara Municipal, por indicação do dr. Alcindo Sodré, lançou a ideia de glorificar a cidade o nome de «Ministro Calogeras» nas placas de uma de nossas praças. Homenagem que plenamente se justifica, como igualmente a que recorde o nome de «Professor Calogeras»...

João Pandiá Calogeras, politico de Minas Geraes, secretario da Agricultura de seu Estado natal, deputado em varias legislaturas, membro da embaixada ao Congresso da Paz em Versalhes e chefe da missão commercial de 1919 á Inglaterra, foi ministro de Estado mais de uma vez — da Agricultura e da Fazenda no quadriennio Wenceslau e da Guerra no triennio Epitacio.

Homem de raro valor como engenheiro e economista, autor de numerosos trabalhos historicos e technicos, hombreou com os mais festejados estadistas. Passára a infancia em Petropolis e aqui residiu sempre que as condições o permittiram; tão devotado amigo se revelára sempre desta cidade, onde repousa para sempre, que quasi todo o mundo o considerava petropolitano de nascimento.

Seu avô, o commendador João Baptista Calogeras, natural da Grecia, naturalisado brasileiro, que no anno de 1844 fundára na capital do Imperio o Atheneu Fluminense, foi professor do collegio estabelecido em Petropolis em 1848 por Henrique Kopke, dedicado educador, de berço lusitano.

Em 1850 inaugurou Calogeras, no Palatinato, em casa pertencente ao conselheiro Honorio, um collegio de meninos, de sociedade com o allemão Hermann de Tautphoeus, notabilissimo membro do magisterio carioca.

O Collegio Calogeras veiu a ser o Collegio Paixão do brasileiro José Ferreira da Paixão, igualmente illustre educador.

Dos mestres que concorreram com o seu esforço para o engrandecimento de Petropolis, nossa nomenclatura urbana recorda os seguintes: Kopke, Professor Stroele, Paulo Carneiro e Professor Paixão. Calogeras e alguns outros ficaram no esquecimento.

O Visconde de Taunay, em seu trabalho «Estrangeiros illustres e prestimosos ao Brasil», assim se expressa sobre João Baptista Calogeras: «notavel professor do Collegio Pedro II, escreveu para os discipulos eloquente Historia da idade media, em excellente portuguez; empregado no ministerio dos estrangeiros, tornou-se optimo e atiladissimo auxiliar, particularmente na questão ingleza em 1863, quando secundou com muito talento o Marquez de Abrantes; falleceu no Rio de Janeiro a 27 de Julho de 1878».

Seus filhos Michel e Pandiá Calogeras, e Luiz Berrini, como directores de um grupo de capitalistas, construiram a estrada de ferro da Raiz da Serra á Estação de Petropolis, inaugurada em 1883.

Tivemos então a praça Berrini (depois Juarez, hoje Oswaldo Cruz) e a praça Calogeras, esta no principio da Westphalia, abrangendo os dois lados do Piabanha.

Michel Calogeras — de quem era filho o eminente brasileiro João Pandiá Calogeras — viveu alguns annos nesta cidade participando da direcção da Estrada, como conselheiro fiscal.

Recebeu a praça Calogeras em 14 de Janeiro de 1890 novo titulo — praça Moreno.

Em fins do mesmo anno um abaixo assignado pedia para que se restabelecesse a denominação antiga; a Camara Municipal entendeu, entretanto, de honrar com essa praça quasi hypothetica a memoria do benemerito Mariano Procopio.

Mas o nome Calogeras, que tanto merece do coração pe-

tropolitano, acabará certamente voltando á nossa nomenclatura, desta vez para relembrar um brasileiro insigne, — exemplo de energia, de honestidade e patriotismo.

Foi na gestão dos negocios da Guerra exercida por Calogeras que aqui se installou o Primeiro Batalhão de Caçadores ; e devido a essa circumstancia houve o desejo de que seu nome fosse dado á praça fronteira ao quartel da brilhante unidade do nosso Exercito.

Inviavel a ideia, porque iria desalojar da praça o titulo nobiliarchico do Patrono do Exercito Nacional, que passaria a denominar apenas a antiga estrada da Presidencia, cumpre procurar outro local condigno do titulo de Ministro Calogeras.

Servem á nossa nomenclatura dois nomes de republicanos da propaganda, que participaram da governadoria do Estado do Rio : o dr. João Francisco Barcellos (rua Dr. João Barcellos, antigamente denominada rua casa das Machinas, no Itamaraty) e o dr. Hermogenio Pereira da Silva (rua Dr. Hermogenio Silva, — trecho da estrada União e Industria que vae da ponte do Retiro ao Pic-Nic).

Barcellos foi durante um anno chefe de Policia na administração Porciuncula e durante dois annos secretario dos Negocios do Interior e Justiça na administração do dr. Joaquim Mauricio de Abreu, exercida nesta cidade então capital; eleito deputado federal, renunciou ao mandato sem tomar posse. Hermogenio foi secretario das Obras Publicas de 31 de Dezembro de 1897 a 31 de Dezembro de 1899 e neste ultimo anno interinamente do Interior e Justiça de 4 de Julho a 17 de Setembro, na administração Alberto Torres, tambem exercida em Petropolis ; antigo deputado estadoal, desempenhou, no periodo Quintino, igualmente nesta cidade, a presidencia da Assembléa Legislativa do Estado.

Ambos entretanto receberam a homenagem da nossa nomenclatura não por terem figurado na vida administrativa do

Estado, mas por estarem estreitamente ligados á evolução de Petropolis, á qual emprestaram o melhor de seus esforços.

O mesmo acontece a mais tres individualidades que dignificaram mandatos representativos no parlamento fluminense e no congresso nacional e muito merecem da gratidão petropolitana em virtude da actividade publica desenvolvida no sentido do progresso local: dr. José de Barros Franco Junior que, no inicio da Republica, teve assento na Assembléa Constituinte do Estado, e mais tarde na Camara Federal por um periodo superior a dez annos; dr. Arthur de Sá Earp, deputado á Assembléa Legislativa do Estado durante alguns annos, na época em que Petropolis foi capital; e dr. Joaquim Francisco Moreira, deputado federal e em seguida senador, tendo fallecido no exercicio deste mandato.

A ponte metallica sobre o Piabanha em Pedro do Rio, datada de 1899, construida pelo Estado, denomina-se ponte Dr. Barros Franco; e o trecho inicial da antiga estrada de Pedro do Rio ao Secretario (entre a referida ponte e a primeira curva), tem igualmente o nome do egregio cidadão.

A antiga rua Palatinato, — do fim da rua Buarque de Macedo ao principio da av. General Marciano de Magalhães, lado impar — mereceu o titulo de rua Dr. Sá Earp; e pelo nome de ponte Dr. Sá Earp é geralmente conhecida a que atravessa a confluencia da Bacia.

Denominadas em honra ao dr. Joaquim Moreira existem uma rua no centro da cidade, uma ponte no Retiro e uma praça em Pedro do Rio.

Dos vinte e tantos governadores fluminenses que já houve no regimen republicano, sómente quatro têm seus nomes recordados por nossa nomenclatura urbana; e destes, apenas um logrou tal homenagem devido propriamente á circumstancia de haver exercido a alta funcção administrativa.

Um anno e pouco depois do dr. José Thomaz da Porciuncula terminar seu triennio presidencial — de 3 de Maio

de 1892 a 30 de Dezembro de 1894 — a cidade conferiu o nome de Dr. Porciuncula á rua dentro da qual funccionava a Estação ferroviaria de Petropolis. Houve, entretanto, com esse acto, especialmente o intuito de perpetuar a immensa admiração que, fazia mais de dez annos, vinha sendo tributada ao petropolitano que se distinguia por predicados excepcionaes, medico illustre e caritativo, brioso patricta, queridissimo de sua cidade natal.

Desde 1882 passára elle a residir e clinicar em Petropolis. Partidario da Republica, companheiro de Saldanha Marinho, assignalou o inicio de sua carreira politica fundando o Club Republicano de Petropolis, cuja acção se irradiou pelos municipios vizinhos.

Fazendo-se eleger para a Assembléa Provincial na legislatura de 84-85, reeleito para a de 86-87, foi um dos primeiros deputados pelo suffragio de nossa Provincia em nome das ideias republicanas e o primeiro representante directo de Petropolis no parlamento fluminense.

Proclamada a Republica, nomeou-o o Governo Provisorio governador do Maranhão. Em seis mezes de gestão discrecionaria, habil e criteriosa, alcançou o dr. Porciuncula collocar aquelle Estado no regimen federativo e effectuar a recomposição de todos os seus serviços administrativos, que se encontravam muito anarchisados.

Regressando á terra natal, foi investido da direcção suprema do Partido Republicano Fluminense; faz parte da Assembléa Constituinte Estadoal, cabendo-lhe naturalmente a funcção de presidil-a. Promulgada a Constituição a 9 de Abril de 1892, o eleitorado fluminense o elegeu presidente do Estado para o primeiro periodo constitucional.

Todos os problemas administrativos receberam orientação esclarecida e prudente; o integro republicano, obtendo a collaboração de homens capazes, instituiu o regimen da severidade no cumprimento da lei e da tolerancia governamental.

A grave insurreição da Armada contra o governo de

Floriano Peixoto verificou-se durante o periodo presidencial do dr. Porciuncula; e a seus esforços e acertadas providencias como primeira autoridade civil do Estado, depositaria da confiança do governo federal, se deveu em parte a victoriosa resistencia aos repetidos assaltos da esquadra para occupação de Nictheroy.

Tendo a Assembléa Fluminense decidido a transferencia da capital do Estado para Petropolis, coube ao dr. Porciuncula, nos ultimos mezes de seu mandato, tornar effectiva a deliberação legislativa, acudindo a todos os trabalhos de organização e installação da nova séde do governo. A elle se deve a construcção do bello edificio do Forum de Petropolis.

Decorridos oito annos e mezes, na administração Quintino Bocayuva, deixou Petropolis de ser a capital fluminense.

O dr. Porciuncula exerceu no governo Prudente de Moraes o cargo de ministro plenipotenciario no Uruguay, cabendo-lhe então fazer a repatriação dos refugiados da revolta da Armada; e finalmente representou o Estado do Rio no Senado Federal, tendo feito parte da Commissão de Finanças. Falleceu nesta cidade, em 1901.

A biographia do eminente petropolitano está cheia de serviços prestados á patria, á terra fluminense e á sua cidade natal, onde aos titulos de relevo na vida politica e social pudera juntar, amplamente justificado, o de medico dos pobres. Vinte e um annos após sua morte, a cidade, resarcindo uma divida de gratidão com essa figura de singular expressão da sua historia, perpetuou-lhe a memoria com bella estatua, que se ostenta na praça Ruy Barbosa.

O dr. Alberto de Seixas Martins Torres falleceu em 1917 e sómente decorridos cerca de seis annos adoptamos seu nome para designar o trecho que fazia parte da avenida Ypiranga, compreendido entre as ruas Fonseca Ramos e Floriano Peixoto, e então denominado rua Nova Ypiranga.

Alberto Torres — intelligencia privilegiada fortalecida por cultura encyclopedica, estudioso infatigavel — deixára um nome cercado de gloria imperecivel, que honra altamente

as tradições fluminenses; fizera-se além disso credor da gratidão da cidade, á qual dispensava especial predilecção.

Bacharel em direito, deputado federal na primeira legislatura constitucional republicana,fez parte do segundo periodo governamental da Republica, dirigindo, na presidencia Prudente de Moraes, a pasta do Interior e Justiça; deixou este cargo para exercer o triennio presidencial do Estado do Rio de 31 de Dezembro de 1897 a 30 de Dezembro de 1900; e foi em seguida, aos 35 annos, nomeado por Campos Salles ministro do Supremo Tribunal Federal.

Sob seu nome e em torno de seus livros se congregam hoje os amigos e admiradores do grande sociologo afim de propagar suas idéas e directrizes, applicaveis a numerosos problemas nacionaes.

O dr. Nilo Peçanha, tambem bacharel em direito, falleceu em 1924 e quatro annos depois incorporamos seu nome ao nosso cadastro urbano.

Espirito combativo, de tendencias nitidamente liberaes, esteve sempre em evidencia desde os tempos da propaganda da Abolição e da Republica. Exerceu os mandatos de deputado, senador, duas vezes governador de seu Estado, presidente da Republica, e ministro das Relações Exteriores num dos momentos melindrosos da vida nacional; e foi tambem escriptor.

Administrou o Estado do Rio no triennio de 31 de Dezembro de 1903 a 31 de Outubro de 1906 e revelou-se então financista de rara energia salvando o Estado de verdadeira bancarrota. Voltou a governal-o no quadriennio iniciado a 31 de Dezembro de 1914 tendo interrompido o periodo administrativo a 6 de Maio de 1917 para occupar, no ministerio da presidencia Wenceslau Braz, a pasta do Exterior, que vagára com a renuncia de Lauro Müller. Revelou-se constante amigo de Petropolis.

Entre outros serviços deve-lhe a cidade a iniciativa de

obter da Companhia Leopoldina em 1910, quando presidente da Republica, preços baratos — 4$800 ida e volta — para as passagens entre o Rio de Janeiro e Petropolis.

No districto de Itaipava adquiriu uma fazendola que apparelhou com excellente pomar e bôas pastagens, situando na mesma sua vivenda de repouso. A via-ferrea creou, nas proximidades, a Parada Nilo.

Vendendo essa situação, comprou uma outra, no districto de Pedro do Rio (Parada Granja), dotando-a dos mesmos requisitos.

O tirocinio parlamentar e politico naturalmente equilibrado, a acção administrativa do illustre estadista, assignalada de exitos e realisações, tornaram-no vulto altamente expressivo, senhor de extraordinaria popularidade ; e sua biographia enche de orgulho a terra fluminense.

Petropolis perpetuou-lhe a effigie em graciosa herma, inaugurada ha quatro annos. O excesso das quantias arrecadadas em favor do monumento, sommando quasi sete contos de réis, foi convertido em titulos de renda, e estes entregues á Prefeitura Municipal, instituindo-se, com os respectivos juros, o «premio escolar Nilo Peçanha» que está sendo annualmente distribuido aos alumnos do curso primario que mais se distinguem nos exames finaes. Os dedicados promotores da homenagem bronzea a Nilo Peçanha encontraram assim outra formula, elevadamenie patriotica, de glorificar-lhe o nome.

O tenente-coronel do Exercito dr. Feliciano Pires de Abreu Sodré governou o Estado no quadriennio de 23 de Dezembro de 1923 a 23 de Dezembro de 1927 ; por deliberação municipal deste ultimo anno ficou denominada officialmente estrada Presidente Sodré a antiga estrada da Fazenda Campos — que parte da rua Olavo Bilac e termina no Nucleo de Veraneio Independencia.

Administrador probo e operoso, grangeou o dr. Feliciano

Sodré renome vinculado ao progresso da terra fluminense; não se destacou entretanto a sua presidencia por nenhum acto especial em relação a Petropolis.

Esgotada a galeria dos estadistas cujos nomes se perpetuam em nosso cadastro urbano — que desempenharam cargos na suprema administração do paiz e do Estado do Rio — occorre tambem relacionar os que occuparam a eminencia de posições governamentaes em outros Estados.

Desta categoria fazem parte os seguintes vultos do periodo monarchico — conselheiros, senadores e dignatarios — que exerceram presidencias provinciaes: de São Paulo, o Visconde de Sepetiba (avenida Aureliano Coutinho); de Pernambuco, o Marquez do Paraná (rua Carneiro Leão); do Ceará e do Piauhy, o Barão de Villa Franca (estrada Silveira da Motta); e de Alagôas e do Pará, o Visconde de Souza Franco (rua Souza Franco) — cumprindo observar que todos elles exerceram tambem a gestão suprema da administração fluminense.

Do mesmo periodo ha ainda a registrar o dr. Joaquim Saldanha Marinho, cujos nomes patronymicos honram a arteria central da Castellanea, que começa nas Duas Pontes e se prolonga até á Chacara Flora.

Antigo conselheiro do Imperador, Saldanha Marinho havia de se tornar o mais historico dos partidarios do novo regimen.

Numa existencia politica de meio seculo, foi successivamente conservador, liberal e republicano; e antes de 1870 occupára duas presidencias provinciaes: de São Paulo e de Minas Geraes.

Dos que, depois de 89, exerceram a chefia de administrações estadoaes, conta a nossa nomenclatura apenas, além do Dr. Porciuncula, politico fluminense que nos primeiros dias do regimen governou o Maranhão — os nomes de Washington

Luis e João Pessôa que estiveram, respectivamente, á testa dos negocios publicos de São Paulo e da Parahyba do Norte.

Dois outros nomes se podem ainda mencionar: no começo da rua Gonçalves Dias temos a minuscula praça Dr. Seabra, assim denominada em honra ao illustre politico J. J. Seabra, que exerceu o cargo de governador da Bahia; e conferido á ponte sobre o ribeirão Aureliano, no mesmo local, o do dr. Victor Konder, que foi governador de Sta. Catharina.

Compõe-se dos seguintes conceitos o acto municipal de 25 de Julho de 1931 effectivando a homenagem posthuma ao martyr da Segunda Republica — integro administrador, politico de raro destemor e magistrado completo: «O prefeito do municipio de Petropolis, considerando que o dr. João Pessoa, pela sua altivez e patriotismo, representa uma das mais expressivas figuras de nossa nacionalidade; considerando que o heroico presidente da gloriosa Parahyba continuará vivendo na consciencia do povo brasileiro, incitando-o ao cumprimento de todos os deveres civicos; considerando que a memoria do grande morto vem sendo perpetuada em todo o Brasil; considerando que Petropolis tem se associado sempre a todos os grandes movimentos nacionaes — fica denominada rua João Pessoa a rua Cruzeiro que liga a avenida Quinze de Novembro á praça Ruy Barbosa».

Realizadas com tres annos apenas de intervallo, transcorreram entretanto mediante solennidades de apotheose as cerimonias para inauguração das placas glorificando os nomes de Washington Luis e João Pessôa, que na politica nacional representaram forças profundamente antagonicas.

No enthusiasmo dos primeiros tempos da Republica Nova, pretendeu-se, como satisfação indispensavel ao espirito revolucionario, o cancellamento do nome que a cidade concedêra á antiga rua Rhenania; mas a essa pretensão soube resistir o prefeito Yeddo Fiuza, por considerar que Petropolis não podia, por um movimento de exaltação passageira, olvidar os

beneficios que devia nem deslustrar as homenagens que prestára ao Chefe do Governo, seu cidadão honorario, que a Revolução depuzéra.

Por outro lado, ainda perduram commentarios desfavoraveis á suppressão do tradicional nome de Cruzeiro, tão consagrado pelo uso que isso devia valer-lhe o não ser sacrificado.

Parecia que as movimentadas ruas Quatorze de Julho e Cruzeiro ficariam indefinidamente com denomiações em duplicata, como occorre por exemplo com a tranquilla rua Santos Dumont, ainda hoje mais conhecida, e frequentemente citada nos jornaes, pelo antigo nome de Costa Gama ; constata-se porém que os nomes dos dois estadistas estão pegando.

Cabe ainda registrar que a primeira Camara Municipal republicana, ao cancellar a denominação da rua Bourbon para imprimir-lhe a do morro do Cruzeiro que ella transpõe, elevou-a á categoria de avenida. Esta classificação, a que faltavam todos os requisitos, foi entretanto usada por varias dezenas de annos até que o advento do actual nome restabeleceu o primitivo titulo de rua. O mesmo succedeu á via publica dedicada ao nome do Marechal de Ferro. Durante muito tempo considerada officialmente, sem razão de ser, na categoria de avenida, retornou á condição de rua quando lhe foi modificado o titulo de avenida Marechal Floriano para o que hoje possue, de rua Floriano Peixoto. Se a classificação se lhe ajustou melhor, talvez a alteração do nome tenha sido menos feliz. Pelo menos, o «marechal Floriano» ficava mais em harmonia com os que mantemos sem complementos dispensaveis — de «general Osorio» e «marechal Deodoro»...

No Rio de Janeiro ha a avenida Marechal Floriano e, de modo mais synthetico, a praça Floriano.

Aliás, o acto municipal de 1896, referendado por Hermogenio Silva, instituira o nome de «Marechal Floriano» e não «Floriano Peixoto».

Das personagens que se immortalizaram nas jornadas em prol da implantação da Republica, nossa nomenclatura

urbana consagrou apenas, e sómente depois que falleceram, além do fluminense Benjamin Constant: Saldanha Marinho, pernambucano, que em 1891 submettêra ao Parlamento nacional, juntamente com o almirante Wandenkolk. um projecto de lei transferindo a capital do paiz para a nossa cidade; e Silva Jardim, o ardoroso tribuno fluminense que entre os próceres republicanos de Petropolis conquistára as mais vehementes sympathias.

Muitos annos depois, em 1923, reverenciando a memoria do dr. José Lopes da Silva Trovão, outro inflammado apostolo do ideal republicano, tambem fluminense, conferimos o nome de rua Lopes Trovão ao trecho petropolitano da tradicional estrada normal da Estrella que do fim da rua Thereza desce, sinuosa, até á raiz da serra.

De republicanos que participaram da propaganda para a realização do feito de 15 de Novembro, nossa nomenclatura commemora ainda os nomes de Ruy Barbosa, Marciano de Magalhães, Porciuncula, Nilo Peçanha, Alberto Torres, Hermogenio Silva, Barros Franco e alguns outros.

O nome de um dos instituidores do regimen republicano, não poude receber em Petropolis a consagração que lhe dão outras cidades — o de Quintino Bocayuva. Não o fizemos após o fallecimento, em 1912, do eminente jornalista, nem ao transcorrer o centenario de seu nascimento, a 4 de Dezembro ultimo, não obstante uma suggestão, neste sentido, do governo do Estado aos prefeitos fluminenses.

Quintino Bocayuva esteve em contacto com Petropolis na phase da juventude e no derradeiro quartel da vida: quando, de parceria com Augusto Emilio Zaluar, aqui fundou, a 2 de Dezembro de 1858, e dirigiu por algum tempo, «O Parahyba», periodico do formato dos jornaes do Rio; e muito mais tarde, quando presidente do Rio de Janeiro, de 1901 a 1903, em cujas funcções fez regressar a capital do Estado a Nictheroy.

Todos esses vultos que reverenciamos, batalharam tambem, cheios de fé e amor ao proximo, contra a nefasta insti-

tuição da escravatura. Das figuras insignes da Abolição, consagramos o Visconde do Rio Branco e a Princeza D. Isabel. Commemoramos em tempo numa placa de rua, que depois cancellamos, a data de Vinte e Oito de Setembro, duas vezes gloriosa porque relembra a Lei Rio Branco de 1871 estabelecendo a liberdade dos nascituros e a Lei Saraiva de 1885 assegurando a libertação dos sexagenarios. Conservamos ainda o nome da rua Treze de Maio, recordando a Lei João Alfredo de 1888 que poz termo final ao drama da escravidão. Mas não perpetuamos nenhum dos grandes nomes que particularmente se notabilisaram nas heroicas lutas, da imprensa e da tribuna, pela suppressão do odioso regimen.

Sente-se a falta em nosso cadastro urbano do nome do fluminense José do Patrocinio, cuja personalidade, como abolicionista, encheu a sua época.

Está entretanto a Prefeitura commemorando de modo assás expressivo, annualmente, desde 1936, o transcurso da Lei Aurea; a escolas primarias do 1° districto vem dando o patrocinio de nobres vultos da historia patria que tiveram papel de relevo no movimento da redempção do captiveiro, indicando-os ás crianças petropolitanas como modelos a serem imitados.

Possuimos, já, no Alto da Serra, a Escola Municipal Princeza Isabel, no quarteirão Worms a Escola Municipal Joaquim Nabuco e no bairro do Cortiço a Escola Municipal André Rebouças — este ultimo considerado o typo mais representativo da raça negra em nosso paiz.

Para designar nossas ruas, praças e pontes têm sido tambem preferidos nomes de pessoas que se tornaram dignas da estima publica local por haverem tomado parte activa na vida da collectividade, sulcando-a com seus merecimentos e realisações. Sobem a mais de quarenta esses nomes que nossa nomenclatura homenageia, relembrando cida-

dãos que aqui mourejaram quotidianamente nas competições da vida e se tornaram factores efficientes do progresso que hoje desfructamos.

Antes de enumeral-os impõe-se, todavia, uma referencia ás respeitaveis figuras que desempenharam marcante e decisivo papel na grande obra da creação de Petropolis.

Do nome do Imperador D. Pedro II formou-se o que a cidade ostenta. Possuiu esta a rua do Imperador, que se transformou na avenida Quinze de Novembro, e o largo do Imperador, mais tarde e até ao presente praça D. Pedro II; o Bosque do Imperador, creado em 1926, assim foi chamado em honra á memoria do insigne monarcha.

Pelo nome de rua Koeler conhecia-se vagamente, nos tempos de antanho, uma travessa em ladeira entre a Villa Thereza e o Palatinato Superior.

Um mez após a passagem do cincoentenario da colonização de Petropolis, a ex-rua D. Affonso, que a esse tempo se chamava avenida Vinte e Oito de Setembro, recebeu a denominação de avenida Koeler, sendo de observar que a cidade consagrou então, em uma rua e uma avenida, durante onze mezes, o nome do benemerito Julio Frederico Koeler: o titulo da avenida Koeler foi adoptado pelo executivo municipal em 31 de Agosto de 1895 e a antiga rua Koeler só recebeu o nome de rua Padre Feijó, que ainda conserva, mediante acto official de 1 de Agosto de 1896.

Em Fevereiro de 1934 creou a cidade, por iniciativa da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, em terreno situado no alto da avenida Pedro I, o Bosque Major Koeler, contornado pela praça Monte Real; ahi foram plantados arbustos de differentes especies. Denominado rio Koeler existe um corrego, hoje capeado, que atravessa a Terra Santa e se dilue no Quitandinha.

O nome de Paulo Barbosa da Silva encontra-se perpetuado no ribeirão que atravessa a Mosella e se dilue no Piabanha — rio Paulo Barbosa — e na popularissima arteria do centro da cidade — avenida Paulo Barbosa. Dedicada a esse

incansavel mordomo da Casa Imperial, teve inicialmente o nome de rua do Mordomo, individualisado alguns annos depois para rua Paulo Barbosa, á semelhança do que succedeu recentemente com a rua do Regente do Rio de Janeiro, cujo titulo, após vigorar durante quasi um seculo, foi devidamente personalisado para Regente Feijó.

Um acto extravagante de nossa Municipalidade, de 14 de Janeiro de 1890, aboliu os nomes tradicionaes de varios logradouros, mudando, entre outros, os de Paulo Barbosa, Aureliano e Coronel Veiga para Washington, Bolivar e Quatorze de Julho. Naturalmente por sua insignificancia, passou despercebido á onda destruidora a rua Koeler do Alto da Serra.

Mais tarde, em 96, outra disposição municipal despejava o nome de visconde do Bom Retiro para dar logar ao de Marechal Floriano. Muitos annos antes, em 1859, ao constituir-se a nossa Municipalidade, o dr. Bernardino Alves Machado pronunciára incisivo discurso de que um periodo merece ser, aqui, recordado.

Coubera-lhe, na qualidade de presidente da Camara Municipal da Estrella, de cuja jurisdicção se desmembrava o districto de Petropolis, dar posse aos primeiros vereadores serranos ; e ao fazel-o, referindo-se aos dedicados amigos de Petropolis que com solicitude nunca interrompida a fizeram nascer e crescer, accrescentára : «cada palmo de terreno conquistado sobre a natureza accidentada, sempre grandiosa e bella, destas serranias, cada pedra de vossa cidade attesta um beneficio ; e o nome de suas principaes ruas e praças perpetuarão a vossa gratidão».

Desse imperativo de acatamento a nomes que se encontravam radicados nos sentimentos da cidade, esqueceram-se lamentavelmente os primeiros edis republicanos.

Em 99 suggeriu a Camara ao depositario do poder executivo, infructiferamente, que se restabelecesse a homenagem nomenclatural a Paulo Barbosa e a Aureliano Coutinho. Decorreram annos até ficar estabelecido por uma delibera-

ção municipal de 5 de Agosto de 1913: «A avenida Washington passa a ter a antiga denominação de Paulo Barbosa».

O nome de Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho — desembargador, conselheiro e senador, ainda não agraciado, quando se fundou Petropolis, com o titulo de Visconde de Sepetiba — serviu para designar não só o ribeirão que atravessa a Castellanea e se dilue no Quitandinha — rio Aureliano — como a rua que recebe as que hoje ostentam os nomes invictos de Osorio e Deodoro. Da sua funcção publica na época da colonisação de Petropolis, se originou o titulo de quarteirão Presidencia (presidente Aureliano).

O nome de rua Aureliano, cancellado nos primeiros dias da Republica, voltou ao seu antigo local sómente a 29 de Junho de 1932, vinte annos depois de igual reparação feita ao nome de Paulo Barbosa.

Naturalmente, a reposição devia ser feita pelo modo que foi; o nome de Aureliano, entretanto, sem nenhum attributo, não evocava então, facilmente, o celebre estadista que teve o nome gravado em notaveis empreendimentos do periodo monarchico. Sómente a nomenclatura petropolitana assim o homenageiava. A da Capital Federal lhe dá o titulo de Conselheiro Aureliano e a de Nictheroy o de Visconde de Sepetiba. Poderiamos dar-lhe o titulo de Presidente Aureliano.

Ainda outra observação se impunha: elevada á condição de avenida quando trocou o «Aureliano» por «Bolivar», voltou á condição de rua ao receber o nome primitivo... Entretanto a rua Paulo Barbosa, promovida á categoria de avenida quando mudou o nome para Washington, passou mais tarde a ser a avenida Paulo Barbosa.

A rua Aureliano, em seguimento á avenida Marechal Deodoro, dispondo da mesma largura, de identicos passeios e de igual arborisação, merecia continuar com a classificação que conquistára, e justificou durante mais de 40 annos, de avenida.

Muito judiciosamente a Prefeitura, em Março de 1938, declarou por acto official que a rua Aureliano passava a denominar-se avenida Aureliano Coutinho.

O mesmo acto teve a virtude de perpetuar o nome de outro vulto historico que merecia ser collocado entre os que se dedicaram com firmeza ao serviço da formação de Petropolis: o dr. João Caldas Vianna, que no supremo governo da Provincia, antes de Aureliano, tomára as primeiras medidas administrativas concernentes á creação de uma estancia de veraneio e de uma colonia de immigrantes europeus, que se denominariam Petropolis em honra ao magnanimo doador das terras.

Passamos a ter a rua Caldas Vianna.

O Visconde do Bom Retiro, governando a Provincia quando Petropolis contava poucos annos de existencia, pôz em pratica as mais energicas providencias afim de dominar a crise tremenda de falta de trabalho que quasi levou ao desmantelo todo o esforço para a fixação dos colonos.

Voltamos a possuir uma rua Visconde do Bom Retiro.

E assim ficaram restabelecidos os preitos justissimos de reverencia prestados pela geração que viu Petropolis nascer e que sentira em seu favor a força constructiva desses indeslembraveis estadistas.

Vêm do tempo da Monarchia alguns nomes que se conservam em nosso cadastro urbano e relembram personagens que aqui residiram, muito amaram a cidade-imperial e se tornaram bemfeitores da sua evolução: Mauá, Coronel Veiga, Paulino Affonso, Padre Siqueira e Monsenhor Bacellar.

As denominações Berrini e Calogeras conferidas a duas de nossas praças em 83 e cancelladas sete annos depois, ho-

menageavam os esforçados engenheiros que realizaram a aspiração da via-ferrea de cremalheira vencendo a serra de Petropolis.

Outras injustiças foram commettidas com a suppressão das velhas denominações Wellisch, Mora, Theobald, Costa Gama, Morin — nomes que a historia regional recorda com aprazimento.

Tambem o marechal Conde d'Eu teve parte activa na vida da cidade. Entre as iniciativas em que cooperou, concernentes ao engrandecimento local, podem-se citar as exposições realizadas no Palacio de Crystal, sob o patrocinio da Associação Horticola e Agricola de Petropolis, da qual foi elle um dos fundadores, tendo occupado sempre a presidencia.

Eliminamos das placas de nossas vias publicas, com a implantação do regimen republicano, as homenagens a principes e princezas.

Muitos annos depois voltamos a glorificar, por esse meio, em homenagem posthuma, o nome da excelsa princeza Isabel, a Redemptora. Ao Conde d'Eu, seu esposo, amigo dedicado da cidade, não tributamos ainda, entretanto, consideração equivalente.

Reza a tradição ter sido o commendador Pedro José da Camara, foreiro não colono de Petropolis, um dos primeiros que construiu aqui, para seu domicilio, casa de pedra e cal. Antigo collector de Nictheroy, aposentado, sua moradia, situada á rua da Imperatriz (actual av. 7 de Setembro), ao lado de um terreno reservado a uma praça, já existia antes de 1847.

Mais ou menos em 1850 vendeu-a ao industrial Irineu Evangelista de Souza e nella residiu alguns annos o extraordinario realizador, bandeirante do progresso nacional, a quem Petropolis tanto deve.

Imaginando a construcção de um caminho de ferro que galgasse a serra de Petropolis e dahi se desenvolvesse até ás margens do São Francisco, creou elle a Imperial Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro de Petropolis, que em 54 inaugurou o primeiro trecho ferroviario, o primeiro

aliás da America do Sul, entre o pequeno porto de Mauá e a parada provisoria do Fragoso. Foi agraciado então com o titulo de Barão de Mauá.

O largo existente á esquerda de sua vivenda de Petropolis teria recebido por essa época o baptismo de praça Mauá.

Em 54, ainda, construiu o inolvidavel brasileiro, defronte da praça da Confluencia, a confortavel habitação que o povo passou a conhecer por «palacete Mauá», estendendo-se o nome nobiliarchico á ponte de madeira em frente ao portão principal, sobre o Piabanha.

Attrahiam a attenção de todos o bello edificio Mauá e sua chacara, que o major C. A. Taunay descreveu no livro Viagem Pittoresca a Petropolis, publicado em 62.

Ahi falleceu o preclaro cidadão, menos de um mez antes da fundação da Republica, sendo seu corpo conduzido para o Rio.

A' entrada de sua ultima vivenda foi collocada em 1928, por iniciativa da Prefeitura Municipal, uma placa de bronze contendo o seguinte trecho extrahido do livro «Mauá», de autoria do dr. Alberto de Faria, a quem a historica residencia então pertencia :

«Esta foi a unica construcção que, para seu conforto, levantou o homem a quem o Brasil deve a iniciativa simultanea de quasi todos os melhoramentos materiaes.»

A casa que anteriormente servira ao barão de Mauá, mais tarde consideravelmente augmentada — a casa do jardim das pedras brancas — foi a moradia de seu filho Henrique Irineu de Souza durante muitos annos. Pertence hoje ao dr. Antonio Moreira da Fonseca, que nella reside.

Ao fundo da praça Mauá foi levantado pelo dr. Marinho de Azevedo, medico de nomeada no Rio de Janeiro, o palacio que depois pertenceu aos barões de Guaraciaba e que o dr. Hermogenio Silva transformou na séde do Governo da Cidade.

Em 1905 propoz o Conselho Municipal que a antiga praça Mauá passasse a chamar-se Hermognio Silva, ao que formalmente se oppôz o digno homenageado.

Durante muito tempo ostentou o local uma placa simplesmente irrisoria, nasalando o nome do grande brasileiro: «Praça Mauã».

Ultimamente foi a mesma substituida, mas a nova placa mudou o nome do logradouro para praça Visconde de Mauá.

A praça chamava-se apenas «Mauá» e não havia necessidade do «visconde»; no Rio de Janeiro existem, em Santa Thereza, a rua Mauá, e no Cáes do Porto, a praça Mauá.

A nossa ponte Mauá, depois de substituida a de madeira por uma de cimento armado, soffreu o mesmo accrescimo: passou a ter, officialmente, o titulo de Visconde de Mauá...

O nome de Amaro Emilio da Veiga prende-se, com os melhores louvores, a um dos episodios mais interessantes da evolução de Petropolis — qual o da elevação da colonia á categoria de cidade. O projecto legislativo que indicava essa prerogativa, surgiu na sessão de 1856 do parlamento fluminense; defendido brilhantemente pelo tenente-coronel Veiga deputado provincial, foi o mesmo approvado e remettido á, sancção presidencial.

Desagradava á Casa Imperial o açodamento com que se procurava promover a emancipação administrativa de Petropolis, povoação de promissor futuro mas ainda com insignificante patrimonio tributario, e tão joven que o mais velho de seus filhos estava ainda longe de attingir a maioridade.

Constituida em cidade, perderia a assistencia que, como colonia, recebia da Provincia; e lhe faltariam rendimentos para acudir ás despezas indispensaveis. Negou o Executivo provincial approvação á deliberação legislativa. O enthusiasmo pela medida era a esse tempo intenso, entre os moradores de Petropolis; e o Tte. Cel. Veiga sustentando com entranhada firmeza, em calorosos debates na Assembléa, a causa que abraçára, conseguiu fazel-a triumphar: o veto foi rejeitado por grande maioria e o projecto se converteu em lei.

Annulladas duas eleições para vereadores, foi a terceira considerada valida, e em Junho de 59 installou-se a cidade com a posse da primeira Camara Municipal.

O eleitorado petropolitano elevára o Tte. Cel. Veiga á condição de vereador mais votado. Cabiam-lhe legalmente as funcções de chefe do Executivo municipal; mas um aviso do Ministerio da Guerra considerou-o incompativel para o exercicio do cargo, por ser elle militar da activa. Desgostoso, abandonou a politica e mais tarde encerrou sua carreira militar, reformando-se.

A nova cidade, que lhe devia um preito de reconhecimento, conferiu o nome de rua Coronel Veiga á arteria central das Rhenanias — o trecho entre a rua do Imperador e as Duas Pontes.

Elle passára a viver em Petropolis, firmado na estima publica. A vida local se desdobrava; e o Cel. Veiga, que vira frustrado o proposito de collaborar officialmente no desenvolvimento da cidade, regosijava-se de vel-a prosperar e, sempre que se lhe offereceu ensejo, contribuiu para essa nobre finalidade.

Veiu a Republica. E intempestivamente a Camara Municipal, praticando incompreensivel injustiça, riscou o nome do velho amigo da cidade, que fôra uma força activa na evolução de Petropolis, passando a rua Cel. Veiga a ser a rua Quatorze de Julho. Não podia haver maior desconsideração.

Quando victoriosa a campanha da autonomia politica de Petropolis, «O Mercantil», que surgira poucos mezes antes, publicára o seguinte editorial, em Setembro de 57:

«Petropolitanos, não esqueçamos o nome do nosso propugnador: elle tem bem merecido a nossa gratidão pelos assignalados e relevantes serviços feitos em defesa da nossa causa; agradeçamos pois ao illustre sr. tenente-coronel Amaro Emilio da Veiga, dignissimo deputado á Assembléa Provincial, a sua bôa vontade, e os seus constantes esforços em prol da nossa emancipação.»

A situação politica de 89 não soube, infelizmente, con-

firmar esses sentimentos de estima e reconhecimento que o povo sempre dispensou ao integro varão. Terminou elle seus dias nesta cidade, em 1896, e sómente a 1 de Outubro de 1904 uma deliberação municipal estabeleceu: «Fica denominada rua Coronel Veiga o trecho da estrada da Rhenania entre as Duas Pontes e a Ponte do Fones».

Francisco de Castro Abreu Bacellar nasceu em Portugal, na freguezia de Fafe; tres de seus irmãos haviam abraçado a vida ecclesiastica, e, vindo elle para o Brasil, tomou tambem ordens sacras, na capital de São Paulo.

Outro seu irmão, o mais moço, commendador Fernando de Castro Abreu Magalhães, foi pai do dr. Jeronymo de Castro Abreu Magalhães, que teve por esposa D. Zelia Pedreira do Couto Ferraz; casal exemplar, reconhecendo a vocação religiosa de seus nove filhos, offereceu todos elles ao serviço da Igreja.

O padre Bacellar creou na provincia do Rio de Janeiro, ás margens do Paquequer, no municipio do Carmo, a fazenda de Santa Fé, distante duas leguas de Porto Novo. Dedicando-se ao café, á canna de assucar e a numerosos cereaes, a fazenda prosperou singularmente, cresceu em territorio, chegando a conter duas leguas quadradas.

Alguns annos antes de vendel-a a seus sobrinhos Jeronymo e Zelia, em 76, por setecentos contos de réis, já Monsenhor Bacellar se fizera proprietario em Petropolis, a cujo ambiente costumava abrigar-se sempre que suas attribuições lhe concediam treguas. Construira para sua residencia, que passou então a ser definitiva, a casa, á praça D. Affonso, que pertence hoje á familia Franklin Sampaio e que J. Tinoco em 85, no Guia de Viagem-Petropolis, incluiu entre os edificios notaveis tanto pelo conforto e elegancia como pelos bellissimos jardins.

No municipio onde vivêra largos annos, deixára o digno

sacerdote um contingente enorme de serviços prestados ao bem geral; e a Estação de Bacellar, da E. F. Leopoldina, creada em territorio da antiga fazenda de Santa Fé, merecidamente lhe perpetua o nome.

Em Petropolis não se resumiu o merito de Monsenhor Bacellar ao emprego de capitaes na construcção de muitas casas, especialmente na rua que o povo baptisou com o seu nome e que vae da avenida Barão do Amazonas á praça Jerusalém.

Illustrou-se principalmente por seu espirito de philantropia. Muito auxiliou o Hospital de Santa Thereza, de cuja Commissão Administrativa fazia parte, e constituiu-se um dos maiores coadjuvadores do padre Germain na grande obra evangelica da instituição e sustento do Asylo de Santa Isabel e do padre Siqueira na do Asylo do Amparo; nas salas de recepção destes dois ultimos estabelecimentos, o seu retrato occupa logar de honra.

O seu ultimo empreendimento foi a construcção do amplo e magestoso edificio, especialmente para hotel, que arrendou a Antonio Pereira Campos, o Hotel Orléans, hoje Palace-Hotel, que começou a funccionar em 1884.

Serviu á parochia de Petropolis como vigario interino, no tempo compreendido entre os vicariatos dos padres Germain e Esch; e quando a morte o surpreendeu em fins de 84, em Poços de Caldas, occupava o cargo de provedor da nossa Irmandade do Santissimo Sacramento.

O apostolico sacerdote João Francisco de Siqueira Andrade nasceu em Jacarehy, São Paulo, em 1837. Declarada a guerra contra o dictador do Paraguay, incorporou-se como capellão ao 7º batalhão de voluntarios da Patria, que seguia para a luta. Traiçoeira enfermidade não tardou a salteal-o, obrigando-o a regressar. Contava cerca de trinta annos quando procurou nas paragens saudaveis de Petropolis um paradeiro ao mal que lhe minava o organismo. Aqui immortalizou-se por virtudes raras e exemplos empolgantes. Os

quinze annos que ainda lhe restaram, viveu-os cheios de lutas e sacrificios, na magnanima tarefa de acudir á orphandade exposta ao desamparo.

Fundou em Corrêas, no casarão da fazenda, um internato de preparatorios, o Collegio Scientifico São José, para rapazes, que teve curta existencia, de menos de seis annos; mas em Petropolis creou, inaugurado em 71, o Asylo de Nossa Senhora do Amparo, soberbo monumento da caridade de nosso povo talhado para atravessar seculos e seculos.

Serviu tambem á freguezia de Petropolis na qualidade de seu vigario, tendo o padre Theodoro Esch, antigo coadjuctor, o substituido definitivamente no cargo; e falleceu a 10 de Abril de 1881 na estancia climaterica de São José dos Campos, sul de Minas. O governo da cidade conferiu o nome de praça Padre Siqueira ao terreno em triangulo, hoje um de nossos jardins publicos, situado na confluencia das ruas General Osorio e Marechal Deodoro.

Quarenta e muitos annos depois outro acto municipal, de 1929, retirou dali o nome do benemerito sacerdote, substituindo-o pelo do indeslembravel musicista Paulo Carneiro; creou, entretanto, a denominação de rua Padre Siqueira para o trecho da avenida 7 de Abril, lado compreendido entre a rua 13 de Maio e a avenida 1º de Março «onde está situado o Asylo do Amparo, obra excelsa de que o digno padre Siqueira foi o grande realizador».

Nossa nomenclatura urbana, que registra perto de cento e cincoenta titulos, deu acolhida apenas, até agora, a quatro personalidades ecclesiasticas — duas que se vinculam á nossa historia regional e duas cujos nomes fulguram na historia patria, Bartholomeu de Gusmão e Feijó.

Teria entretanto inteiro cabimento que identica homenagem se prestasse a outras figuras do clero catholico que á nossa cidade deram todo o seu esforço no terreno espiritual e em realizações de benemerencia social.

Os nomes de Nicolau Germain, José Benedicto Moreira, Theodoro Esch e Theodoro da Silva Rocha recordam individualidades que se impuzeram á gratidão petropolitana.

Germain e Theodoro Rocha, vigarios de Petropolis, distanciados por um quarto de seculo, realçaram-se pelo procedimento verdadeiramente apostolico, em pastorados que tiveram tambem a duração de cêrca de vinte e cinco annos.

O padre Germain, francez de nascimento, para aqui veio em 1854. Annos antes de fundar, á custa de muitas provações, o Asylo de Santa Isabel — recolhimento de meninas orphãs, e internato e externato — que entregou á direcção de religiosas de S. Vicente de Paulo, já D. Pedro II, reconhecendo-lhe os altissimos meritos, o agraciára, em 61, com o habito da Ordem de Christo.

Informou Henrique Raffard, no Jubileu de Petropolis: «O padre Germain tendo sido agraciado com o habito da Ordem de Christo, 230 dos moradores principaes de Petropolis cotisaram-se para adquirir o distinctivo que, com uma inscripção apropriada, foi entregue ao reverendo padre vigario a 1° de Janeiro de 1862.»

O antigo orphanato e collegio de meninas logrou ampliar a sua utilidade, tendo, com a equiparação obtida em 1903 á Escola Normal de Nictheroy, se habilitado á formação de professoras para o magisterio publico.

O padre Theodoro Rocha, modesto, piedoso, infatigavel, o «vigarinho» como o tratava a sympathia do povo, assignalou-se por qualidades que o collocaram entre os mais dignos que têm dirigido a parochia de São Pedro de Alcantara.

O Vaticano, conferindo-lhe uma recompensa inteiramente merecida, honrou-o em 1908 com o titulo de Monsenhor.

As obras da matriz nova estavam paralysadas havia muitos annos; trabalhou monsenhor Theodoro Rocha com abnegação heroica afim de reiniciar a sagrada construcção, conseguindo-o finalmente em 1919.

Alguem lembrou que a rua que contorna a igreja-matriz, em vez de se chamar rua São Pedro de Alcantara, devia ter o nome de Monsenhor Theodoro Rocha.

O padre Theodoro Esch, sacerdote allemão, já aqui praticava seu ministerio fazia varios annos quando lhe foi confiado o vicariato de Petropolis, em 1878, que exerceu por dez annos, regressando á sua patria em 88. Entre outras obras meritorias a que sua operosidade se dedicou, salienta-se a construcção, concluida em 1874, da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a chamada Capella dos Allemães, da qual foi administrador e capellão.

Monsenhor José Benedicto Moreira, antigo missionario portuguez, exerceu em Petropolis nobilissima funcção que se dilatou por vinte e tantos annos, — mantendo modelar instituto de ensino, ao qual o proprio Conde d'Eu confiou seus filhos, e dedicando-se apostolarmente á ampla seára da caridade.

A sua actividade salutar «encheu de beneficios a nossa gente e o elevou á santidade em nossas almas», segundo a expressão feliz do dr. Cardoso Fontes.

A saude precaria obrigou-o a transferir-se para a beira-mar; localisou-se em Santos e ahi permaneceu perto de vinte annos, consagrado á missão educativa a que se impuzéra. Em 1920 mudou-se para o Rio, onde falleceu quatro annos depois.

Petropolis e Santos gravaram no coração de seus filhos a recordação gratissima do abnegado padre-mestre ; Santos, entretanto, fez mais: baptisou com o nome de Monsenhor Moreira uma rua e uma escola publica...

Ainda uma referencia a vultos do clero catholico que, por sua contribuição em favor da evolução de Petropolis, não ficaram de todo esquecidos : os sacerdotes portuguezes Mendes de Paiva.

Dispunham de largos cabedaes de fortuna e tentaram crear uma estrada de ferro para servir a Petropolis. Começaria a mesma em Maxambomba, hoje Nova Iguassú, em tra-

fego mutuo com a E. F. Central do Brasil; a estação em nossa cidade seria na praça então denominada da Liberdade.

Inexperientes e explorados em sua excessiva bôa fé, perderam muito dinheiro em acquisição de terras de infimo valor mas pagas a bom preço; faltando-lhes, além disso, o apoio de capitalistas, com que contavam, acabaram arruinados.

Haviam levantado, para sua residencia, na Westphalia, espaçoso edificio, no qual se iustallou em 89 o Collegio São Vicente de Paulo, transferido em 1908 para o Palacio Imperial, passando então a funccionar na antiga vivenda dos Padres Paiva o Seminario que tomou tambem o nome de São Vicente de Paulo.

No tempo da Monarchia, em homenagem posthuma ao maioral da politica petropolitana commendador Paulino Affonso Pereira Nunes — varios annos depositario do poder executivo — recebeu o nome de rua Paulino Affonso a via publica que da rua Monte Caseros conduzia ao Hospital de Santa Thereza, finalizando no principio da rua Bingen. Pouco depois do advento da Republica, em homenagem a outro chefe politico, fallecido em 1878, João Baptista da Silva — longo tempo tambem presidente da Municipalidade — recebeu o nome de coronel Baptista da Silva uma rua minuscula que se abrira no Palatinato Superior, ruazinha sem sahida que serve apenas ao transito dos respectivos moradores (começa no principio da av. Gal. Marciano de Magalhães, lado par, e finaliza na Fabrica Cometa).

Paulino Affonso e Baptista da Silva foram contemporaneos, sendo que o ultimo fez parte, como vereador, da nossa primeira Camara Municipal, empossada em 1859; homens de natureza activa e progressista, emparceiram-se no muito que fizeram por Petropolis.

Na administração dos negocios publicos ou em commetimentos de iniciativa particular, proporcionaram ao municipio constantes beneficios e numerosos melhoramentos.

De um escorço historico da cidade de Petropolis, «Revivendo o passado», de autoria do sr. João Duarte Silveira, copiamos o trecho seguinte :

«Dois vultos que deixaram traços indeleveis de sua passagem foram o coronel João Baptista da Silva e o commendador Paulino Affonso Pereira Nunes, organizadores da Imperial Empreza de Transportes para conducção de passageiros, cargas e bagagens.

Faziam parte do trem dessa empreza vinte carros de passageiros, inclusive um para o serviço imperial, um para o correio e um dito funebre.

Além desses carros, havia diligencias para maior numero de passageiros, distinguindo-se dentre ellas a celebre «Baroneza», em honra á Baroneza de Mauá.

Esses dois varões exerceram todos os cargos gratuitos nesta cidade, tanto de eleição como de nomeação, desde os de delegado de policia, supplentes de Juiz e presidente da Camara Munidipal, prestando ao municipio assignalados serviços, morrendo ambos, que para aqui trouxeram grandes cabedaes, muito pobres.»

Dos vultos representativos da vida politica e administrativa da Petropolis de então, consagra a nossa nomenclatura mais um, apenas : a avenida Central, no Alto da Serra, recebeu em 1908 o titulo de coronel Albino de Siqueira — sendo de notar, todavia, que ainda hoje, trinta annos depois, o primitivo nome não cedeu inteiramente, no uso popular, os seus direitos.

O trecho da rua que se dirigia á Castellanea (entre a avenida Cel. Albino de Siqueira e a rua Saldanha Marinho), passou a chamar-se travessa Albino de Siqueira ; em 1923, porém, esta via de transito recebeu officialmente o nome de rua Euclydes da Cunha. O commendador e coronel da Guarda Nacional, Albino José de Siqueira, homem abastado, esta-

belecido no Fragoso, presidente da Camara que assignalou o inicio da Municipalidade de Petropolis, procurou sempre bem servir á população. Foi tambem um dos proprietarios da utilissima «Empreza Imperial de Transportes de passageiros e cargas entre Petropolis e Raiz da Serra», dirigida por João Baptista da Silva — de cuja sociedade participaram mais alguns amigos do progresso local.

Esses nomes evocam um passado digno do melhor apreço e justamente mereceram a immortalidade de uma placa de rua; outras individualidades do mesmo tempo, entretanto, que se destacaram do estalão commum e participaram igualmente de todos os movimentos para o engrandecimento de Petropolis, jazem officialmente no mais ingrato esquecimento.

Devia a cidade recordar publicamente os nomes de Augusto da Rocha Fragoso e Ricardo Narciso da Fonseca, prestando á memoria desses seus velhos servidores uma reverencia inteiramente justificada.

Ambos viram Petropolis nascer e acompanharam a marcha sempre ascendente de seu progresso durante mais de meio seculo.

Rocha Fragoso desempenhava um cargo na Sub-Delegacia de Petropolis, creada em 1844. No anno seguinte, com a chegada dos colonizadores allemães, fundava-se a povoação; e elle passou a exercer, por dois ou tres annos, no districto de Petropolis, pertencente ao municipio de Estrella, a funcção de agente fiscal. Fez parte, como um dos vereadores mais votados, da primeira Camara Municipal de Petropolis; e foi na casa de sua residencia — que pertencêra a Paulo Barbosa, na rua desse nome — que Petropolis se constituiu em cidade, pois ali se realizou, em sala magnificamente ornamentada, a solennidade de posse dos primeiros vereadores.

Ricardo Narciso da Fonseca já aqui se achava a serviço do major Koeler quando se verificou o episodio da colonização germanica de Petropolis. Foi, como Fragoso, um ani-

mador do progresso local, tendo sido vereador municipal e desempenhado varios cargos de nomeação, inclusivé o de delegado de policia, o qual foi exercido tambem por aquelle.

Ao tempo da campanha contra o dictador do Paraguay, era commandante em chefe do nosso 38º batalhão de infanteria da Guarda Nacional o coronel João Baptista da Silva; e a milicia de Petropolis prestou serviços guarnecendo a fortaleza de Santa Cruz, na entrada da barra do Rio de Janeiro, sob o commando do então capitão Ricardo Narciso da Fonseca.

Ao transcorrer, em 95, o meio centenario da colonização de Petropolis, Rocha Fragoso fazia parte como vereador da Camara Municipal e Ricardo da Fonseca desempenhava o cargo de secretario da Municipalidade, cargo que occupou por longo tempo, merecendo a confianca de varias administrações.

Fragoso, fluminense, e Ricardo, pernambucano, alcançaram por merecimento o majorato da Guarda Nacional; o ultimo falleceu em idade avançada, solteiro, em extrema pobreza.

Outro nome que fala eloquentemente da evolução da cidade é o de Bartholomeu Pereira Sudré, a quem se devem os fundamentos da imprensa local.

Era ainda Petropolis tranquillo burgo colonial quando, a 3 de Março de 1857, começou a circular o periodico «O Mercantil», muito bem escripto e muito bem impresso, que surgia «para pugnar pelo desenvolvimento da industria e da agricultura, pelo engrandecimento material da localidade, pelos direitos do povo e pela emancipação de Petropolis, simples districto submettido á Camara Municipal da Estrella».

Bartholomeu Sudré, portuguez de nascimento, capitão da Guarda Nacional, varias vezes vereador municipal, chefe do Executivo numa legislatura, honrou o jornalismo petropolilano tanto pelo caracter integro como pela intelligencia; o seu «O Mercantil», que teve tambem na direcção outro batalhador do pensamento, Thomaz Cameron, logrou vida dura-

doura, deixando de circular nos primeiros annos da Republica. Bartholomeu Sudré falleceu aos 76 annos, em 1901; e é justo que seu nome seja lembrado como perfeitamente digno de figurar em um dos nossos logradouros publicos.

Deve ter surgido antes de 1900 o nome de rua Baptista de Castro dedicado pelo povo a uma travessa entre a rua Thereza e a rua Chile. O dr. João Baptista de Castro, durante annos presidente da Sociedade de Agricultura do Rio, morador e proprietario no Alto da Serra, tomou parte saliente na vida politica de Petropolis, no periodo da implantação da Republica. Fez parte como intendente da primeira Camara republicana de Petropolis, tendo chegado a exercer a respectiva presidencia. Data igualmente de muitos annos a denominação Dr. Barros Franco que o povo de Pedro do Rio conferiu a uma rua e a uma ponte de sua localidade. Figura culminante pela intelligencia e pelo caracter, o Dr. José de Barros Franco Junior, até afastar-se da actividade politica, exerceu poderosa e benefica influencia sobre a vida petropolitana. Muito fez e trabalhou pelo progresso desta terra, como vereador e presidente da Municipalidade.

No interregno de 1900 a 1910, ingressaram em nossa nomenclatura urbana, para designar velhos caminhos que passaram a chamar-se ruas, os seguintes nomes ligados ás tradições da cidade: George Land (no local conhecido por Floresta), Kopke, Dr. Bonjean e Rocha Cardoso.

Todas as publicações que possuimos em forma de almanach ou guia de Petropolis registram «Jorge Land», aportuguezando indevidamente o nome de baptismo.

George Thomas Land, subdito de S. M. Britannica, para aqui veiu em companhia de seu pae, Thomas Land, no tempo em que Petropolis era ainda colonia. Thomas Land estabeleceu-se no sitio hoje occupado pela Villa Militar do 1º B. C.

com o Hotel da Presidencia; mais tarde mudou se, com o mesmo negocio, para logar tambem afastado — onde hoje se desenvolve o arrabalde Independencia.

Esses hoteis deviam corresponder a pittorescas estancias de repouso, installados como ficavam no meio da mattaria.

George Land aqui se casou ligando-se á familia Carpenter, e seu honrado nome vem se perpetuando condignamente.

Teve varios negocios. Exerceu por muitos annos a gerencia da Empreza de Diligencias da Serra. Tornou-se assás popular como commissario de transporte de mercadorias entre Petropolis e a capital do paiz.

A homenagem municipal prestada á sua memoria, posto que merecida, teve a singularisal-a o caracter de excepção, por tratar-se de pessoa cujo nome não lográra preponderancia nos sectores da vida social ou politica.

Contemporaneos seus existiram varios, estrangeiros tambem, avessos igualmente á politica, que se distinguiram como os melhores de suas respectivas classes e souberam cooperar, na medida de suas possibilidades, para o engrandecimento local — mas nunca seus nomes foram lembrados para consagração identica.

Carlos Spangenberg celebrisou-se como fabricante de objectos de arte em madeira.

Pertence ao Visconde de Taunay a seguinte referencia, em chronica publicada na Gazeta de Petropolis, de 1893: «Carlos Spangenberg, cujas bengalas, algumas bem artisticamente esculpidas, concorreram para dar voga popular ao nome de Petropolis. Ainda nos nossos dias costuma-se dizer um bom «petropolis» por um bengalão respeitavel e capaz de dar valentes cacetadas sem se lascar.»

«Tão conhecida foi a bengala «petropolis» que chegou a ser registrada por Camillo, quando ameaçado de experimental-a sobre o dorso por um critico do Cancioneiro Alegre» (Alcindo Sodré, A Cidade Imperial).

Guilherme e Henrique Sieber, allemães, notabilisaram-se como escultores em crystal, gravando principalmente copos, que eram muitissimo apreciados e de que restam poucos exemplares, guardados como raridades artisticas que são.

Gustavo Eckart, allemão, fundou o primeiro conjuncto musical de Petropolis, conhecido pela «Banda de Musica dos Gustavos», que se tornou tradicional na cidade, fazendo-se ouvir em suas solennidades principaes; depois de muitos annos de existencia, dissolveu-se em 1896.

Jorge Henrique Kuhn, allemão, que durante 48 annos exerceu as funcções de enfermeiro no Hospital de Santa Thereza, prestou, nesse lapso de tempo, como enfermeiro e como dentista pratico, reaes serviços á população, que o considerava immensamente.

A seu proposito, escreveu recentemente o sr. Walter Bretz: «Esse homem, que tão modestamente encetára a sua actividade na casa de caridade, tornou-se, pelo seu proprio esforço, um verdadeiro sabio, a quem os velhos e novos medicos dedicavam uma particular estima e consideração».

João Baptista Binot, francez, aqui creou completo viveiro de plantas adaptaveis ao nosso clima, de que fazia abundante exportação. Devido a elle grangeou Petropolis o renome de «cidade das flôres». Estabeleceu no Retiro uma grande cbacara que ainda existe, perpetuando seu nome.

Não era homem com aptidões apenas para a agricultura; propugnou por varias outras medidas necessarias ao progresso de Petropolis.

O Imperador conferiu-lhe as insignias de uma commenda; e o Visconde de Taunay incluiu seu nome na obra «Estrangeiros illustres e prestimosos», considerando-o «notavel horticultor».

Existe no Retiro uma communicação entre as ruas Henrique Dias e Carneiro Leão registrada no cadastro do segundo districto, em 1896, como travessa Guarany, mas a que o povo local dava, já então, o nome, que vem sendo conservado, de caminho do Binot.

Jules Buisson, francez, fundou em 1875 a «Cremerie», no caminho da Quitandinha, prestando optimo serviço á propaganda da cidade com a fabricação dos queijinhos «Petropolis» tão procurados pelos forasteiros. Transformou-se a Cremerie num dos mais graciosos parques de Petropolis, dotado de encantos que prendem o visitante.

Antoine Court, francez, fundou o «Imperial Estabelecimento de Duchas» que tanto valorisou a cidade, tornando accessivel aos forasteiros em Petropolis um conforto que antes só possuiam no Rio.

Antonio Pereira Campos, portuguez, commerciante, figura de relevo na vida local, foi o habil proprietario do grande Hotel Bragança. que muito contribuiu para a fama da cidade, convertendo-se pelo verão no ponto preferido das reuniões elegantes do Imperio. Foi igualmente o fundador, em 85, do sumptuoso Hotel d'Orléans, hoje Palace-Hotel; e um dos fundadores, e o primeiro presidente, da Sociedade Portugueza de Beneficencia.

Esses moradores estrangeiros, do tempo da Monarchia, — e alguns outros poderiam ainda ser lembrados — estariam perfeitamente no caso de merecer, por seus serviços á causa do desenvolvimento da cidade, a recompensa, reservada apenas a George Land, de servirem seus nomes para baptisar ruas nossas.

A denominação Kopke para a rua que da curva da av. Piabanha vae subindo até finalizar na rua Mosella, foi adoptada «em homenagem ao grande educador que habitou durante longos annos nesta cidade».

Data de 1847 a construcção, por Guilherme Kopke, do edificio em que no anno seguinte seu irmão, o dr. Henrique Augusto Kopke, fundou o Collegio Kopke.

Informa Henrique Raffard ter sido esse o primeiro collegio particular que aqui se estabeleceu e que teve a virtude de congregar varios vultos consagrados do magisterio carioca, alguns dos quaes, mais tarde, crearam tambem colle-

gios em Petropolis: João Baptista Calogeras, José Ferreira da Paixão, Bernardo José Faletti, Barão de Schneeburg, dr. Napoleão Touzet.

Calogeras fundou, em predio do Palatinato ainda existente, o Collegio Calogeras, que durou até 61 e teve justa nomeada; passou em seguida a funccionar no mesmo predio o Collegio Santa Thereza, mantido por Faletti, e de 1870 em deante o Collegio Paixão, que se tornou modelar, tendo deixado imperecíveis recordações.

O dedicado educador Henrique Kopke era portuguez de nascimento. No antigo edificio Kopke installou Monsenhor José Benedicto Moreira o Collegio Moreira, fadado a notavel renome.

A rua Kopke encontra-se nas proximidades do local onde existiu esse edificio, ao fundo de largo terreno da antiga rua Nassau e ha annos demolido. A ponte de madeira que ligava os dois lados da av. Piabanha em frente á rua Monte Caseros, substituida recentemente por uma de cimento armado, teve o nome popular de ponte Kopke.

O nome Kopke, simplesmente, não individualisa convenientemente o homenageado. Tanto pode se referir ao educador Henrique Kopke como a seu filho Henrique Kopke Junior, brasileiro, nascido em Minas Geraes, advogado, que fez vida em Petropolis, tendo militado em nosso Fôro e exercido funcções electivas e de nomeação.

Ao inaugurar-se em 83 a estrada de ferro da Raiz da Serra a Petropolis, era presidente do Executivo Municipal o dr. Henrique Kopke Junior. Em 1902 exerceu, interinamente, o cargo de Secretario dos Negocios Interiores do Estado.

Temos a rua Professor Stroele e a rua Professor Paixão; poderiamos perfeitamente mudar o nome de rua Kopke para rua Professor Kopke.

Nossa nomenclatura urbana precisa homenagear o abnegado educador José Benedicto Moreira. Antonio Cardoso Fontes, seu discipulo, declarou que «o apostolado educacional de Kopke, Ferreira da Paixão e Monsenhor Moreira cons-

titue grandioso florão que marcou, e para sempre marcará, época aurea na formação dos que receberam o influxo do caracter e do saber de que eram dotados».

Quando não haja logar, entre os logradouros da cidade, para identica homenagem ao Professor Calogeras, que se ponha seu nome, ao menos, numa de nossas escolas municipaes, afim de ficar relembrada sua missão educativa em Petropolis.

A passagem que, partindo do tunel do Quissamã, segue margeando a linha ferrea até ao local da Provisoria, recebeu o nome de rua dr. Bonjean.

O engenheiro civil Eduardo dos Guimarães Bonjean exerceu a chefia do districto das Obras Publicas Provinciaes a que Petropolis pertencia; nesse cargo, dirigiu a construcção do Hospital de Santa Thereza, levada a effeito pelo Governo Provincial (começada em 71 e concluida em 76).

Foi um dos impulsionadores da industria fabril em nosso meio, concorrendo para a fundação da Fabrica de Tecidos Petropolitana, em Cascatinha; encarregado da construcção do edificio conhecido mais tarde por Fabrica Velha, coube-lhe durante muitos annos a direcção dos serviços fabris.

Logo após a Republica, houve o proposito de se dar á séde do 2º districto o nome de Villa Bonjean. Assim passou o povoado a ser tratado por muita gente; mas o correr do tempo não confirmou a homenagem.

Dos nomes da engenharia civil ligados á vida de Petropolis, recorda a cidade, numa placa de rua, apenas o de Eduardo Bonjean. (A ponte de cimento armado da av. Quinze ligando os dois lados da praça D. Pedro II, recebeu ha alguns annos a denominação de Oscar Weinschenck que não se generalisou; e a adopção, para pequena rua residencial, do nome de Barão de Aguas Claras — dr. Guilherme Augusto

de Souza Leite, engenheiro-civil — teve apenas o objectivo de homenagear um cidadão illustre que nascêra em nosso municipio).

Petropolis deve entretanto muitissimo á pericia e tenacidade de varios engenheiros, cujos nomes se acham de todo esquecidos. Assim acontece com os que tiveram a responsabilidade de dirigir a então «colonia» e que trabalharam denodadamente afim de triumpharem das irregularidades do solo e poderem preparar um traçado urbano considerado hoje o mais perfeito que poderiamos possuir. Todos engenheiros militares, — tenente coronel Galdino Justiniano da Silva Pimentel, capitão José Luiz de Azevedo Coutinho, capitão José Maria Jacintho Rebello, major Sergio Marcondes de Andrade — revelaram-se profissionaes de indiscutivel merito e dedicados estimuladores do desenvolvimento local.

Jacintho Rebello, que administrou a povoação ao tempo em que a mesma pleiteava os direitos politicos de cidade, chegou a prestigiar os reclamos do povo, em seus relatorios, não obstante a má vontade do Governo Provincial sobre o assumpto.

No olvido cahiu tambem o nome do capitão de engenheiros Antonio Maria de Oliveira Bulhões, que dirigiu a construcção da estrada de rodagem União e Industria no trecho entre esta cidade e o Parahyba e morou muitos annos em Petropolis, em aprazivel chacara no fim da rua hoje José Bonifacio.

Já na época constituia motivo de appreensão o problema dos esgotos e a insufficiencia de escoamento das materias impuras nos cursos dagua que atravessam a cidade. O engenheiro Bulhões, concebendo vasto projecto de melhoramentos em Petropolis, suggeriu a collocação de comportas que deviam sanar os inconvenientes da situação, sustentando em devido nivel a agua dos rios centraes ; esse systema só muitos annos mais tarde foi objecto de experiencia, não sendo de estranhar se voltar ainda a ser praticado.

Impõe-se finalmente uma referencia ao engenheiro Guilherme Schuch de Capanema, creador da industria fabril em Petropolis. Sendo director da Fabrica de Polvora da Raiz da Serra, fundou no meio da serra de Petropolis, no local onde hoje está a Fabrica Cometa, a primeira fabrica de papel que se installou no Brasil.

Informa Henrique Raffard, no Jubileu de Petropolis, referindo-se ao anno de 1857: «No meio da serra continuava a trabalhar a fabrica de papel Orlando, pertencente ao sr. barão de Capanema. Acreditava-se que os respectivos productos, papel para imprensa, para desenho e escripta, poderiam rivalisar com os congeneres europeus, segundo lemos na Revista Brasileira».

A Fabrica de Papel do Itamaraty editou em 1933 interessante Album afim de divulgar os principaes typos de papel de sua fabricação; contem o album um historico da «Indusdustria do Papel no Brasil» e delle copiamos o seguinte trecho: «Petropolis é a cidade pioneira e o berço da industria do papel no Brasil. Data de mais de 70 annos a installação do primeiro estabelecimento fabril, na cidade serrana. De recursos technicos e mecanicos incipientes, empregando um processo rudimentar e oneroso, essa notavel iniciativa, que já se reveste da significação de acontecimento historico, foi devida ao eminente brasileiro dr. Guilherme de Capanema o qual tão uteis e relevantes serviços prestou ao paiz, como um dos mais tenazes propugnadores da expansão das nossas linhas telegraphicas.

Contando hoje com um dos estabelecimentos fabris para a producção de papeis finos, tal a Fabrica de Papel Petropolis, a Cidade do Imperador póde, muito justamente, orgulhar-se do seu papel de pioneira industrial nesse futuroso sector da producção brasileira».

Não ha muito, alguem advogou, pela imprensa, a mudança das denominações usadas pelas tres estações da E. F. Leopoldina entre a base e o cume da serra de Petropolis.

A estação do Meio da Serra encontra-se naturalmente indicada para receber o nome expressivo de Barão de Capanema.

Em 1922 a Camara Municipal propoz o nome de Rocha Cardoso para pequena via publica projectada em terrenos particulares do Palatinato Superior, «em homenagem por ter o mesmo como vereador e presidente do Executivo prestado bons serviços ao municipio».

Não se tornou porém effectiva a tal rua; e em 1905 recebeu o nome de rua Rocha Cardoso a communicação entre a 14 de Julho (hoje Washington Luis) e a praça Jerusalém.

Manoel Pinto da Rocha Cardoso, portuguez, commerciante, com casa de negocio a principio em Pedro do Rio, depois em Petropolis, impoz-se, pelos predicados de sua personalidade, á estima e apreço de seus contemporaneos.

Vereador em varias legislaturas, occupando geralmente a vice-presidencia da edilidade, exerceu mais de uma vez a presidencia do poder executivo; e como administrador soube trabalhar com muito descortino pelo progresso do municipio.

No segundo decenio de 1900 nosso cadastro urbano recebeu dois nomes, apenas, dos que se têm affirmado na vida publica e social de Petropolis, aliás brilhantissimamente — os de Hermogenio Silva e Sá Earp, chefes politicos de qualidades excepcionaes que foram tambem abalisados gestores dos negocios municipaes.

Em 1916 a nossa Municipalidade, querendo perpetuar nas placas de uma rua o nome de um dos maiores amigos desta terra, Hermogenio Pereira da Silva, dedicou-a a um trecho da União e Industria, no inicio do segundo districto.

Foi escolhido o trecho da ponte do Retiro á entrada do Carangola por ser na estrada central deste bairro que o inolvidavel politico e administrador possuira, em aprazivel chacara, a sua residencia; e em 1922 a designação Dr. Hermo-

genio Silva, passou a abranger maior extensão, estirando-se do fim da avenida Barão do Rio Branco (ponte do Retiro) ao local conhecido por Pic-Nic.

Hermogenio Silva, dono de vasta cultura e de integridade de caracter a toda a prova, medico, fluminense, natural de Araruama, veiu para Petropolis ainda no tempo da Monarchia, depois de ter estado alguns annos na capital do paiz, onde chegou a exercer, com muito brilho, o mandato popular de membro do legislativo local.

Presidente da Camara Municipal de Petropolis instituida após o 15 de Novembro e então denominada Conselho de Intendencia, coube-lhe, no exercicio de governadar do Municipio, introduzir na administração uma era de trabalho fecundo, de prosperidade e de renovação, ligando seu nome a numerosos empreendimentos. A' sua iniciativa se deve a acquisição e installação da Prefeitura Municipal no seu edificio definitivo — o Palacio Amarello.

A biographia de Hermegenio Silva confunde-se com a historia de Petropolis nos primeiros vinte annos da vida republicana, nos quaes directa ou indirectamente, na esphera politica ou na administrativa, a intervenção desse dirigente de incommuns qualidades se fez sentir invariavelmente no sentido de bem servir á causa publica.

A nossa cidade lhe merecia o mais extremado affecto; chegou a recusar posições no proprio Governo da Republica exclusivamente para não afastar-se de Petropolis. O seu retrato occupa merecidamente logar de honra no salão nobre da Prefeitura Municipal.

Em 1919, em reconhecimento a outro prestante amigo da terra, medico tambem e que dignificára igualmente a administração municipal, foi a denominação de rua Palatinato substituida pela de rua Dr. Sá Earp.

Nascido na capital da Bahia, dotado de invulgar extensão de conhecimentos, orador primoroso e jornalista penetrante ao serviço sempre de nobres ideaes, Arthur de Sá

Earp encontra-se collocado como figura de primeira plana, segundo a autorisada opinião popular, na galeria dos que têm trabalhado pela grandeza do municipio.

A' frente do Governo Municipal por um periodo de tres annos, de 1905 a 1907, revelou-se administrador á altura, attendendo a todas as necessidades que se faziam sentir para o bem geral, e promovendo obras tendentes a estimular o progresso material bem como empreendimentos que exaltaram o renome de Petropolis. A' sua gestão se deve a ponte da Bacia, que substituiu a Ponte dos Suspiros, passadiço situado nas proximidades.

O povo espontaneamente conferiu á bella e indispensavel construcção, a mais importante no genero que aqui se fizera até então, o titulo de ponte Dr. Sá Earp, como ainda hoje é conhecida.

Em 1922, reflectindo a estima publica á memoria do decano do corpo medico da cidade e a consideração geral que merecêra o decano do magisterio petropolitano, fallecido fazia muitos annos, substituiu a Prefeitura o nome de rua Elisa, no Valparaizo (da rua Visconde Itaborahy á rua Rockfeller), pelo de Ernesto Paixão, e o da arteria central do Quarteirão Brasileiro pelo de Professor Stroele.

Clinico dos mais eminentes, o dr. Ernesto Paixão — informa quem o conheceu na intimidade — era homem excepcional nos tempos que correm. Espirito devotado a todas as idéas de altruismo, fizera de sua nobilissima profissão o mais abnegado sacerdocio, jamais cogitando de recompensas. «Não media sacrificios quando em jogo a vida de um cliente, fosse este a mais humilde das criaturas humanas».

Orador fluente, poeta mavioso, foi tambem um dos vultos mais representativos do nosso ambiente social.

Gloria-se a cidade de contal-o entre os seus filhos mais illustres e saberá sempre affirmar a veneração profunda de que sua memoria se fez merecedora.

Frederico Stroele, suisso-allemão, veiu para Petropolis em 1862. Foi o principal fundador e primeiro presidente do

Sangerbund Eintracht, Liga de Cantores, installada a 17 de Agosto do anno seguinte. Professor em sua patria, tomou a direcção da escola mantida pela Communidade Evangelica e acabou fundando um collegio particular, a Escola Frederico Stroele, na qual durante mais de 40 annos ministrou o ensino á mocidade de ascendencia germanica.

Em 1923 a nossa Prefeitura, saldando uma divida de gratidão imprescindivel, dedicou o nome de Paulo Carneiro a um trecho da Westphalia, lado impar da av. já então denominada Barão do Rio Branco.

O maestro Paulo Carneiro, pernambucano, soube ser immensamente prestimoso á cultura artistica de Petropolis, tendo se tornado um dos mais nobres e verdadeiros amigos que a cidade tem tido. A'quelle ideal dedicou as melhores e mais efficientes energias. Deve-lhe a cidade a creação da Escola de Musica Santa Cecilia, fundada a 16 de Fevereiro de 1893. Utilissima instituição, tem vindo sempre prestando beneficios apreciaveis á instrucção artistica de nossa juventude, mercê da dedicação sem limites de um grupo que tem invariavelmente á vanguarda a personalidade, cheia de idealismo e resolução, de Joaquim Gomes dos Santos.

Installou-se o benemerito centro educador em predio que sua incansavel directoria adquiriu num dos cantos do pequeno logradouro triangular que se conhecia por praça Padre Siqueira.

Em 1929 um acto municipal tornava sem effeito a denominação de rua Paulo Carneiro dada a um lado da Westphalia «porque não se poderá integrar o nome do grande musicista a essa via publica, já conhecida pelo do inolvidavel Barão do Rio Branco ; e estando agora a Escola de Musica Santa Cecilia funccionando em predio proprio na confluencia das avenidas General Osorio e Marechal Deodoro e representando esse instituto o maximo titulo de trabalho, de bondade, de perseverança, de idealismo artistico e de glorias do saudoso maestro Paulo Carneiro», passava o mesmo logradouro a denominar-se praça Paulo Carneiro.

Foi o nome de Padre Siqueira transferido para o lado impar da avenida 7 de Abril.

Em 1926 conferiu a Prefeitura o titulo de avenida Dr. Joaquim Moreira — ainda em vida do homenageado — á rua que começa na rua Barão de Teffé (Bosque do Imperador) e finaliza no morro fronteiro, correndo parallelamente á avenida 15 de Novembro. Já no anno anterior a ponte de cimento armado do Retiro, sobre o Piabanha, que substituiu a de madeira construida pela União e Industria, recebêra officialmente, no dia da inauguração, o nome de ponte Prefeito Joaquim Moreira; e denomina-se praça Senador Moreira a que se encontra no povoado de Pedro do Rio, por traz da estação ferroviaria.

Joaquim Francisco Moreira, fluminense, natural de Vassouras, passando a residir em Petropolis, tornou-se um dos vultos mais expressivos da vida petropolitana, na qual teve sempre actuação saliente. Como medico, apreciado de todos, devotando-se a instituições de caridade e assistencia social, marcou vantajosamente o seu logar na estima publica. O Hospital de Santa Thereza conserva o seu retrato entre os que se fizeram benemeritos da casa.

Espirito combativo, dedicou-se ardorosamente á actividade politica; commandou uma facção partidaria, grangeou consideravel popularidade, attingiu a posições culminantes.

Durante muito tempo dirigiu, directa ou indirectamente, os negocios publicos municipaes, e varias iniciativas e serviços creados para o progresso do municipio assignalaram a sua obra realizadora.

Fallecendo em 1929, proclamaram-no denodado amigo de Petropolis tanto os que foram seus partidarios como a maior parte dos que militavam no campo opposto.

O dr. Francisco Figueira de Mello, advogado, genro dos barões de Ubá, senhor de saber juridico invulgar e de espirito activo e empreendedor, cooperou para o engrandecimento material de Petropolis dotando a cidade de um de seus bairros mais agradaveis.

Pertencia-lhe um trato de terras ingratas, á direita do caminho que é hoje a avenida Benjamin Constant.

Terreno em declive, atravessado por um riacho e pequenos veios, sujeito a desbarrancar com a força das enxurradas e onde havia grotões que as chuvas transformavam em lagos, elle conseguiu, a poder de muito trabalho e dinheiro, tornal-o transitavel e habitavel.

Moveu terras, fazendo desapparecer as depressões, collocou boeiros para escoamento das aguas, installou galerias de esgoto, levantou muralhas e embasamentos. Abriu e preparou as ruas; e na área antes inaproveitavel foi se espalhando um bairro residencial dos mais aristocraticos, de ruas bonitas e casas elegantes.

Já ha muito fallecêra o dr. Francisco Figueira de Mello e continuava em aberto uma divida de gratidão para com sua memoria, quando a Prefeitura, em 1926, conferiu a uma das ruas do bairro o nome de Figueira de Mello (começa na rua Santos Dumont e finaliza na juncção das ruas Buenos Aires e Barão de Aguas Claras).

Em justa homenagem á memoria de José Henrique Tynne Land, dedicou a Prefeitura em 1927 a denominação de Coronel Land a uma rua do Valparaizo (da rua Gonçalves Dias vae ter á rua Simon Bolivar).

O coronel José Land, dotado de qualidades primorosas em differentes sentidos, occupára, com toda a justiça, logar de relevo na vida local, e honrára, com lustre, a sua condição de filho de Petropolis. Foi commerciante em grande escala; distinguido com a confiança popular, foi deputado estadoal e vereador municipal, e dirigiu o poder administrativo como presidente da Camara.

Não foram poucas, aliás, as commissões que exerceu, com zelo e intelligencia. No cargo de director geral da Municipalidade, tornou-se precioso auxiliar do Orgão Executivo

Em 1928 incorporou a Prefeitura ao nosso cadastro ur-

bano outro nome que em todos os circulos da sociedade reunira as mais largas e justas sympathias ; do acto municipal copiamos a parte principal :

«Considerando que o saudoso advogado fluminense e republicano historico doutor João Francisco Barcellos, tanto pelos seus grandes attributos de caracter, notavel saber, como pela somma vultosa de serviços prestados a esta terra, onde longos annos residiu, sempre respeitado e querido de sua população, bem merece a homenagem que o povo do Itamaraty, numa grande nobreza de sentimentos, quer prestar á sua memoria ; considerando que a denominação Casa de Machinas é impropria e inexpressiva para uma via publica — fica denominada rua Dr. João Barcellos a que tinha aquella denominação e começa na rua do Quissamã terminando na usina de energia electrica do Banco Constructor do Brasil.»

Tres outros vultos que foram igualmente espiritos fulgurantes a serviço da cidade, que muito amaram, mereceram em 1929 a homenagem que perpetuou seus nomes em logradouros publicos.

A uma via publica situada entre o Bingem e o Ingelheim foi dada a denominação de rua Dr. Henrique Cunha, declarando os poderes publicos tratar-se de reverencia assás justificada a «illustre filho desta terra que a ella prestou os maiores serviços, dedicando-lhe a sua actividade, a sua intelligencia e o seu talento».

Henrique Gonçalves da Cunha, cirurgião-dentista, cavalheiro dos mais estimaveis, exerceu em varias legislaturas, sempre brilhantemente, o mandato de vereador municipal. Desfructava lo maior prestigio perante o eleitorado petropolitano. Exerceu tambem, com dedicação, criterio e competencia, as funcções de Delegado Regional — e no gabinete da respectiva repartição encontra-se exposto o seu retrato.

Duraute alguns annos escreveu quotidianamente na imprensa local subordinando seus trabalhos ao titulo «Modos de

ver»; tratavam geralmente esses commentarios de medidas a serem adoptadas para a grandeza do municipio e costumavam obter sensivel repercussão.

A uma via publica do Valparaizo, que da rua Gonçalves Dias conduz á rua Simon Bolivar, foi conferida a denominação de rua João d'Escragnolle, cumprindo registrar que nossa nomenclatura urbana homenageou então, pela primeira vez, a historia jornalistica da cidade.

(Militaram na imprensa Ernesto Paixão, Arthur de Sá Earp e Henrique Cunha, os quaes, todavia, não podem ser considerados propriamente jornalistas).

A indicação do nome do creador do «Verão em Petropolis», partiu do vereador João Napoleão Olive, que a justificou do seguinte modo: «Considerando que o sr. João Roberto d'Escragnolle, que residiu durante longos annos nesta cidade, era um dos mais brilhantes espiritos, que contribuiram para o relevo de nossas letras e de nossas artes; considerando que durante todo o tempo que residiu nesta cidade não teve outra preoccupação senão contribuir para o progresso de Petropolis; considerando que, como jornalista e literato, publicou revistas e jornaes que foram recebidos com applausos, e que tanto concorreram para o renome de nossa querida Rainha das Serras; considerando que o sr. João Roberto d'Escragnolle era dotado das mais superiores qualidades de coração, proponho que se renda á sua memoria um preito de homenagem, symbolisado na presente indicação, que liga o seu nome a uma das ruas de nossa cidade.»

São numerosos os episodios que resaltam a figura desse congregador de sympathias, João d'Escragnolle, que com as forças do seu idealismo soube dar animação a todos os movimentos culturaes de Petropolis, de alguns dos quaes vieram a colher-se resultados apreciaveis.

E a evocação de seu nome faz naturalmente recordar o de outros obreiros do jornalismo petropolitano, que muito pu-

gnaram tambem pelo progresso local mas continuam sem a homenagem de uma placa de rua ou mesmo de escola municipal.

Não se limita o esquecimento official ao patriarcha de nossa imprensa, Batholomeu Pereira Sudré.

Dois outros jornalistas que acabaram nesta cidade seus dias de vida, toda dedicada á causa publica, merecem tambem ser lembrados : Thomaz Cameron, republicano historico, redactor d'«O Mercantil», fundado por aquelle, e dono de importante livraria que legou á Bibliotheca Municipal, e Francisco Martinho Moraes, que manteve por muitos annos, sempre em nivel elevado, a «Gazeta de Petropolis», successora d'O Mercantil.

Ainda dois outros batalhadores do jornalismo não devem continuar esquecidos : João de Deus Filho, educador e assás apreciado homem de letras, e Gregorio de Almeida, que, como correspondente de jornaes cariocas, nada negava a Petropolis para prestigial-a com a sua propaganda intelligente.

A esses nomes de sinceros e prestimosos amigos de Petropolis, cumpre reunir o de Antonio dos Santos Guimarães Junior, fallecido recentemente. Correspondente do Jornal do Commercio, manteve o noticiario de Petropolis, quotidianamente, no grande orgão carioca, durante cêrca de 35 annos, revelando-se sempre militante infatigavel na defesa dos interesses locaes.

A um trecho do Valparaizo que liga a rua Visconde de Uruguay á avenida Portugual, foi dedicado o nome de rua Professor Paixão.

Constaram do respectivo acto municipal os seguintes conceitos : «que o professor José Ferreira da Paixão é uma das figuras da historia de Petropolis que occupa um grande logar no coração de nossa população ; que uma geração realizadora e digna passou pelo seu benemerito educandario o Collegio Paixão, ali recebendo solida e variada cultura mental ; que a sua memoria é respeitosamente lembrada por totodos os petropolitanos ; e que, portanto, cabia a Petropolis

a obrigação de render a esse expressivo vulto de seu glorioso passado uma homenagem que perpetuasse a sua memoria.»

José Ferreira da Paixão, luminar do magisterio carioca que, como alguns outros, elegêra Petropolis séde de sua acção bemfazeja, teve tambem responsabilidades na vida publica local, occupando o cargo de Delegado de Policia, o de vereador e o de chefe da Administração Municipal.

No logar outrora occupado pelo extenso edificio do Hotel Bragança, que pertencêra ao advogado dr. Alencar Lima, encontra-se situada a rua, franqueada em 1926, que veiu romper a linha interminavel do quarteirão da avenida Quinze entre a praça D. Pedro II e a rua João Pessoa.

Offerecida pela proprietaria D. Maria Henriqueta Teixeira de Alencar Lima, que loteára e vendêra os terrenos restantes, recebeu essa via publica o nome de rua Dr. Alencar Lima, em homenahem ao fallecido esposo da doadora.

A placa respectiva, entretanto, não menciona o «dr».

Em 1926, querendo a Prefeitura assignalar os merecimentos de antigo morador de Cascatinha, Francisco Vieira Christo, resolveu dar o nome de praça Vieira Christo ao logradouro publico que fica na convergencia da rua Bernardo de Vasconcellos e estrada do Itamaraty.

Honrado commerciante da localidade, era elle tambem chefe politico de incontrastavel prestigio na séde do segundo districto.

A ponte das proximidades, sobre o rio Itamaraty, é de todos conhecida como a ponte Vieira Christo.

O coronel João Werneck, fazendeiro em São José do Rio Preto e proprietario em Petropolis, passou grande parte da sua vida nesta cidade.

Senhor de inabalavel ascendencia sobre o eleitorado de seu districto, fez parte, por quatorze annos, em differentes épocas, da vereança municipal.

Desempenhou igualmente, na Assembléa Legislativa Fluminense, o mandato de delegado da confiança de nosso povo.

Em 1911 exerceu a chefia do Executivo Municipal.

Foi o primeiro presidente da Commissão encarregada de levantar a estatua de D. Pedro II, funcções em que foi substituido pelo Conde de Affonso Celso; coube-lhe porém receber o monumento, em nome do Municipio, por occupar então a presidencia da Camara Municipal.

Cidadão esclarecido, leal e prestimoso, pôz invariavelmente a serviço do progresso da terra petropolitana a sua experiencia e a sua actividade, logrando tornar-se uma das mais dignas figuras que têm passado pelo scenario politico e social de Petropolis.

Falleceu em 1930. Menos de um anno antes, prestára-lhe o governo do Municipio a seguinte homenagem: «Considerando que o sr. coronel João Werneck representa uma invulgar tradição no povoado e districto de São José do Rio Preto; considerando que em todos os cargos politicos que occupou, desde o de vereador e presidente da Camara Municipal até ao de deputado estadoal, deu sempre as mais verdadeiras provas de purissimo caracter e de elevadas virtudes civicas e privadas; considerando que o municipio de Petropolis lhe deve, por isso, elevada divida de gratidão, — fica denominada, pelo presente acto, praça João Werneck, o logradouro publico de São José do Rio Preto conhecido por praça da Matriz».

No mesmo anno de 1929 tributou a Prefeitura identica homenagem a prestigioso morador de S. José do Rio Preto, fazia pouco fallecido:

«Considerando que o saudoso coronel João Limongi prestou ao 5° districto os mais relevantes serviços; considerando que a sua actuação como politico tornou-o digno do apreço e da consideração do povo de Petropolis; conside-

rando ainda as grandes virtudes de sua alma, que tantos beneficios espalhou; considerando que é necessario, como exemplo ás gerações vindouras do Rio Preto, perpetuar ali o seu nome querido e respeitado, — fica denominada rua Coronel João Limongi a via publica que, sahindo da estrada Silveira da Motta, vae ter á praça João Werneck.»

Em 1929 ainda, tiveram os poderes municipaes ensejo de distinguir a conceituado morador do Alto da Serra, elemento de trabalho e de progresso, que todos estimam e respeitam:

«Considerando que o cidadão Alfredo Schlick, pelas suas grandes virtudes, bem merece a homenagem de ter o seu nome numa de nossas vias publicas; considerando que, aliás, a população do Alto da Serra solicitára da Municipalidade esse acto de merecida justiça, — passa a ter a denominação de rua Alfredo Schlick a que, principiando na rua Santo Antonio, termina na Chacara Flora.»

A alludida rua, que absorveu parte da rua Gustavo Sampaio e serve de communicação com a Villa Felippe, vae ter, prolongando-se, á Castellanea; abriu-a ha varios annos o sr. Alfredo Schlick, fundador no Rio de Janeiro da Casa Flora e em Petropolis da Chacara de igual nome.

Data igualmente de 1929 o testemunho de sympathia prestado á memoria do Barão de Aguas Claras, dono da tradicional fazenda do 5° districto onde D. Pedro II em 1887, convalescente, se hospedou durante cerca de um mez, e morador, nos ultimos annos de sua vida, nesta cidade, á entrada da rua Bartholomeu de Gusmão:

«Considerando que o dr. Guilherme Augusto de Souza Leite (Barão de Aguas Claras) residiu longos annos neste municipio, na Estação de Aguas Claras e nesta cidade, onde era proprietario; considerando que o Barão de Aguas Claras foi sempre um grande exemplo de rectidão e portador de incomparaveis virtudes civicas e privadas; considerando que desempenhou durante longo tempo, com grande brilho, o cargo de director da Caixa de Conversão; considerando que foi vice-presidente do Conselho Fiscal da Caixa de Amortização,

dando prova de grande tino administrativo; considerando que o saudoso morto tornou-se credor da gratidão de seus concidadãos pelos relevantes serviços prestados á instrucção publica, fundando escolas diversas e zelando pela cultura do paiz; considerando que com a morte do Barão de Aguas Claras, Petropolis perdeu um de seus illustres filhos — fica denominada rua Barão de Aguas Claras a que começa na confluencia das ruas Buenos Ayres e Figueira de Mello e vae terminar nas proximidades da rua Montevidéo».

Em 1923, a ponte qne a Municipalidade acabára de construir em Barra Mansa, 4° districto, recebeu, por acto official, a designação de ponte Almeida Paim, «em homenagem ao saudoso dr. José Gabriel de Almeida Paim».

Cumpre ainda registrar o seguinte acto municipal referendado em principios de 1930:

«Tendo em vista a representação de grande numero de moradores do 1º e 2º districtos deste Municipio; considerando que o doutor Antonio Joaquim de Paula Buarque tem sido nesta cidade, onde reside ha muitos annos, um medico caritativo, com grandes serviços prestados á população; considerando ainda que, como prefeito municipal, nos annos de 1927 a 1929, realizou varias obras de melhoramentos, calçou grande numero de ruas a parallelepipedos, construiu diversas pontes e povoou o municipio de escolas primarias municipaes; considerando, por isso mesmo, que o seu nome é geralmente querido por toda a população petropolitana, resolve: deferindo a representação supra mencionada e interpretando o sentir do povo de Petropolis, dar á ponte recem-construida a cimento armado, no prospero bairro do Itamaraty, ligando os 1° e 2° districtos, sobre o rio do mesmo nome, a denominação de ponte Paula Buarque».

Outras vias publicas tornaram-se conhecidas por appellidos com significação assás limitada, portadoras que são de

patronymicos de antigos moradores — adoptados pelo povo como ponto de referencia.

Acham-se neste caso as duas estradas que partem da rua General Rondon, cada qual de um lado : a travessa Gall que se dirige á Cremerie e a travessa Bello que se dirige ao Valparaizo ; e uma outra, o caminho do Leite, que começa na estrada do Carangola, segundo districto.

Um Guia de Petropolis editado em 1928 registra a existencia de um largo do Cunha, que seria o pequeno espaço de terreno na volta da rua Alberto Torres para Fonseca Ramos (fim da avenida Ypiranga).

No bairro da Cremerie está se desenvolvendo uma rua que os moradores conhecem por Mendes da Rocha.

Costumava o povo, antigamente, distinguir as pontes da cidade dando-lhes denominação ligada a alguma particularidade do local. Algumas tornaram-se conhecidas pelo nome do morador mais proximo.

Ponte do Paixão chamava-se a que existe ainda de madeira, sobre o Palatino, communicando a rua Buarque de Macedo e o lado impar da rua Souza Franco com o lado par e com a rua Visconde do Bom Retiro. No predio n. 1 da rua Palatinato, hoje Dr. Sá Earp, fundára João Baptista Calogeras o Collegio Calogeras, depois Collegio Paixão, de José Ferreira da Paixão. Um trecho do rio, perto da ponte, onde a estudantada tomava banho, chamava-se o Poço do Calogeras. A ponte do Carpenter ligava a rua do Honorio ao outro lado do rio. Estava estabelecida nessa rua a familia Carpenter com o Hotel Inglez. A primitiva ponte desappareceu, substituida por outra, de pedra, ligando o fim da av. Paulo Barbosa, antiga rua do Honorio, á av. Benjamin Constant. Essa segunda ponte tornou-se impraticavel por ter se estendido até ao seu local o espaço occupado pela nova estação da E. F. Leopoldina, passando agora a travessia a ser feita por um passadiço em arco, de cimento armado. A ponte do Ottoni ligava os dois lados do principio da av. Quinze em frente á rua Dr. Porciuncula.

Justamente no canto das antigas ruas do Imperador e dos Toneleros havia a residencia do conselheiro e senador Christiano Benedicto Ottoni, mais tarde edificio Fordham, que desappareceu, estando hoje, na esquina, estabelecido um café. A ponte do Kisterman ligava a av. Quinze, em frente á Paulo Barbosa.

Na rua do Imperador, em casa fronteira á ponte, morava Adolpho Kisterman, negociante de certo relevo na vida local, tendo sido vereador e delegado de policia.

Em frente á rua Princeza D. Francisca (av. General Osorio) a ponte do Victorino punha em contacto os dois lados da av. Quinze. Na esquina havia o armazem de seccos e molhados, ferragens e louças de Victorino Rodrigues de Figueiredo, commerciante que grangeára merecida popularidade.

Todas essas denominações foram cahindo no esquecimento. Subsistiu por mais tempo a da ponte do Victorino, no Retiro ; muito proximo, em casa situada na União e Industria, morava o veterano commerciante do bairro, Victorino Antonio da Rocha, que ali viveu até avançada idade, cercado de geral estima.

A ponte do Victorino, de madeira, desappareceu, como as da av. Quinze ; a que a substituiu, de cimento armado, chama-se Prefeito Joaquim Moreira.

Um nome entretanto obteve singular vulgarisação a ponto de se generalizar á zona circumvizinha e não mais sahir do uso popular, — o da Ponte do Fones.

Algumas de nossas pontes têm hoje denominação conferida por acto emanado do poder publico. Tal pratica apenas se observou, entretanto, na situação Joaquim Moreira e na situação Paula Buarque. Não se considerava de sómenos importancia a homenagem que se prestasse por esse meio : basta ter em vista que a deliberação legislativa de 2 de Outubro de 1925, organizando as commemorações á memoria do ultimo Imperador do Brasil por occasião do centenario de

seu nascimento, a 2 de Dezembro daquelle anno, estabelecia entre os numeros do programma, se désse a uma ponte o nome de D. Pedro II.

Para concluir a lista dos nomes que figuram em nossa nomenclatura, relembrando moradores que na luta de cada dia contribuiram para o desenvolvimento de Petropolis, resta mencionar os que servem para designar as «villas» que a cidade possue.

Segundo classificação adoptada pelo nosso Codigo de Obras, «villa é o conjuncto de habitações isoladas em edificios separados ou não e dispostos de modo a formarem ruas ou praças interiores, sem caracter de logradouro publico».

A Avenida Sampaio — a mais antiga de nossas villas — tem entrada pela rua Floriano Peixoto. Exhibe ainda hoje a placa de «avenida», que era aliás o titulo usado antigamente por taes logradouros particulares, mas que vem cahindo em desuso, depois que com o mesmo vocabulo passaram a ser denominadas as grandes arterias urbanas. Está a villa edificada em terrenos que pertenciam parte ao sr. Antonio José Alves Sampaio e parte ao dr. Miguel Sampaio, medico dos mais conceituados no seu tempo. Usando o mesmo patronymico, não tinham porém esses distinctos cavalheiros nenhum parentesco entre si.

A Villa Macedo, situada na avenida Marechal Deodoro, foi aberta por Manoel Ignacio de Macedo, proprietario da Pensão Macedo, hoje Pensão Geoffroy.

A abertura da Villa Felippe, no Alto da Serra, deve-se a Felippe Schmidt, constructor.

Denominada Villa Klippel existe na Castellanea um correr de casas, com entrada pela rua Saldanha Marinho.

Aberto pelo sr. Jacob Kling existe, á rua Paulino Affonso, o becco do Kling — que poderia perfeitamente trocar esse titulo mal soante pelo de villa.

Villas, em numero regular, encontram-se em varios pon-

tos da cidade, inclusivé na avenida Quinze, que não se designam pelo nome do fundador, mas apenas pela numeração a ellas correspondente na respectiva rua.

O acto de 1902 que promoveu a homenagem aos tres paizes sul-americanos — Chile, Argentina e Uruguay — consagrou tambem o descobridor do Novo Mundo, recebendo a denominação de rua Christovão Colombo a estrada que atravessava a Castellanea e a Simeria, começando na rua Saldanha Marinho, lado direito, e terminando na Ponte do Fones.

Depois, a denominação ficou restricta ao territorio da Castellanea e, decorrido mais tempo, o trecho da Simeria passou a ter o nome do immortal creador da Via Lactea.

Para denominar pequeno caminho que se forma na juncção dos dois quarteirões, surgiu ha varios annos a data que marcou em 1492 o grande feito do nauta genovez; cbama-se rua 12 de Outubro esse ramal que se liga á rua Christovão Colombo. Não ha justificativa para essa denominação, que será ainda substituida; já rendemos homenogem á Descoberta da America, consagrando o nome de seu glorioso realizador.

Nos primeiros dias do regimen republicano, nossa nomenclatura urbana deu acolhida a alguns vultos historicos das duas Americas.

Tres desses nomes ganharam adeptos; e succedendo o que raramente succede, fizeram esquecer as denominações que os respectivos logradouros possuiam.

O nome de Washington adaptou-se perfeitamente á rua Paulo Barbosa e muita gente já não a designava senão pelo patronymico do grande campeão da liberdade e da democracia, figura maxima da historia americana. A praça Berrini passou a se chamar Juarez; o nome do heroe mexicano impoz-se e prevaleceu officialmente durante quasi 30 annos;

substituido, ha mais de 20, pelo de Oswaldo Cruz, ainda existe quem o pronuncie para designar a bella praça da rua Monte Caseros.

O nome de Bolivar desalojou durante muito mais tempo o de Aureliano Coutinho. Voltou este a dominar a sua antiga rua, aliás de modo um tanto precario, visto que infelizmente para certa gente continua ali a vigorar o nome do intrepido filho de Venezuela.

Ha dois annos resolveu a Municipalidade abrir espaço para homenagear novamente o heroico redemptor de povos, tendo o acto respectivo se baseado nos seguintes conceitos: «Considerando que na data de hoje, 24 de Julho, se commemora o 153º anniversario do nascimento em Caracas de Simon Bolivar, figura de impressionante relevo na historia do continente e libertador dos paizes hispano-americanos; considerando que Simon Bolivar reivindicou para si o titulo de cidadão da America, convocando e reunindo o celebre Congresso do Panamá, que idealisou a união pan-americana; considerando que a Petropolis compete, pela sua situação excepcional na historia diplomatica do Brasil, homenagear os grandes vultos da fraternidade americana, — passa a denominar-se praça Simon Bolivar a actual praça Jerusalém, sita entre as ruas Rocha Cardoso e Monsenhor Bacellar».

Ficou o Libertador occupando uma de nossas aprazíveis praças-jardim e a suppressão do nome da cidade sagrada da Judéa não proporcionou ensejo a commentarios. Dez dias depois, entretanto, soffria modificações o acto prefeitural.

Bolivar, que noutros tempos atropelára a um inolvidavel servidor do paiz, fluminense, passou a occupar o logar de um outro, o Visconde de Itaborahy, que foi trasladado para a praça Jerusalém.

Houve com isso desagrado geral, que se manifestou na assembléa municipal e na imprensa. Um de nossos jornaes, referindo-se ao antigo projecto de revisão de nossos logradouros publicos no que concerne á nomenclatura official e popular, terminou declarando: «Aguardamos de futuro esse

trabalho util, que virá corrigir tudo quanto não estiver adequado, importando isso na reposição do nome historico da nossa antiga rua Visconde de Itaborahy».

Decorreu o tempo e em Março de 1938 a Municipalidade investiu a rua Visconde de Itaborahy na posse de seu nome tradicional, restabeleceu o da praça em frente ao Asylo dos Desvalidos e transferiu o do denodado general e estadista para a rua então chamada do Petropolitano.

A praça Jerusalém, entretanto, cujo nome poderia perfeitamente não voltar, encontrava-se em condições de mais condignamente homenagear o insigne vulto sul-americano, conforme aliás constára da primitiva deliberação official.

Em 1922 e 23 manifestamos nossa admiração por dois grandes bemfeitores da humanidade, Louis Pasteur e John Rockefeller, dando a denominação de praça Pasteur a um logradouro da Castellanea e a de rua Rockefeller a uma via de transito que começa na rua Abreu e Lima, no Valparaizo. Não tem deixado porém de provocar observações a circumstancia de havermos adoptado esses dois nomes.

Pasteur, autor, entre outras descobertas, da cura da hydrophobia, é considerado um dos maiores sabios do mundo; homenagens a notabilidades dessa natureza devem ficar reservadas, todavia, ás grandes metropoles. Ao que parece, concedemos o seu nome á praça da rua Saldanha Marinho mais como uma deferencia ao dr. Antonio Cardoso Fontes, vulto notavel da sciencia que Pasteur dominou, do que propriamente como uma homenagem ao immortal microbiologista francez -- isto porque o illustre petropolitano tem naquella rua a sua residencia.

Não houvesse o impedimento de se dar nomes de pessoas vivas ás vias publicas e seria o caso de se substituir o nome de praça Pasteur pelo de praça Cardoso Fontes — suggestão aliás em tempo apresentada pelo dr. Glasl Veiga.

Porque teria Petropolis dado a uma de suas ruas o nome do magnanimo argentario Rockefeller? O acto municipal não deu as razões, mas o jornal official da Prefeitura prestou

o seguinte esclarecimento: «E' uma homenagem ao vulto americano que tanto bem vem prestando á humanidade, com a instituição que fundou e mantém e da qual o Brasil já tem obtido resultados».

O turista intelligente que nos visite e procure, analysando os nomes de nossas ruas, sentir um pouco da historia regional, ha-de forçosamente admittir que no territorio de Petropolis imperavam as verminoses, o impalludismo ou a febre amarella, e que tivemos motivos particulares de gratidão para com Rockefeller, que teria estendido até a estas paragens os serviços da sua benemerita Fundação. Será licito ao turista esta conclusão, visto estar visitando uma cidade que, embora a situação privilegiada que conquistou, não deixa de ser uma cidade pequena, que logicamente deve fixar nas placas das esquinas os nomes mais salientes da sua chronica municipal, os das notabilidades de seu paiz e, quando muito, os das grandes figuras historicas do continente americano.

Rockefeller, grande millionario que foi tambem grande philanthropo, é apenas um nome celebre.

Dir-se-ia que estamos a dar uma lição ao Rio de Janeiro, que não exaltou ainda em sua nomenclatura urbana, em reconhecimento á Fundação Rockefeller, o nome do homem extraordinario que accumulou a maior fortuna do mundo.

O antigo caminho entre Itaipava e Therezopolis recebeu, na administração estadoal Raul Veiga, melhoramentos consideraveis que o tornaram transitavel por automoveis.

Viajaram por essa rodovia os reis da Belgica, em Setembro de 1920, quando de Therezopolis se transportaram a Petropolis, acompanhados dos presidentes Epitacio Pessoa e Raul Veiga. Passou então a mesma a ser conhecida como a estrada Rei Alberto.

O respectivo traçado está hoje muito modificado, tendo

sido substituido por melhor percurso o trecho das celebres 14 voltas na morraria do Mandembo ; e o nome do heroico rei-soldado foi cahindo em olvido.

Da acta de uma das sessões de Novembro de 1936 da Camara Municipal de Petropolis, transcrevemos a parte seguinte :

«Fala o vereador Alberto Becker, que apresenta á deliberação de seus pares a seguinte indicação : — «Considerando que as ruas devem ter nomes correspondentes a vultos de grande projecção ; considerando que o venerando ancião Heitor Pereira, apezar de não a ter, teve, entretanto, para com os desprotegidos da sorte, um devotamento de tão grande vulto que do seu bolso particular dispendeu quantia talvez superior a 400:000$000 nas obras de remodelação do Asylo dos Desvalidos de Petropolis, e ainda legou uma certa quantia a todos os indigentes internados nesta benemerita instituição ; considerando que, sendo tal instituição uma obra de benemerencia para o Municipio, e evocando-se perennemente o seu nome junto a essa casa, que tanto beneficiou, deve prestar-lhe o poder municipal uma homenagem justa e merecida : indico, ouvida a Camara, solicite-se do sr. Prefeito seja dado o nome de Heitor Pereira ao trecho da via publica que começa na praça Jerusalém ou fim da rua Monsenhor Bacellar, e vae até ao termino desse mesmo trecho. — Submettida á votação, é a indicação approvada».

Antonio Heitor Pereira, portuguez, que enriqueceu como constructor no Rio de Janeiro, falleceu em Petropolis a 12 de Março de 1936.

O Asylo do Amparo, a Casa da Providencia e o Recolhimento dos Desvalidos tiveram a ventura de merecer o favor de sua protecção.

A Pequena Illustração, apreciando, em optimo artigo, a vida desse bondoso homem, dotado igualmente de extraordi-

naria modestia, concluiu suggerindo : «O enorme edificio que se levanta na Terra Santa serve, por si só, para attestar a grandeza de sua alma. Não seria demais, portanto, que a Municipalidade perpetuasse o seu nome. E nada mais proprio do que aquelle pequeno largo defronte á capella dos Desvalidos, cujo nome inexpressivo de praça Jerusalém poderia ser mudado para o de praça Heitor Pereira».

Varias outras individualidades têm se destacado e feito jus á nossa gratidão por prestarem valioso concurso ás nossas casas de philantropia.

Pena é que seus nomes vão cahindo no esquecimento do grande publico.

No Instituto de Protecção e Assistencia á Infaucia de Petropolis ha a Sala Alvaro de Queiroz, em honra a esse benemerito capitalista, fallecido a 28 de Junho de 1932 ; todas as instituições pias da cidade mereceram seu generoso amparo e ainda as contemplou em testamento.

A Assistencia Dentaria Infantil do mesmo Instituto, denomina-se Raymundo Nunes, em homenagem a esse dedicado director da casa, fallecido em Setembro de 1934, que se tornára incansavel collaborador do utilissimo estabelecimento.

Da acta de outra sessão de nossa ultima Camara, realisada tambem em Novembro de 36, transcrevemos o seguinte : «O vereador dr. Paulo de Barros Franco, fazendo uso da palavra, justifica, lê e envia á mesa a seguinte indicação : — Considerando que perpetuar o nome de personagens que sirvam de exemplo á posteridade por serviço prestado á causa publica, é dever que se impõe aos poderes publicos ; considerando que a Irmã Francisca Pia, uma das fundadoras do Asylo do Amparo, dedicou toda a sua vida á infancia desvalida com abnegação exemplar em fazer o bem ; considerando que Petropolis deve homenagear seu nome como exemplo de desprendimento e devotamento aos desprotegidos da vida : requeiro á Camara indique ao sr. Prefeito seja dado o nome de Francisca Pia á primeira rua a ser aberta na zona urbana. — Submettida á votação, a indicação é approvada».

Para que se perpetue em um de nossos logradouros, lembra-se ainda, a miudo, outro nome igualmente ligado á pratica irrestricta do Bem: o de Frei Luiz Reinke, idolo de nosso povo cujo busto em bronze a admiração e a devoção petropolitanas collocaram em frente ao Convento do Sagrado Coração.

Baste-nos transcrever o seguinte artigo da lavra do sr. Luiz Cavalcanti, em favor da homenagem de uma placa de rua consagrando o abnegado filho de S. Francisco de Assis, que um dia, sem a menor duvida, será levado aos altares com o nome de São Luiz de Petropolis:

«Rua Frei Luiz — Petropolis tem ainda uma divida a saldar para com o seu bonissimo sacerdote Frei Luiz.

Tal divida, é a homenagem de seu nome honrando as placas de qualquer logradouro publico da cidade. Frei Luiz não conquistou a gratidão e a sympathia do povo serrano com promessas falazes nem com barretadas politicas. Não. Elle elevou-se além, bem além das contingencias humanas, praticando o bem, distribuindo a caridade, exaltando constantemente todas as virtudes que dignificam verdadeiramente o homem. Nós, que vamos ás vezes buscar no exterior, nomes para ruas de Petropolis, apezar de termos no olvido tantos nacionaes em condições de figurar em nossas avenidas, commetteriamos uma grande injustiça se não incluissemos em nossa nomenclatura urbana o nome aureolado do querido franciscano».

Do principio ou do fim da rua Nunes Machado, alcança-se a entrada do Convento do Sagrado Coração e da respectiva Igreja, por uma rua «particular». Entre essa servidão e a via publica (rua Monte Caseros) existe um jardim, cercado por um gradil de ferro. Pertencendo ao Convento, é entretanto o jardim um trato de terra que os Padres Franciscanos conservam, limpam, mas delle não tiram nenhum proveito.

Não seria talvez difficil aos poderes municipaes, me-

diante entendimento com os proprietarios, transformar esse terreno em praça ajardinada, franqueada ao publico; e o novo logradouro se denominaria a praça Frei Luiz!

Existe, da parte da Municipalidade, o objectivo de reduzir os nomes das ruas que estejam muito compridos, afim de serem mais facilmente pronunciados.

A rua, ou avenida, Souza Franco, chamava-se Visconde de Souza Franco; já foi retirado, acertadamente, o «visconde».

A avenida General Marciano de Magalhães passará a ser, segundo esse criterio, a avenida General Marciano; e a avenida Barão do Rio Branco a ser a avenida Rio Branco, como aliás o Rio de Janeiro denomina a antiga Avenida Central.

Objecta-se que supprimindo o «barão» da av. Barão do Rio Branco, deveriamos forçosamente supprimir o «visconde» da praça Visconde do Rio Branco afim de bem corresponder ao proposito de encurtar os nomes. Argumenta-se que assim acontecendo os dois nomes Rio Branco ficariam sem a indispensavel differenciação; dentro de certo tempo não se saberia qual o logradouro que homenageia o Pae e qual o que homenageia o Filho.

A praça Visconde do Rio Branco foi denominada em vida do insigne estadista, após a promulgação da lei Rio Branco de 28 de Setembro de 71; e alguem lembrou que para evitar confusões poderiamos mudar o nome do logradouro para «28 de Setembro», — medida de todo desaconselhavel.

Tomando ainda o Rio de Janeiro por modelo, poderemos tirar o «barão» da avenida e conservar na praça o «visconde».

Na capital do paiz existem a avenida Rio Branco, em homenagem ao Barão, e a muito tradicional rua Visconde do Rio Branco.

Em Petropolis, a praça Visconde do Rio Branco é um pequeno jardim publico, que só tem uma casa, o Gymnasio

Pinto Ferreira. E' nome que quasi não se pronuncia, não havendo por isso necessidade de ser encurtado.

Apresenta-se impraticavel o encurtamento do nome da rua Barão de Aguas Claras — rua residencial de muito pouco movimento. Tirando-se o titulo nobiliarchico, passaria a lembrar apenas a antiga fazenda de café do 5º districto que deu nome a uma estação da linha ferrea de Areal a São José. O nome da rua Barão de Aguas Claras, como acontece com o da praça Visconde do Rio Branco, é pronunciado raramente, e pode, por isso, continuar como está.

Impõe-se a suppressão do coronelato da av. Coronel Albino de Siqueira e da rua Coronel Baptista da Silva. Esses titulos marciaes, que induzem a suppôr-se que seus portadores passaram a vida nas fileiras, foram alcançados, todavia, por serviços prestados á Guarda Nacional. Nas mesmas condições encontra-se a rua Coronel João Limongi, de São José do Rio Preto.

Cancellada a coronelia desses pacificos cidadãos — um, fazendeiro na Raiz da Serra, o outro commerciante em Petropolis, e o terceiro, italiano de nascimento, negociante na séde do 5º districto — restaria, em nosso cadastro urbano, mais um nome apenas portador de igual titulo honorifico, assignalado na rua Coronel Land.

Para que o mesmo não passasse a constituir, neste particular, uma excepção, seria o caso de modificar-se a denominação Coronel Land para José Land, sem duvida mais expressiva.

Passariamos a conservar apenas um «coronel» — o da rua Coronel Veiga. Amaro Emilio da Veiga pertenceu á arma de engenharia do Exercito Nacional e ascendeu gradualmente ao coronelato. Outras denominações exigiriam que se riscasse o titulo scientifico de «doutor» afim de reduzil-as a duas palavras, que é o objectivo visado.

Possuimos as ruas Dr. Hermogenio Silva, Dr. Joaquim Moreira e Dr. João Barcellos, medicos os dois primeiros,

advogado o ultimo. Não damos entretanto «doutor» ao scientista Oswaldo Cruz e aos jurisconsultos Ruy Barbosa e Epitacio Pessôa.

Quando creamos o nome de rua Ernesto Paixão, o acto municipal não lhe impôz o titulo de Dr.; Ernesto Paixão foi medico com ampla clinica. O acto municipal que homenageou o nome de Henrique Gonçalves da Cunha, cirurgião-dentista, consignou expressamente: rua Dr. Henrique Cunha.

Registra-se ainda o titulo scientifico nas placas das seguintes ruas, de nomes aliás sufficientemente curtos: Dr. Bonjean, Dr. Porciuncula e Dr. Sá Earp, o primeiro engenheiro e medicos os outros dois.

Dos actos municipaes perpetuando em nossa nomenclatura os nomes dos presidentes da Republica Nilo Peçanha, Epitacio Pessoa e Washington Luis, todos formados em Direito, apenas o referente a Nilo Peçanha impôz o titulo de Dr.; felizmente, a respectiva placa não o menciona.

Mantemos em placas de ruas as seguintes datas historicas da nacionalidade: Sete de Setembro (de 1822), que recorda o feito da nossa emancipação politica; Sete de Abril (de 1831), que significa o complemento do 7 de Setembro com a nacionalisação do poder publico; Vinte e Quatro de Maio (de 1866), que commemora a grande victoria da batalha de Tuyuty, na campanha do Paraguay; Primeiro de Março (de 1870), que relembra o termo dessa campanha, na jornada de Aquidaban, com a morte de Solano Lopez; Treze de Maio (de 1888), data da aurea lei declarando livres todos os escravos do Brasil; e Quinze de Novembro (de 1889), que commemora a proclamação da Republica.

Já consagramos tambem, durante alguns annos, a data de Vinte e Oito de Setembro, que marca duas conquistas emancipadoras: a lei de 1871 libertando os filhos das escra-

vas que nascessem dahi por deante e a de 1885 considerando livres todos os escravos sexagenarios e os que viessem a completar 60 annos.

Consagramos a uma pequena rua a data de 12 de Outubro (de 1492) dedicada a commemorar a Descoberta da America. Já usamos por muitos annos em uma de nossas ruas a denominação de Quatorze de Julho (de 1789), data da historia de França que o Brasil republicano incorporou ao seu calendario civico como meio de commemorar a Republica e a Independencia dos povos americanos.

As denominações de ruas por meio de datas cahiu em desuso, entre nós. O povo geralmente não conhece o significado respectivo. O «7 de Abril» põe muita gente em duvida e são numerosos os que não sabem o que significa o «1º de Março».

Não chegaram a ser executadas as seguintes deliberações de um acto municipal de fins de 1929: «... resolve dar á ponte da praça Princeza Isabel a denominação de Ponte 29 de Junho (data da fundação da Colonia de Petropolis, em 1845) e á ponte da avenida 15 de Novembro em frente á rua Cruzeiro, a denominação de Ponte 29 de Setembro (data da lei da elevação de Petropolis á categoria de cidade, em 1857)».

Quando, nos terrenos da Quinta Imperial, foi aberta a rua entre a rua Barão de Teffé e a praça D. Pedro II, houve o proposito de se dar a essa via de transito o nome de «2 de Dezembro» para commemoração do dia de nascimento em 1825, de D. Pedro II. A propria Prefeitura designou-a por aquella data; mas acabou conferindo-lhe o nome de Nilo Peçanha.

Assás radicado está entre nós o nome de Monte Caseros. Adoptado ha oitenta e tantos annos, juntamente com Toneleros, para glorificarem, ambos, os triumphos da intervenção

armada da politica imperial na Argentina com o fim de libertar esse paiz da tyrannia do dictador Rosas, nunca foram esses nomes pronunciados direito pela maioria de nossa população.

Conversando-se com antigos moradores, não é raro ouvil-os dizer: rua dos Toneleiros. Constituem ainda hoje minoria os que pronunciam Monte Cacêros. A maior parte pronuncia Monte Cazêros. Ha os que dizem Monte Cacéros, Monte Cazéros, e de um gaucho já ouvimos Monte Cáceros.

Se já supprimimos o nome que recordava a victoria brasileira da arriscada passagem de Toneleros, poderiamos tambem supprimir o que recorda a celebre batalha que poz em fuga o famigerado D. Manoel Rosas.

A nossa politica continental, desde os tempos do Imperio, vem se caracterisando pelo exercicio de uma fraternidade que se procura sempre exaltar.

O proprio governo de D. Pedro II restituiu á nação argentina os tropheos obtidos na campanha contra a tyrannia rosina.

A nossa primeira Camara republicana, por acto de 14-1-1890, conferiu á tradicional rua do quarteirão Nassau, que começa na av. 7 de Abril e finaliza na av. Piabanha, o nome do super-homem argentino San-Martin; infelizmente, porém, onze mezes depois, outra resolução municipal cancellou o nome do invicto general e restabeleceu o da batalha da Chacara de Caseros.

Porque havemos, entretanto, de estar lembrando aos argentinos que constantemente nos visitam, e tanto apreciam a nossa cidade, o desbarato do seu Exercito, e a humilhação de terem as nossas tropas occupado Buenos-Aires, numa campanha que teve caracter exclusivamente politco?

Só incidentemente, decorrido enorme lapso de tempo, passamos a recordar em nossa nomenclatura duas batalhas da guerra contra o Paraguay, a de Tuyuty e a do Riachuelo.

Acha-se bastante radicado o nome da rua 24 de Maio, que por signal estendeu-se ao morro que a rua atravessa; e temos uma rua Tuyuty, de recente creação.

Relembrando as duas denominações o mesmo acontecimento historico, a grande batalha vencida por Osorio, seria aconselhavel o cancellamento do nome Tuyuty.

Achamos que o proprio «24 de Maio», bem como o «Riachuelo», podiam ser substituidos.

Das guerras que mantivemos contra paizes com os quaes observamos hoje a melhor politica de fraternidade, deviamos homenagear sómente os heroes e não tambem as batalhas. Homenageando os nomes que se immortalisaram na guerra contra o tyranno do Paraguay, deviamos porém, quanto aos respectivos successos, commemorar apenas o 1º de Março, termo final da luta.

Bastante numerosa se tornaria a relação que se organizasse dos moradores de Petropolis, de todas as classes e profissões, que no campo de suas actividades, em todo o curso de nossa historia, se constituiram affirmações de trabalho proveitoso á obra do adeantamento local em suas varias modalidades. Medicos, engenheiros, professores, advogados, commerciantes, industriaes, capitalistas, ecclesiasticos, trabalharam pelo bem estar do povo, exerceram gratuitamente os varios cargos electivos ou de nomeação mantidos no sector administrativo, na alçada policial e na judiciaria, prestaram valioso concurso á solução de muitos problemas difficeis, fizeram o que lhes foi possivel pelo renome da cidade, desenvolveram o commercio, montaram fabricas, fundaram collegios, hospitaes e recolhimentos, enriqueceram o nosso patrimonio architectonico, contribuiram com os recursos a seu alcance para o desenvolvimento, ao longo de nossos riachos e no sopé e dorso de nossas collinas, de um dos mais importantes nucleos da civilização brasileira.

Não seria possivel ao poder publico contemplar a todos

esses dignos varões, incorporando seus nomes á nossa nomenclatura urbana ; cabe, entretanto, aos chronistas da cidade, recordal-os de vez em quando, mantendo viva a reverencia que lhes é devida — de respeito, estima e gratidão. Dessa galeria de cidadãos prestantes, varios nomes ficaram já relembrados no correr deste trabalho, e mencionaremos ainda alguns, em breve e incompleta revista :

Frederico Damcke, o mais antigo chronista de Petropolis ; brasileiro de sangue allemão, filiado ao credo lutherano, veiu do Rio quando da chegada dos colonos germanicos, contractado para auxiliar da Administração ; permaneceu no cargo de escrivão da Imperial Fazenda de Petropolis até á autonomia da Colonia, incumbido tambem do trabalho de estatistica geral, que era feito meticulosamente ; depois exerceu outras funcções, desde a de inspector de quarteirão á de mestre-escola e ajudante da agencia do correio ; com João Meyer, Julio Anders, Carlos Spangenberg, Thomaz da Porciuncula, e outros, fundou em 1853 a Sociedade de Agricultura e Industria de Petropolis, que durante nove annos prestou apreciaveis serviços ; collaborador d'O Mercantil e d'O Parahyba, são numerosos os artigos de sua lavra estudando a situação da localidade, procurando remover todos os obstaculos á prosperidade local ; alguns de seus trabalhos historiam as origens e o desenvolvimento da novel povoação.

Thomaz José da Porciuncula, medico, riograndense do sul, pae do insigne petropolitano José Thomaz da Porciuncula, organizador do primeiro hospital de Petropolis, creado pelo governo da Provincia ainda no regimen colonial da localidade ; a direcção do estabelecimento esteve sempre a seu cargo.

Napoleão Thouzet, medico tambem, francez, creador, com os proprios recursos, logo após a extincção daquelle regimen colonial, da primeira Casa de Saude de Petropolis.

Rodrigo Delamare Koeler, filho unico do Major Koeler, combateu na guerra contra o dictador do Paraguay, assistiu á rendição de Uruguayana, e, sendo capitão do 38° batalhão de

infanteria da Guarda Nacional aquartelado em Petropolis, recebeu a patente de major honorario do Exercito Brasileiro; Manoel Antonio Bordini, engenheiro; José Antonio da Rocha, appellidado Rocha Codigo, solicitador; Henrique Kopke Junior, advogado; José Candido Monteiro de Barros, fazendeiro, Moço Fidalgo da Casa Imperial, que Floriano, durante a Revolta da Armada, confirmou no commando em chefe da Guarda Nacional de Petropolis; Francisco Manoel de Paula, de quem foi offerecido ha poucos annos, por seus descendentes, á nossa Municipalidade, um retrato para figurar na Pinacotheca que o governo pretende organizar; Domingos de Lima Ferreira de Britto, medico que desfructou em Petropolis de uma popularidade talvez ainda não igualada, tendo sido incansavel director do Hospital de Santa Thereza até aos primeiros annos da Republica; João Guilherme Pinto de Souza, collector provincial; Manoel Alexandre de Oliveira, creador do primeiro Lyceu de Artes e Officios de Petropolis, que funccionou na rua Cruzeiro e recebia do governo do Estado uma subvenção de 3:000$000 annuaes; Antonio Antonino Fialho, formado em engenharia, proprietario na zona rural, espirito dotado de invulgar cultura, tendo desempenhado, entre outras funcções, aa de deputado federal pelo nosso districto.

Outras figuras, que tomaram igualmente parte activa na obra do progresso local, honraram com o seu trabalho e intelligencia a praça commercial de Petropolis.

Merecem ser especialmente mencionados: dois petropolitanos — Felippe Faulhaber e João Napoleão Olive; e dois outros, portuguezes de nascimento que se tornaram petropolitanos pelo coração: João Mendonça Bittencourt, o dedicado defensor dos interesses de Petropolis como director da Liga do Commercio, precursora da Associação Commercial e Industrial de Petropolis, e Antonio Alberto Silva, que exerceu sensivel influencia em nossos meios sociaes, tendo se tornado insubstituivel conductor dos destinos do Club de Petropolis.

Registraremos ainda o nome petropolitano de Irineu Corrêa — glorioso az do volante, vencedor em 1934 do Circuito da Gavea pilotando a barata Petropolis.

Outros nomes ainda occorrem, merecedores de nosso mais vivo acatamento, que poderiam figurar, justificadamente, pelo menos na nomenclatura de nossas escolas municipaes:

Augusto Guilherme Meschick, petropolinano, oriundo de uma familia de colonos allemães; estudou a expensas de D. Pedro 2º; foi luminar do magisterio carioca — durante muitos annos professor do Collegio Pedro II.

Conselheiro José da Silva Costa, a respeito do qual existe o seguinte depoimento de quem lhe estudou cabalmente a personalidade: «Petropolis deve á memoria do conselheiro Silva Costa um preito de reconhecimento pelo amor que votava e predilecção que tinha pela cidade que viu formar-se: regosijava-se em vel-a prosperar, testemunha que fôra de seu progresso por nella residir uma boa parte do anno desde 1868 e onde terminou os seus dias, em 1923, cercado de geral estima e veneração».

João Baptista da Costa, consumado artista, professor da Escola de Bellas Artes, um enamorado de nossa cidade, que lhe deve a inestimavel gloria de ficar immortalizada em telas de alto valor.

Joaquim de Gomensoro, que pelo brilho de sua intelligencia e dignidade de seu caracter, honrou sobremodo a magistratura fluminense; cêrca de vinte annos a promotoria publica de Petropolis o teve como occupante; a politica conseguiu attrahil-o apenas uma vez, assim mesmo momentaneamente.

Carlos Góes, professor, philologo, poeta, comediographo; aposentando-se no magisterio mineiro, elegeu Petropolis para aqui passar tranquillamente o resto de sua vida; interessou-se por desenvolver entre nós o gosto pela arte de representar, fazendo subir á scena varios trabalhos, por amadores

petropolitanos ; com a sua chronica A Cidade Presepe, publicada em Bello Horizonte, teceu um dos mais graciosos hymnos em louvor de nossa cidade.

D. João Francisco Braga, egregia figura do episcopado brasileiro ; foi o segundo e ultimo bispo de Petropolis, tendo estado á testa da diocese de 1902 a 1907 ; era a bondade personificada e a população estimava-o sinceramente ; a pastoral com que se despediu da diocese, ao ser transferido para a de Curityba, deixou bem patentes os sentimentos de affeição ao nosso povo ; sentindo-se velho e doente, escolheu a sua querida Petropolis para passar os ultimos dias de sua vida e aqui falleceu.

Das trinta escolas primarias mantidas pelo erario municipal, merecem algumas a honra de serem designadas por nomes insignes da historia patria — quasi todos já denominando tambem logradouros publicos e recebendo, desse modo, duplicata de homenagem.

Não foi ainda aproveitado com tal objectivo nenhum nome dos servidores do ensino que aqui exerceram sua ardua profissão.

Talvez não haja mais ambiente para a revivescencia dos nomes que figuram na estatistica dos primeiros professores de Petropolis.

Installada a povoação germanica em meiados de 1845, foram creadas pela administração da Colonia cinco escolas de primeiras letras e entregues a mestres, talvez alguns, sinão todos, improvisados. Desses modestos professores, lograram certa popularidade Martinho Dupont, Pedro Jacoby e Henrique José Monken ; este ultimo, ingressando no magisterio publico provincial, exerceu-o por mais de trinta annos.

No correr de 1847 foram installadas as duas primeiras escolas publicas creadas pelo governo da Provincia, uma para cada sexo ; e tornaram-se memoraveis por seus mere-

cimentos, os nomes dos respectivos mestres — Pedro Corrêa Taborda de Bulhões e sua esposa d. Zeferina Josepha Pinto de Bulhões, avós do notavel scientista Oswaldo Cruz. Taborda de Bulhões foi politico militante, exerceu não só a vereança municipal como alguns cargos de nomeação.

Duas outras figuras do magisterio publico do tempo da Monarchia ainda se rememoram tambem: d. Maria Viard e d. Cornelia Luiza David, que desempenharam com extremado carinho o sacerdocio de prodigalizarem o ensino a varias gerações.

Outro nome da mesma época, que soube impôr-se por seu valor e não desappareceu da memoria popular: o de Francisco Valle de Almeida, professor de musica, compositor e maestro.

Em numero apreciavel têm sido aliás os que, lecionando em collegios particulares, honraram com o seu concurso a obra da nossa civilisação; dessa galeria recordaremos alguns -- João de Deus Filho, Antonio Gabriel Coutinho Fróes, padre Carlos Calleri, Narciso Baptista de Oliveira, Louis Henry.

Poucos annos contava Petropolis de existencia e já aqui se estabeleciam internatos particulares, preferidos pelas melhores familias fluminenses e cariocas; e a tradição registra desses tempos os nomes das directoras e mestras: Madame Jenny Diémer, em casa da rua hoje av. Ypiranga; Madame Cramer (O Collegio Cramer — escreveu o Mercantil em 59 — é, no que diz respeito ao sexo feminino, o mesmo que o Collegio Kopke para os jovens alumnos); Madame Geslin, no antigo Hotel Oriental, hoje Hotel d'Europa.

Muito posteriormente, tivemos o Collegio de Madame Jacob, para alumnos externos, em casa situada na quinta imperial, e que exerceu por longo tempo seu alevantado mister. D. Emilia Jacob, de nacionalidade franceza, foi educadora

exemplar pela dedicação e competencia; sua memoria vive na veneração dos que tiveram a ventura de ser seus discipulos e na estima de quantos a conheceram.

Merece tambem uma demonstração de sympathia a Escola Gratuita São José, creada em principios de 1897; tem ministrado instrucção primaria, em quarenta annos de existencia, a incalculavel numero de rapazes petropolitanos. Vive ainda Frei Cyriaco Hielscher, no Rio, com mais de oitenta annos — o primeiro Superior do Convento dos Franciscanos, cargo que desempenhou de 1896 a 1901, tendo sido tambem o fundador e primeiro director da Escola.

Dos que na instrucção publica se tornaram merecedores de uma homenagem especial, lembraremos o nome sempre grato de d. Beatriz Freitas de Souza Martinho, que durante cerca de quarenta annos, com abnegação extremada, exerceu as funcções de educadora.

Seria imperdoavel deixar de registrar outro nome do magisterio fluminense que se illustrou altamente no exercicio do nobilitante encargo em nossa cidade, o de d. Angelica Martinho Lopes de Castro. Nada impede a homenagem ao nome de pessoas vivas, sendo concedido a instituições; e traduziria manifestação de inteira justiça um acto do governo local honrando uma escola da Municipalidade com o patrocinio desse nome que se acha aliás de ha muito inscripto na admiração e reverencia de toda a cidade.

Registra nossa historia regional um certo numero de homens de pensamento e projecção que escreveram sobre Petropolis — e seus trabalhos representaram optimo estimulo para a ascenção sempre victoriosa da cidade.

Podia tambem a Prefeitura perpetuar seus nomes, baptisando com elles nossas escolas municipaes; e permittimo-nos relacionar algumas dessas individualidades. — Otto Reimarus: Suisso-allemão, coronel de engenheiros. Trabalhou em

Petropolis como auxiliar da directoria da Colonia. Foi encarregado de abrir a picada que deveria servir de base á construcção da estrada de rodagem entre Petropolis e Vassouras. Realizou observações e calculos sobre a posição geographica e altitude de Petropolis; e delle existe, tirada em 1854, uma planta da localidade «para servir de guia aos visitantes». Existe igualmente de sua lavra uma interessante collecção de desenhos focalisando aspectos paisagisticos e costumes de Petropolis. — Carlos Ribeyrolles: Francez, emigrado politico, tomou-se de grandes sympathias pelo Brasil. Na sua obra O Brasil Pittoresco consagrou longo capitulo a Petropolis com admiraveis paginas descriptivas da Cidade-Imperial de 1856. Baste-nos transcrever o seguinte trecho para se verificar quanto o illustre publicista soube sentir o futuro promissor reservado á nossa cidade: «Que magnifico asylo não é Petropolis para as escolas superiores! A sciencia e o estudo, que não são mais como outrora contemplação pura, não gostam das solidões remotas e desertas. Precisam hoje estar perto dos grandes centros, onde se elaboram e se agitam as idéas; mas são-lhe tambem necessarios os grandes silencios da meditação, longe dos ruidosos tumultos e das distracções mundanas. Bellamente tinham compreendido os gregos assim, quando estabeleceram a academia e o museu em jardins vizinhos de Athenas. Porque razão certas escolas brasileiras, que se fixam nas provincias, não seriam centralizadas em Petropolis? Toca esta localidade quasi com o Rio o polo de irradiação, e em seus altos cimos ha a calma que convém ás idéas». — Carlos Augusto Taunay: Francez, major do Exercito de sua patria. Como Ribeyrolles, sincero amigo de nosso paiz (ambos aliás aqui se deixaram ficar para sempre). Fundador do Messager du Brésil, autor de obras sobre agricultura applicaveis á nossa economia, e do interessantissimo livro publicado em 1862: Viagem pittoresca a Petropolis para servir de roteiro aos viajantes e recordação deste ameno torrão brasileiro.

— Revert Henry Klumb: Artista photographo, estabele-

cido no Rio, editou um album em 1872: «Doze horas em diligencia, Guia do viajante de Petropolis a Juiz de Fóra», obra illustrada com um retrato, um mappa e 29 vistas em litographia, da cidade e dos logares á margem da União e Industria: Hotel Inglez, de onde partiam as diligencias, Palacio Imperial, Ponte do Retiro, Valle da Samambaia, Poço do Imperador, etc. Dez annos antes o major Taunay publicára a Viagem pittoresca a Petropolis, livro adornado com cinco gravuras litographadas segundo photographias de R. Klumb, representando: a rua do Imperador, A gruta das Saudades, O Collegio Kopke, A entrada da Westphalia e A cascata do Retiro do Bulhões. Deve ter tido repercussão assás favoravel a esta cidade o Album Artistico de R. Klumb.

— José Nicolao Tinoco de Almeida: Autor do livro «Guia de viagem —Petropolis», editado em 1885, cujas paginas versam variados assumptos, muito bem conduzidos, relativos á nossa cidade. O livro é aliás uma collectanea de chronicas publicadas no Jornal do Commercio, nas quaes J. Tinoco revelou devotada sympathia por Petropolis.

— Visconde de Taunay, Alfredo d'Escragnolle Taunay: Tendo passado aqui uma parte da meninice, revelou sempre no correr da vida grande affeição a esta cidade; e em sua selecta e copiosa bibliographia preciosissimos informes se contam sobre Petropolis. Estudou a nossa historia regional. Collaborou na Gazeta de Petropolis, em 1893. E' além de tudo um nome nacional.

— Henri Raffard: Quando decorreu em 1895 o quinquagenario da colonisação de Petropolis, o digno secretario-perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, enthusiasta da cidade onde habitualmente veraneava, publicou o Jubileu de Petropolis, compilando o trecho da vida de Petropolis que se iniciou com as medidas administrativas de 1843 e terminou com os ultimos acontecimentos do anno de 63. Tendo recorrido a fontes as mais variadas, realizou trabalho abundante e precioso, que é a meudo consultado.

— E encerrando com chave de ouro esta resenha, lem-

braremos como merecedor tambem de figurar numa placa de escola petropolitana o nome do eminente brasileiro sr. Affonso Celso de Assis Figueiredo. O Conde de Affonso Celso residiu em nossa cidade mais de vinte annos, que elle considera os mais agradaveis de sua longa existencia, recordando-se com intensa saudade de Petropolis. Aqui compôz grande parte de suas obras e prestou serviços á cidade, contribuindo efficientemente para a construcção da igreja de Santo Antonio do Alto da Serra, para a da nova-matriz de São Pedro de Alcantara, para o levantamento do busto de Fagundes Varella e do monumento do Imperadpr. Figura entre os poetas que têm cantado em suggestivos versos as bellezas impares de Petropolis e ha de sua lavra um bello trabalho de divulgação : «O que é Petropolis».

INDICE

Directoria de Educação e Cultura 3

ALCINDO SODRE'

A Fundação de Petropolis 5

AFFONSO DE E. TAUNAY

Visitantes antigos de Petropolis e sua região 29
Duas palavras 31
Alexandre Caldcleugh 33
Sir William Gore Ouseley 39
Francis de Castelnau 47
C. H. Lavollée 65
Julio Itier 71
De Ferrière-Le-Vayer 83
Ida Pfeiffer 87

ANTONIO MACHADO

Nomenclatura urbana de Petropolis 99
Nomenclatura vulgar 101
Nomenclatura civica 191
PETROPOLIS 101

SERRAS:

da Estrella 105
da Taquara 107
da Mantiquira 108

RIOS:

Cayoába 106
Piabanha 109
Quitandinha 115
Corrego Secco 114, 116
Ribeirões e corregos ..... 116 a 128, 236, 258, 259, 260

QUARTEIRÕES, OUTROS BAIRROS E LOCAES:

Alto do Imperador: 178 — Alto da Serra 175
Bairro São Joaquim: 126 — Bacia: 174 — Bingen: 130 — Buraco do Cunha. 176
Carangola: 128 — Caxambú: 128 — Castellanea: 130 — Chacara das Camelias: 126 — Chacara Flora: 176 — Chacara das Rosas: 177 — Con-

fluencia : 175 — Cortiço de Cima : 142 — Cortiço de Baixo : 142 — Cruzeiro : 178 — Cremerie 137, 278
Darmstadt : 134 — Duas Pontes 176
Fazenda Ingleza : 142 — Fazenda Mendes da Rocha : 137 — Floresta 142
Garganta : 174 — Grão Pará 139
Ingelheim : 130 — Independencia : 131, 135, 179, 182 — Isabeloca : 173 — Itamaraty 128, 139
Lagoinha 176, 203
Medina Sidonia : 139 — Morin : 131, 155 — Mosella 130
Nassau 130
Palatinato Superior : 134 — Palatinato Inferior : Pic Nic : 171 — Ponte do Fones : 142 — Presidencia 132, 236, 260
Quarteirão das Bananeiras 142 — Quarteirão Pequeno : 142 — Quarteirão Mineiro : 139 — Quarteirão Portuguez : 139 — Quarteirão Leopoldina : 139 — Quarteirão Princeza Imperial 137 — Quarteirão Inglez : 134 — Quarteirão Suisso : 134 — Quarteirão Francez : 134 — Quarteirão Brasileiro : 134 — Quarteirão Italiano : 139 — Quarteirão Braun : 141 — Quilombo : 173 — Quissamã : 128, 137 — Quitandinha 128, 137
Retiro : 128, 142 — Rhenania Central : 130 — Rhenania Inferior : 130 — Rhenania Superior : 134 — Rio da Cidade 172
Simeria 130
Tapéra : 180 — Taquara : 142 — Terra Santa : 122, 132, 169 — Tombo da Serra 142, 175
Valparaizo : 132, 157, 175 — Vargem Grande : 180 Villa Isabel : 139 — Villa Imperial : 130, 143 Villa Thereza 130
Westphalia : 130 — Woerstadt : 134 — Worms 134
Ypiranga 139

RUAS

Abreu e Lima : 210, 215 — Alberto Torres : 198, 214, 243, 250, 256 — Alencar Lima : 292 — Alfredo Schlick : 294 — Allemanha : 188 — Alvares de Azevedo : 198 — Augusto Severo : 203, 215 — da Avenida Sampaio : 298 — Aymoré 181
Barão de Aguas Claras : 280. 295, 307 — Barão de Teffé : 164, 219 — Bartholomeu de Gusmão : 203 — Bernardo de Vasconcellos : 195, 240 — Bingen : 138 — Buarque de Macedo : 204, 242 — Buenos Aires 189
Caldas Vianna : 191, 231, 261 — Carlos Gomes : 195, 199 — Carneiro Leão : 195, 230, 241, 253 — Casemiro de Abreu : 195 — Chile : 189 — Chile Projectada : 183 — Christovão Colombo : 214, 299 — Coronel Baptista da Silva : 271, 307 — Coronel João Limongi : 163, 293, 307 — Coronel Land : 288, 307 — Coronel Veiga : 203, 206, 259, 261, 264, 266, 307 — Cortiço de Bai-

xo : 179 — Cortiço de Cima..... 179
Darmstadt : 138 — Doze de Outubro : 214, 299, 309 — Dr. Barros Franco : 165, 275, 248, 256 — Dr Bonjean : 204, 280, 308 — Dr. Henrique Cunha : 289, 290, 308 — Dr. Hermogenio Silva : 247, 256, 283, 307 — Dr. João Barcellos : 202, 247, 289, 307 — Dr. Joaquim Moreira : 248, 287, 307 — Dr. Porciuncula : 191, 249, 253, 256, 308 — Dr. Sá Earp : 248, 284, 290, 308 — Duque de Caxias... .. .. 196, 210, 242
Edwiges de Queiroz : 244 — Ernesto Paixão : 157, 285, 290, 308 — Euclydes da Cunha..... 198, 204, 272
Fabricio de Mattos : 162, 207, 215 — Fagundes Varella : 197, 198 — Felippe Camarão : 195, 210 — Figueira de Mello : 287 — Floriano Peixoto (ex-avenida Marechal Floriano : 192, 195, 207, 225, 238, 243, 255, 259 — Fluminense : 180 — Fonseca Ramos : 192, 207, 214 — Francisco Manoel.. 199
General Rondon : 209 — George Land : 275 — Gonçalves Dias : 197 — Goyaz ; 180 — Guarany : 170, 181 — Gustavo Sampaio. 192, 207, 215
Henrique Dias... ..... 179, 195, 210
Iguassú : 181 — Ingelheim : 138 — Italia..... 189
Jardim de Castalia : 181 — João Caetano : 195 — João d'Escragnolle : 290 — João Pessôa : 148, 215, 254 — José Bonifacio ; 149, 195, 240 — José de Alencar. 198, 242
Kopke 278
Lopes Trovão : 175, 256 — Licinio Cardoso. 200
Marcilio Dias : 166, 220 — Mendes da Rocha : 296 — Monsenhor Bacellar : 261, 266 — Monte Caseros : 191, 213, 309 — Montevidéo : 162, 189 — Mosella 138
Nilo Peçanha : 225, 243, 251, 256, 308 — Nunes Machado 151, 185, 194, 212
Olavo Bilac. 197, 299
Padre Feijó : 195, 224, 240 — Padre Siqueira : 150, 159, 162, 261, 268, 286 — Paulino Affonso : 164, 261, 271 — Pedras Brancas : 176 — Pedro Ivo : 186, 207 — Professor Paixão : 291 — Professor Stroele. 285
Quissamã : 137, 179 — do Quarteirão Pequeno... 183
Raul de Leoni : 155, 197 — Riachuelo : 178. 192, 219, 310 — Rocha Cardoso : 283 — Rockfeller 157, 301
Saldanha Marinho : 195. 253, 256 — Santo Antonio : 184, 188 — Santo Antonio Projectada : 182 — Santos Dumont : 202, 255 — São Jacob : 184 — São Joaquim : 184 — São Pedro de Alcantara : 183, 188, 224 — São Sebastião : 157, 184 — Sete : 182 — Sete de Abril (impropriamente denominada avenida) : 150, 151, 162, 187, 194, 308, 309 — Silva Jardim : 159, 168, 195, 256 — Simon Bolivar.... ... 166, 228, 300
Thereza : 145, 194 — Thereza Projectada : 183 — Treze de Maio : 150, 194, 206, 223, 257, 308 — Tuyuty 214, 310
Valparaizo : 175 — Valparaizo Projectada : 182 —

Victoria : 181 — Vidal de Negreiros : 163, 195, 210 — da Villa Felippe : 183, 298 — da Villa Klippel : 298, — da Villa Macedo : 298 — da Villa Paulista : 181 — Vinte e Quatro de Maio : 163. 192, 214, 308, 311 — Visconde do Bom Retiro : 187, 206, 237, 239, 242, 259, 261 — Visconde de Itaborahy ; 157, 195, 227, 228, 229, 241, 300, 301 — Visconde de Uruguay..... ..... 157, 195, 227 229, 241
Washington Luis : 226, 253, 254, 308 — Woerstadt 138

AVENIDAS:

Aureliano Coutinho 241, 253, 260
Barão do Amazonas : 192, 218 — Barão do Rio Branco : 243, 306 — Benjamin Constant : 195, ... 206, 209, 242, 256
Coronel Albino de Siqueira..... 168, 272, 307
D. Pedro I..... 152, 193, 221
Epitacio Pessôa..... 202, 226, 243, 308
General Marciano de Magalhães : 156, 208, 256, 306 — General Osorio..... 148, 194, 206, 242
Koeler..... 113, 147, 203, 206, 224, 258
Marechal Deodoro..... 148. 194, 206, 225
Paulo Barbosa (ex-rua Paulo Barbosa) : 158, 206 230, 259, 260, 299 — Piabanha : 111, 145, 177 — Portugal : 175, 188 — Primeiro de Março : 148, ... 192, 194, 308, 309, 311
Quinze de Novembro..... 113, 143, 194, 221, 258, 308
Sete de Setembro : 144, 194, 214, 308 — Souza Franco..... 239, 240. 242, 253, 306
Tiradentes 148, 210, 219
Ypiranga..... 149, 190, 194, 214

PRAÇAS:

D. Pedro II : 144, 222, 258 — Dr. Seabra (ou J. J. Seabra) : 243, 254 — Duque de Caxias..... 196, 210, 242
Euzebio de Queiroz..... 241
Incorfidencia..... 151, 166, 177, 194
Jerusalém : 170, 228, 229, 300, 301 — João Werneck 163, 293
Monte Real : 176, 258 — Mariano Procopio. 205, 246
Oswaldo Cruz... .... 200, 300, 308, 316
Palacio de Crystal : 133, 166, 184 — Pasteur : 167, 301 Paulo Carneiro : 159, 199, 268, 286 — Princeza Isabel..... ... . 150, 257, 262
Ruy Barbosa 146, 182, 198, 201, 203, 242, 256, 308
Senador Moreira..... 165, 248, 287
Visconde Mauá (ex-praça Mauá) : 205, 261, 263 — Visconde do Rio Branco : 238, 242, 257, 306 — Vieira Christo..... 292
Wiesbaden : 132 — Woerstadt..... 132

Largo do Cunha..... 176, 296

Bosque do Imperador : 222, 258 — Bosque Major Koeler 258

Cemiterio São Pedro de Alcantara..... 183

TRAVESSAS:

Baptista de Castro : 275 — Bello : 175, 296 — Bernardo de Vasconcellos : 240 — Buenos Aires 189
Encanto : 178 — Ermitagem 166
Gall 296
Ligação 176
Quatro 182

Becco do Kling 298

ESTRADAS:

Carangola : 179 — Cascatinha : 179 — Caxambú 141, 179
Fazenda Ingleza : 180 — Floresta 176
Independencia : 179 — Itamaraty 138, 179
Prado : 165 — Presidente Sodré 179, 209, 252
Quitandinha 179
Rio Petropolis 108
Saudade : 141, 172 — Silveira da Motta 238, 253
Taquara 108, 179
União e Industria 110, 256, 283

Picada do Paty 108, 180

Estrada de Ferro Leopoldina 107, 153

CAMINHOS:

Binot 181, 277
Dois 182
Grota Funda 175
Leite : 296 Linha Ferrea 165
Marcos da Costa : 180 — Monte Real : 176 — Moriu. 178
Oito 182
Provisoria 168
Tapera de Baixo : 179 — Tapera de Cima : 179 — Tres Pedras 176
Um 182
Volta do Carvão 170
Zig-Zag 176

PONTES:

Almeida Paim 295
Dr. Barros Franco 248, 275
Fones (do) 297
Paula Buarque : 295 —Prefeito Joaquim Moreira 248, 287, 297
Sá Earp (da Bacia, Oscar Weinschenck) . 205, 248, 280, 285
Victor Konder : 244, 254 — Vieira Christo : 292 — Vinte e Nove de Junho : 224, 309 — Vinte e Nove de Setembro : 309 — Visconde Mauá (ex-ponte Mauá). 205, 263

Denominações usadas por escolas primarias, dentre as que a Municipalidade mantem :

André Rebouças (Cortiço) 257

Barão de Teffé (Cremerie). 220
Bernardo de Vasconcellos (2° districto). 196
Joaquim Nabuco (Worms). 257
José Bonifacio (2° districto). 196
Oswaldo Cruz (Ingelheim). 200
Princeza Isabel (Alto da Serra). 257
Santos Dumont (cidade). 203

Denominações que deixaram de existir:

RUAS:

Artistas : 150, 160, 204 — Aureliano. 171, 235, 260, 300
Bella Vista : 181 — Bento Gonçalves : 151, 186, 194, 212 — Bourbon : 148 — Bragança. 148
Caixa d'Agua : 162 — Casa de Machinas : 165 — Cemiterio : 161, 162 — Conde d'Eu : 151, 212, 262 — Costa Gama : 155, 203, 255, 262 — Cruzeiro do Sul. 181
D. Affonso : 146, 258 — D. Maria II : 147 — Dois de Dezembro : 309 — Duque de Saxe. 151, 212, 217
Elisa : 157, 285 — Encanto : 177 — Engenheiros : 160, 204 — Ermitagem. 165
Honorio : 230 — Hospital. 164
Igreja : 163 — Imperador : 143, 146, 221, 258 — Imperatriz. 144
Joinville 149
Koeler. 224, 258, 259
Luiza 157
Mineiros : 158 — Mordomo : 158, 230, 259 — Moreira Cesar : 213 — Morin. 155, 262
Nassau : 131, 145 Nova Ypiranga. 214, 250
Palacio : 163 — Palatinato : 131, 284 — Paulo Carneiro : 159, 286 — Presidencia : 138 — Princeza D. Januaria : 148 Princeza D. Francisca : 148 — Princeza D. Isabel : 150, 160, 222, 224 — Princeza D. Leopoldina : 150, 161 — Petropolitano : 166 — Protestantes 160
Quatorze de Julho 195, 259, 265, 309
Retiro 178
San Martin : 195, 310 — Serra. 175
Theobald : 156, 262 — Toneleros. 191, 217, 309
Valparaizo. 175

AVENIDAS:

Bolivar. 194, 236, 259, 260, 300
Central : 167, 272 — Cruzeiro. 148, 178, 255
Independencia 193, 214
Mora 157, 227, 262
Silva Xavier. 148, 194, 219
Vinte e Oito de Setembro 147, 194, 223, 257, 258, 308
Washington : 194, 230, 259, 260, 299 — Wellisch : 157, 227, 262

PRAÇAS:

Berrini. 204, 246, 261, 299
Calogeras : 204, 246, 261 — Coblentz (Confluen-

TRAVESSAS:

Coronel Albino de Siqueira 272
Garibaldi : 149, 195 — Guarany. 181, 277
Joinville 149
Mercado 166
Wylep 154

ESTRADAS:

Calçada da Serra Velha da Estrella 107, 114, 120
Fazenda do Campos 138, 179
Normal da Serra da Estrella : 107, 175, 256 — Nossa Senhora da Gloria 184
Presidencia 138, 172
Real de Minas : 110, 114, 159 — Rei Alberto 302

CAMINHOS:

Buraco Quente 170
Caixa d'Agua : 214 — Cortiço 156

Morro da Igreja 163

PONTES:

Banheiros : 164 — Botica : 164 — Bragança 164
Carpenter 296
Irmãos 164
Kisterman : 297 — Kopke 279
Leblon 135
Ottoni 296
Paixão : 296 — Palacio : 164 — Papae : 171 — Princeza 223
Suspiros 144, 285
Turco 171
Victorino : 297 — Victorino, no Retiro. 297

BAIRROS:

Fazenda do Campos 135
Villa Thereza 131

Nomes que merecem ser lembrados:

Anchieta : 195 — Almirante Tamandaré : 220 — Augusto da Rocha Fragoso : 273 — Antonio Curt : 278 — Antonio Pereira Campos : 278 — Antonio dos Santos Guimarães Junior : 291 — Antonio Heitor Pereira : 303 — Alvaro de Queiroz : 304 — Antonio Antonino Fialho : 313 — Antonio Alberto Silva : 313 — Augusto Guilherme Meschick : 314 — Antonio Gabriel Coutinho Fróes 316
Barão de Mattos Vieira ; 163 — Brasil : 189 — Bartholomeu Pereira Sudré : 274, 291 — Barão de Capanema. 282
Cayrú : 195 — Castro Alves : 198 — Conde d'Eu : 262 — Carlos Spangenberg : 276 — Capitão José Luiz de Azevedo Coutinho : 281 — Capitão José Maria Jacintho Rebello : 281 — Capitão Antonio Maria de Oliveira Bulhões : 281 — Carlos Góes : 314 Carlos Ribeyrolles : 318 — Carlos Augusto Taunay ; 318 — Conde de Affonso Celso 320
D. Luiz de Orléans e Bragança : 153 — Dr. Anto-

nio Cardoso Fontes : 201, 301 — Dr. Rodrigues Alves : 225, 227 — Domingos de Lima Ferreira de Brito : 313 — D. João Francisco Braga : 315 — D. Zeferina Josepha Pinto de Bulhões : 316 — D. Maria Viard : 316 — D. Cornelia Luiza David : 316 — D. Emilia Jacob : 316 — D. Beatriz Freitas de Souza Martinho : 317 — D. Angelica Martinho Lopes de Castro 317
Estados Unidos. 189
Francisco Martinho Moraes : 291 — Frei Luiz Reinke : 305 — Frederico Dameck : 312 — Felippe Faulhaber : 313 — Francisca Valle de Almeida : 316 — Francisco Manoel de Paula : 313 — Frei Cyriaco Hielscher..... 317
Guilherme Sieber : 277 — Gustavo Eckart : 277 — Gregorio de Almeida..... 291
Henrique Sieber : 277 — Henrique Kopke Junior : 279, 313 — Henrique Monken : 315 — Henri Raffard 319
Imperatriz Leopoldina : 152, 193 — Irmã Francisca Pia (Mamãezinha) : 304 — Irineu Corrêa.. 314
João Meyer : 125—João Pandiá Calogeras : 245—João Baptista Calogeras : 245, 280 — José do Patrocinio : 257 — José Benedicto Moreira : 270, 279 — Jorge Henrique Khun : 277 — João Baptista Binot : 277 — Jules Buisson : 278 — João de Deus Filho : 291 — José Antonio da Rocha : 313 — José Candido Monteiro de Barros : 313 — João Guilherme Pinto de Souza : 313 — João Napoleão Olive : 313 — João Mendonça Bittencourt : 313 — José da Silva Costa (conselheiro) : 314 — João Baptista da Costa : 314 — Joaquim de Gomensoro : 314 — José Nicolau Tinoco de Almeida..... 319
Luiz Henry 316
Marechal Hermes da Fonseca : 225 — Major Sergio Marcondes de Andrade : 281 — Manoel Alexandre de Oliveira : 313 — Martinho Dupont : 315 — Mme. Jenny Diémer : 316 — Mme. Cramer : 316 — Manoel Antonio Bordini : 313 — Mme. Geslin..... 316
Nicolau Germain : 269 — Napoleão Thouzet : 312 — Narciso Baptista de Oliveira..... 316
Otto Reymarus 317
Pedro Americo : 199 — Primeiro-Tenente Danilo Paladini : 215 — Pedro Jacoby : 315 — Pedro Corrêa Taborda de Bulhões : 316 — Padres Paiva : 270 — Padre Carlos Calleri..... 316
Quintino Bocayuva 256
Raymundo Nunes : 304 — Rodrigo Delamare Koeler : 312 — Ricardo Narciso da Fonseca : 273 — Revert Henry Clumb. 318
São Francisco de Assis 185
Theodoro Esch : 270 — Theodoro da Silva Rocha : 269 — Tenente-coronel Galdino Justiniano da Silva Pimentel : 281 — Thamaz Cameron : 274, 291 — Thomas José da Porciuncula 312
Visconde de Taunay : 319 — Victor Meirelles... 199

MUSEU IMPERIAL - Bibliotheca

ERRATA

Pagina 102, linha 11ª — onde se lê: *sobre a rubrica de Petropolis*, leia-se *sob a rubrica de Petropolis*.

Pagina 283, linha 4ª — corrija-se a data de 1922 para 1902.

Este livro foi composto e impresso nas officinas da Typographia Ypiranga, de Armando Martins, em Petropolis, no anno de 1938.

00063329600669
Centenário de Petrópolis
981.532 P497c v.1

